

# A ÚLTIMA POESIA

DO ORGULHO NASCE A GUERRA



## MAX WAGNER

ROMANCE DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

**A**  
**ÚLTIMA POESIA**

**MAX WAGNER**

A ÚLTIMA POESIA – DO ORGULHO NASCE A GUERRA

MAX WAGNER

ISBN

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: MAX WAGNER

ILUSTRAÇÕES PHOTOSHOP: MAX WAGNER

CAPA: MAX WAGNER

REVISÃO: MAX WAGNER

IMPRESSÃO: EDITORA CLUBE DE AUTORES

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À MAX WAGNER

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DA PRIMEIRA GUERRA  
MUNDIAL – 1914/2014

PRIMEIRA EDIÇÃO - JUNHO DE 2013



VISITE AS PÁGINAS DO ESCRITOR MAX WAGNER

[MAXWAGNER.AULTIMAPOESIA@GMAIL.COM](mailto:MAXWAGNER.AULTIMAPOESIA@GMAIL.COM)

[MAX.WAGNER.5661@FACEBOOK.COM](https://www.facebook.com/MAX.WAGNER.5661)

[TWITTER.COM/MAXXWAGNER](https://twitter.com/MAXXWAGNER)

PÁGINA OFICIAL - [AULTIMAPOESIADEMAXWAGNER.BLOGSPOT.COM](http://AULTIMAPOESIADEMAXWAGNER.BLOGSPOT.COM)

**EDIÇÃO COMEMORATIVA - CENTENÁRIO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL – 1914/ 2014**

---

*O maior propósito para escrever um romance militar é mostrar o horror da guerra. A saga “A Última Poesia” foi escrita baseada em um enorme acervo de livros, vídeos e fotos sobre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, uma pesquisa que durou quinze anos, sua Literatura foi formada graças aos testemunhos escritos dos combatentes que viveram essas terríveis guerras, somente esses homens poderiam ter descrito o que realmente aconteceu, pois foram eles quem viveram todo aquele horror, esses homens me deixaram uma impressão que tentarei expressar em palavras.*

*“A guerra é realmente uma droga, ela não prova nada e não serve para nada, a não ser tirar a vida das pessoas, as guerras devem servir de um grito de alerta ao mundo, para que possam ser feitos todos os meios possíveis e impossíveis para evitá-las, se a palavra guerra pudesse ser riscada da existência humana, eu não me importaria nenhum pouco em encerrar minha carreira de escritor histórico-militar, queimaria todos os meus livros que foram impressos, eu seria escritor de qualquer outro gênero literário, menos história militar, mas infelizmente as guerras ainda existem, sendo assim minha consciência me obriga a retratar o horror e a inutilidade das guerras. Quem sabe as pessoas possam ser convencidas a desapoiar qualquer tipo de guerra”.*

*Max Wagner*

---

# *A ÚLTIMA POESIA*

*A SAGA VAI COMEÇAR...*

*GUERRAS E RUMORES DE GUERRAS, NAÇÃO SE  
LEVANTARÁ CONTRA NAÇÃO, REINO CONTRA REINO,  
HAVERÁ FOME E DOENÇAS POR TODA PARTE.*

*(Mateus 24:6-7)*

*MAX WAGNER*

# A ÚLTIMA POESIA

A saga da Primeira e da Segunda Guerra Mundial

*A história mais envolvente, dramática e impressionante dos últimos tempos.*

*A Última Poesia é a saga épica da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, dividida em 10 pequenos volumes. Um romance que mistura Romantismo e Realismo, a guerra destruindo a inocência de uma época, a inocência de um grande amor...*

*Uma misteriosa carta escrita pelo Barão Vermelho a um piloto francês se torna uma poderosa arma de propaganda, podendo mudar o curso da Primeira Guerra Mundial. O romance histórico traça os passos de Adolf Hitler e de uma avassaladora história de amor; a trajetória do aristocrata e aviador francês Gerrard de Burdêau, e de seus filhos: Richard e Priscilla (um poeta - aviador e uma bailarina) que foram separados quando eram crianças, mas acabam se encontrando depois de muitos anos e se apaixonando loucamente. Mas quando o romance se torna incontrolável, os jovens são afastados por acreditarem que são irmãos e por ela estar prometida a se casar com Razan Stocker: um renomado e cruel diplomata francês. A bailarina passa a ser perseguida e torturada de todas as formas por seu algoz.*

*Depois de ser encarcerado por causa de um julgamento manipulado, o poeta Richard de Burdêau é liberto para servir como piloto, enfrentando a Blitzkrieg nazista na França, e as terríveis batalhas aéreas nos céus da Inglaterra. Mas o amor do poeta e da bailarina chega às últimas consequências, se transformando em uma enorme batalha para manter a sobrevivência... O coronel Razan Stocker, colaborador do Governo do marechal Pétain, na cidade de Vichy, nada mais é que um espião do Partido Nazista à serviço do Führer. Após a queda de seu avião e do término da Batalha Britânica, o então capitão Richard de Burdêau torna-se um dos líderes da Resistência Francesa à serviço do general Charles De Gaulle, que está no exílio em Londres. Na Resistência o poeta acaba fazendo amigos inesquecíveis e passando por dificuldades que colocaram à prova o seu grande amor pela bailarina. Convivendo com os maquis da Resistência Francesa e com a perseguição e carnificina contra os judeus, o amor do poeta e da bailarina se torna invencível, sendo capaz de tudo; até de desafiar os terríveis nazistas com seu ódio descomunal.*

*Nada no mundo poderia impedir esse amor; nem mesmo o impetuoso e brutal nazismo de Adolf Hitler. Entretanto essa paixão proibida irá se render a um poder maior, um sentimento que vai além do entendimento humano, algo sobrenatural capaz de suportar as atrocidades da Segunda Guerra Mundial, e do genocídio contra os judeus. Um amor mais poderoso do que a morte, que triunfa como uma lição de vida inesquecível e fantástica obra literária.*

**Max Wagner**

# PRIMEIRA PARTE

## A GRANDE GUERRA



A narrativa da saga romântica “A Última Poesia” é dividida em três partes: PRIMEIRA PARTE (A Grande Guerra) - SEGUNDA PARTE (A Segunda Grande Guerra) e TERCEIRA PARTE (O Fim das Grandes Guerras) - juntas somam dez volumes.

Este livro está inserido na PRIMEIRA PARTE da saga, que detém os três primeiros volumes (I Do Orgulho Nasce a Guerra - II O Silêncio das Armas - III Ascensão Nazista).

# A ÚLTIMA POESIA

I - DO ORGULHO NASCE A GUERRA



“O orgulho é um veneno que penetra, corrói e destrói a alma dos homens”.

MAX WAGNER



## *IN MEMORIAN*



De todos os soldados e civis, que iludidos deram suas vidas na Primeira Guerra mundial. Uma Guerra inútil, onde jamais houve vencedores...



## HISTORICO DE MAX WAGNER

Max é descendente de italianos da família Targa. Os primeiros membros de sua família deixaram a Itália no início do século 20, desembarcaram no Porto de Santos, depois vieram para Ribeirão Preto-SP, alimentando o sonho de melhorar de vida. Na época seu bisavô Paschoal Targa era muito jovem. Paschoal era apaixonado por óperas italianas, mas a dura realidade obrigou-lhe a trabalhar na construção civil. Alguns anos depois quando trabalhava na torre da Catedral de Ribeirão Preto, seu andaime soltou-se provocando sua queda e do ajudante. O servente morreu na hora, Paschoal sobreviveu milagrosamente, mas não sem quebrar quase todos os ossos do corpo. A família Targa fez de tudo para recuperá-lo, mas os recursos médicos eram ineficientes, então decidiram vender a herança da família (parte do Sítio Morro do Cipó) próxima à Sete Capelas. Com o dinheiro voltaram para a Itália e desembarcaram em Gênova, depois a família instalou-se em Pádua, cidade de seus antepassados.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Ambrósio Zhumello (cunhado de Paschoal) estava servindo como soldado em lutas engalfinhadas contra austríacos e alemães na Batalha de Caporetto. Ambrósio foi ferido por um soldado alemão e voltou pra casa com uma medalha. A Família Targa permaneceu três anos na Itália, trabalhando em um vinhedo até a recuperação de Paschoal.

Logo retornaram de navio, e quando finalmente chegaram a Ribeirão Preto Paschoal estava quase falido, o dinheiro foi gasto com a família e com os tratamentos médicos, mas ainda assim conseguiu comprar um grande terreno, construir uma casa e recomeçar a vida. Paschoal Targa tornou-se meio-tenor, realizando algumas pontas no Teatro Pedro II. Alguns anos depois soube que seu cunhado Ambrósio, que morava no Mato Grosso havia morrido de maleita, fora enterrado em uma vala comum onde bois pastavam. Mesmo depois do acidente que quase ceifará sua vida, Paschoal voltou a trabalhar na construção civil para sustentar a família, e ainda dera alguns filhos à sua esposa Adelina Zhumello Targa, um desses rebentos foi Turido Targa (avô de Max Wagner) que recebeu o nome do personagem principal da ópera preferida de Paschoal “A Cavalaria Rústicana”. Todos os seus filhos receberam nomes de personagens de óperas (Tosca, Úrsula, Otelo). Turido não se interessou pela arte, decidiu continuar o trabalho braçal do pai, tornou-se pedreiro, mas seu filho Wagner Targa começou a tocar piano na adolescência, interessou-se pela Literatura (vendia livros) e acabou encontrando-se na pintura, tornando-se artista plástico. O escritor Max Wagner é o filho mais velho de Wagner Targa.

Aos sete anos, Max começou a frequentar uma fazenda, onde os seus avôs maternos de origem portuguesa moravam (Quirinópolis-Go), apaixonou-se pela vida sertaneja. Aos 14 anos começou a escrever seus primeiros poemas, passou a trabalhar como office-boy na Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, tomou gosto pela música clássica, principalmente pelas óperas de Richard Wagner, entretanto acabou desistindo dos estudos por falta de vocação, chegou a compor algumas músicas líricas que infelizmente foram parar no lixo. Mais tarde tentou ingressar na Aeronáutica, sonhava tornar-se piloto de caça, acabou enganado durante um curso preparatório para fazer as provas, sendo assim desistiu do sonho de tornar-se aviador. Aos dezoito anos tinha certeza que seria escritor, passou então a ler e pesquisar tudo sobre Literatura. Acabou herdando o talento artístico da família Targa, tornando-se poeta e escritor. Max escreveu muitas poesias e um conto de ficção científica que terminou no lixo, ganhou alguns concursos de poesia, mas nada notório. Em 1995 teve a ideia de escrever um romance com o título “A Última Poesia” somente em 1998 conseguiu criar todos os personagens e montar a trama, começando então a trabalhar no livro.

No final de 1998 Max entregou sua vida totalmente para Cristo, conheceu sua esposa que já era cristã, o livro já não era prioridade na sua vida, o mais importante era fazer a obra que Deus chamou-lhe a fazer (difundir o amor de Jesus Cristo e dedicar-se à sua família). No início o livro estava sendo escrito para ser publicado num único volume, mas os padrinhos de sua filha Anne deram-lhe conselhos para transformá-lo numa trilogia, dada a extensão do romance, por fim transformou-se numa série de romances divididos em 10 volumes. A saga da Primeira e da Segunda Guerra Mundial foi muito difícil de ser escrito, o processo foi lento, as dificuldades financeiras, a falta de tempo e as frustrações foram os maiores inimigos de Max, tinha que trabalhar à noite e de dia (segurança e vendedor) e cuidar da família, muitas coisas atrapalharam para que ele não terminasse o livro. Max levou mais de uma década para escrever duas mil páginas de história, que acabaram divididas em 10 volumes.

Max tornou-se apaixonado por História, e passou a pesquisar sobre as Grandes Guerras Mundiais, colheu relatos e opiniões de pessoas que viveram e que não viveram aquela época, para tentar entender o que realmente aconteceu. Até então ele era apenas poeta, a paixão por História o transformou em romancista, a saga foi sendo criada dentro de sua mente.

Em 2007 Max havia realizado um sonho, ingressou na Faculdade de Letras, porém em 2009 passou por situações muito difíceis, problemas financeiros terríveis, além de um período de solidão muito grande, um deserto terrível, foi a pior época de sua vida. O sofrimento, as lágrimas e o desespero venceram-lhe. Mergulhou numa profunda depressão, acreditava que Deus não estava mais lhe ouvindo, acabou desistindo do sonho de tornar-se escritor, e ainda abandonou a faculdade por que não conseguia pagar as mensalidades. Nessa época Jesus mostrou a Max que não podia viver sem Ele. Max precisava passar por esse deserto para que seu relacionamento com Deus fosse restaurado. Algumas vezes Max se perguntou se valeria a pena tanto sacrifício e dedicação para escrever um livro; vencer o tempo e o desânimo foram as piores provas. As esperanças acabavam ressurgindo das linhas e das passagens da saga. Seduzido pelo que estava escrevendo, necessitava descobrir como terminaria esse romance, que do princípio ao fim de sua trajetória foi um desafio. Cada linha que ele escrevia era uma surpresa.

Apenas estava certo que a inspiração surgiria assim que se sentasse para escrever, só quando terminou de rascunhar as últimas páginas descobriu o final chocante e avassalador.

Foi nesse momento que entendeu que “A saga da Primeira e da Segunda Guerra Mundial” realmente merecia se chamar “A Última Poesia”. Embora Max nunca tenha se agradado da personalidade do músico Richard Wagner, acabou sendo absorvido por suas óperas, seus personagens “O poeta e a bailarina” foram inspirados em Tristão e Isolda. O jovem escritor sofreu várias influências literárias, principalmente do escritor francês Victor Hugo. Também buscou inspiração em outros grandes mestres da Literatura; Eça de Queiroz, Ernest Hemingway, Alexandre Dumas, Érico Veríssimo e Guimarães Rosa. Seus três livros de cabeceira são: A Bíblia, O Peregrino de John Bunyan e Os Miseráveis de Hugo. Os seus escritores prediletos são: Max Gallo, Jeff Shaara, Bernard Cornwell, Ken Follett e Laurentino Gomes. Max é graduado em Teologia, passa grande parte do tempo mergulhado em escrever e estudar assuntos bíblicos.

A Última Poesia era um sonho, um projeto a ser realizado no tempo certo, muitas pedras se colocaram no caminho de Max, e ainda assim ele continuou caminhando...

No início “A Última Poesia” a saga da Primeira e da Segunda Guerra Mundial era apenas um sonho, a esperança quase morreu, mas o sonho não queria morrer, porque quando se acredita de verdade em um sonho ele acaba tomando forma e com o tempo se torna realidade. A esperança foi aumentando e se fortaleceu na sua mãe Ivone, talvez a única incentivadora até o fim, que nunca duvidou do sucesso do romance. As forças aumentaram através de seus filhos Lucas, Anne e Estevan.

No final de 2013 Max mudou-se para uma pequena cidade chamada Ouroeste- SP, perto de Fernandópolis, continua conciliando dois trabalhos para sustentar a família (Fiscal de Patrimônio e Representante de produtos alimentícios). Nesse lugar alcançou uma vida mais simples, voltada para o campo, boa segurança, saúde, educação para família e iniciou a Faculdade de História.

Max continua pregando o Evangelho ensinando crianças e adolescentes. Escreve textos bíblicos no blog Redenção. Também escreve em outro blog que leva o nome do seu romance, A Última Poesia de Max Wagner, esse blog compartilha notícias sobre o seu livro, artigos históricos em geral, principalmente sobre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Em junho de 2013 Max realizou uma publicação independente do seu romance, na Feira do Livro de Ribeirão Preto, vendeu cópias para amigos e familiares. Hoje está negociando a publicação do livro com uma editora portuguesa, que irá distribuir “A Última Poesia” em 2014 pelo Brasil e Portugal.

*Lew Wallace (1827-1905)*  
*Diplomata - Militar e autor do romance Ben Hur*



Eu era totalmente ateu, comecei a escrever um livro para provar que Jesus Cristo era uma farsa, eu queria desmascará-lo, mas quando me dei conta estava provando que Ele de fato é o Messias. Fui eu quem foi desmascarado. Tal convicção tornou-se mim certeza absoluta. Ao estudar o caráter de Cristo, não tive mais dúvidas ser Ele o Filho de Deus, e assim abri totalmente o meu coração a Ele. Comecei então a escrever o romance “ Ben Hur “

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Ivone, por acreditar nos meus sonhos, à minha esposa Rose e aos meus filhos; Lucas, Anne e Estevan por me inspirar forças. Sou grato aos meus amigos; João Roberto e Leila Lot, que com suas ideias inovaram o romance para que se transformasse numa saga.

## DEDICATÓRIA ESPECIAL

Este livro é devotado especialmente a uma Pessoa; pois quando eu já não tinha mais forças para chorar, a fé havia acabado, minha esperança morrido e meus sonhos levados embora, essa Pessoa foi à única que realmente me amparou. *Eu estava no fundo do poço, mergulhado numa lama de onde nunca mais conseguiria sair, entretanto essa Pessoa me desenterrou e tirou-me das profundezas.* Por isso eu dedico esta obra a Ti, meu Salvador e amado **Jesus Cristo**. Nada poderá me separar do Teu amor.

*“Charles Darwim tentou matar Deus através da teoria do evolucionismo. Filósofos, cientistas e sociólogos tentaram provar que Deus não existe. Porém, aqueles que firmam sua fé na razão humana e na capacidade do homem não conhecem Deus, sendo assim já estão mortos”.*

Max Wagner

## PREFÁCIO

### *A ÚLTIMA POESIA – DO ORGULHO NASCE A GUERRA*

*Erich Maria Remarque e Ernest Hemingway foram os escritores mais célebres que retrataram A Primeira Guerra Mundial, com “Nada De Novo Front e Adeus às Armas” desde então, apenas o estadunidense Jeff Shaara com seu romance histórico “Até o Último Homem” e o galês Ken Follett com “Queda de Gigantes” conseguiram realizar o mesmo feito. Agora um brasileiro conseguiu escrever um romance sobre a Primeira Guerra: Max Wagner - o descendente de imigrantes italianos trouxe uma visão fantástica da guerra no seu romance “A Última Poesia - Do Orgulho Nasce a Guerra”. Este primeiro volume que dá início a saga narra a trajetória de um marco na história humana (A Primeira Guerra Mundial), suas perdas, decepções e o fim do cavalheirismo. É o choque entre o Velho e o Novo Mundo, neste romance a Literatura usou a História como arma para desenhar um retrato vivo e chocante da Grande Guerra.*

*Uma misteriosa carta escrita pelo Barão Vermelho a um piloto francês se transforma numa poderosa arma de propaganda, podendo mudar o curso da guerra. A personagem principal da trama é o aristocrata e aviador francês Gerrard de Burdêau, que enfrenta um conflito dentro de si, para entender aquela guerra inútil, que matou milhões de homens e nunca deixou vencedores. O romance retrata passo a passo as grandes batalhas da Primeira Guerra Mundial, o sacrifício estúpido de milhares de vidas, as trincheiras, a lama e o sangue por toda parte.*

*A redenção chega para o capitão Gerrard, quando no final da guerra, em plena Batalha do Marne, encontra uma criança alemã em uma trincheira. Diante dessa situação entra em conflito com seus compatriotas franceses e passa a lutar com todas as forças para ficar com o bebê. Do outro lado da Europa, o cabo Adolf Hitler, ferido em um hospital na Alemanha, relembra o seu passado e os horrores daquela guerra terrível que durava quatro anos... A história frente a um soldado alemão angustiado na sua loucura, enquanto na França, o aviador Gerrard de Burdêau vive as consequências e o fim do conflito que havia prometido acabar com todas as guerras...*

*Mergulhe nos campos lamacentos da Primeira Guerra Mundial, voe ao lado das grandes lendas aéreas de todos os tempos. Faça parte da saga dos Burdêau!*



## sumário

### A ÚLTIMA POESIA - DO ORGULHO NASCE A GUERRA

<i>I - Marne - o inferno.....</i>	<i>22</i>
<i>II - Combate Mortal.....</i>	<i>37</i>
<i>III - O Resgate.....</i>	<i>56</i>
<i>IV- 1914 - O Estopim.....</i>	<i>78</i>
<i>V - Lama e Sangue. ....</i>	<i>107</i>
<i>VI - Memórias do Front.....</i>	<i>140</i>
<i>VII - O Julgamento.....</i>	<i>169</i>
<i>VIII – Dogfight.....</i>	<i>191</i>
<i>IX - O cabo Hitler.....</i>	<i>222</i>
<i>X - Vitória - O Armistício.....</i>	<i>240</i>

Cappy - 21 de Abril de 1918

*Caro amigo Gerrard, não nos falamos desde o início da guerra. Já se passaram quatro anos desde que a guerra decidiu que seríamos inimigos. Venho através desta carta pedir-lhe desculpas. Não sei como, onde e nem quando poderá um dia me perdoar. Nessa manhã de primavera, tive certeza que não sairei vivo desta guerra e por isso esta carta é a minha última esperança de pedir perdão. Tenho saudades da época em que cavalgávamos juntos nas terras da minha família. Conheci alguém especial, ela tem cuidado de mim desde que fui ferido na cabeça, acho que pela primeira vez estou apaixonado.*

*O excesso de disciplina e competição havia me cegado, mas as escamas dos meus olhos caíram. O Kaiser está me usando como arma de propaganda para ganhar a guerra, meu lugar é no front, eu sou mais útil nas batalhas do que viajando pela Alemanha para difundir uma mentira. Se descobrirem o conteúdo desta carta eu poderei ser condenado à morte, mas eu não me importo mais. O Kaiser é o maior responsável pelos alemães estarem perdendo a guerra, ele está escondendo da população o que realmente acontece no front, se o povo não souber, a Alemanha vai cair num buraco sem fundo. Os comandantes Hindenburg e Ludendorff têm vivido uma mentira, e não sei até quando essa mentira vai durar.*

*Perdoe-me por ter atirado em seu irmão Jacques, durante aquele fatídico combate aéreo, eu não tive intenção de matá-lo, entretanto precisava afastá-lo de meu irmão Lothar, também sei que você não atirou em mim para matar, queria salvar a vida de seu irmão. Não vou sustentar a ilusão de nos encontrarmos após a guerra, sei que não sobreviverei a ela, por isso me despeço por aqui, adeus meu bom camarada, monsieur Gerrard de Burdêau.*

Capitão Manfred von Richthofen

No ano de 1994 está sendo comemorado em Paris, os 50 anos do fim da ocupação nazista na França. Entre as comemorações, o grande líder da Resistência Francesa, o major Richard de Burdêau é lembrado e homenageado. Jornalistas do mundo inteiro que participavam da solenidade estavam em grande alvoroço, por causa de um documento encontrado que foi intitulado “A Carta Vermelha” escrita pelo Barão Vermelho a um piloto francês [...]

No Museu do Louvre, a famosa bailarina e escritora Marianne de Burdêau; de olhos verdes, cabelos louros e curtos vislumbra um famoso quadro “O poeta e a bailarina no jardim” ao lado da obra foi cunhado o trecho de um poema...

“A Guerra e o Holocausto mataram os poetas, embora a poesia não consiga mais sobreviver, talvez quem sabe, somente talvez, um dia quando os campos floridos cobrirem as trincheiras os poemas possam renascer...”.

O trecho do poema e as cores vivas do quadro transportaram Marianne para o passado...

Paris 1958, num jardim próximo à Catedral de Notre-Dame, foi construído um monumento trabalhado em mármore intitulado “O Poeta e a Bailarina”, onde foi talhado um poema com o título “A Última Poesia”. Numa fração de segundos as lembranças de Marianne atravessam o território de Varsóvia na Polônia; percorre o extenso rio Vístula, passando pelas ruínas de um campo de concentração que ainda abriga uma bandeira da suástica, que está se deteriorando com o tempo. Em seguida surge uma espessa sebe de sabugueiros até chegar a um antiquíssimo rancho e, com uma força descomunal, as recordações atravessam uma rústica porta de madeira e passam a percorrer os cômodos daquele antigo chalé e se depara com objetos antigos que refletem imagens do passado: uma Bíblia amassada, um relógio de bolso com a foto de um bebê, uma coleira quase aos pedaços, pertencente a algum animal, uma pequenina caixa de música, um relicário de ouro empoeirado... Uma echarpe de seda cheirando mofo, a foto de um homem com duas crianças nos braços, e outra de um grupo maquis da Resistência Francesa. Várias condecorações militares, um diário de guerra que ainda se mantém em perfeita conservação; um boneco de pano corroído pelo tempo, e os vestígios de papel que imortalizaram uma poesia manchada de lágrimas e destruída pelas traças que ali convivem com um homem velho, cansado e atormentado pelo passado, que passou a contar a dois jovens irmãos; um missionário de nome Lucas e uma bailarina chamada Marianne, a história mais envolvente, dramática e impressionante dos últimos tempos...



Primeira Guerra Mundial. Em meados de 1918, estourava uma grande batalha nos arredores da França. Paz... Parecia até nunca ter existido em canto algum do passado. Amizade, fraternidade, sentimentos esquecidos no horror daquela guerra sangrenta. Milhares de mortos caíam por terra todos os dias - homens, mulheres e crianças. Aviões duelavam no ar, soldados desertavam em massa, outros engrossavam a longa lista de baixas. Gritos, pedidos de socorro, corpos e sangue compunham o cenário da época. A dor e o desespero inundavam o lugar. Médicos e voluntários trabalhavam como loucos no intuito de salvar o maior número de vidas possível, entretanto as mutilações e a inabilidade dos leigos faziam com que muitos morressem mesmo antes do primeiro atendimento. Diante de tal situação imperava a lei do mais forte. A fome e as doenças matando nas trincheiras; bombardeios, gases mortais, canhões e metralhadoras mutilando os corpos entre ratos e vermes nos campos de batalha...



*Após escrever uma carta, o Barão Vermelho decola com seu esquadrão do aeródromo de Cappy na França.*

*Um Triplano vermelho subia rasgando o céu numa velocidade impressionante, logo mergulhou desaparecendo nas nuvens. Um biplano inglês Camel sobrevoava a região do rio Somme, quando foi surpreendido por rajadas de fogo que tentavam atingi-lo, era o Barão Vermelho pilotando seu Fokker para derrubar mais uma vítima, mas no afã de abater seu inimigo acabou descuidando-se, e outro caça Camel se colocou na sua traseira e começou a atirar... Não longe dali, nos campos do Somme, uma divisão de infantaria australiana avistou o Triplano vermelho do Barão e começou a disparar contra ele. Entre as rajadas do Camel e dos australianos um tiro atingiu o piloto, a aeronave então se despenhou dissipando as nuvens, mergulhando até abraçar o chão.*

*Um soldado australiano foi o primeiro a chegar ao local, encontrando no cockpit do Triplano um homem que agonizava. O infante achou no bolso da vítima uma carta, era uma arma de propaganda muito poderosa, que poderia mudar o curso da guerra...*

# I MARNE O INFERNO



*“A GUERRA NUNCA DEIXA DE SER UM ARTÍFICE VIBRANTE, QUE USA SUAS CORES PARA TINGIR O CÉU E A NÉVOA DE ESCARLATE. GLORIOSA E INEXORÁVEL! COLORINDO COM SEUS PINCÉIS DE SANGUE, UM RASTRO DE RESTOS MORTAIS DE CARNE.*

*JAMAIS HESITA EM MARCAR PRESENÇA COM ALEGRIA, INSTIGANDO O PRESTÍGIO E PERPETUANDO O PODER, TRAZENDO UFANIA PARA A PÁTRIA: BERÇO INOLVIDÁVEL, REPLETO DE FLORES QUE AGUARDA SEUS FILHOS REGRESSAREM DA ÁRDUA BATALHA. TANTO VIGOR A CUSTA DE QUE? DE LÁGRIMAS DE SANGUE DAS FAMÍLIAS DOS ENTES QUERIDOS, QUE APÓS A NOSTALGIA VOLTARAM COMO RETALHOS HUMANOS E CARCAÇAS DEPLORÁVEIS.*

*NO FINAL DE TUDO, A GUERRA DEIXA UMA HERANÇA; A MEMÓRIA DOS SOLDADOS E CIVIS, QUE ILUDIDOS DERAM SUAS VIDAS NUM CONFLITO INÚTIL, ONDE JAMAIS HOUVE VENCEDORES...”*

*Um mar de nuvens cobria o céu e um enorme silêncio pairava no ar. Campos verdejantes tomavam conta da bela paisagem francesa.*

*De repente aquela visão bela e silenciosa foi quebrada por dois caças franceses Spad de cor verde, que dissipavam as nuvens tentando esquivar-se das bolas de fogo, cuspidas pelas baterias antiaéreas alemãs, os clarões explosivos eram ensurdecedores, as bombas rasgavam as nuvens deixando pontos negros e enfumaçados pelo ar..*

*As terríveis trincheiras apareceram como se tivessem brotado do inferno, sugando os campos floridos, entrando em choque com a paisagem paradisíaca. Um dos Spads foi atingido pela antiaérea e obrigado a fazer um pouso forçado. Um Fokker vermelho de listras brancas com a inscrição “LO” na fuselagem liderava outros sete aviões de cores vivas, logo mergulharam disparando rajadas contra o outro Spad que acabou sendo atingido na cauda e caiu numa velocidade impressionante, alcançando a lama das trincheiras e espalhando destroços por toda parte...*



**N**a terra de ninguém, milhares de corpos apodreciam enquanto eram devorados pelos ratos...

Uma compacta nuvem de fumaça subia rumo ao céu como se fosse um vulcão. Parecia o fim do mundo como aponta o Apocalipse. Aquela espessa fumaça negra sinalizava o massacre a que os poderosos poilus (soldados franceses) submeteram os alemães na **Segunda Batalha do Marne**. Corpos sem vida lotavam o chão daquela região. O capitão Gerrard de Burdêau se escondia das tropas alemãs na região do rio Marne. O jovem oficial estava acompanhado por seu irmão; o tenente Jacques e o melhor amigo deles, o temido tenente Razan Stocker.

A grande fumaça negra de horror e mistério estava provocando vertigens no capitão Gerrard, começou a visualizar imagens, eram lembranças ainda recentes.

Eram esses homens, ases do ar - pilotos de caça. No dia 03 de julho de 1918, em uma patrulha, Gerrard e Jacques sobrevoavam as trincheiras perto de Rheims, na esperança de encontrar vestígios da aeronave Spad do tenente Razan, que havia sido derrubado pelos aviões azuis da Jasta 15 (esquadrilha alemã), entretanto Jacques foi alvejado pela antiaérea alemã e Gerrard foi derrubado pelo grande ás alemão Ernst Udet da Jasta 4, que pilotava um avião vermelho com listras brancas. Graças a um milagre, Gerrard e Jacques sobreviveram, e após uma caminhada entre as tropas, os poilus tentaram persuadi-los a voltar para as linhas de segurança para serem resgatados, mas se recusaram e continuaram a busca, até que foram informados que o Spad negro de Razan caiu perto das linhas alemãs. Então se arriscaram, e depois do rio Marne encontraram-se com o que havia restado da tropa do capitão Giraud depois de entrar em combate com os alemães. A tropa de Giraud estava aos frangalhos, apenas 50 homens ainda estavam na região do Marne. O oficial Giraud havia

desaparecido nos terríveis combates que se seguiram. Fortuitamente Gerrard e Jacques conseguiram encontrar-se com seu amigo Razan, ele estava bem e relatou informações; *o capitão Giraud deixou ordens para que a tropa se juntasse aos infantes do general francês Charles Mangin, para perseguir as tropas alemãs do general Ludendorff que marchavam para conquistar Paris.*

A maior parte do batalhão francês seguiu as supostas ordens de Giraud e partiram, entretanto 50 homens e o tenente Razan ficaram.

O general Ludendorff pretendia dar sua cartada final para vencer a guerra, ele precisava vencer a Força Expedicionária Britânica, que protegia a região de Flandres (fronteira da Bélgica com a França). Para que os aliados fossem derrotados, precisavam ser atraídos e vencidos em outro lugar, o local escolhido foi o Marne. No dia 15 de julho, Ludendorff reuniu 40 divisões alemãs e atacou em duas frentes em Rheims - o Primeiro e Terceiro exércitos alemães formados por 23 divisões, lideradas pelos generais Bruno von Mudra e Karl von Einem atacaram a leste de Rheims, e o Quarto Exército alemão formado por 17 divisões e liderado pelo general Max von Boehn atacaram a oeste. A intenção de Ludendorff era dividir os exércitos franceses. Apenas uns postos franceses avançados defendiam o que Ludendorff julgara ser um sistema de trincheiras fortemente defendido. Os generais alemães passaram por terreno vazio e deserto, enquanto 14 grandes tanques de guerra A7V os acompanhavam. Este pequeno número de tanques foi destruído em poucas horas pelos canhões franceses. O ataque em Rheims era a última e grande cartada alemã, eles depositaram nessa batalha tudo o que tinham, era tudo ou nada. Os alemães atacaram furiosamente o espaço vazio, e á medida que avançavam contra um punhado de postos de metralhadora, eles ultrapassavam rapidamente sua própria barragem de cobertura, entrando nas áreas de alvo, muito bem planejadas da artilharia francesa, reunida com a infantaria. Não havia caminhos, muito menos estradas, e por elas estendiam-se as dos alambrados enferrujados da terra de ninguém. A euforia levou os alemães a atravessarem grande território vazio na crença da grande vitória. O

poilus não ofereceram resistência na frente: não tinham infantaria, nem artilharia nessa zona de batalha avançada. Os canhões alemães bombardearam trincheiras vazias; as granadas de gás asfixiaram posições de artilharia vazias, atingiram apenas alguns locais onde havia metralhadoras.

No leste de Rheims, os alemães conseguiram entrar em combate com o Quarto Exército francês do general Henri Gouraud, e após uma luta terrível desde às 5h do dia 15 de julho até a noite, continuamente reprimidos com fogo cuidadosamente dirigido, não foram capturados canhões ou metralhadora e sofreram pesadas baixas. No fim do dia, o 1º e 3º Exércitos alemães não haviam ganhado nada. Milhares de soldados alemães morreram, o fracasso foi quase total, as baixas foram muito grandes para permitir um novo ataque às posições francesas. No oeste de Rheims os alemães saíram vitoriosos. Por causa dessa vitória, ao meio-dia de 16 julho, Ludendorff ordenou que a invasão fosse totalmente concentrada no Marne.

O marechal Ferdinand Foch (comandante geral aliado) reuniu 52 divisões aliadas, distribuídas em quatro Exércitos (francês, inglês, americano e italiano) para impedir o avanço alemão. As levas alemãs varriam as áreas do avanço, atravessando o rio Marne e formando perigosa cabeça de ponte na outra margem, avançando quase 10 km. Paris estava a menos de 80 km de distância. Dos parapeitos alemães desceram chuvas de fogo e aço, o Marne precisava ser atravessado. Milhares de canhões e metralhadoras invadiam suas águas. As tropas de choque iam em frente, e uma vez mais "Nach Paris" (só falta Paris) estava em suas bocas. Lançando frágeis pontes flutuantes e balsas num rio intransponível, buscavam a outra margem, entravam em luta com os franceses e, também, com os americanos - numerosos e descansados.

O capitão Gerrard de Burdêau viu quando 225 bombardeiros franceses e ingleses despejaram 44 toneladas de bombas sobre os alemães no rio Marne, despedaçando as suas balsas. Os alemães sofreram pesadas baixas, repelindo os aliados, firmavam seus alojamentos, robusteciam as pontes, arrastavam seus canhões e

granadas para a outra margem, e quando a noite desceu sobre o campo do inferno, 50.000 alemães já se haviam entrincheirado numa ampla frente além do rio Marne. Pararam então para recuperar as forças. O fracasso das divisões alemãs que enfrentavam o general francês Gouraud no leste impediu Ludendorff de estimular os que estavam na cabeça de ponte do Marne tentando avançar mais para o sul. Enquanto as forças aéreas francesas e britânicas atacavam repetidamente as travessias do Marne, martelando e finalmente paralisando as tentativas alemãs de levar reforços e munição para a cabeça de ponte, o 10º Exército francês atacou. O general francês Charles Mangin tinha 10 divisões - a 1ª e a 2ª Divisões americanas na primeira linha; seis divisões francesas e um Corpo de Cavalaria na segunda linha, e duas divisões britânicas: a 15ª e a 34ª, na reserva.

Ele também tinha 346 tanques, na maioria os pequenos e velozes Renault FT. Deste total, 225 entraram em combate. Às 04h35 de 18 de julho, o general Mangin desfechou seu ataque ao sul de Soissons, tendo como alvo a tomada da estrada para a cidade de Château Thierry. Os Fuzileiros Navais e americanos encabeçaram o ataque destruindo os campos de trigo à sua frente, logo foram apoiados pelas tropas marroquinas. Nas florestas de Compiègne e Retz, apareceram os tanques Renaults avançando em círculos mortais, provocando pavor entre os alemães. Sem os americanos Mangin jamais teria conseguido êxito. O objetivo central dos alemães foi concentrado no avanço para Paris, e por causa da ansiedade, esqueceram-se das linhas de defesa da retaguarda, então os franceses e americanos capturaram 10.000 prisioneiros e 200 canhões até a noite daquele dia, que terminou com a artilharia francesa dominando a estrada para Chatêau Thierry, obrigando os alemães a iniciar a retirada para a outra margem do Marne.

O ímpeto do ataque fora realizado pelo sacrifício dos americanos e pelos pequenos tanques Renault, entretanto os artilheiros alemães quando permaneciam junto a seus canhões, cobravam pesada vitória aos tanques franceses, e muitos enguiçaram durante a reação do

primeiro dia. Mangin perdeu 102 tanques no dia 18 de julho, 50 no dia 19, e 17 (de um total de 32 em ação) a 20 de julho. Não restara nada para reforçar o sucesso inicial. Maltratadas e destroçadas, mas ainda embatidas, as divisões de assalto alemãs tornaram a atravessar o rio, embora com muitas dificuldades. Os alemães acabaram vencidos pelo desgaste, a ameaça a Paris fora evitada; entregavam-se as tropas alemãs cada vez mais a derrota. Os alemães foram obrigados a se retirar, milhares de soldados alemães morreram no Marne, as divisões alemãs de Ludendorff foram massacradas. O capitão Giraud respondia diretamente ao general Mangin, sua tropa participou das ações no Marne. Apesar de ser aviador, o capitão Gerrard era o oficial mais graduado entre os poilus de Giraud, deu então ordens para que marchassem até alcançar o resto da tropa que perseguiu os alemães.

De volta ao presente, o capitão Gerrard tentava respirar no meio de tanta fumaça. O ás francês era um belo homem de trinta anos, seu porte físico chamava atenção das mulheres, tinha os olhos verdes, bigode e cabelos claros. O capitão viu-se com a difícil missão de liderar os remanescentes da tropa de Giraud, atravessando a **terra de ninguém (o pedaço de terra que separava as trincheiras francesas das alemãs)** até chegarem às retorcidas, enferrujadas e massacradas trincheiras alemãs. O rolo compressor Aliado já havia passado pelo local. No meio da fumaça, a tropa liderada pelo aviador avançava em silêncio, a tristeza e a frustração dos últimos quatro anos de guerra havia tomado conta de todos, não entoavam mais os contagiantes hinos que encorajavam todos nas batalhas. Embora fosse um grupo bem armado, era loucura atravessar aquele local com um número tão reduzido de homens. Por que tão absurda ordem? Era intrigante o fato de avançarem, pois já havia tropas necessárias na região. Seria uma cilada? Por que Giraud teria deixado ordens para que marchassem?

As ordens do general Mangin eram bem claras, o capitão Giraud deveria manter seu posto no rio Marne, e não avançar para alcançar o Exército alemão. Alguém compactuava com os alemães. Mas quem? O

capitão Gerrard? Era um homem íntegro que não se venderia. Jacques, seu irmão? Quase impossível... Partira a traição de algum soldado da tropa? Quem sabe... O capitão Giraud era o principal suspeito. Todos estavam envolvidos numa negra fumaça de horror e mistério. O capitão Gerrard via com pavor e incredulidade uma infinidade de corpos mutilados que jaziam no chão. Uma verdadeira carnificina. Entre eles haviam algumas enfermeiras e um pastor protestante, mortos sem a mínima chance de defesa. Dez soldados, apenas protegiam o local que servia de hospital aos soldados alemães feridos nas trincheiras. Esses civis que ajudavam no hospital improvisado seriam resgatados, mas a ajuda fugiu com a ameaça das tropas franco-americanas se aproximando, não ficou para salvar-lhes as vidas. Que tropa francesa seria responsável por tamanha chacina?

De repente o silêncio mortal é quebrado pelo choro alucinante de uma criança... Razan era como um lobo do deserto, não temia nada. Não era um homem bonito; moreno de olhos castanhos, bigode e cabelos pretos, sua estatura mediana não metia medo em ninguém. Mas talvez fosse o melhor do grupo. Inescrupuloso e severo, apesar da tenra idade, almejava sair da guerra cheio de honras e medalhas a qualquer preço. Um homem impulsivo que, ouvindo os gritos da criança avançou em sua direção de fuzil em punho, gritando: – Morra seu *boche* desgraçado!

Enlouquecido, aproximou-se da criança e apontou-lhe a arma. Quando estava prestes a atirar, Gerrard gritou: – Está louco, seu desgraçado!

Gerrard desferiu um gancho de direita no rosto de Razan, ele revidou e atracaram-se rolando trincheira abaixo.

Após violenta troca de golpes, Razan levou a pior e, aparentemente mais calmo, disse – Chega, *mon ami*, desta vez eu desisto boxeador. Dê-me uma ajuda para eu me levantar.

Razan era perverso e jamais desistia. Quando Gerrard estendeu-lhe a mão, ele tentou golpear o capitão. Este foi mais esperto e esquivou-se, o soco pegou só de raspão. O alto e forte capitão

acertou um soco no queixo de Razan que desmaiou.

Ao alvorecer aquele lugar tomava aspecto soturno e inabordável. Razan despertou assustado com a água que estava sendo despejada em seu rosto. Seu corpo e seu cabelo estavam molhados. Suas últimas lembranças eram de ter apunhalado seu amigo e com gritos desesperados, despencou num barranco; levantou-se atordoado e a primeira coisa que viu então foi uma linda criança nos braços do capitão Gerrard – um menino loiro de intensos olhos azuis, alemão, que aparentava ter uns três meses. O bebê era bem cuidado e estava bem, apesar de ter sido encontrado num pedaço de cobertor com ratos prestes a devorá-lo. Sua mãe o abraçava quando morreu. Ela era uma mulher muito bonita, de corpo esbelto e olhos azuis, com a qual a criança se parecia, carregava nas mãos uma Bíblia marcada em **Mateus 24**. Gerrard tomou o livro sagrado para si. A mulher devia ser luterana. Havia sido morta por soldados franceses. O bebê foi o único que sobreviveu ao massacre. Gerrard prometeu a si mesmo que cuidaria daquela criança como se fosse seu filho e o chamou de Richard Wagner, em homenagem ao músico alemão. A tropa que passara ali não deveria estar longe, os corpos ainda cheiravam pólvora. Os enfermos haviam sido queimados e parte do acampamento ainda estava em chamas. Já recomposto, Razan observou tudo em sua volta e num ímpeto disse:

– Gerrard você é um tolo!

– E você o que é Razan?

– Deixe de ser idiota, eu não vou brigar mais por causa de uma mísera criança.

– Essa criança tem nome: Richard Wagner.

Ah, o coitadinho já tem um nome alemão. Vamos cessar essa conversa sem razão e conduzir a tropa. Você é ou não é o capitão ainda?

– Creio que você tem razão. Vamos embora. Os soldados que mataram esses civis ignoraram todas as leis, precisamos encontrar os responsáveis para que sejam levados a julgamento!

– Aviso-o que poilu algum vai carregar esse garoto. Você quer levá-lo, então ele é bagagem sua – acrescentou Razan.

– Eu não vou levar em conta suas últimas atitudes, visto que esse lugar está enlouquecendo todos.

Algo misterioso estava deixando o tenente Razan irritado... aquele terrível dia revelava corpos abandonados na *terra de ninguém*, e os ratos haviam iniciado a limpeza, devorando primeiro os olhos - sua principal iguaria. Assim os poilus continuaram caminhando o campo de sangue. A morte tomava conta do local. Tudo levava a crer que um grupo maior de combatentes franceses estavam à frente deixando o rastro da destruição. O vento zunia trazendo mais fome, rasgando-lhes as entranhas. As trincheiras sem fim e o solo devastado pela guerra exalava odor fétido que se misturava à fumaça fúnebre. O verão despontava, chovia toda hora, a poeira transformava-se em lama, havia gente morta e despedaçada por toda parte, era um cenário indescritível, misturado de sangue, lama, cadáveres, vermes, piolhos e ratos. Os piolhos transmitiam uma doença terrível chamada “Febre de Trincheira” que trazia uma dor insuportável nas canelas, seguida por uma enorme febre, parte do Exército da Europa está nos hospitais por causa dessa moléstia, lutavam contra uma coceira terrível que chegava a arrancar pedaços do corpo. O céu das trincheiras era de um tom vermelho tingido de sangue. Não dava mais para distinguir o que era o chão ou o que era cadáveres. Crateras enormes de lama provocadas por bombas eram armadilhas mortais onde muitos se afogavam, lembrava mais um tapete de mortos sobrepostos uns sobre os outros, que dividiam espaço com vermes e ratos que engordavam como porcos, e ficavam do tamanho de gatos. Era um vale de mortos que servia de esterco para a terra produzir flores depois da guerra. O cheiro de sangue podre era mais insuportável ainda, todo aquele horror na verdade não era vivido por histórias românticas e de coragem; mas sim por crianças e jovens combatentes apavorados que foram enganados a participar de uma guerra estúpida. Gerrard enfrentava a mais macabra visão de sua vida,



imagens terríveis que o acompanhariam pelo resto de sua vida, que seriam levadas com ele para o túmulo.

Os soldados já não aguentavam mais andar e alguns estavam com *pés de trincheira* (*espécie de gangrena provocada pela umidade nas meias dos soldados*). O horror daquela visão é quebrado pelo choro compulsivo da criança já faminta. E traz Gerrard de volta à realidade:

– *Mon Dieu*, ajude-me! O que eu dou para essa criança comer? E se voltando para os poilus, indagava: – O que eu faço?

Os soldados não tinham respostas e nem poderiam, pois não tinham experiência alguma com bebês. Tão pouco Gerrard, jamais estivera tão perto de uma criança, no entanto, amava Richard como se fosse seu legítimo filho.

Razan não tinha uma gota de pudor, era um disparatado e inoportunamente, continuava com suas brincadeiras infantis, dizendo ao capitão:

– Você está irreconhecível. *Monsieur* sempre foi um homem impulsivo, sangue quente; nunca ficou tão ligado em amor, fraternidade, ou pior, maternidade.

Razan e o resto da tropa se entregavam às gargalhadas.

– Coitadinho dele, ele quer dar de mamar! Tira os seios para o bebê, Gerrard!

Os soldados ironizavam. Gerrard era alvo de gozação. Sem um único sorriso, Gerrard tinha consciência de que aqueles poilus eram a escória do mundo e isso o inquietava, desgostando-o mesmo. Ainda assim, não deixou a ira tomar conta de seu coração. Os soldados continuavam se divertindo e Razan dizia:

– Onde está o capitão? O que é daquele homem autoritário? Nesse momento é cada um por si e Deus por todos, é a lei do mais forte. Aqui estamos esquecidos em algum lugar do território francês e não soa a voz de comando de nenhum capitão. O que aconteceu com você, Gerrard? O que o fez mudar dessa maneira?

Gerrard estava pensativo, e numa reação impetuosa, arrancou o paletó azul de aviador e disse:

– A guerra me fez assim Razan! A guerra me fez assim! Eu ainda sou o capitão e quem tiver a audácia de recalcitrar, defrontará com minha fúria. Admira-me o fato de você me desprezar na frente desses poilus, eu sou seu oficial superior. Espero que os americanos tenham realmente expulsado os *boches* de uma vez, senão todos morreremos.

Cessaram as gargalhadas, a criança parou de chorar e todos acompanharam o capitão. O estômago faminto da guerra engolia corpos e mais corpos, os buracos feitos pelas granadas viraram túmulos a céu aberto.

Pouca coisa importava para Gerrard. Ele prometera cuidar daquela criança e pretendia levá-la sã e salva para Paris. Elisabeth, sua prima e noiva querida contava sobremaneira nas lembranças de Gerrard. Assim que a guerra acabasse, pretendia se casar e levar uma vida serena ao lado de sua noiva e daquela criança. Elisabeth era alsaciana, uma das relíquias mais raras do mundo: muito garbosa, de estatura mediana, morena clara de olhos azuis, cabelos pretos e compridos. Gerrard não sabia qual seria a reação dela ao ver aquela criança alemã, pois ela odiava todos os alemães que roubaram as terras de sua família na Guerra Franco-Prussiana (1870-71). Em 1914, aos catorze anos, Elisabeth teve seu pai morto, ele era oficial do Exército francês, e sua última lembrança era do pai num caixão ornado com a bandeira da França, medalhas e méritos, daí a repugnância pela raça ariana.

Gerrard conhecia o descontrole de Elisabeth com relação aos alemães e sabia conduzir algumas situações de desequilíbrio de sua jovem noiva, porém, sabia também que Elisabeth faria de tudo para se livrar de Richard. No entanto, ele correria esse risco, pois havia jurado que zelaria da criança.

O capitão não recebia notícias de sua noiva desde o último inverno (cinco meses haviam se passado). Nem sabia se ela havia recebido suas últimas cartas. Será que bela e perspicaz como era esperaria por um piloto de guerra? Como estaria Elisabeth reagindo à completa falta de notícias suas? Porque deveria ela aguardar o

regresso de alguém que pudesse até mesmo estar morto?

Gerrard sabia que somente um amor muito grande resistiria àquela confusa situação. Pensamentos inquietantes povoavam a mente do capitão: cairia Elisabeth na lábia de algum galanteador? Lembranças de um tempo de fantasias passavam pelos seus olhos... Recordava-se do seu uniforme colorido e emplumado ao iniciar a guerra, que loucura! A verdadeira face do conflito desmanchou rapidamente suas ilusões...

As últimas lembranças de Gerrard não eram boas; em dezembro de 1917 havia se envolvido num duelo com Manfred von Richthofen, que apesar de lutar pela Alemanha era seu amigo antes da guerra. Em abril de 1918, Gerrard soube da morte do Barão Vermelho, foi então visitar seu túmulo em um cemitério francês, onde chorou sua morte.

Após a morte do Barão, as batalhas aéreas intensificaram-se e Gerrard enfrentou dois meses ininterruptos de dogfights (*luta do cão - duelos*) com os pássaros azuis da Jasta 15, até ser derrubado por Ernst Udet da Jasta 4.

De volta ao presente, intrigava-o as estranhas ordens do capitão Giraud. Porque motivo o capitão ordenara que o grupo avançasse? Tudo parecia premeditado. Se já havia grupos de combate na região, qual a razão de estarem ali? Em voz baixa dizia para si mesmo:

– Que loucura é essa, *mon Dieu*, eu sou um piloto não um soldado de trincheira.

Gerrard tinha dúvidas e já suspeitava de tudo e de todos, até de seu próprio irmão. Qual a razão de Jacques e Razan terem se desentendido se antes eram tão amigos? O silêncio do tenente Jacques com relação à Razan denunciava sério problema. O capitão olhava para a criança e indagava:

– Sua mãe era louca? O que lhe deu na cabeça para trazer um bebezinho para um hospital militar, tão perto das batalhas, não existe justificativa, que explique trazer uma criança para um lugar como esse.

Em meio a essas reflexões, a criança voltou a choramingar, desesperando o capitão que não sabia o que fazer. Água era tudo o que possuía em seu cantil, na ansiedade despejou aquele líquido em seus próprios dedos e de repente, aquele bebê começou a sugá-los vorazmente, parando de chorar em seguida.

– Viva! Aleluia! Jesus, como eu pude ser tão idiota? Algo tão simples! E pulava de um lado para o outro na maior euforia, enquanto as zombarias de Razan continuavam: – Olhem, a mamãe deu à luz, coitadinha!

Um poilu estava a gargalhar quando, de repente, se ouviu vários estrondos ensurdecedores que tremeram a terra e levantaram lama por toda parte. O poilu gritava desesperadamente...



# II

## COMBATE MORTAL



***“GRANADAS, EXPLOSÕES, GRITOS E PEDIDOS DE SOCORRO, INIMIGOS POR TODA PARTE, NÃO TEM COMO ESCAPAR DA MORTE. PAZ, NEM PENSAR... AMIZADE, FRATERNIDADE, SENTIMENTOS ESQUECIDOS NO HORROR DESSA GUERRA SANGRENTA. MILHARES DE MORTOS CAEM POR TERRA TODOS OS DIAS, E VÃO CONTINUAR CAINDO EM COMBATES MORTAIS. O SOLDADO NÃO SE SACIA DE TANTO SANGUE? DE TANTA MORTE? DE TANTA DOR? ATÉ QUANDO VAI CONTINUAR SE ENGALFINHANDO EM TANTAS BATALHAS? ATÉ QUANDO?”***

Uma chuva de granadas estava sendo despejada sobre o grupo, uma das bombas havia atingido um poilu, que não parava de agonizar. Prontamente, o capitão, ainda segurando o bebê foi em auxílio do soldado agonizante. Com o corpo destroçado, o poilu agarrou Gerrard com força descomunal:

– *Non* me deixe morrer capitão! Leve-me para casa! Pelo *amour de Dieu*, tire-me daqui! *Non, non, non* quero morrer!

– Por favor, me ajudem – dizia Gerrard, insistindo por socorro, enquanto a criança rolava até um buraco de granada cheio de lama.

Razan, sem pensar duas vezes, agilmente pegou um fuzil e atirou no poilu, que foi soltando Gerrard aos poucos. O capitão se arrastava devagar, atemorizado; seus olhos estavam inflamados e arregalados, nunca tinha passado por aquilo.

– *Merde!* Seu maldito! Você não tem escrúpulos! Seu assassino incorrigível! – gritava Gerrard.

– Deixe de ser infantil capitão! Ele era só um soldado de trincheira, ia morrer de qualquer jeito, eu apenas antecipei as coisas dando-lhe uma morte mais rápida sem sofrimentos.

O capitão nada respondeu por que sabia que pela primeira vez Razan tinha razão. Uma massa de carne, sangue, e tecido azul dos uniformes franceses estavam espalhados por toda parte, vários soldados jaziam em pedaços. O terreno transformou-se num matadouro, a tropa do capitão se dispersou, mas os inimigos surgiram abruptamente, cercando o grupo francês. Tratava-se de uma *Stosstruppen* (*Tropa relâmpago ou de Assalto*) era a ponta de lança do Exército alemão, e usavam as mais avançadas armas alemãs, chegavam à linha de frente em caminhões e se infiltravam nas posições inimigas, sempre ao anoitecer e atacando de surpresa as posições defensivas do inimigo. Esses atacantes deviam ter se perdido. A Tropa de Assalto se encontrava numa trincheira estratégica, o que impossibilitava a ofensiva dos soldados franceses, sendo assim o *Stosstruppen* poderia aniquilá-los. Seus inconfundíveis

capacetes de aço “**baldes de carvão**” eram avistados pelos franceses. Enquanto Gerrard se recobrava do susto, a criança afundava num lamaçal. O capitão deu por falta do garoto e rapidamente saiu em seu socorro, mas percebeu que era loucura ir atrás do menino em meio àquela rajada de balas. Seria suicídio atravessar aquele local e resgatar a criança, mas o capitão não tinha tempo nem outra opção e quando ia a seu auxílio um dos poilus se ofereceu para fazê-lo:

– Dê-me essa chance capitão. Minha família foi morta pelos *boches* e chegou o momento de mostrar a eles que não sou um covarde, que posso acabar com esses malditos de uma vez por todas.

Gerrard ainda hesitou, mas Claudin interveio: – Por favor, capitão, não tenho nada a perder. *Monsieur* tem uma noiva maravilhosa esperando-o. Viva para cuidar dela. *Adieu* capitão Gerrard!

Claudin colocou seu capacete, pegou seu fuzil, beijou o crucifixo que sempre usava no pescoço e correu na direção dos inimigos que não cessavam de atirar. Ele revidava, derrubando quantos alemães viessem à sua frente, como que alucinado. Gerrard, Jacques, Razan e os demais soldados davam-lhe cobertura. Quando já próximo da criança, o rapaz deu um salto e caiu perto de Richard, que se encontrava engasgado com a lama. Num movimento rápido, Claudin agarrou o menino e o abrigou em sua capa, correndo ao encontro de seu batalhão, gritava eufórico:

– Eu consegui! – E no auge de sua euforia não percebeu que abandonara seu fuzil, quando foi surpreendido pelos gritos de Gerrard:

– Cuidado, Claudin!

Os alemães o envolveram numa nuvem de balas, enquanto os franceses gritavam para que ele pudesse alcançá-los. O soldado, já com a visão turva, não distinguia o que via e ouvia. De nada valeu o empenho da tropa, pois Claudin caiu a poucos passos dali com o corpo cravejado de balas em cima de alguns arames farpados, deixando a criança a mais ou menos dois metros de distância em choro

convulsivo. Naquele momento o capitão se desesperou e ninguém mais podia detê-lo. Saiu enlouquecido ao encalço do menino e a Tropa de Assalto alemã começou a sair da trincheira e lançar suas poderosas granadas. Os franceses começaram a fugir, porém o tenente Jacques os encorajava. Sem vacilar, o capitão começou a matar um por um, debaixo da cobertura de sua tropa, que atirava sem parar nos inimigos. O capitão abateu cinco, mas ainda havia muitos homens na trincheira, então recomeçou a atirar, de repente deparou com um funesto alemão que manejava uma pistola Luger, o inimigo trajava uma chapa de ferro no peito, espécie de colete à prova de balas. Gerrard disparou várias vezes contra ele, mas nada surtiu efeito, os tiros acertaram o colete de aço. Imbuído de uma fúria sem par, mesmo sem munição, Gerrard enfrentou o inimigo saltando com uma baioneta, e com toda sua força buscou o pescoço desprotegido do maléfico alemão, que logo caiu com sangue espirrando pra todo lado. Já com a criança na mão, Gerrard viu o boche morrendo aos poucos e começou a fugir, como que saindo do nada, surgiram dois alemães tentando acertar Gerrard, mas um soldado francês, de repente, surgiu à frente servindo-lhe de escudo, num gesto nobre. O capitão olhou de soslaio aquele poilu sendo destruído numa explosão de sangue. Rapidamente o capitão se projetou contra o chão, mas o corpo do soldado atingido caiu em cima de Gerrard e da criança. Desvencilhando do soldado morto, rastejou pelo chão e esquivou-se do arame farpado; achava-se todo escoriado, com sua roupa destruída. Os franceses agora contavam quarenta homens e os alemães somavam oito, era um grupo pequeno, mas extremamente ágil e eficiente. Assim, os Stosstruppen remanescentes, sem escolha, começaram a recuar de volta ao buraco de onde haviam saído aos gritos de Razan:

– Seus boches malditos!

A tropa francesa perseguiu o inimigo e apontando na borda da trincheira inimiga teve mais uma baixa pelas chamas. Uma metralhadora portátil alemã e um lança-chamas estavam dizimando os franceses, mas um intrépido soldado francês jogou uma granada na



metralhadora que explodiu culminado em mais ou menos quatro baixas. Razan projetou-se em cima de dois soldados alemães que se preparavam para lançar granadas, girou rapidamente e transpassou sua baioneta por trás de um soldado. Nesse momento, outro soldado alemão apontou para Razan o lança-chamas, parecia que seria o seu fim, mas um soldado francês disparou um tiro contra o tambor do lança-chamas que explodiu matando o boche que o manuseava. Porém o salvador de Razan levou vários tiros no pescoço e caiu morto na lama fria. Razan estranhou o fato do boche que matou seu salvador não ter tentado matá-lo, mas rapidamente deduziu que ele estivesse indo atrás de Gerrard, que estava com a criança e totalmente desprotegido, começou, então a subir a trincheira arrastando-se, mas escorregava muito. O alemão foi velozmente onde Gerrard estava, apontou sua arma para o capitão e quando ia atirar foi alvejado na nuca por um disparo, era Claudin que com suas últimas forças, conseguiu sacar um revólver da cintura e atirar, mas o inimigo, mesmo depois de atingido, diligenciou em cravar a baioneta em Gerrard que então usou as pernas rapidamente, com os pés virou a baioneta contra o inimigo e a arma entrou até o estômago do miserável.

A Stosstruppen foi dizimada. Quanto aos franceses, os únicos que restavam eram Razan, Gerrard, Jacques, que havia sido transpassado de baionetas e estava muito ferido, com a perna esquerda esquartejada, caído no chão, e Claudin que dava seus derradeiros suspiros. Os outros trinta e seis poilus vivos haviam fugido de pavor imaginando que o pelotão alemão fosse maior. O que era natural, pois qualquer grupo um pouco maior teria acabado com eles.

Gerrard colocou seu óculos de aviador para proteger-se da poeira, enquanto o vento batia em seus cabelos claros. Ele pegou a criança e a abrigou em sua jaqueta de lã, foi então na direção de Claudin, segurou firmemente a mão do rapaz que manchava sua roupa azul de sangue: – Acabou, não acabou, capitão?

Ele balbuciava com sangue escorrendo pela boca.

– Calma, meu filho, você salvou a vida do meu bebê e isso jamais esquecerei, não se preocupe, vai ser reconhecido como um herói e receberá a *Cruz de Guerra Francesa*, eu juro que você será homenageado pelo que fez.

– Nada disso importa capitão, a única coisa que eu queria era provar para mim mesmo que não tenho medo desses malditos *boches*. Mas antes de partir, gostaria que *monsieur* me tirasse dessa trincheira maldita, levasse meu corpo de volta para casa para que eu possa ser sepultado ao lado da minha família.

Claudin já não conseguia falar direito, eram essas suas últimas palavras. Gerrard disse: – Eu juro, eu prometo, Claudin, que eu farei isso. Promessa para mim é dívida e eu devo muito a você. A última coisa que Claudin conseguiu fazer foi abraçar Richard, caindo lentamente morto.

O capitão colocou a mão na cabeça, deixou uma lágrima escorrer até o bigode e disse:

– Eu gostava desse rapaz. Tinha apenas dezoito anos. Pobre rapaz!

Gerrard deixou o bebê numa pedra e foi na direção de seu irmão, conseguiu levantá-lo. Quebrou um pedaço de madeira e ofereceu a Jacques para que usasse como muleta.

Enquanto isso, Razan gritava:

– Seus malditos *poilus*, voltem! Isso é uma ordem! Voltem, *poilus* desertores!

Aos poucos os soldados que haviam fugido foram ressurgindo...

E quando estavam quase sucumbindo pela fome, o capitão Gerrard encontrou comida na trincheira inimiga. Empanturravam de comer e beber; havia carne em conserva, manteiga e pão, embebedaram-se com vinho e brandy para esquecer o horror daquela guerra, roubaram tudo que podiam do inimigo, inclusive bolsas carregadas com granadas.

Depois daquele merecido banquete, o capitão Gerrard agregou o pelotão e oraram pelos quatorzes *poilus* que morreram naquela batalha, depois providenciou duas macas de improviso para levar Jacques e o corpo de Claudin. Razan, como sempre imponente, ia

contra as ordens de Gerrard, dizendo:

– Deixe de ser idiota, Gerrard, será que não percebe que esse *poilu* que você carrega está morto, pra que ficar carregando mais peso? Ele não é oficial, não vale o sacrifício, é só um soldado de trincheira. Veja se amadurece um pouco, pois está se tornando um cretino.

– Não me desacate, Razan! Você não tem compaixão, não enxerga que esse *poilu* deu sua vida por nós? Merece um enterro digno de herói.

– Ah, vá pro inferno você e seus códigos de cavalheirismo! Faça o que bem entender, mas depois não diga que eu não avisei!

O relacionamento entre Gerrard e Razan nunca fora daquela maneira, eram amigos e companheiros de esquadrilha, Razan havia mudado, alguma coisa estava errada. As horas passavam e a insônia tomava conta do grupo. Prosseguiram distanciando-se cada vez mais do Marne, ao encontro das tropas inimigas, transpondo trechos horríveis, granadas haviam feito crateras enormes invadidas de água e tocos de árvores calcinadas, trincheiras cheias de ratos, vermes e piolhos, rolos de arame farpado e barricadas de sacos de areia sem fim. Milhares de cadáveres apodrecendo, estradas difíceis inundadas por chuva e lama, o lugar parecia uma estrada feita de mortos, haviam franceses e ingleses misturados aos corpos dos alemães. Andavam há horas, estavam totalmente desorientados. Os pobres soldados continuavam aderindo ao capitão na esperança de encontrar os Aliados para que fossem salvos. Por vezes viam um ou outro poderoso canhão ou tanque abatido pela guerra. O cheiro de sangue e morte rodeava todos os lugares por onde passavam. Gerrard desconfiava, de que um dos maiores confrontos das tropas aliadas de Ferdinand Foch contra os alemães havia acontecido onde estavam passando, nunca viu tantos americanos mortos ao mesmo tempo, estavam ali apodrecendo.

Ao entardecer avistaram uma fumaça de cor indefinida elevando-se rumo aos céus – visão indescritível que parecia estar facetada com o

inferno; aquela fumaça fúnebre erguia-se cada vez mais condensada. Perto do *rio Aisne*, constatarem centenas de poilus mutilados em consequência de uma grande batalha que ali se travara há pouco tempo. Cerca de trezentos franceses chacinados jaziam ali e o cheiro de sangue era insuportável. Os alemães haviam se certificado da carnificina implacável, por meio de uma emboscada, os franceses não tiveram nenhuma chance.

A tropa de Gerrard foi surpreendida por um poilu quase sem vida, que agonizava... Gerrard aproximou-se perguntando;

– O que aconteceu aqui?

– Eu faço parte do batalhão do capitão Giraud, tínhamos como enfrentar os boches, cantávamos crendo na vitória final, foi quando ouvimos os estrondos no céu, as sombras negras que se aproximavam de nós, foram apenas segundos, eu olhei de lado e todos estavam mortos...

– Mas o que os matou?

– Deus nos matou, foi castigo por termos destruído aquele hospital de campanha alemão, mas nós não sabíamos, pensávamos que eram soldados inimigos, mas quando percebemos já era tarde, então tivemos que matar todos e queimar tudo para não deixar testemunhas. O tenente Murêau atirou em um pastor protestante e depois disparou contra uma mulher enquanto ela ainda segurava um bebê, ele quis matar a criança, mas nós não permitimos e deixamos o bebê para que Deus decidisse o que fazer...

– O bebê está bem, mas eu quero saber o que matou seu pelotão?

– Eu vi os vultos atrás de mim, eram demônios azuis, quando olhei para trás quase todos estavam mortos, havia sangue por toda parte, foi uma emboscada. Quando nos preparávamos para avançar contra um pelotão alemão que se aproximava, uma esquadrilha de biplanos azuis da Fokker surgiu zunindo e dando rasantes, destruindo os poilus com suas metralhadoras. Quando a infantaria alemã chegou quase todos estavam mortos, eles apenas terminaram o serviço, eles sabiam! Os aviões sabiam que estaríamos lá! Eles sabiam!

Em seguida o homem suspirou e morreu. Diante deste fato Gerrard concluiu que havia traição entre os soldados franceses, que talvez o traidor ainda estivesse entre eles. Constatando todo aquele horror, Gerrard denuncia:

– Existe um traidor entre nós e tudo me leva a crer que essa emboscada era destinada a todos nós, talvez Giraud esteja envolvido, os alemães devem estar nos aguardando entrincheirados para nos destruir. Os inimigos queriam desviar o regimento do capitão Giraud, para aguardá-lo entrincheirados, atacá-lo de surpresa para que todos fossem mortos. O objetivo na verdade era destruir qualquer coluna de infantaria que auxiliasse o comandante Foch, pois a maior parte da tropa que obedeceu as ordens de Giraud foi destruída pela esquadrilha alemã, creio que mereceram isso por terem assassinado a mãe de Richard e aqueles civis alemães daquela forma.

– Eu tenho uma ideia – disse Jacques – Nós não podemos esperar aqueles malditos voltarem para nos destruir; precisamos armar uma tática para pegá-los. Meu pai, o capitão e barão Renée de Burdêau, sempre dizia que um homem sozinho, mas de mente brilhante, poderia se sair melhor numa guerra que um batalhão inteiro de cérebros embotados, dessa maneira ele conseguiu vitórias para Napoleão III. O momento carece de ação, do contrário seremos destruídos sem piedade, como este soldado!

Jacques puxou numa barricada, um saco de areia que guardava um soldado todo dessecado, uma imagem tão horrível que provocou o vômito de alguns poilus. Eles não tinham tempo a perder. O objetivo agora era encontrar o batalhão inimigo e usar do; elemento surpresa, armar-lhes uma cilada para pegá-los dentro de suas próprias tocas. Gerrard ainda estava apreensivo com Richard, que havia se intoxicado com aquela lama toda. O garoto se encontrava febril e seus esforços na tentativa de recuperar a criança pareciam em vão.

Pouco era possível fazer naquela circunstância, mas Richard parecia acalmar-se um pouco quando o capitão lhe dava o dedo para chupar.

Jacques brincava com as mãozinhas do sobrinho e observou:

– Veja, Gerrard, como as mãos dele são macias! Quando ele crescer será um poeta, um escritor.

– Não diga tolices, Jacques. Toda criança tem as mãos suaves e quando ele se tornar adulto, será um guerreiro como eu. Essa tragédia que se abateu sobre nós é tudo culpa minha. Deus está me punindo pelos meus pecados, por eu ter manchado a honra de Elisabeth, enquanto ela permanecia pura para mim na Alsácia eu dormia com outras mulheres, estava em farras constantes com **Charles Nungesser e Jean Navarre**.

– Não se culpe meu irmão, você conseguiu se afastar da vida boêmia quando conheceu **Georges Guynemer**, você se retratou, deixou as farras, procurou ser fiel a Elise, tornou-se um patriota, você se redimiu meu irmão.

– Não Jacques, eu não me retratei, se eu tivesse me retratado não teria continuado a dormir com Madame Ormond, manchando a honra de Elise.

– Estive pensando sobre o ataque aéreo que aquele poilu descreveu, a única esquadrilha com aviões azuis é a Jasta 15, comandada por **Rudolph Berthold**, nosso arquiinimigo.

– Você tem razão, mas me admira muito o fato de Berthold ter se envolvido numa emboscada dessa espécie, ele sempre foi um cavalheiro.

– A guerra muda as pessoas Gerrard.

Seguiram e depois de uma caminhada, chegaram perto de um pequeno rio, e o grupo do capitão havia se aproximado da trincheira alemã, e nos olhares dos soldados franceses era visível uma ferocidade sórdida. Os alemães estavam se preparando para bater em retirada, algo havia acontecido, as tropas franco-americanas de Foch não estavam distantes, aproximavam-se cada vez mais, empurrando os boches de volta á Alemanha. No local havia muita munição espalhada nos arredutos alemães, a fortaleza inimiga parecia impenetrável, entretanto Jacques tinha um plano que não poderia

falhar e todos se empenharam no trabalho de armadilhas de todo o tipo. Alguns dos soldados teriam que penetrar na trincheira e colocar granadas em volta de tudo. Num trabalho intenso durante toda a noite, ali amarraram as granadas para que fossem acionadas ao mesmo tempo. Razan ficou chefiando o restante da tropa, enquanto Jacques pajeava Richard.

Gerrard com seus soldados rastejava na lama após a conclusão de sua missão. Razan, inquieto pela demora dos companheiros, decidiu separar-se do grupo que chefiava e rumou para a trincheira.

Jacques deixou Richard aos cuidados de um poilu e foi atrás de Razan. O tenente foi surpreendido por Jacques que apareceu por trás e disse:

– Aonde *monsieur* pensa que vai?

– Eu vou ajudar Gerrard.

– Não minta Razan, você já foi longe demais. Eu sei que você é o traidor! Você enfrentará o pelotão de fuzilamento! Espião desgraçado! Forjou a queda de seu avião para ajudar o capitão Giraud a destruir seu próprio pelotão, mas não contava que eu e Gerrard fôssemos tão fiéis à sua amizade, não contava que iríamos procurá-lo, não contava que nós estivéssemos aqui para atrapalhar seus planos. Eu disse a Gerrard que você era o traidor. O capitão não acreditou em mim, seu maldito!

– *Oui*, você tem razão, eu sou um traidor, mas foi o capitão Giraud quem arquitetou todo o plano, ele foi procurado pelo Alto Comando alemão quando perceberam que podiam perder a guerra, Giraud sabia que havia poucas chances dos boches vencerem a guerra, por isso aceitou o suborno, não fazia diferença se alguns soldados franceses morressem para que ele ficasse mais rico, afinal de contas tantos morreram por muito menos. Giraud me conhecia e sabia que eu aceitaria ajudá-lo em troca de uma pequena fatia do ouro que ele iria receber, eu sempre fui um pobre plebeu, nunca tive as oportunidades que você e Gerrard tiveram, sempre foram aristocratas. Entretanto, eu não me contento com migalhas e resolvi acabar com Giraud e

receber todo o ouro sozinho.

Jacques tentou agredir Razan, queria mesmo matá-lo, mas quando foi golpeá-lo acabou atingido por Razan, que desferiu um golpe com seu facão rasgando o estômago do tenente. Não contente, Razan o atingiu também na perna, dando-lhe ainda várias pancadas na cabeça. Jacques ficou no chão, estilhaçado, enquanto Razan se dirigia para o reduto do comandante alemão, recebendo duas barras de ouro por ter traído os franceses. De posse do ouro, Razan relatava os últimos acontecimentos ao comandante alemão, que, exacerbado, esbravejava:

– *Iah!* Foch nos esmagou com seus exércitos Aliados no *Marne* e agora está com várias divisões norte-americanas, são milhares de americanos nos obrigando a bater em retirada. Minha infantaria sofreu várias baixas! E o combinado era o capitão Giraud receber o ouro e não *monsieur!*

As explosões começaram e os alemães pareciam estar perdidos em meio àquela destruição. Corpos e barricadas subiam aos ares; os boches eram esmagados. O inferno se instalava, mas o mistério tinha sido solucionado: Razan e o capitão Giraud eram os traidores. Traição que custou a morte de vários soldados franceses, qualquer grande estrago que eles pudessem fazer era bem vindo para aos alemães. A missão dos traidores era emboscar a tropa para que os alemães a destruíssem, aniquilando assim qualquer auxílio à Foch.

Os alemães estavam sendo dizimados. O comandante alemão ordenou o cessar fogo na tentativa de armar uma nova estratégia, auxiliado por Razan, que já possuía uma grande amizade com o inimigo, em virtude do ouro e do poder que a Alemanha poderia lhe oferecer.

Entardecia. Jacques se arrastava pelo chão em estado deplorável. Ainda assim, camuflado no meio da lama podia ouvir o traidor conversando com o comandante, dizendo que o único modo de vencer os franceses seria surpreendê-los pela retaguarda, visto que Gerrard subestimava os alemães e jamais imaginaria uma ofensiva



dessa natureza, mas essa empreitada só poderia ser realizada á noite.

– Então ele nos subestima? Toma-nos por tolos? – esbravejava o comandante alemão.

– *Oui*, os alemães não possuem a astúcia dos franceses – acrescentou Razan.

E quando Razan virou-lhe as costas, o comandante retrucou:

– *Monsieur* não perde por esperar, seu *gaulês* hipócrita: vai morrer como todos os outros.

Ao ouvir toda aquela conversa, Jacques num esforço extremo, ainda se arrastando com lama que recobria seus cabelos castanhos, conseguiu se erguer; apoiou-se sobre um galho de árvore e foi na direção do pelotão, no intuito de avisar seu irmão de que seria pego de surpresa.

Os poilus de Gerrard já cantavam vitória:

– Nós somos os maiores! Voltaremos para casa com o corpo repleto de medalhas, todos os jornais comentarão o fato de apenas trinta e cinco homens aniquilarem mais de duzentos alemães.

Todos sorriam, exceto Gerrard que sentia uma dor dilacerante:

– Seus imbecis, não posso conceber que contem com a vitória antes do momento oportuno. Ainda há muitos alemães querendo acabar conosco; nossa munição está acabando e as nossas armadilhas são poucas.

Os franceses dançavam ao redor do capitão, certos de terem ganhado a guerra e pouco ouvido davam às palavras dele. Gerrard preocupava-se com aquela situação e principalmente com Jacques e Richard. Enquanto isso, Jacques se aproximava da trincheira de Gerrard, bem como os alemães sedentos de vingança.

O capitão tentava desesperadamente um contato por um rústico aparelho de telefone, enrolado por cabos de transmissão que encontrara soterrado na trincheira, mas parecia estar avariado com as bombas. No momento em que estava por desistir... Milagrosamente numa transmissão ruim e cheia de interferências consegue ouvir uma voz de algum lugar.

– Aqui é o operador de telefone Frank Latrec, do *Marne*, eu o estou ouvindo.

– Aqui é o capitão Gerrard de Burdêau, Alguém pode me ouvir? Pelo *amour de Dieu*, alguém está me escutando? Por favor, responda.

– Sim, eu o estou ouvindo.

– Glória a *Dieu*! Alguém me ouviu, meu avião foi derrubado; estou perdido em uma trincheira perto do rio Aisne. Por favor, preciso que venham nos resgatar, pois eu e alguns poilus estamos encurralados por alemães e sem ajuda seremos todos massacrados.

– Capitão, vou passar o telefone para o oficial responsável. Dê-lhe as coordenadas exatas do local onde se encontram.

Gerrard passou ao oficial as informações necessárias para que alguma tropa pudesse localizá-lo. Não estavam muito longe.

Cambaleante, Jacques aproximava-se de seu pelotão. O sol raiava novamente, mas Razan o avistou de longe e gritou:

– Olhe lá um francês!

– O comandante alemão também o avistou e ordenou – Fogo nele!

– Não, seu imbecil! *Monsieur* vai estragar tudo – disse Razan.

Mas já era tarde demais. Jacques já tinha caído ao chão vítima de um tiro que lhe acertara o ombro.

O barulho do disparo desferido contra Jacques despertou a tropa francesa e os alemães tiveram que iniciar a luta numa batalha que parecia não ter mais fim. Três soldados franceses que se colocaram à frente na tentativa de proteger Richard foram prontamente aniquilados, manchando de sangue seus uniformes azuis. No barro, Jacques tentava se arrastar no meio daquele confronto sangrento e via os poilus caírem um por um na lama fria, muitos ficavam presos nas trincheiras e eram destruídos. Eram cem alemães contra trinta franceses, mas muitos arianos morriam nas emboscadas dos franceses. A noite avançava enquanto os poilus eram destruídos. Gerrard tentou uma última comunicação pelo telefone e foi informado que a tropa mais próxima só conseguiria chegar no dia seguinte. A munição do pelotão francês se esgotava e Gerrard temia pela sorte da tropa, visto que uns

vinte poilus já se encontravam caídos por terra. Até que os reforços chegassem seria muito tarde. O capitão sabia que precisava agir e num ímpeto largou o aparelho de comunicação e ordenou:

– Deem-me cobertura!

E sem que os franceses pudessem sequer pensar, Gerrard atravessou aquele corredor sangrento chamuscado de balas, conseguindo se safar. O capitão corria pelo lamaçal entre troncos de árvores e ainda assim suas reflexões não o deixavam: “*O que teria sido feito de Razan? Jacques estaria morto?*”. Jacques não estava morto como imaginava o capitão. Mesmo em condição subumana, ia atrás de Razan no intuito de acabar com aquele traidor de uma vez por todas. Razan estava com aqueles malditos alemães querendo ver as cabeças dos franceses arrancadas e penduradas no inferno. Jacques jamais permitiria isso. A superioridade numérica alemã arrasou os franceses, deixando apenas três combatentes vivos: Gerrard, Jacques e o poilu Patrice, além de Richard, graças a Deus. De longe Jacques avistou Razan comemorando sua vitória juntamente com aquela corja repugnante. O tenente se aproveitou de um momento em que Razan se afastou do grupo para urinar e foi atrás dele, e com a única arma que tinha ainda em seu poder – uma faca aproximou-se de Razan e disse:

– Parece que *monsieur* se saiu bem nessa história, Razan... GANHOU uma boa quantia para nos trair.

O tenente Razan, assustado, retrucou: – Como já lhe disse, o plano foi todo arquitetado pelo capitão Giraud, eu dei apenas uma pequena contribuição, mas eu tive que assumir as coisas, matei o capitão por causa de sua ganância e ambição, ele já tinha dinheiro, não precisava do ouro, então precisei eliminar a concorrência. Sim, eu ganhei ouro e ganharei muito mais: poder, fama, mulheres, muito mais, dinheiro, enfim, tudo o que um homem sempre sonhou ter na vida. *Monsieur* tem tudo e eu não, dinheiro pra você nunca foi problema, não é justo comigo, aristocrata desgraçado! E afinal de contas a Alemanha está quase vencida, não vai fazer diferença se

alguns franceses morrerem pela vitória de alguns alemães, tantos morreram por nada, pelo menos eu vou sair rico... Por que Gerrard e você tinham que me procurar? Vocês estragaram tudo.

– Nós éramos amigos, Gerrard fez tanto por você, como pôde ser tão ingrato. Eu não vou consentir! Jamais *monsieur* se sairá bem, nem que eu leve a vida inteira, caçando-o pelo resto dos meus dias, não escapará!

– Eu lhe darei uma chance, vamos fazer um trato justo. *Monsieur* é um mestre com a faca, e essa é a única arma que tem. Eu o desafio a duelar comigo: você com sua faca e eu com meu revólver.

– Se for para morrer e levá-lo comigo, eu aceito. Nenhum de nós deve sair vivo daqui.

Começaram a contar, mas antes do término da contagem um tiro ressoou no campo de guerra... Razan, traidor inveterado, obstinado a fazer o mal, jamais conceberia a derrota. Estava ficando possesso e a maldade cintilava por onde ele passava; embestia-se no inferno. Stocker havia acertado um tiro no braço de Jacques, mas como ele tinha olho de águia, ainda conseguiu acertar sua faca na perna de Razan que vociferava:

– *Merde!* Eu acabarei com você... Venha seu maldito!

Com uma pedra, Jacques acertou a cabeça de Razan. Em seguida tentou escapar, mas Razan pegou sua arma desfechando alguns tiros em direção ao corpo de Jacques que rolava trincheira abaixo, gritando:

– Eu me vingareeeeeiiii!

Razan retirou a faca encravada em sua perna, pensando “*Oui, agora acabei com esse porco maldito*”. Enquanto amanhecia, voltando para onde os alemães estavam, ouviu a voz do comandante que o chamava. Razan virou-se assustado e o comandante disse:

– *Herr Razan* é mesmo um traidor, acabou de matar mais um dos seus. *Monsieur* não gosta mesmo de *gauleses*, só que eu também não gosto. *Monsieur* também é um *gaulês*, então adeus... Soldados fogo nele!

Os alemães começaram atirar em Razan que gritava de desespero, ouvindo os estrondos das balas que lhe acertaram o ombro. Ele caiu e rolou pelo chão, e naquele momento surge Gerrard no alto de uma trincheira com uma metralhadora portátil alemã, metralhando sem piedade um por um aqueles alemães. Os inimigos revidavam e muitos já haviam sido mortos pelo capitão. De repente, um soldado inimigo preparou uma granada e a jogou próximo à metralhadora que Gerrard manuseava, fazendo-o voar pelos ares. Ensanguentado e bastante escoriado, o capitão ainda pegou um fuzil e aniquilou mais alguns combatentes, porém foi confinado pela tropa inimiga e o comandante esbravejava:

– Não será morto rapidamente, quero uma morte bem lenta. Piloto desgraçado! Está gostando de ser soldado de trincheira! Acha-se um ás, mas *monsieur* não é nada, já está acostumado aos vermes e a lama.

– Eu sou um herói!

– Herói! Não me faça rir, o único herói que conheci foi o Barão Vermelho! Que aterrorizou os céus da França abatendo dezenas dos seus aliados!

– *Oui, Manfred* era um grande piloto. *Monsieur* perto dele é um verme, ele era um cavalheiro, você não passa de um comedor de porcos.

– *Monsieur* irá morrer esquecido nessa trincheira imunda!

De longe se podia ouvir os estrondos das pancadas que os alemães infligiam ao capitão francês. De repente foram despertados pelos choramingos de uma criança...

– O que é isso seu francês imundo? E encaminhou-se na direção de Richard.

– É uma criança, seu *chucrute* imbecil!

– Soldados! Peguem a criança e levem-na daqui – ordenou o comandante. Gerrard, consciente do perigo, retorquiu:

– *Non, non*, a criança *non*!

Como que se atingido no peito, Gerrard se desprende dos dois boches que o seguravam, tentando desesperadamente salvar Richard,

mas foi novamente dominado pelos seus agressores. Nisso, tiros vindos da esquerda fulminaram o boche que o segurava, e ouviu-se a voz do atirador:

– Larguem as armas *boches*! Ou eu estouro a cabeça de seu comandante que está na minha mira – dizia Patrice, o poilu sobrevivente do grupo de Gerrard.

Os alemães não hesitaram e renderam-se às ordens, porém, segundos depois Patrice se viu ameaçado por um boche que o surpreendeu por detrás com uma Luger em sua cabeça.

– Largue essa arma *poilu*, senão eu explodo os seus miolos.

Sem alternativa, Patrice se viu forçado a largar a arma que apontava para o comandante que dizia:

– Como é que é, capitão, quem *monsieur* escolhe para morrer: seu heróico *poilu* ou essa criança chorona?

– Ela é uma criança alemã! *Boche* maldito!

– E *Monsieur* é mais estúpido ainda. Numa guerra como esta ninguém vai saber que eu assassinei um maldito alemão que andava com gauleses. Diga adeus para seu *papá*, bebê!

O comandante apontou a pistola para a cabeça do menino e naquele exato momento, Gerrard gritou:

– *Noooooonnn!* O bebê *non!*

– Fez uma ótima escolha capitão, eu jamais mataria um patrício. Imediatamente ordenou que matassem o poilu. Um soldado alemão estilhaçou-lhe o crânio, enquanto outro lhe cravava uma baioneta nas costas. Gerrard se sentia culpado por mais aquela morte e encolerizado por toda aquela situação, num único golpe cegou o alemão que o segurava, correndo na direção do comandante para socorrer a criança. Os alemães apontaram suas armas para fuzilar Gerrard e inusitadamente surge Razan com uma metralhadora portátil baleando um por um os alemães.

– Morram *boches* desgraçados!

Razan estivera atento para a primeira oportunidade que possibilitasse

acabar com aqueles alemães que o tinham enganado. Gerrard tenciona acabar com o comandante, mas Razan o interpela:

– Pegue a criança. O *boche* é meu.

Gerrard pegou a criança dos braços do comandante permitindo a Razan a vingança desejada. O tenente apontou sua metralhadora para o inimigo e indiferente ao olhar estatelado do alemão, descarregou sua metralhadora saraivando seu corpo numa explosão de sangue.

Os alemães que restavam se aproximavam armados até os dentes, tentaram acossar Gerrard e Razan como num jogo em que o gato caça o rato, mas os dois conseguiram escapar através das trincheiras... Ali se esconderam e refletiram sobre os acontecimentos; discutiram sobre a culpa, quem seria o traidor, e Razan maquinou a maior mentira de sua vida.







# III

## O RESGATE



**“ A MINHA VIDA SE RESUME NA GUERRA E NO CENÁRIO DE BATALHAS  
MORTAIS. EXISTIRÁ LUZ NA ESCURIDÃO?**

**OU SIMPLEMENTE HAVERÁ FEIXES DE LUZ NAS TREVAS? SERÁ QUE REALMENTE  
QUANDO AS TREVAS SE APROXIMAM DA LUZ, ELAS TAMBÉM SE TRANSFORMAM  
EM LUZ? PODERÁ UMA ÚNICA ALMA EM CHAMAS SER RESGATADA DAS PAREDES  
DO INFERNO? TALVEZ ESSAS PERGUNTAS NUNCA OBTENHAM RESPOSTAS. NÃO  
SEI REALMENTE O QUE É O INFERNO, MAS TENHO CERTEZA QUE A GUERRA É O  
QUE MAIS SE APROXIMA DELE, SE ELA NÃO FOR O REFLEXO DO INFERNO, NADA  
MAIS É. O MEU ÚNICO DESEJO É QUE ANJOS VENHAM DO CÉU, ME RESGATEM  
DESSA GUERRA QUE EU CONSIDERO MORADA DE DEMÔNIOS “**

**O**utubro de 1918, região da Pomerânia. Ao norte de Berlim, no hospital militar de Pasewalk, um homem muito ferido em Ypres (Bélgica) por gás mostarda, estava com os olhos enfaixados, parecia não enxergar nada, relembrava sua origem...

*Seu pai era Alois Schicklgrüber, que nascera em 1837 e era filho de Maria Anna Schicklgrüber, que se casou com o moleiro Johamm George Hiedler que aceitou Alois mesmo não sendo seu filho. Suspeitava-se que Alois era filho de um jovem de uma rica família judia de nome Frankenberger, para a qual Maria Anna trabalhara como cozinheira. Após a morte precoce de Maria Anna, Alois foi viver em uma fazenda com um tio. Aos treze anos mudou-se para Viena e iniciou uma vida difícil. Empenhou-se e conseguiu um cargo de funcionário público. Viajava com frequência, em 1876 o tio o convenceu a mudar seu nome de família para Hiedler, mas um erro do cartório transformou o nome em **Hitler**.*

*Alois Schicklgrüber, agora Alois Hitler casou-se com Anna Glasl-Horer, 13 anos mais velha do que ele, e já estava doente quando se casaram. Quando ela morreu, Alois logo oficializou a união com a copeira da casa, Frankista Maltzeber com quem já vinha tendo um caso amoroso, e também estava se envolvendo com outra jovem, 23 anos mais nova do que ele, de nome Klara Pölzl. Frankista dispensou Klara por que já desconfiava do caso amoroso de seu marido com ela. Alois e Frankista tiveram dois filhos: Alois Hitler Jr. e Ângela Hitler. Frankista contraiu tuberculose e foi se tratar em outra cidade, Alois aproveitou e mandou buscar Klara Pölzl, ela era neta de seu tio Hiedler (sua prima de segundo grau). Klara passou a tomar conta dos seus filhos enquanto Frankista morria aos poucos. Agora Alois e Klara podiam se encontrar sem que Frankista atrapalhasse. Frankista acabou morrendo e Alois foi viver com sua jovem prima Klara. Por causa do parentesco em virtude do registro civil foi exigida para o casamento uma concessão especial da Igreja Católica, que demorou meses para chegar, mas em 1885 acabaram*

*se casando, e Klara já estava grávida de alguns meses, mas acabou perdendo o bebê. Alois então trabalhava como inspetor-chefe num escritório alfandegário.*

*Klara teve mais dois filhos, Gustav e Ida, que morreram com poucos meses de vida, por causa de difteria. Mas às 18h30 do dia 20 de abril de 1889, na cidade de Braunau, vila austríaca de fronteira com a Bavária germânica, nasceu (Adi) **Adolf Hitler**. Adolf teve mais dois irmãos, Edmund e Paula, mas Edmund faleceu de sarampo aos seis anos de idade e o cemitério onde estava sepultado podia ser visto da janela do quarto de Hitler. Mesmo depois de aposentado, Alois não dera fim a suas mudanças: Linz, Lambach, onde a mãe continuava idolatrando Hitler, o pequeno garoto aprendeu a admirar a natureza, afinal de contas Lambach tinha uma vista privilegiada às margens do rio Traun perto dos Alpes, ali em uma casa de campo Hitler viveu dias felizes. Entretanto Hitler e o pai tinham uma relação difícil, seu pai era um tirano, que impunha a lei e a ordem através de castigos físicos. Surras foram aplicadas em Hitler, um trauma que passou a gerar nele a maldade. Na Alemanha a educação dada aos filhos era a mais dura e rígida possível, a autoridade paterna prevalecia sempre e as decisões de Alois eram incontestáveis, a brutalidade e a tirania do pai foram formando dentro de Hitler o seu caráter. Em 1897, aos oito anos, o pequeno Adi frequentou uma escola de padres beneditinos, e em consequência de sua bela voz, conseguiu um lugar entre os meninos cantores no coral do convento, chegou a pensar em ser padre. Era inteligente, mal humorado, mas gostava de bagunça e algumas vezes as brincadeiras eram lideradas por ele. Ali no monastério de Lambach, visualizou pela primeira vez o símbolo que marcaria sua vida para sempre - o brasão da fundação tinha sobre um fundo claro a “**Suástica**” que não saiu mais de sua mente. Hitler era uma criança independente e de poucos amigos. Em 1900 ingressou na Escola Real de Linz, aos 11 anos, diante de um talento para o desenho, Hitler decidiu ser pintor, um artista, essa decisão era demais para um rígido educador e conservador como Alois, isso gerou um conflito familiar irreconciliável. Hitler passou a tornar-se cada vez mais magro, pálido,*

*obstinado e insolente. Adi idolatrava a mãe, mas não gostava muito do pai, teve discussões terríveis acerca da firme decisão de tornar-se pintor. Mas seu talento era para o desenho arquitetônico que fora observado desde cedo, mas foi mandado para uma escola técnica, ele não ia bem à escola, com exceção das matérias que amava: Geografia e História. Com a matéria História descobriu o que é ser alemão nacionalista, e na adolescência viveu a agitar a **bandeira negra, branca e vermelha**, utilizava a velha saudação alemã **Heil!** e cantava “**Alemanha, Alemanha acima de tudo, ainda que os castigos chovam sobre ela**”. Acabou transformando-se em revolucionário alemão. No dia três de janeiro de 1903, o velho Alois sofreu uma hemorragia pulmonar e faleceu no bar que frequentava. Aos treze anos Hitler tornou-se o novo chefe da família. Klara achou melhor cumprir a vontade de Alois, e Adolf continuou os estudos na escola técnica onde seu rendimento não era bom, e o comportamento deixava a desejar. Nessa escola Hitler ficou cativado pelas ideias dos **Pan-Germanismo**, ministradas nas aulas do seu professor Leopold Poetsch, um antissemita que influenciou fortemente as visões do jovem Adi.*

*Em 1905, aos 15 anos, Hitler contraiu uma infecção pulmonar, e o médico receitou que ficasse um ano sem ir à escola, então Hitler retirou-se da escola técnica sem ter obtido o diploma de segundo grau, passou a dedicar-se às artes.*

*Em 1.907, Edmund Bloch, médico judeu famoso, cobrava altos honorários para tratar seus pacientes, a mãe de Hitler contraiu câncer, e o sofrimento dela obrigou Hitler a contratar o médico, que sugeriu tratar as feridas com gases embebidas em iodo, mas alertou que o tratamento poderia ter efeito colateral que envenenaria Klara. Hitler aceitou o risco e ela foi tratada, mas o tratamento acabou acelerando a morte de Klara por intoxicação de iodo. A morte era certa, mas Hitler culpou o médico judeu pela morte da mãe, Hitler respeitava seu pai, mas pela mãe tinha um amor incrível. Agora o jovem Adi estava só, tinha dezoito anos. Hitler recebeu a herança deixada pelo pai e a dividiu com sua irmã Paula, deixou Linz e*

*partiu para Viena crendo que seria facilmente admitido na Academia de Belas Artes, nessa aventura, partiu com ele o amigo August Kubisek. Viena vivia sua grande época com a explosão cultural e artística, cafés, óperas e concertos às margens do Danúbio, era um centro cultural compatível com Paris, uma metrópole com dois milhões de habitantes, mas se por um lado Viena era um encantamento por outro contrastava com milhares de desempregados, e mesmo os que tinham trabalho mal ganhavam para sobreviver. Uma massa de vagabundos e delinquentes vagavam pelas ruas...*

*Hitler era ambidestro e fazia tarefas difíceis com as duas mãos. Adi não bebia, não fumava, e evitava comer carne. Não se interessava por mulheres, não tinha namoradas, e justificava sua distância alegando que homens e mulheres deviam permanecer castos até o casamento. Era um sujeito solitário e peculiar, tinha crises de depressão e aversão à rotina. Durante três anos em Viena, Hitler recebeu uma pensão de órfão, com a qual mal conseguia comer, ele e o amigo Kubisek dividiam um quarto de pensão, o amigo conseguira ingressar no conservatório de música como queria, mas Adolf foi recusado na Academia de Belas Artes, por que seu talento era para a arquitetura, mas nem Arquitetura conseguiu cursar, pela falta do diploma secundário. Após uma visita de August Kubisek aos pais, Hitler ficou furioso e brigaram. Adi então deixou a pensão e desapareceu no meio da população pobre das ruas. Naquele ano de 1910, com 21 anos perdeu o subsídio para órfãos, seu dinheiro esgotou-se, e chegaram os tempos difíceis, sem dinheiro e sem ninguém, trabalhador sem ofício, ele precisava ganhar seu sustento, mas não aceitava a ideia de ser funcionário público como o pai. Passou fome e frio, dormiu em bancos de praça. Varreu neve nas ruas, carregou malas, preparou cimento e carregou pedras, era um proletário como milhões de outros, conheceu o **Marxismo** (sistema de teorias filosóficas, políticas e econômicas de Karl Marx - comunismo) percebeu como essa ideia política seduzia a alma*

do trabalhador, e observava que essa doutrina era expandida pelos judeus. Ainda em 1910, comia sopa que as irmãs de caridade preparavam, dormia em abrigos para os necessitados, e convivia nessa época com muitos judeus. Entretanto continuava a frequentar as óperas à custa das refeições do dia. Da mesma forma, continuou a comprar livros que lia sem parar. Nestes anos de miséria, compreendeu que restava apenas uma esperança de salvação para o povo: um socialismo verdadeiro, que superasse a ideia da luta de classes do marxismo judeu e que não se restringisse somente ao trabalhador braçal, mas que alcançasse todas as classes. Assim Hitler se fez um socialista.

Em 1912, as coisas começaram a melhorar; passou a pintar cartões postais da cidade. Seu agente Heinhold Hanisch vendia os quadros a mercadores e fabricantes de móveis que os usavam para decorar sofás, alguns de seus quadros foram vendidos em cafés, óperas e igrejas. Hitler acabou fazendo uma vida razoável como pintor e trabalhava poucas horas, mas para ele o dinheiro não era suficiente, não dava para manter sua instrução com os livros e a ópera, era apaixonado pelas óperas de mitologia norueguesa de **Richard Wagner**, idolatrava o compositor alemão, e amava o famoso personagem **Siegfried**.

O agente Hanisch acabou sumindo com um dos quadros de Hitler deixando-o furioso, e a parceria entre eles terminou.

Em Viena, o antissemitismo tinha se desenvolvido das suas origens religiosas numa doutrina política, promovida por homens como Jörg Laz von Liebenfels, cujos panfletos Hitler leu, políticos como Karl Lueger, presidente da câmara de Viena e Georg Ritter von Schönerer, que contribuiu para o aspecto racial do antissemitismo. Deles Hitler adquiriu a crença na superioridade da Raça Ariana, Hitler passou a acreditar que os judeus eram os inimigos naturais dos arianos e eram responsáveis pelos problemas econômicos alemães.

Em 1913, Hitler deixou Viena para fugir do serviço militar Austro- húngaro, instalando-se em Munique, o seu desejo era de se

afastar do Império mult-étnico Austro-húngaro e viver num país racialmente mais puro como a Alemanha. Munique era a metrópole das artes alemã, durante o tempo em que esteve nesta cidade, Hitler mergulhou em leituras de jornais antissemitas, livros sobre política e panfletos que falavam da conspiração judaica contra o mundo, entre eles o mais famoso **“Os Protocolos dos Sábios de Sião”** esse panfleto supostamente escrito pelos judeus não passava de uma falsificação, era uma arma contra os judeus, o verdadeiro conteúdo do panfleto era uma carta do czar Nicolau da Rússia para a população. Foi em Munique que nasceu dentro do coração de Hitler a ideia do **Nacional - Socialismo**. Finalmente, entre os sonhos revolucionários passou tempos felizes. Revoltava-se com o que lia nos jornais que falasse contra o **Kaizer (Imperador) alemão Wilhelm (Guilherme II)** e enervava-se com a bajulação feita à França. Esquivou-se do serviço militar obrigatório Austro-húngaro, mas com o assassinato do **Arquiduque Ferdinand**, a **Grande Guerra** explodiu e Hitler foi encontrado pela polícia em 1914, ainda em Munique, onde continuava pintando seus cartões e investindo na sua instrução. Esteve prestes a ser preso por deserção, mas em suas declarações às autoridades foi tão eficiente em falar da pobreza e da falta de saúde a que a vida o submetera que não foi preso. A polícia o enviou para apresentar-se em Salzburgo, onde foi avaliado inapto para o serviço militar por ser baixo e franzino, era incapaz de carregar armas. Estava livre da obrigação para com a Áustria e vivia na Alemanha que tanto amava, mas Hitler e toda a multidão alemã queria entrar para a guerra, era a época mais feliz de sua vida. Logo a Alemanha também estava envolvida no conflito, todos inclusive Hitler vibravam na Praça Odeon em Munique...

Graças a uma solicitação direta ao rei da Baviera, Adolf Hitler acabou conseguindo alistar-se na Bavária, conseguindo o direito de servir voluntariamente no 16º Regimento de Infantaria da Reserva (**Regimento List**) exultante, pois imaginava que a guerra iria libertar os alemães dos eslavos, dos judeus, da Áustria. Era este



*homem, que em 1918 relembra o seu passado num hospital militar, na região da Pomerânia, ao norte de Berlim.*

### **Agosto de 1918, Razan revelava sua história a Gerrard...**

– Jacques mentiu para você Gerrard, ele foi o desleal, seu irmão teve um surto! Enlouqueceu! Venho tentando avisá-lo sobre seu estado, a guerra o deixou assim, não é a primeira vez que um piloto enlouquece dessa forma, ele nem sabia de que lado estava. Com a colaboração do capitão Giraud, seu irmão passou as coordenadas para os *boches* nos destruírem.

– Mas como você ficou sabendo de tudo isso?

– Os *boches* haviam me capturado e aprisionado. Quando Jacques chegou ao local adorou saber disso. Então toda verdade veio á tona.

– Mas porque Jacques veio se colocar em perigo naquele momento tentando me admoestar que os boches estavam vindo?

– Ele caiu em si! Parece que os *boches* o enganaram, mas ele conseguiu escapar deles porque queriam matá-lo. Então resolveu se vingar nos avisando. Pouco antes de você chegar naquele momento e salvar minha vida, Jacques surgiu para acabar com os *boches*, mas foi em vão, eles o exterminaram antes que ele pudesse apertar o gatilho. A última vez que eu o vi, havia rolado num barranco já morto.

Amanhecera e o silêncio foi quebrado por um barulho que incomodou Gerrard – Que rumor é esse Razan?

– Esse barulho deve ser de um avião...

Uma esquadrilha inglesa de bombardeiros, formada por 12 grandes aeronaves *Handley Page* sobrevoava o local, escoltada por caças ingleses *Camel*. Gerrard saiu correndo e gritando:

– Razan, é um esquadrão de bombardeiros, vamos chamar a atenção deles.

O tenente pegou suas tralhas e saiu correndo com Gerrard, acenando seus lenços vermelhos na esperança que pudessem vê-los,



entretanto os caças e os bombardeiros sobrevoaram o lugar sem dar-lhes atenção.

Gerrard prostrou-se no chão e começou a gritar:

– *Mon Dieu!* Voltem! Voltem por favor.

Razan pegou pelo colarinho de Gerrard e começou a alertá-lo que os boches os tinham descoberto. Os alemães começaram a atirar, Gerrard e Razan correram e com muita dificuldade conseguiram se esconder novamente dos boches. Provavelmente as aeronaves iriam bombardear postos avançados alemães e não podiam fazer nada por Gerrard e Razan.

Diante dos fatos eles se entristeceram e começaram a pensar que iriam morrer...

Algum tempo depois ouviram novamente o barulho de aeronaves. Gerrard surgiu na borda da trincheira e avistou os bombardeiros, que agora contavam apenas nove. O capitão pegou o lenço vermelho novamente e disse:

– Vamos Razan, nós temos que tentar.

– *Não* adianta Gerrard, eles não vão nos ajudar, saia daí senão os boches vão nos ver.

– *Não* posso, eu prometi que levaria essa criança viva!

Gerrard saiu correndo e acenando para as aeronaves. Os boches os viram e começaram a persegui-los. Gerrard e Razan tiveram que fugir da trincheira por que os alemães se aproximavam e atiravam neles para matar.

Um caça Camel mergulhou enquanto outros o seguiram, disparando rajadas contra a infantaria alemã. Gerrard e Razan se abaixaram para não serem atingidos. Os camels sobrevoaram várias vezes os infantes inimigos, os bombardeiros Handley também atiravam contra os alemães. Em poucos segundos quase todos os inimigos haviam sido destruídos, mas nenhuma aeronave pousou para resgatá-los. Gerrard começou a gritar:

– *Merda!* *Pilotos* desgraçados! O que adianta matar os alemães e nos deixar aqui para morrer!

Uma enorme aeronave surgiu rasgando as nuvens... No cockpit o atirador dianteiro, numa instalação circular, metralhava os últimos alemães que perseguiam Gerrard. As rajadas das metralhadoras *Lewis* e o barulho dos motores da titânica aeronave provocavam pânico e caos nos infantess alemães que tentavam inutilmente atingi-la. O bombardeiro Handley soltava fumaça num dos motores e foi obrigado a fazer um pouso forçado. Razan e o capitão começaram a correr na direção do avião. Quando eles estavam próximos da aeronave, alguns alemães começaram a aparecer com suas armas. Os dois atiradores que estavam no avião tiveram que disparar e aniquilar os últimos alemães que ali se encontravam.

A aeronave estava avariada e não podia alçar voo. Gerrard entendia um pouco de mecânica e tentou consertar o avião.

Depois de algum tempo conseguiram com que o motor avariado voltasse a funcionar. Gerrard resmoneava sem saber o que fazia de tanta felicidade.

Atendendo ao pedido do capitão Gerrard, encontraram e colocaram no compartimento de bombas o corpo de Claudin. Todos haviam entrado na aeronave, estavam prestes a partir quando Gerrard disse:

– Esperem! Tem um soldado vindo na nossa direção, é mais um sobrevivente!

Razan se contrapôs, dizendo – *Non* vamos esperar ninguém! Vamos embora desse lugar; deve ser mais um maldito *boche*, vamos embora!

Aquele vulto ia se aproximando mais e mais do avião, até cair e desaparecer...

Gerrard não o viu mais, e após alguns minutos decidiram ir embora. O grande bombardeio inglês *Handley* expandia seu ronco, e se preparava para decolar, quando de repente o capitão ouviu algo, como que batendo na asa inferior da aeronave. Decidiu então sair do compartimento de bombas, e para sua terrível surpresa... Viu um homem preso na asa esquerda da aeronave, e já dava para perceber

que não era um homem desconhecido e sim Jacques de Burdêau, irmão de Gerrard de Burdêau e amigo, ou melhor, inimigo de Razan Stocker. Sim, era Jacques que pedia quase sem voz que o socorressem. Percebendo o que acontecia Razan disse:

– Gerrard não dê ouvidos a um traidor! O piloto inglês interferiu:

– Ele pode até ser um traidor, mas não posso deixá-lo, tenho que levá-lo para ser julgado.

Razan falou ao capitão:

– *Monsieur* concorda com isso Gerrard? Daria a mão a um homem desses que, mesmo sendo seu irmão, ajudou a matar todos aqueles *poilus* e depois tentou matá-lo?

Gerrard não respondeu e o tenente disse ao piloto:

– Já que o capitão não quer ajudar o soldado é melhor continuarmos, deixe que ele caia e tenha seu próprio julgamento.

A aeronave deixava o solo, no momento em que Jacques estava quase caindo, apenas alguns centímetros de perder a vida, o único modo de salvá-lo era que alguém lhe esticasse a mão. Ele já não conseguia mais segurar na asa do avião. Gerrard teve uma crise de consciência e, num ato de solidariedade e amor, gritou:

– Não, Jacques! Meu irmão, eu não vou abandoná-lo!

Gerrard debruçou-se sobre a asa da aeronave, esgueirando-se estendeu a mão para o irmão e o puxou. Quando Jacques estava quase se apoiando para entrar no avião, Razan sacou seu facão e gritou: – Nenhum traidor vai entrar nesse avião!

Era a mão esquerda de Jacques que Gerrard segurava, e que num único golpe de facão foi amputada. O avião estava a alguns metros do chão... O tenente Jacques caiu de costas, gritando e agonizando, chocando-se com um buraco de lama fria.

A mão foi brutalmente cortada por um demônio conhecido por Razan Stocker. Em seguida, o satânico gritou com o piloto:

– Desapareça desse lugar agora!

O piloto não hesitou e continuou a pilotar a aeronave que ainda soltava muita fumaça. Naquele momento Gerrard acertou uma

pesada na arma de Razan. Os dois iniciaram uma briga. O capitão conseguiu render o tenente, ia jogá-lo do avião...

– Olha só o que você fez! – condenou Gerrard.

E mostrou a sua mão. Quando a mão de Jacques foi cortada, concentrou uma força tão grande que quase esmagou o côncavo da mão de Gerrard.

– Olha só a mão do meu irmão, seu desgraçado!

Razan argumentou;

– Ele morreu Gerrard, esqueça. Ninguém sobreviveria à altura que ele caiu. *Monsieur* quer mais derramamento de sangue? Vá em frente, jogue-me lá em baixo, jogue! *Monsieur* é o maioral? Faça isso, mate-me!

Gerrard não teve coragem. Apenas guardou a mão cortada de Jacques e ficou escorado num canto do compartimento de bombas, abraçado a Richard, mas ele jamais esqueceria os olhos azuis de Jacques, o modo como ele o fitou foi imortalizado, um olhar de despedida, sabia que jamais iria ver seu querido irmão novamente. A única coisa que sobrou do irmão foi a mão cortada. Daquele momento em diante a amizade de Gerrard e Razan parecia ter sido destruída para sempre.

O bombardeiro voava a mil metros de altitude a 70 Km/h. O piloto avisou que fariam um pouso forçado perto de *Champagne*.

Finalmente Gerrard desvaneceu daquele lugar tenebroso onde viu a morte passar por ele várias vezes. Em certos momentos chegou a pensar que estava morto. Ele não era mais o mesmo. Era como se tivesse assinado seu próprio atestado de óbito. Quanto a Richard, parecia que não resistiria à morte. Gerrard orava para que sobrevivesse...

Logo a aeronave pousou violentamente, perdendo as rodas, mas felizmente todos saíram vivos. Alguns soldados americanos se aproximaram para prestar auxílio. Em pouco tempo uma viatura da Cruz Vermelha chegou. Um anjo de uniforme branco tomou Richard dos braços de Gerrard, que estava meio tonto, não sabia se estava vivo

ou morto.

Roxanne Mondevoir Saron era Enfermeira-chefe da Cruz Vermelha, uma bela jovem americana de vinte e cinco anos. Era a mulher mais maravilhosa que os olhos de Gerrard puderam contemplar; loira, pele rosada, cabelos longos e encaracolados, de olhos mais azuis do que o céu. A enfermeira era responsável por um hospital de oficiais que estava situado perto do local onde o bombardeiro havia pousado. Ela cuidou do bebê e dos sobreviventes.

Depois de receberem os primeiros socorros, Gerrard e Razan foram enviados para Paris. Naquela viagem de volta, o capitão pensou em Roxanne, mas seu coração já pertencia a outra mulher, ou seja; Elisabeth. Ele estava ansioso para encontrar e abraçar sua noiva fortemente. Tirou a foto dela do bolso e ficou olhando durante a viagem. Com o caminhão que transportava Gerrard, seguiam-no vários outros que também carregavam soldados feridos.

Muitas pessoas esperavam os grandes guerreiros, os seus heróis de guerra. Entoavam a *Marselhesa* (*hino nacional francês*) e balançavam bandeirinhas francesas provocando muito barulho. Esperavam por seus filhos, maridos, irmãos e amigos. No semblante daquelas pessoas se podiam ver alegrias e também tristezas; otimismo pelos que voltaram e o angustiante choro daqueles cujos filhos, irmãos e maridos morreram numa guerra feita de lama e sangue.

Os familiares de Gerrard e Razan não estavam esperando-lhes. O tenente Razan nascera em Marrocos, não tinha parentes, perdera os pais quando tinha apenas oito anos, vivendo nas ruas e orfanatos até se alistar no exército e mais tarde fazer carreira na **Militaire Aeronáutica** (*Força Aérea Francesa*), era um plebeu que sonhava ser rico e respeitado. Quanto a Gerrard; provinha de uma tradicional família aristocrata do Império do Vinho no *Vale do Loire*.

O último caminhão da Cruz Vermelha a chegar foi o que trazia Gerrard e seu pessoal. Primeiro desceu o motorista, em seguida Razan e Gerrard, que vinha com a criança no colo. Logo após

chegaram macas para socorrerem os feridos. Empunhando uma delas estava a garbosa Roxanne Mondevoir Saron, que acabara de chegar de *Champagne* com a *Cruz Vermelha*. Ela esperava pelo seu doente preferido, estava linda no uniforme branco de enfermeira. Caminhava com uma bandeirinha francesa e a ofereceu a Gerrard, que em seguida beijou-lhe a mão e disse:

– *Mademoiselle*, se meu coração não tivesse sido fogado por minha noiva Elisabeth, eu juro que você teria conseguido foga-lo neste momento.

Ela enrubesceu... Gerrard estava com Richard nos braços que se mantinha em silêncio. Roxanne perguntou:

– Foi *Monsieur* quem pediu minha transferência para Paris?

– *Oui*, para que possa cuidar de mim e do bebê.

– Tudo bem. O menino está melhor?

– *Oui*, graças a você sobreviveu. Esse anjinho conseguiu, ao meu lado, sair daquele inferno.

Roxanne pegou a criança no colo e disse: – Eu cuido dele agora, cuidarei como se fosse meu filho.

Em seguida foram conduzidos ao hospital, onde dezenas de pessoas prestavam reverências aos dois guerreiros, ao capitão e tenente. Homenageavam os representantes de um grupo de cinquenta homens, em que cada um abateu mais de cinco soldados alemães, isso era considerado uma proeza.

No hospital, Razan passava muito mal. Os ferimentos das balas que perfuraram seu ombro estavam infeccionados. Gerrard bradava de dor. Os dois guerreiros ficaram com várias partes do corpo enfaixadas.

Richard estava sendo muito bem medicado e alimentado, finalmente estava fora de perigo de morte, embora ainda muito debilitado e doente. A sua mãozinha havia sido fraturada devido a algum tombo. Em piores condições estavam Razan e Gerrard. Eles teriam que ficar pelo menos um mês em repouso.

Gerrard e Razan seriam homenageados em uma comemoração

onde receberiam a *Cruz de Guerra*. Estava sendo cogitado um baile aos pilotos Aliados, para comemorar as recentes vitórias. Nesses bailes era lei, todos tinham que ir acompanhados de uma dama. Era simples, pois até a moça mais linda dançaria com um piloto mesmo que não fosse tão conhecido. Era motivo de orgulho para elas e o grande sonho de suas vidas. Os pilotos eram os ídolos do momento, qualquer mulher queria estar acompanhada e até mesmo se casar com um desses rapazes. Alguns pilotos ficaram muito famosos, quem saísse ileso daquela guerra e conseguisse vencer seus traumas se daria muito bem na vida. Mas, enquanto isso se ouvia os prantos rancorosos daqueles que, com a dor da saudade, recordavam-se de seus amigos e parentes mortos naquela guerra dissaborida que durava quatro anos.

Dentro de algumas semanas Gerrard seria liberado do hospital, e estaria pronto para voltar ao front, a guerra insistia em continuar...

A americana Roxanne, da Cruz Vermelha, que prestava serviços para o Exército americano, era a funcionária mais bela de todas; era a mulher que qualquer general, coronel ou soldado gostaria de ter ao seu lado, fosse como esposa ou namorada. Mas o coração de Roxanne estava totalmente vendido, perdido pelo capitão Gerrard. O cargo de Roxanne na Cruz Vermelha era difícil, mas a vida lhe fez Enfermeira-chefe. O diploma médico era dificultado para as mulheres, sua mãe era francesa e havia morrido precocemente, ela fora educada nos Estados Unidos pelo pai, um respeitado cirurgião americano que tinha ascendência judaica. A jovem viveu entre hospitais e feridos sendo obrigada a aprender a profissão. Quando o pai faleceu em 1917, num bombardeio no *Aisne*, ela se viu obrigada a ocupar o lugar dele já como Enfermeira-chefe, realizando inclusive várias cirurgias devido à escassez de médicos habilitados. Isso lhe custou um preconceito machista francês, no qual passou a ser mal vista pela sociedade, mas nas trincheiras, entre soldados e feridos o seu cargo a deixava à margem, era respeitada.

Dois dias depois, Roxanne surgiu no quarto de Gerrard: – Capitão tem uma certa Madame Francine Ormond, querendo vê-lo, devo deixá-la entrar?

Por alguns segundos Gerrard ficou sem saber o que dizer, não imaginava que a cortesã Madame Ormond aparecesse, muitos a chamavam “*Madame Alfazema*” por causa de seus lindos olhos azul-alfazema. Gerrard acabou autorizando sua visita. Ela entrou magnificamente linda; branca como a neve, estatura mediana, corpo e seios belos, cabelos pretos e compridos; trajava um vestido preto, chapéu vermelho, maquiagem carregada, um perfume fortíssimo de alfazema (sua marca pessoal) que dominava todo o recinto. A beldade desfilava com uma piteira preta soltando baforadas de fumaça.

Roxanne pediu a ela que apagasse o cigarro, Ormond atendeu ao pedido com expressão esnobe e dirigiu-se a Gerrard beijando-o.

– *Bon Jour mon cheri.*

– *Bon Jour Francine.*

– E o nosso Jacques?

– Eu não quero falar sobre isso.

– Navarre e Nungesser estão esperando para entrar, posso chamá-los?

– Com certeza, estou morrendo de saudades. Assim que eles entrarem você vai embora, é melhor não ficar por perto.

– Está apaixonado pela enfermeira americana! Posso ver nos seus olhos, não tem problema, é para os meus braços que você sempre volta, sempre foi assim, não vai ser agora que as coisas vão mudar, e quando você se cansar das suas aventuras amorosas, eu estarei de braços abertos para lhe consolar, só eu lhe conheço como nenhuma outra mulher, só eu... *Au revoir mon cheri.*

Ela lançou-lhe um beijo e partiu. Os aviadores **Jean Navarre** e **Charles Nungesser** adentraram o quarto, Nungesser se locomovia numa cadeira de rodas quando Gerrard perguntou:

– Como vai *mon ami*?



– Vejo que nós estamos na mesma condição, mas pelo menos eu ainda estou voando – risos.

– E você como vai Navarre? – perguntou Gerrard.

– Ainda estou naquele asilo para doentes, hoje me deixaram sair para visitá-lo.

Todos se abraçaram – Navarre disse: – *Monsieur* não devia ter tratado Francine daquela maneira, ela é sua amiga.

– Isso eu resolvo depois, mas agora vamos às notícias?

– Estão tentando me impedir de voar – respondeu Nungesser.

– *Monsieur* não muda mesmo, quando é que vai tomar juízo, não consegue andar, tem que ser colocado na aeronave com ajuda e ainda assim insiste em voar e derrubar alguns inimigos.

– Quantas vezes for preciso receber ajuda para entrar no meu avião e cumprir o meu dever, eu o farei, ainda tenho muitos boches para derrubar, e além do mais **René Fonck** está me ultrapassando nos abates, isso eu não posso aceitar.

– *Mon ami*, esqueça Fonck, não vale a pena, ele só ataca os inimigos pela retaguarda, nunca será um cavaleiro das nuvens como nós, *monsieur* é inigualável, mas já fez sua parte, não abuse da sorte, seu avião caiu várias vezes e você não morreu, precisa se cuidar senão vai ficar aleijado de vez, ou pior, poderá perder a vida.

– Eu sei me cuidar.

– Estou muito feliz em tê-los aqui num momento tão difícil para mim. E você Navarre não conta as novas?

– E Jacques?

– Prefiro não falar sobre isso.

– Tudo bem.

– Me fale logo sobre você.

– Estou melhor, o pânico já não toma conta de mim como antes.

– Eu posso compreender sua dor, eu também perdi meu irmão e não consigo recuperar-me e não sei se algum dia irei, a única lembrança que me sobrou foi a mão dele que eu mandei embalsamar.

– Os dias gloriosos de 1916 nunca voltarão, após a morte do meu

irmão e do meu acidente, eu nunca mais fui o mesmo, está guerra acabou com todos nós, eu sou um fracassado, uma vergonha nacional.

– Não diga isso Navarre, não deixe o mal tomar conta de você, não se esqueça de que sempre será um herói nacional, você é a **“Sentinela de Verdun”** os nossos poilus jamais esquecerão o seu Nieuport vermelho sobrevoando as trincheiras em Verdun, metralhando os boches e destruindo seus aviões.

– Você soube o que aconteceu com seu arquiinimigo? – perguntou Navarre.

– Rudolph Berthold?

– *Oui*. Ele derrubou dois bombardeiros ingleses, mas acabou colidindo com a segunda vítima e seu caça caiu batendo em uma casa.

– Ele sobreviveu?

– *Oui*.

– Esse desgraçado não morre mesmo – Esbravejou Nungesser.

– Mas o acidente foi feio, parece que ficou aleijado – Acrescentou Navarre.

– É uma pena. Eu mesmo queria tê-lo derrubado – Desabafou Nungesser.

– Tenho uma carta para você Gerrard – informou Navarre.

– Carta?

– *Oui*, um amigo me entregou antes que caísse nas mãos do Comando Aéreo.

– Quem é o remetente? – perguntou Gerrard.

– A carta está escrita em alemão, não tinha remetente, foi entregue por um mensageiro na base do Comando Aéreo, tive que abri-la para saber de quem era. A mensagem é de Ernst Udet!

– O que! Aquele boche maldito teve a audácia de escrever para Gerrard – repreendeu Nungesser.

– Eu vou ler a carta – interrompeu Gerrard.

## *Ao Capitão Gerrard de Burdêau.*

*O dia 03 de julho não foi vitorioso para mim, pois avistei os Irmãos Cegonha sendo atacados pelas antiaéreas alemãs. Observei quando seu irmão Jacques foi atingido e caiu nas linhas aliadas. A Jasta 4 que eu comandava logo se lançou sobre você Gerrard, eu precisava fazer alguma coisa antes que o matassem, então mergulhei sobre seu avião disparando na cauda para provocar uma queda, sei que consegui preservar sua vida. Não me esqueci de que somos inimigos, estou apenas retribuindo o que seu camarada Georges Guynemer fez por mim, quando teve a chance de me matar em 1917 e não o fez. Estou de licença em Munique, em breve voltarei para a front. Caro capitão Gerrard, assim que terminar de ler essa carta queime-a, não quero ser acusado de traição por confraternizar com o inimigo.*

*Tenente Ernst Udet.*

Em seguida Gerrard destruiu a carta, despediu-se de Nungesser e Navarre prometendo revê-los em breve.

Roxanne trouxe Richard para Gerrard passar um tempo com ele. Pai e filho ficaram brincando um bom tempo sobre a letícula. A criança era linda, os seus olhos azuis se confundiam com o céu. Parecia que com o bebê próximo, Gerrard ficava mais eufórico. Aquele velho coração guerreiro se alegrava para a vida, tentava viver de novo. Gerrard não conseguia deixar de pensar em Jacques, que lhe parecia um homem cingido de benevolência, uma pessoa flamejante de bondade que, de repente, se insurgira com violência. O capitão refletia por que seu irmão teria feito uma coisa daquelas. O seu próprio irmão, um amigo tão bom. O que havia passado na sua cabeça para fazer aquelas atrocidades? Teria ficado louco?

Mais tarde, no quarto Roxanne perguntava a Gerrard:

– Como está, *my boy*?

– Estou bem melhor.

– Meu herói, precisamos ter uma conversa seríssima. Eu tenho uma notícia e não é agradável. Na verdade é uma tragédia.

– O que aconteceu? Conte-me Roxanne, nada mais me assusta, mais nada eu temo, hoje eu sou só o vazio que resta.

– É sobre sua noiva Elisabeth.

– O que aconteceu com ela?

– *Monsieur* tem que ser forte.

– Fale logo!

– O irmão dela, o seu primo François foi perseguido pelos alemães, mas conseguiu fugir, esteve em Paris trazendo tristes notícias. Os alemães não se contentaram em ficar nas vilas e invadiram as propriedades rurais nos *Vosgues*, a fazenda onde a família de sua mãe mora, perto de *Guebwiller* foi saqueada.

– *Saint Dieu!* Eu deixei Elise nas montanhas por que achei que estivesse mais segura do que em Paris.

– Pois se enganou, muita gente morreu, a região ainda pertence aos alemães. Não querem perder a *Alsácia*. Quando os alemães invadiram a fazenda, Elisabeth e François reagiram, ela acabou perseguida e François conseguiu fugir. Sua tia Carmel foi obrigada a cuidar e alimentar os alemães, suas terras serviram de acampamento para o Exército alemão. Não encontraram o corpo de Elisabeth, mas ela deve estar morta. A última vez que a viram estava com uma espingarda enfrentando os *boches* com unhas e dentes, deve ter morrido como uma heroína! Pobre moça! A tragédia se deu depois que enviaram uma carta á ela, em nome da Militaire Aeronáutica, em que se lia:

Paris, 22 de julho de 1918.

Infelizmente o capitão Gerrard de Burdêau foi morto em ação, seja forte mademoiselle Elisabeth. Meus pêsames.

Militaire Aeronautique - Comandante Brocard

– E Françoise?

– Sumiu, ninguém sabe... *Excusa-me*, eu sinto muito, Gerrard!

Os olhos daquele homem flamejaram-se como se jorrasse fogo deles, como se tivessem sido torrados no inferno. Ele começou a gritar e a chorar:

– Não! Primeiro meu irmão, agora a mulher que eu mais amava, desgraça! Maldição! Eu não tenho mais ninguém, a vida não me importa, eu não quero ficar sozinho! Não pode ser! Eu fiquei dias entrincheirado no Marne a custo de nada!

E Gerrard encolhia-se ao lado da letícula e continuava a dizer:

– Eu não quero ficar sozinho não!

– *Monsieur* tem a Richard e a mim. Não fique assim, eu sempre ficarei ao seu lado. Não diga tolices.

Ela o abraçou fortemente tentando apaziguá-lo. Aquela noite não seria fácil para ninguém, ainda mais agora com a notícia recente de que Elisabeth estava morta...

### *Enquanto isso...*

*No inferno, no lugar mais enchumado de lama e sangue, no local mais inacessível, onde até a própria morte havia rondado Gerrard, alguém murmurava laconicamente, transtornado...*

*Lá estava um homem do mesmo sangue de Gerrard, saído do mesmo ventre, em outras palavras, lá estava ele, Jacques de Burdêau, tão jovem,*

*apenas vinte e cinco anos, que se rastejava de dor na lama como um verme repugnante, e murmurava:*

***– Razan, eu voltarei! Não importa quanto tempo passe, mas eu me vingarei!***

*A voz saía rouca, quase desvanecendo, provavelmente estava morrendo. Num último impulso, ele desapareceu num buraco encharcado de lama, ensanguentado, desarrumado, desgraçado por um demônio em forma humana: Razan Stocker.*

*E então seus olhos se apagaram...*

# IV

## 1914 – O ESTOPIM



VS.



**“O ESTUDANTE SÉRVIO CONTRA O ARQUIDUQUE DA AUSTRIA-HUNGRIA. QUE CHANCE O INTRÉPIDO JOVEM TERIA?**

**NA VERDADE NENHUMA CHANCE. O ATRAPALHADO GRUPO DE ESTUDANTES COMETEU UM ERRO ATRÁS DO OUTRO, MAS O DESTINO, OU AS TREVAS QUERIAM QUE GAVRILO PRINCIP ANIQUILISSE FRANCISCO FERDINANDO PARA COMEÇAR UMA GUERRA. A MAIS MORTAL, A MAIS TENEBROSA, A MAIS DESTRUTÍVEL DE TODAS...**

**NEM AS LÁGRIMAS, O SOFRIMENTO, A FOME, O DESESPERO, E MUITO MENOS O SANGUE E A CARNICIFINA PUDERAM CALAR A MAIS TERRÍVEL GUERRA QUE O MUNDO JÁ HAVIA VIVIDO.**

**D**urante a madrugada no hospital, o capitão Gerrard de Burdêau era acometido por pesadelos terríveis. A guerra queria sair, precisava ser trazida de volta...

Em 1914, os ânimos estavam tão acirrados que o menor incidente lançaria a Alemanha, que formava aliança com a Áustria-Hungria e Império Turco-Otomano contra a coalizão (França - Inglaterra - Rússia - Sérvia).

Eram de dez horas da manhã de 28 de junho, quando o arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa, a duquesa Sofia de Hohenberg chegaram à estação de trem de Sarajevo, capital da Bósnia. O casal seguiu em comitiva oficial até a prefeitura, o arquiduque era sobrinho do imperador Francisco José Habsburgo e herdeiro do Império Austro-Húngaro. A família Habsburgo reinava no trono austríaco desde 1279, originários da Suíça, se mantiveram tanto tempo no poder graças às uniões matrimoniais com as famílias poderosas da Europa.

O dia 28 de junho não era uma boa data para que Ferdinando visitasse Sarajevo, pois esse dia macabro era a data do aniversário da derrota dos sérvios contra os turcos em 1389, essa derrota deu início ao sofrimento e a luta contra invasores estrangeiros. Francisco Ferdinando foi alertado dos rumores de um atentado em Sarajevo, não se importou e percorreu a cidade num carro aberto. Um homem pertencente a “Sociedade Mão Negra” de nome Muhamed Mehmedbasic estava com uma bomba, mas um policial o observava, ele não atirou a bomba. Às 10h10, quando a comitiva passava em frente à estação policial, Nedjelko Cabrinovic jogou uma granada na direção do carro do arquiduque. Por sorte a bomba atingiu o automóvel que vinha atrás, ferindo dois passageiros e 12 pedestres. Confiante do sucesso, Cabrinovic engoliu cianureto e se atirou no rio, mas não morreu e foi preso. A velocidade dos carros no restante do trajeto impediu os outros três terroristas de agirem. A comitiva se



dirigia para a prefeitura cumprindo a agenda oficial. Ao saber da situação dos feridos pelo ataque, o arquiduque insistiu em visitá-los no hospital. O general Oskar Potiorek responsável pela segurança dos visitantes garantiu que o trajeto era seguro, alegando que Sarajevo não estava cheia de assassinos.

Para evitar o centro da cidade, Potiorek traçou uma rota alternativa. Só que ele se esqueceu de avisar o motorista de Ferdinando, que seguiu o caminho original. Parecia que forças ocultas do mal queriam arrumar um pretexto para começar uma guerra. O erro foi fatal... Sem aparelhos de comunicação, os terroristas não sabiam do desenvolvimento do plano e, por isso, continuavam atentos... O automóvel negro seguiu precedido pela cavalaria, a multidão apreciava o cortejo, mas Gavrilo Princip que tomava um café na rua deu de frente com o carro negro, uma forte explosão de granada assustou as montarias, dois jovens saltaram á frente do carro, um deles Gavrilo Princip subiu no para-lama do veiculo e disparou dois tiros. Eram 11h30 quando o primeiro disparo fatal acertou Sofia, supostamente grávida, no estômago. O segundo tiro atingiu o pescoço de Francisco Ferdinando. Tumulto, gritos e desordem. Os guardas que acompanhavam prenderam Gavrilo Princip.

O príncipe herdeiro do Império Austro-húngaro e sua esposa, a duquesa Sofia de Hohenberg estavam mortos. Por pouco o plano não foi um fracasso total. Inexperientes, os três jovens sérvios, Gavrilo Princip, Nedjelko Cabrinovic e Trifko Grabez quase colocaram tudo a perder, mas a trapalhada da segurança colocou Gavrilo de frente com seu alvo. A sociedade “Mão Negra” que organizara o atentado não havia aceitado a anexação da Bósnia ao Império Austro-Húngaro em 1908, então em 1914 contratou o trio de sérvios para matar o arquiduque. Após o assassinato os homicidas deveriam cometer suicídio com cianureto. Eles foram escolhidos porque já estavam condenados à morte pela tuberculose, não tinham o que perder. No total, oito homens foram presos. Princip foi condenado á pena máxima: 20 anos de prisão, viveu o suficiente para ver que seu ato

havia provocado a maior guerra de todos os tempos...

O assassinato do arquiduque assumiu proporções mundiais, as principais nações europeias estavam ligadas por tratados que estendiam seus domínios por todos os continentes através de colônias. A expansão colonial europeia nos continentes africano e asiático, e um nacionalismo belicoso foram os fatores responsáveis pelo choque entre as potências cujo desfecho foi a Grande Guerra. O assassinato do arquiduque Ferdinando foi a causa imediata da guerra, a mais mortífera que o mundo conheceu até então. O velho imperador Francisco José não aceitou o ultraje e se preparou para a guerra. A investida de oficiais sérvios no complô dos estudantes serviu de pretexto para que a Áustria- Hungria acertasse suas contas com a Sérvia, seu principal adversário nos Bálcãs. A diplomacia poderia evitar a guerra, como evitou outras no passado, mas as crises que foram sanadas por diplomatas envolveram apenas assuntos de interesse nacional, mas com o assassinato do arquiduque nenhuma diplomacia seria capaz de evitar a guerra. A honra e o prestígio dos austríacos foram terrivelmente atingidos, ou seja, **“Do Orgulho Nasceu a Guerra”**.

Os austríacos solicitaram uma série de exigências contra a Sérvia, se ela se negasse, a Áustria iria a guerra. No início a Sérvia até que aceitou todas as exigências, mas acabou sendo encorajada pela aliada Rússia a não ceder, e que se fosse preciso o czar Nicolau movimentaria seus exércitos contra os austríacos. Diante da ameaça russa, o imperador Francisco José manteve cautela, e alguns dias depois convenceu o Império Alemão a apoiá-lo caso fosse necessário. Talvez os alemães pudessem evitar a guerra, mas as notícias da mobilização geral da Rússia gerou o ultimato alemão contra os russos, para que não se metessem no problema entre a Sérvia e a Áustria, era melhor que a guerra ficasse apenas entre eles. O kaiser alemão Guilherme advertiu a França para que também não acudisse o aliado sérvio. Uma catástrofe levou a outra catástrofe, se os russos não se metessem a ajudar os sérvios, e se os alemães tirassem

o ultimato contra os russos, a guerra poderia ser evitada. Tudo não passou de orgulho, ninguém queria ceder.

No dia 28 de Julho, o imperador Francisco José encorajado pelos alemães declarou guerra à Sérvia, e a Turquia pediu formalmente à Alemanha a efetivação de uma aliança secreta, ofensiva e defensiva, que entraria em vigor no caso de qualquer das partes entrarem em conflito com a Rússia. No mesmo dia, a oferta foi recebida em Berlim, aceita e uma minuta do tratado, assinado pelo chanceler, foi telegrafada para Constantinopla. No último instante os turcos estavam prestes a dar o passo final para a guerra, só precisavam de um bom motivo. A Inglaterra proporcionou-lhes o motivo ao apoderar-se de dois cruzadores turcos que estavam sendo construídos, sob contrato, em estaleiros ingleses.

A guerra começava trinta dias após o assassinato do arquiduque, que buscando esfriar os ânimos da região havia viajado à Sarajevo, para anunciar a formação de uma monarquia tríplice (austro-húngaro-eslava), elevando teoricamente a Bósnia e a Herzegovina ao mesmo nível de importância da Áustria, mas os sérvios haviam planejado frustrar o projeto austríaco, que resultou na morte do arquiduque. Esse choque colocava alianças eslavas que traziam a Rússia para o conflito contra alianças germânicas, que traziam a Alemanha junto à Áustria.

No dia 1º de agosto, em resposta a pedidos urgentes dos franceses para salvar o Canal da Mancha, a Grã-Bretanha decretou a mobilização total da esquadra. Mas o Gabinete de Guerra ainda não estava preparado para recorrer ao exército. O rei George (Grã-Bretanha) e o czar Nicolau (Rússia) eram primos em primeiro grau do kaiser Guilherme (Alemanha), mas isso não impediu que se engalfinhassem. Milhões de jovens europeus haviam-se apresentado aos seus depósitos regimentais. Cinco grandes exércitos estavam sendo formados na França e oito na Alemanha, um deles, o 8º estava concentrando-se na Prússia

Oriental, onde deveriam impedir o caminho da Rússia para Berlim. Os outros sete dirigiam-se para suas posições localizadas na fronteira ocidental para enfrentar a França.

O Império Austro-Húngaro fez rolar a grande ofensiva e nada mais poderia cessá-la. A Alemanha declarou guerra à Rússia, aliada à Sérvia e à França. Os germânicos também entrariam em guerra contra os franceses, usando o pretexto de que aviadores franceses haviam invadido o espaço aéreo alemão. A França e a Alemanha tinham contas a acertar desde a Guerra Franco-Prussiana. O estrategema alemão consistia em acabar com os franceses em 40 dias, e em seguida também destruir a Rússia. O plano do estrategista alemão von Schlieffen deveria ser colocado em prática com o movimento das forças alemãs pelo norte da França. O próprio Schlieffen salientava que “*O último homem da ala direita esbarrar no Canal da Mancha, o longo braço alemão faria a curva para o sul, rumo a Paris*”. Os franceses seriam então destruídos, Paris conquistada e a guerra terminada. Infelizmente Schlieffen morreu antes de ver seu plano em prática. A passagem através da Bélgica era importantíssima para uma vitória rápida e final. Os alemães aconselharam o rei Alberto a não atrapalhar a passagem do Exército alemão pela Bélgica, caso contrário as retaliações seriam terríveis. Mas mesmo sobre fortes ameaças, Alberto decidiu resistir.

Por causa da negativa de ultimato, na noite de 04 de agosto de 1914, os alemães invadiram Visé, pequena aldeia belga, incendiando suas edificações, fuzilando e prendendo camponeses. A neutralidade Belga foi violada, determinando a participação da Inglaterra ao lado da França.

Às 11 horas da noite de 04 de agosto, a Inglaterra aliada da Bélgica havia se aliado a França declarando guerra à Alemanha...

No dia 05 de agosto os inimigos encontraram-se pela primeira vez, na foz do rio Tâmis: o cruzador inglês “Anfion” afundou um navio porta minas alemão. Os alemães começaram a massacrar os belgas: estupravam as mulheres, queimavam as vilas, fuzilavam civis e

realizavam muita pilhagem, mas mesmo assim a Bélgica continuava resistindo, a cavalaria e infantaria alemãs tiveram o avanço impedido e os enormes morteiros Skoda e Krupp foram enviados para as defesas dos fortes de Liège, mas os soldados reagiram ferozmente e as baixas alemãs aumentaram, esse atraso foi fatal para os alemães, pois eles não podiam perder tempo, caso contrário não conseguiria alcançar a fronteira francesa e massacrar os franceses rapidamente. Foram então usados bombardeios com os enormes dirigíveis Zepelim e canhões de assalto para romper a linha, a fronteira belga estava mal protegida. As casamatas e o equipamento bélico das fortificações de Liège tinham pelo menos dez anos de atraso em relação aos modernos instrumentos de defesa. Ainda assim Liège resistia. No dia 06 de agosto, o general Erich Ludendorff tomou a ofensiva e conduziu os alemães até uma elevação que lhes permitiu visualizar Liège de perto e exigiu que o comandante que protegia a cidade se rendesse, mas isso não aconteceu. No dia 07 Ludendorff rompeu com a estagnação e lançou um ataque no centro de Liège que provocou a fuga do comandante belga que se refugiou no Forte Concin. Ludendorff simplesmente bateu com o cabo de sua espada nas portas da cidade e obrigou os defensores de Liège a rendição, o que ocorreu sem resistência nenhuma. No dia 16 de agosto os últimos dois fortes de Liège se renderam sem luta. Os canhões alemães e os Zepelins foram então levados para os fortes de Namur onde se saíram vitoriosos no dia 24 de agosto.

No dia 25 os alemães invadiram a cidade de Louvain (capital da cultura belga), queimaram e destruíram a Biblioteca da Universidade de Louvain que continha vários manuscritos antigos e os primeiros livros impressos da história, 230 mil livros valiosíssimos viraram cinzas. Mil outros prédios foram destruídos, 200 civis foram assassinados, e a população com mais de 40 mil habitantes que fugiram em pânico, foi expulsa da cidade. Depois da queda dos grandes fortes de Liège e Namur, o exército belga fugiu numa debandada terrível no meio dos civis que corriam desesperados para

a fronteira francesa, eles temiam as atrocidades cometidas pelos alemães. Depois das primeiras derrotas, o rei Alberto foi empurrado com o resto do seu exército até Antuérpia que foi sistematicamente pulverizada pelos canhões alemães. No dia 20 de agosto, Bruxelas foi conquistada, o exército alemão era tão grande (dois milhões de homens) que demorou três dias para atravessar a cidade. Alberto liderou então o que restava de seu exército (60 mil homens) e recuaram até a região do rio Yser, perto de Ypres, que se tornou a única cidade importante que ainda não havia caído em mãos alemãs.

O caminho para a invasão da França estava aberto, mas a resistência belga atrasou o Plano Schlieffen, e isso para os alemães foi uma catástrofe, tudo dependia do avanço relâmpago. O atraso dos inimigos alemães com relação ao plano Schlieffen era a grande chance de a França reagir... Entretanto, o marechal Joffre, comandante das tropas francesas não reforçou a guarda na fronteira, deixando o caminho livre para os alemães, ou Joffre era louco, ou tinha um plano miraculoso para destruir os germânicos. O marechal Joffre não era louco, ele realmente tinha um plano - O Plano 17 - que começou a ser planejado em 1900. O trunfo da tática francesa estava na chamada ' Ofensiva em Excesso ' para os franceses, a falta de espírito ofensivo foi o principal culpado pela derrota na Guerra Franco-Prussiana (1870-71).

O Plano 17 consistia em realizar a investida pela fronteira sul da Alemanha, se tudo corresse como planejado, o primeiro território conquistado seria a Alsácia-Lorena, perdida no conflito da guerra de 1871. Quando começaram a chegar as primeiras notícias de que forças germânicas tinham invadido a Bélgica, o marechal Joffre comemorou, acreditando ser melhor para os franceses, imaginando um enfraquecimento dos alemães no sul, e com isso o Plano 17 tinha tudo para dar certo e acabar com os alemães de uma vez por todas.

Enquanto o exército alemão rechaçava os belgas, os franceses iniciaram o Plano 17, atacando os germânicos pela Alsácia-Lorena.

O capitão Gerrard de Burdêau, seu irmão Jacques, e o amigo Razan

faziam parte de um Regimento de Cavalaria (nessa época ainda não eram aviadores), estavam posicionados para conquistar a Alsácia-Lorena, confiantes na grande virada francesa. A ofensiva gaulesa estava baseada em técnicas ultrapassadas, e marcharam empunhando suas espadas e baionetas, vestindo seus antigos uniformes de cores vivas, tudo foi um desastre... As mortíferas metralhadoras alemãs despedaçaram os franceses, foram totalmente destruídos, poucos sobreviveram. Milagrosamente, entre esses poucos estavam Gerrard, Jacques e Razan. O Plano 17 foi um desastre total.

O general Lanrenzac, comandante do 5º Exército francês, responsável por defender a fronteira francesa com a Bélgica, desesperou-se, farejando o desastre, implorou por mais tropas, mas Joffre respondeu a Lanrenzac que os germânicos não tinham nenhuma surpresa preparada na região, a teimosia de Joffre os levou a derrota. As esperanças de Lanrenzac caíram então sobre o Corpo Expedicionário Inglês, que havia desembarcado dia 14 de agosto em Boulogne, com 80 mil soldados, Lanrenzac acreditava na sua última esperança, de que agindo junto com os ingleses, poderiam pelo menos atrasar o poderoso exército alemão. Infelizmente os alemães destruíram a tropa do general Lanrenzac, no dia 22, na batalha do rio Sambre. Lanrenzac acabou recuando para não perder o resto do seu exército, e pelo seu recuo acabou sendo demitido pelo marechal Joffre, que o acusou de covardia.

Ao invadir a França, os alemães massacravam os civis, vinham como gafanhotos, tiravam tudo, as mulheres eram forçadas a serem amantes. As crianças, os jovens e muitas mulheres foram enviados para campos de trabalhos forçados. A comida, a bebida e os bens eram roubados; os velhos, os doentes e muitas crianças passavam fome, os boches tomavam suas roupas, queimavam suas casas e fuzilavam inocentes.

Os russos haviam invadido a Prússia e vencido na Batalha de Gumbinnen. O general russo Samsonov alcançara a fronteira prussiana, suas tropas estavam exaustas e famintas, seus transportes incompletos e os serviços de suprimento praticamente não existiam. Sua chegada foi vista pelo 20º Corpo germânico do comandante da Prússia Oriental Max von Prittwitz, que entrou em pânico. Prittwitz abalado com a ação em Gumbinnen e com medo de ser cercado, reuniu dois dos seus homens de Estado-Maior, o general Grünert e o Tenente-coronel Max Hoffmann, para ordenar uma retirada para o rio Vístula. Grünert e Hoffmann protestaram, argumentando que a vitória russa em Gumbinnen deveria ser totalmente rechaçada enquanto houvesse tempo. Quando o marechal Helmuth von Moltke (Chefe geral do Estado Maior da Alemanha) recebeu estas notícias, chamou Prittwitz e seu ajudante von Waldersee para Berlim e ambos foram exonerados e substituídos pelo general Paul von Hindenburg - que retornou da sua aposentadoria aos 66 anos - e pelo general Erich Ludendorff que lutara na Bélgica. Hindenburg suspendeu imediatamente a ordem de retirada de Prittwitz e autorizou o plano do coronel Hoffmann para destruir os russos. A maior parte do exército do Czar comandada pelo general Samsonov, foi atraída para uma armadilha e cercada pelos alemães, muitos russos saíram em debandada, parte de uma divisão foi encurralada contra o Lago Bössau e, em pânico, grande número de soldados morreu afogado. Deste cerco nasceu a lenda de que Hindenburg pressionara o exército de Samsonov para os lagos e pântanos, afogando milhares.

A verdadeira crise da batalha ocorreu no dia 27 de agosto. O comandante alemão François abriu uma barragem contra as posições da ala esquerda russa, próxima a Usdau. As tropas do czar, famintas e exaustas, não puderam suportar o violento bombardeio e debandaram, sem chegar a entrar em contato com a infantaria alemã. François, então ordenou a perseguição em direção a Neidenburg. Pelo anoitecer do dia 29, as tropas de François ocuparam a linha



Neidenburg-Willenburg, montando uma rede entrincheirada que formava uma barricada contra a linha de retirada dos russos, que começavam a retirar-se, perdendo-se nas florestas. Com sua retaguarda obstruída e as estradas congestionadas, o centro do dispositivo russo dissolveu em uma massa de homens famintos e exaustos, que se batiam inutilmente contra a linha fortificada de François. Samsonov estava no meio da debandada e incapaz de fazer qualquer coisa, perdeu-se na floresta. No escuro ele saiu sem ser visto pelos seus oficiais, até que ouviram um tiro - Samsonov preferiu tirar a própria vida do que assumir a vergonha da derrota. O general russo foi enterrado perto de Willenberg, como um desconhecido. Os generais russos, comandantes de corpos do exército, que tinham caído prisioneiros, apresentavam-se ao general von Hindenburg. O número da destruição foi muito grande, 92.000 prisioneiros foram feitos, dois corpos e meio aniquilados, enquanto a outra metade do exército de Samsonov estava disperso e batido. A vitória da batalha foi batizada Tannenberg. Mas não cabe a Ludendorff a vitória, e muito menos Hindenburg. A Hoffmann cabe o crédito principal pela articulação do plano. Tampouco foi Ludendorff o agente principal da vitória, esta parte deve ser creditada a François. Contra Ludendorff pesa a falha em completar o cerco e a destruição das forças de Samsonov. Max Hoffman sugeriu nomear a batalha ' Tannenberg ' para apagar a lembrança da derrota, na batalha medieval de Tannenberg em 1410, no qual forças teutônicas foram derrotadas por poloneses e lituanos ali perto.

O território belga estava em mãos alemãs, os russos haviam sido vencidos em Tannenberg, os germânicos então voltaram sua carga total contra os franceses. Aquele era o verão mais quente dos últimos cem anos, o próprio inferno na terra. O comandante do exército alemão era o marechal von Moltke, sua principal característica era cautela e possuía um forte espírito de timidez, mas ainda assim os alemães marchavam com força total. Em Mons, os britânicos tentaram

segurar o exército alemão, mas também foram obrigados a recuar, e a ala norte dos Aliados caiu, e terrivelmente o caminho para Paris estava livre, França e Inglaterra entraram em pânico, os germânicos estavam a menos de 40 km da Torre Eiffel. No dia 30 de agosto, Paris foi evacuada e o governo transferido para Bordeaux, no meio de toda essa catástrofe, o marechal Joffre mostrava-se inabalável, ele acreditava em um milagre... Os alemães conseguiriam chegar a Paris e destruir a França? Ou Joffre, o único ainda a acreditar na vitória, salvaria Paris da completa destruição?

O grosso do 1º Exército alemão, comandado pelo general Alexander von Kluck já havia atravessado o rio Marne, e naquela noite de 05 de setembro os seus soldados haviam recebido o primeiro descanso prolongado num mês de marchas e combates em que haviam coberto mais de mil quilômetros. Centenas de milhares de jovens se haviam atirado ao chão, caindo em sono profundo. Nos próximos dias esse Exército marcharia em Paris e a Alemanha venceria a guerra?

O milagre de Joffre apareceu graças à cautela de von Moltke, que deu ordens para o general alemão von Kluck evitar Paris por enquanto e marchar ao sudoeste para acabar com o 5º Exército francês. Os homens de Kluck foram arrancados do repouso. Seus esgotados soldados teriam que realizar uma manobra impossível, a retirada de todo o 1º Exército, jogando primeiro suas tropas o mais para o norte que fosse possível a fim de atacar de flanco: na direção norte-sul, em Nanteuil, para destruir o 5º Exército francês. Mas a ordem do marechal Moltke deixou o seu Exército alemão desprotegido, ao alcance do improvisado 6º Exército francês do general Michel Maunoury, que estava estacionado perto de Paris. Percebendo a oportunidade Joffre ordenou o ataque...

## A BATALHA DO MARNE

O general francês Joseph Simon Gallieni responsável pela proteção de Paris, organizou um contra-ataque para tentar barrar o rolo compressor alemão, e recebeu ordens de Joffre para que a 6ª Infantaria francesa do general Maunoury atacasse o 1º Exército alemão. A Força Expedicionária Britânica, não queria se aproveitar da manobra francesa da 6ª Infantaria, porque os britânicos e seu comandante Sir John French haviam perdido a vontade de lutar. Joffre impôs uma condição para manobrar para o contra-ataque total: assegurar-se da disposição de Sir French de lutar, e para isso fez-lhe uma visita em que declarou que **(a honra da Inglaterra estava em jogo)**.

Diante dos apelos de Joffre, o 5º Exército do comandante britânico Franchet d'Esperey, deu meia volta e avançou para travar combate com o 2º Exército, do comandante alemão Karl von Bülow. A ordem para inverter a direção foi recebida com entusiasmo no exército de d'Esperey e seus quatro corpos atacaram poderosamente conforme iam encontrando alemães na manhã de seis de setembro. Mas os atacados eram guardas avançadas que não resistiam muito, recuando para unir-se ao grosso da tropa, mais atrás; assim, pelo fim do dia, o 5º Exército reconquistara boa parte do terreno sem grande esforço. No dia seguinte, todo o 5º Exército inglês tornou a ganhar terreno contra os alemães que se retiravam. Com essa manobra, garantiu-se a segurança efetiva do flanco da brecha para onde a Força Expedicionária Britânica estava avançando e deixou em risco a ala dos generais von Kluck e Bülow. Embora pareça inacreditável, durante a Batalha do Marne, os exércitos franco-britânicos foram salvos pelos taxistas parisienses, não havia tempo para organizar transporte, e os carros de praça acabaram convocados como auxiliares de guerra pelo general Joseph Gallieni. Conseguiram levar em 600 veículos, mais de seis mil soldados para a área dos combates, felizmente o espírito ofensivo estava vivo nos

franceses, a ofensividade estava levando as tropas resistirem no Marne.

O comandante alemão von Kluck engajou as 12 divisões de seus seis corpos, um após outro, à medida que o calor da luta aumentava ao longo do rio Ourcq. Na manhã de 09 de setembro, o comandante inglês d'Esperey decidiu desviar dois dos seus quatro corpos para o general francês Ferdinand Foch, a fim de aliviar a pressão que lhe era feita nos pântanos de Saint Gond. Embora os britânicos tivessem alcançado o rio Marne no dia 8 de setembro, e começassem a cruzá-lo no dia 9, não desfecharam o golpe fatal que poderiam ter aplicado se reforçados no momento mais difícil. Quando os britânicos iniciaram a travessia do rio Marne, o resultado da batalha do Marne já estava decidido. O comandante Foch afirmou que **‘ Uma vitória é uma batalha que recusamos admitir termos perdido ‘**.

No dia 09 de setembro, o Q-G alemão admitiu que perdeu a Batalha do Marne. A vitória no Marne foi considerada um milagre, pelo fato de que os Aliados tinham poucas chances de vitória, a queda de Paris parecia inevitável. Entretanto, os alemães não se sentiam vencidos, apenas estavam tomando tempo para atacar novamente. As comunicações, e os exércitos de campanha alemães haviam sido lentas e esporádicas durante toda a campanha, principalmente por causa de seu comandante (marechal Moltke). A rede telefônica era deficiente e quase sempre destruída pelas tropas francesas em retirada. Embora cada um dos Q-Gs dos sete exércitos estivessem equipados com rádios, os aparelhos eram primitivos e sofriam a interferência do poderoso transmissor francês da Torre Eiffel.

O general Henry Wilson, subchefe do estado-maior inglês falou que estariam em Elsenborn, o ponto onde os alemães haviam desembarcado dos trens na fronteira com a Bélgica, em três semanas. Três dias depois de iniciada a retirada alemã começaram a chegar comunicados no Quartel General francês, sobre contatos feitos com

inimigos em posições entrincheiradas de onde não era possível retirá-los. Por volta de 17 de setembro, era claro que toda a linha alemã, desde Soissons no Aisne, até a fronteira suíça, havia sido estabilizada e estava sendo rapidamente fortificada. Somente no flanco entre o Aisne e o mar, onde ainda não houvera operações, é que existiam condições para operações móveis. Essas operações começariam logo e seriam realizadas com desesperada intensidade durante todo o resto de setembro. Todo o mês de outubro, com cada estágio reduzindo ainda mais a área onde os exércitos poderiam operar livremente, não havia um só metro de linha na Frente Ocidental que não fosse defendido por entrincheiramentos. Enganara-se terrivelmente o general Wilson, não seria uma vitória fácil. Chamou-se esta campanha de ‘ A Corrida para o Mar ‘. Traçada em um mapa, a frente entrincheirada descrevia um grande “S” invertido. Os alemães haviam perdido inicialmente a Batalha do Marne, entretanto a batalha não definiu quem venceria guerra, mas determinou que a guerra iria continuar...

Os alemães não queriam a perder a guerra, estavam fortemente entrincheirados, e prepararam um novo plano de invasão através de um pequeno rio, chamado Yser na Bélgica, parecia fácil demais...

### *A Batalha do rio Yser*

Um mês havia se passado da Batalha do Marne, e os alemães pretendiam passar pela França atravessando um insignificante córrego, para acabar de uma vez por todas com os exércitos franceses.

O Exército belga tinha acabado de escapar do cerco alemão em Antuérpia. A maior parte do território belga estava em mãos alemãs, o rei Alberto e sua família haviam se retirado para a fronteira com a França.

Patrulhas de cavalaria alemã avançavam na frente, outros

procurando pela retaguarda inimiga. A maior parte dos belgas eram refugiados, entulhados nos últimos trens ou fugindo usando carros, carroças ou a pé, em direção à fronteira francesa e já se amontoando nos portos do Canal da Mancha. Misturados com os refugiados haviam unidades do exército do rei Alberto, as fardas não pareciam com uniforme militar. Os soldados que tinham vindo de Antuérpia com as cabeças descobertas, tinham se equipado com bonés. Outros, que tinham escapado para a Holanda depois que a cidade caiu, retornaram ao invés de enfrentar a prisão, jogando fora seus uniformes e repassando a fronteira em roupas civis; muitos apareceram no rio Yser usando sabots (tamancos de madeira). O avanço dos alemães tinha sido lento o suficiente para permitir que os homens de Alberto tivessem uma pausa para descanso.

O primeiro Lorde do Almirantado Britânico (Winston Churchill) comandava os Fuzileiros Reais. Os marinheiros de Churchill e o exército de Alberto segurou o avanço alemão por algum tempo, mas logo os alemães forçaram a Divisão Naval Real e o restante do exército belga a refugiar-se no rio Yser. Depois das seis da manhã de 17 de outubro, o primeiro som de canhoneio foi ouvido ao longo da linha do Yser. Na manhã do dia 18 de outubro, liderados pelo Duque de Wurttemberg, os alemães atacaram. Os canhões de sítio que tinham esmagado os fortes de Antuérpia, agora destroçavam as muralhas de tijolo e tetos de telhas das vilas rurais onde as tropas belgas procuravam abrigo na margem direita. Ao anoitecer, somente dois lugares na margem direita do rio permaneciam em mãos aliadas: os subúrbios de Nieuport, onde o bombardeio de uma flotilha inglesa parou o avanço alemão pelas dunas; e Dixmude, onde uma brigada de fuzileiros navais franceses, a maior parte jovens marinheiros bretões, fizeram uma resistência na última linha.

No dia 19 de outubro havia começado a Batalha de Flandres, em Ypres (fronteira franco-belga). O general alemão Erich von Falkenhayn liderou o 4º e o 6º Exércitos alemães, contra as divisões inglesas e francesas dos comandantes Sir Jon French e Ferdinand

Foch. A linha do Yser e do canal de Ypres ia até o canal de Langemarck, nos arredores da cidade de Ypres, os franceses defendiam essa linha, enquanto os britânicos defendiam uma linha que corria em círculo ao redor de Ypres em direção a Vila de Passchendaele e depois cruzava o rio Lys. Nessa primeira batalha de Ypres os ingleses lutaram contra estudantes alemães do Corpo de Reserva, que não tinham experiência em combate, não passavam de idealistas que iriam conhecer o que a guerra realmente representava. Nessa batalha, os britânicos conseguiram pressionar os alemães até as quatro colinas baixas (Passchendaele, Broodseinde, Gheluvelt e Messines).

Em Nieuport, os belgas fizeram uma experiência com inundação - uma iniciativa local - abrindo as comportas no rio Yser, não canalizado, na maré alta. Seu objetivo era negar as pontes e o sistema hidráulico ao inimigo pela inundação. Os alemães trouxeram para frente mais morteiros pesados, e o bombardeio intensificou. As primeiras tentativas de passar pelo rio fracassaram. O bombardeio prosseguiu. Pouco antes do alvorecer de 19 de outubro, em uma volta do rio, os alemães montaram uma ponte improvisada através do rio e se estabeleceram na margem esquerda. Durante a noite dos dias 22 para 23, a maior parte de duas divisões, 20.000 homens, tinham se espalhado pela cabeça de ponte. Não demorou muito e tinham rompido pelo Yser em diversos outros lugares. Parecia ser somente uma questão de tempo até que o exército belga entrasse em colapso. Os alemães avançaram com todas suas forças; os belgas e os franceses recuaram ao longo da linha. Ataques e contra - ataques foram repelidos tanto pelo terreno escorregadio e pela exaustão quanto pela artilharia e metralhadoras. Formações dissolviam-se e unidades se misturavam umas com as outras. Os homens escorregavam para frente e para trás em grupos pequenos, aproveitando-se de qualquer cobertura que pudessem achar, jogando-se nos campos encharcados, agachando-se em geladas valas cheias d'água. Gado morto abarrotava as pastagens, cadáveres de todos os tipos se transformavam

em abrigo. O combate se espalhava pela noite. Na escuridão, trincheiras eram capturadas e recapturadas; homens pisoteavam os mortos e os feridos caídos na lama. Nem mesmo a chuva conseguiu parar os incêndios que queimavam as povoações. Em um lugar, onde os reservatórios ao longo das margens do rio foram incendiados, derramando o óleo na água, o rio Yser pegou fogo. Ninguém e muito menos os idealistas soldados - estudantes alemães, enfiados no combate pela primeira vez estavam preparados para este tipo de guerra. Era terrível o derramamento de sangue, que foi derramado em vão, na cegueira os camaradas estavam disparando uns contra outros, o ataque, que pensavam que seria devastador, não significava mais do que ser forçado a ir em frente, de um pedaço de cobertura para outro, enfrentando uma chuva de balas, sem poder ver quem disparava.

No dia 24 os alemães trouxeram artilharia pesada e seu efeito foi devastador. Inúmeros soldados belgas fugiam para a retaguarda; aqueles que permaneciam para lutar cavaram ao longo de sua última linha de defesa, o aterro ferroviário. O exército belga preparou para mudar seu Quartel-General de Furnes, uns poucos quilômetros atrás da linha de combates, para um lugar mais seguro, próximo à fronteira francesa. Apesar de telhados estarem desabando ao redor de seu posto de comando, o rei Alberto escolheu permanecer com o seu estado maior.

Quatro batalhões de uma divisão francesa, 4.000 homens, apareceram em Pervyse, no centro da linha belga. Foram suficientes para parar o avanço alemão. Os belgas foram salvos de novo no dia 25, uma forte chuva vinda do mar caiu, gradualmente transformando-se em uma tempestade. Houve uma pausa nos combates. Os atacantes estavam tão desgastados como os defensores; suas perdas, também, tinham sido pesadas, e não tinham mais a superioridade numérica de uma semana antes. Na madrugada, o estado maior em Furnes foi alertado que o general Ferdinand Foch, comandante dos exércitos franceses no norte, pensava em deixar entrar



o mar ao redor de Dunquerque. Os belgas entraram em desespero. Uma massa d'água se espalhando por sua retaguarda, cortaria sua principal linha de retirada. Foi necessário um apelo direto de Alberto ao marechal Joffre para que a ordem de Dunquerque fosse retirada, caso contrário os sobreviventes estariam cercados pelas águas e pelo exército alemão. Joffre atendeu ao apelo desde que se encontrasse uma saída para barrar os alemães. Um plano de inundação foi proposto, um oficial de alta patente do estado maior belga estava alojado em Furnes, com um juiz chamado Emeric Feys, ele disse ao oficial, que a inundação proposital do rio Yser já tinha salvado Nieuport de exércitos inimigos no passado. A ideia de criar uma lagoa protetora, de Nieuport até Dixmude agradou, e ela foi aprovada no quartel-general. A maior parte dos homens que mantinham o sistema de pontes e canais tinha fugido para a França. Preparativos improvisados tiveram que ser feitos. Naquela tarde, soldados do corpo de engenharia, sapadores tinham começado a fechar os 22 bueiros ao longo do aterro ferroviário. Pequenos riachos passavam por esses bueiros; bloqueá-los obrigaria esses riachos a retroceder e encher, e também impediria que a enchente se espalhasse além do aterro. Os sapadores trabalharam sem pausas, muitas vezes contra fogo inimigo. Na manhã do dia 26 de outubro os alemães atacaram. Mais uma vez a chegada de novos batalhões franceses impediu a ruptura na linha do aterro. O estado maior belga preparou planos para uma retirada. Quando soube disso, Alberto teve um acesso de raiva. O aterro seria mantido. Ele estava convencido que a ofensiva alemã estava começando a se esgotar. Os alemães não atacaram no dia seguinte, nem no dia 28, estavam concentrando suas forças para um ataque final. Os preparativos para a inundação foram avante. O segredo foi mantido. Aconteceu que as marés foram baixas e os sapadores foram incapazes de deixar entrar muita água. Então as comportas das eclusas travaram fechadas. A experiência tinha fracassado, os belgas teriam que tentar um dos cursos d'água nas pontes dinamitadas e teriam que esperar uns dois

dias pela volta das marés altas, os belgas não podiam esperar, nesse tempo o exército alemão já teria dominado tudo. Neste momento um capitão de engenheiros encontrou um barqueiro flamengo local chamado Hendrik Geeraert. Ele sugeriu que tentassem um riozinho chamado de Noordvaart, que corria entre o aterro ferroviário e o Yser antes de desaguar no canal principal em Nieuport.

As 19h30 da noite de 29 de outubro, Geeraert foi até um destacamento de sapadores por sobre a pinguela remanescente que passava por sobre o canal de Furnes, coberto por metralhadoras e por carabineiros entre as árvores da primeira pequena ilha. Logo alcançou o Noordvaart, com suas oito comportas - vagão. Na margem oposta, ocultas por um grupo de arbustos, estavam as engrenagens que levantariam estes portões. Começou a trabalhar, a água do mar avançou com força, logo inundando as margens do Noordvaart e se espalhou pela planície. Nas poucas horas conseguiu dar entrada a grande quantidade de água.

Num dos combates travados em um celeiro e estábulo de uma pequena fazenda, havia multidões de feridos. Era impossível removê-los, pois o inimigo estava incessantemente bombardeando o solo além das trincheiras belgas. No campanário em Pervyse os alemães estavam atacando através dos campos molhados, avançando em formação cerrada, cantavam enquanto contando com a vitória tão perto aos seus olhos. Naquela noite os alemães atingiram a última linha de defesa belga (o aterro ferroviário). Os alemães começaram a lutar casa a casa através de Ramscappelle. Pelas 04h30 da manhã do dia 30 um canhoneio devastador tomou conta do lugar. Ao amanhecer os alemães estavam avançando contra o aterro em plena força, a vitória estava próxima. Em Pervyse, os atacantes chegaram perto o suficiente para jogarem granadas onde estavam alojados os oficiais belgas que foram expulsos com seus soldados de Ramscappelle. O caminho para Dunquerque e Calais estava agora

aberto, os franceses estavam perdidos...

Milagrosamente pelo meio dia, o fogo do lado alemão começou a diminuir. As tropas francesas e belgas não podiam entender o que estava acontecendo. Nos campos ao sul de Ramscappelle, eles se reagruparam em torno de mais um córrego sem importância e esperaram por novas linhas de atacantes, que emergiriam da povoação. Nenhum apareceu. As tropas aliadas voltaram cautelosamente ao cair da noite. Apesar de não terem atravessado a povoação até o dia seguinte, parecia certo que força principal alemã tinha acabado.

Os aliados não acreditavam no que estava acontecendo, estavam a beira da derrota, parecia que um milagre havia acontecido, foi quando constataram em Pervyse uma grande inundação, de onde teria vindo tanta água que fizesse os alemães fugirem? Será que Deus havia arrasado os alemães com água, assim como fez no Mar Vermelho, afundando os egípcios que perseguiam os hebreus. Realmente um milagre havia acontecido... O regimento belga entrou em Pervyse sem oposição. O fedor era pútrido, de tantas carcaças inchadas de animais. Foram encontrados vários corpos de alemães e poucos feridos que foram feitos prisioneiros. O inimigo tinha recuado por causa da inundação.

O segredo de Alberto tinha sido bem mantido. Enquanto as horas passavam, os prados foram se tornando cada vez mais lodacentos. A inundação invencível e implacável espalhou-se enchendo canais, nivelando valas, as estradas, e as crateras de granadas. A água cercava ilhotas de terreno mais alto, para onde grupos de soldados fugiam inundados. Os alemães entraram em pânico quando sentiram o chão desaparecer. Não podiam mandar reforços para frente e tudo o que podiam fazer era se retirar. Os canhões afundavam na lama e tiveram que ser abandonados. A água escondia valas e riachos, nos quais os homens mergulhavam sendo forçados a se renderem. Feridos se afogaram ou morreram. Os alemães não

suspeitaram da causa e a atribuíram às pesadas chuvas. Não fizeram nenhum esforço para tomar o sistema hidráulico de Nieuport; toda a força de sua ofensiva foi agora dirigida contra Ypres. Se não fosse pela decisão de Alberto de inundar, Ypres poderia ter sido tomada pela retaguarda nos dias seguintes. O barqueiro Hendrik Geeraert se tornou herói nacional.

Tinha sido criada uma laguna artificial indo de Nieuport até Dixmude, e do aterro até o Yser, cerca de cinco quilômetros de largura e com quinze quilômetros de comprimento. Na sua maior extensão, foi a maior terra de ninguém na frente ocidental. Corpos, humanos e de animais, flutuavam entre os destroços de capacetes de couro, mochilas e cartucheiras. Corpos inchados subindo até a superfície marcavam a linha das trincheiras. O rei Alberto tinha vencido a única vitória que ele precisava vencer. Algumas semanas depois do término da batalha, os belgas estenderam a inundação, fechando os bueiros nos diques ao longo do trecho reto do Yser abaixo de Dixmude. A inundação agora formava um círculo de cerca de trinta e cinco quilômetros, fechando a fronteira com a França.

Os belgas não saíram desses limites lamacentos, Alberto firmemente impediu que suas tropas participassem das aventuras ofensivas de seus aliados que viriam...

O exército de Alberto sofreu uma grande baixa por fogo inimigo, mas perdeu grande número devido a doenças. O Yser era o setor mais insalubre da frente ocidental. A  gua da superfície estava totalmente contaminada pelos dejetos dos mortos e dos vivos. Uma epidemia de febre tifoide tinha matado 2.500 belgas. Era uma perda terrível, mas Alberto barrou os alemães e vingou-se deles através do rio Yser.

A vitória no rio Yser provocou a derrota do general alemão Falkenhayn contra as forças aliadas de Sir John French e Ferdinand Foch, que lutavam em Ypres.

---

No final de julho de 1914, quando as hostilidades tiveram início, o barão Conrad von Hotzendorff era o comandante supremo das forças austríacas que lutariam contra os sérvios e russos. Hotzendorff confiou ao seu subordinado: general Oskar Potiorek (governador da Bósnia) a missão de destruir a Sérvia, acreditava que Potiorek podia cuidar da Sérvia, visto que era um país mais fraco do que a Rússia. O comandante austríaco viajou então para comandar pessoalmente a batalha contra os russos e acreditou cegamente que os sérvios seriam facilmente derrotados. O general Potiorek estava ansioso para destruir os sérvios, visto que ele havia sido responsável pela segurança do arquiduque Ferdinando, e estava perto quando o herdeiro do trono foi assassinado.

No dia 12 de agosto o Exército austríaco invadiu o território sérvio, mas subestimou os inimigos que eram experientes em táticas de guerrilha e resistiram ferozmente. Até o dia 24 de agosto Potiorek havia sido expulso de todo o território sérvio pelo marechal Putnik. No dia 06 de setembro os sérvios não se contentaram em expulsar os inimigos de seu território, e avançaram pela fronteira austríaca com muitas dificuldades, mas acabaram chegando até Sarajevo (capital da Bósnia). A ocupação durou apenas 40 dias. No dia 06 de novembro, o general Potiorek derrotou o marechal Putnik obrigando-o a dispersar seu exército através de colinas abarrotadas de neve. Os austríacos invadiram novamente a Sérvia provocando um colapso nos infantis inimigos, a capital Belgrado caiu em mãos austríacas no dia 02 de dezembro.

O rei Pedro da Sérvia autorizou a volta de seus soldados para casa, e aqueles que desejassem poderiam continuar resistindo junto com ele. O Rei assumiu a Linha de Frente junto com seu filho Alexandre, que era o comandante geral do Exército sérvio. Apesar de possuir setenta

anos, Pedro tomou nas mãos uma carabina e começou a atirar contra os invasores austríacos, esse ato corajoso levou os infantessérvios a resistir, e o marechal Putnik expulsou os austríacos de Belgrado e do resto do país. O inverno se mostrava um general indestrutível, o exército de Potiorek limitou-se a ficar na fronteira da Sérvia. A Áustria havia mobilizado 200 mil soldados contra a Sérvia, mas já havia perdido 40 mil, mesmo com a enorme superioridade acabou derrotada, na verdade a Sérvia foi o único país aliado a sair vitorioso em 1914. Após a retirada de Belgrado, o general Potiorek pediu sua dispensa do comando, visto que sua saúde estava bem agravada, acabou realizando uma saída á francesa. Apesar da vitória as coisas não estavam nada bem para os sérvios, haviam contraído tifo do exército austríaco, a peste estava dizimando os soldados do marechal Putnik.

Na catastrófica Batalha de Tannenberg foram feitos 92 mil prisioneiros russos, além de 50 mil mortos ou feridos. Tannenberg evitou que o Exército russo invadissem a Silésia e cercassem Berlim. Tannenberg havia arrancado grandes forças russas, mas ainda não estavam derrotados, pois o Czar dispunha de milhões de homens prontos para lutar, mas se de um lado eles tinham sobra de material humano, por outro sofriam de escassez de armas e alimentos. A maior parte do exército russo estava concentrada ao sul da Polônia para enfrentar os austríacos, era um grande front de 300 milhas. Protegendo os austríacos havia duas enormes fortalezas (Lemberg e Przemyśl). Na guerra contra os russos, os austríacos levaram a pior, liderados pelo general Conrad von Hotzendorff foram empurrados até Cracóvia, onde sofreram uma pesada derrota sendo forçados a recuar até Varsóvia. A fortaleza de Lemberg logo caiu em mãos russas. A enorme fortaleza austríaca Przemyśl foi abandonada com 150 mil soldados austríacos, ela foi sistematicamente cercada e destruída aos poucos, os russos queriam vencer os habitantes pela fome, com suas forças exauridas, os soldados austríacos começaram a

comer os próprios cavalos. O lugar era o inferno na terra, tornou-se uma ilha cercada de russos por todos os lados, que a incendiava e bombardeava o tempo todo. O imperador austríaco Francisco José Habsburgo possuía um exército de 1 milhão e 800 mil homens, 300 mil já haviam sido feitos prisioneiros e 100 mil mortos pela gigante Rússia. Os austríacos tiveram também que mobilizar seus homens contra a Itália, que havia sido aliada da Alemanha antes da guerra, mas diante da promessa de território pelos aliados, resolveram invadir a fronteira austríaca perto do rio Isonzo.

Em 1914 o ministro de guerra britânico Lord Kirtchener, precisava aumentar em mais de 500 mil homens o contingente do seu exército, para conseguir combater os alemães, pois a Grã-Bretanha não possuía serviço militar obrigatório. Então milhares de pôsteres com palavras apaixonadas em defesa da pátria conquistaram a simpatia de jovens país á fora. Como resultado da propaganda, 250 mil garotos com idade entre 13 e 16 anos embarcaram para o Front. Oficialmente o alistamento militar era restrito a maior de 18 anos, mas as autoridades inglesas fingiram não ver nada e aceitaram a adesão das crianças. Afinal, vencer os alemães era prioridade, e em nome da vitória tudo era válido. Os oficiais instigavam os jovens de 16 anos afirmarem que tinham 19 e que estavam aptos para a batalha. Muitos jovens australianos e canadenses falsificaram a nacionalidade para servir no exército britânico.

No Front as missões desses garotos eram várias: cavavam e limpavam trincheiras, participavam de equipes médicas e fuzilavam desertores, e alguns serviram como soldados. Em outubro de 1914, na primeira batalha da cidade belga de Ypres, a Força Expedicionária Britânica apresentou oito divisões formadas por adolescentes. Quando os pais souberam das notícias trágicas vindas da França, muitos pediram ao governo que trouxessem seus filhos de volta. Centenas retornaram, mas outros preferiram ficar nas batalhas com os amigos.

De um total de 250 mil enviados ao Front, 120 mil morreram em combate. Enquanto isso, em todas as frentes de combate durante 1914 os corpos dos soldados eram abandonados, e qualquer um que tentasse resgatar os restos mortais de um amigo se tornava alvo fácil das metralhadoras, atiradores de elite e granadas inimigas. As trincheiras haviam se tornado covas rasas, os combatentes passaram pelas piores situações, inclusive o odor terrível dos excrementos e dos cadáveres em putrefação.

A Europa estava tomada por buracos lamacentos, tingidos de sangue e infestado por ratos. As trincheiras estendiam-se do litoral holandês, no Mar do Norte, ao longo da fronteira com a Alemanha, até a Suíça no Front Ocidental. O Front Oriental ia do Golfo de Riga, na Letônia, até o Mar Negro, na Romênia, passando pela Ucrânia. Havia trincheiras também nos Alpes italianos e na fronteira da Itália com a Áustria. As doenças causadas pelas péssimas condições sanitárias era outro terrível problema, morria-se de disenteria, gripe e todo tipo de infecções. A fome era outro fator devastador, os soldados estavam quase sempre mal alimentados. Os países que ocuparam os campos de batalhas se viram sem recursos para fornecer carne e pão às tropas. Os britânicos passaram a ter direito a apenas uma sopa de ervilha por dia. Um dos objetivos ao atacar o inimigo era roubar sua comida, lançavam-se desesperadamente a fim de apoderar-se das latas de comida que conseguissem apanhar, principalmente manteiga e carne em conserva, e a situação tornava-se tão insuportável que o meio encontrado para abrandar o sofrimento foi enbebedar-se, e acabou tornando-se política de guerra encher a cara. Cada batalhão inglês formado por 20 mil homens, recebia 300 galões de rum. Os franceses e alemães eram abastecidos com vinho e brandy, encher a cara ajudava a esquecer das lembranças daquela guerra terrível...

Os campos de batalha estavam abarrotados de cavalos, milhares foram enviados por todas as zonas de guerra, pois eram muito úteis e se transformaram na principal força motora.



## ***O Natal de 1914***

### **A trégua**

A trégua foi observada pelos britânicos e alemães na parte sul do saliente de Ypres, na Bélgica. Entretanto, ela ocorreu em vários outros pontos do Front Oeste e por outros combatentes, principalmente os franceses e belgas, embora o fato que os alemães estavam situados em território francês ou belga inibiu qualquer grande demonstração de boa vontade para com os inimigos alemães. Não era incomum breves cessar-fogo serem taticamente aceitos e observados por uma hora ou mais, como durante o café da manhã em setores mais calmos onde apenas poucos metros separavam as tropas aliadas das germânicas; um caso de viva e deixe viver.

O Natal foi iniciado pelas tropas alemãs posicionadas em frente às forças britânicas, onde uma distância curta separava as trincheiras ao longo da Terra de Ninguém. Muitos soldados alemães tinham como era seu costume na véspera de Natal, começado a montar árvores de adornadas com velas acesas. Surpresos os observadores britânicos informaram a existência delas para os oficiais superiores. A ordem recebida foi que eles não deveriam atirar, mas observar cuidadosamente as ações dos alemães. A seguir foram ouvidos cânticos de Natal, cantados em alemão. Os ingleses responderam em alguns lugares, com seus próprios cânticos. Os soldados alemães que falavam inglês então gritaram votos de Feliz Natal para Tommy (o nome popular dos alemães para o soldado britânico); saudações similares foram retribuídas da mesma maneira para Fritz (nome popular dos britânicos para os soldados alemães). Em algumas áreas, soldados alemães convidaram os ingleses para avançar pela Terra de Ninguém e visitar os mesmos inimigos que eles queriam matar poucas horas antes. As armas não dispararam aquela noite. A notícia se espalhou, histórias começaram a se difundir sobre visitas trocadas entre as forças aliadas (incluindo algumas francesas e belgas)

e os inimigos alemães. Essas visitas não estavam restritas aos soldados rasos: em algumas ocasiões, o contato inicial foi feito entre oficiais, que definiram em conjunto os termos da trégua, acrescentando o quanto seus homens poderiam avançar em direção às linhas inimigas. Estes termos permitiam o enterro das tropas de cada lado que jaziam ao longo da Terra de Ninguém, alguns mortos há apenas uns dias, enquanto outros haviam esperado meses por um funeral. Homens das equipes encarregadas dos funerais entraram em contato com os membros das equipes similares do inimigo quando, então, conversas se desenrolaram e cigarros trocados. Cartas foram encaminhadas para serem entregues para famílias ou amigos vivendo em cidades ou vilarejos invadidos pelos alemães. Houve até uma partida de futebol entre o regimento inglês de Bedfordshire e as tropas alemãs. O jogo foi interrompido quando a bola foi murchada após atingir um emaranhado de arame farpado. Em muitos setores a trégua durou até a meia-noite de Natal; enquanto em outros durou até o primeiro dia do ano seguinte. Os Governos aliados e o alto-comando militar reagiram com indignação. A igreja Católica, através do Papa Benedito XV, tinha solicitado anteriormente uma interrupção temporária das hostilidades para a celebração do Natal. Embora o Governo alemão tenha indicado sua concordância, os aliados rapidamente discordaram: a guerra tinha que continuar, mesmo durante o Natal. Quase imediatamente à trégua, as mensagens enviadas chegaram para os familiares e amigos daqueles servindo no Fronte. Estas cartas foram rapidamente utilizadas por jornais locais e nacionais (incluindo alguns na Alemanha) e impressas regularmente. Os soldados na linha de frente foram praticamente unânimes em expressar seu espanto com os eventos do Natal de 1914. A reação foi de tanta que precauções especiais foram tomadas para que a trégua de Natal jamais fosse repetida. Os eventos do final de dezembro de 1914 foram proibidos. Investigações foram conduzidas para determinar se a trégua não foi organizada anteriormente, não conseguiram provar nada. Foi um evento espontâneo, que ocorreu em alguns setores, mas

não em todos.

A trégua de Natal no Front Oeste foi a mais surpreendente e, certamente, a mais espetacular de que já teve notícia na história da humanidade. Mesmo naquele pacífico dia de Natal, a guerra não foi completamente esquecida; muitos dos soldados que apertaram as mãos do inimigo em 25 de dezembro trataram de observar a estrutura das defesas, para que se pudesse tirar vantagem em qualquer falha dos inimigos no dia seguinte.

O Kronprinz (príncipe herdeiro) Guilherme, filho do Imperador Alemão encarregou-se pessoalmente de humilhar e punir os soldados alemães que confraternizaram com os aliados, muitos foram enviados em vagões de trem para setores onde a morte era certa por causa do frio, principalmente para a Rússia.

Apesar da trégua de Natal, aquele ano havia sido terrível para ambos os lados. Trezentos e seis mil franceses haviam perdido a vida em menos de seis meses de batalhas, o Exército francês possuía 2 milhões de homens, ou seja, em poucos meses a França perdeu quase 20% dos seus homens. Os alemães também tiveram pesadas baixas (241 mil soldados). Aquela guerra era com certeza a mais desumana e mortal da História. Estes foram os últimos acontecimentos do primeiro ano de batalhas da Grande Guerra.

[illegible]

Já ia tarde da noite quando o cansaço das lembranças de 1914, forçaram o capitão Gerrard adormecer na cama do hospital. Roxanne o envolveu num cobertor de lã de carneiro e se retirou enquanto o capitão estava em sono profundo.

# V

## LAMA E SANGUE



**“ AS TRINCHEIRAS SÃO FÉTIDAS. OS CADÁVERES, OS RATOS E VERMES ESTÃO POR TODA PARTE, O BARULHO DAS BOMBAS É INSURDECEDOR...**

**AS VEZES CHOVE, A LAMA COBRE OS BURACOS DAS GRANADAS, É COMO SE FOSSE UMA VISÃO REAL DO INFERNO.**

**NÃO SEI COMO, OU SE É POSSIVEL DEMÔNIOS SE MATERIALIZAREM, MAS ESTE LUGAR É O RETRATO REAL DO INFERNO. ESSA MATANÇA MALDITA É O FIM DO CAVALHEIRISMO, É A ERA EXTREMISTA, O CONFLITO ENTRE O VELHO E O NOVO MUNDO.**

**ESSA GUERRA É A BRAVURA DE TODOS OS CAMPONESES QUE FORAM OBRIGADOS A SE TORNAREM ASSASSINADOS, ENTREGANDO SUAS VIDAS PARA VENCER BATALHAS INÚTEIS “**

A aurora ainda não havia brotado quando Gerrard despertou com dores pelo corpo, por causa da noite mal dormida. Pediu a Roxanne que lhe trouxesse um caderno, pretendia escrever suas memórias de guerra para publicá-las mais tarde. Logo Roxanne lhe trouxe o caderno e um chá que o capitão degustou na letícula. Passou um tempo anotando os acontecimentos de 1914. Quando a enfermeira deixou o quarto ele foi novamente levado à guerra...

### ***AS BATALHAS DE CHAMPAGNE E ARTOIS***

A primeira ofensiva na região de Champagne e Ardenas teve início no dia 20 de dezembro de 1914. Foi travada entre o Império Alemão e o Exército francês, foi o primeiro ataque aliado contra os alemães desde a construção das trincheiras. Quando o marechal Joffre iniciou a Batalha de Champagne estava determinado a vencer a guerra rapidamente. O marechal alemão Helmuth von Moltke ficou responsável por barrar a invasão. Os combates tiveram início e se estenderam até Givenchy. Os alemães receberam reforços e os franceses perderam o ímpeto. Apesar de estarem em desvantagem, os alemães estavam bem entrincheirados, principalmente por que estavam equipados com eficientes metralhadoras. O ataque separado na região de Artois perto do rio Yser foi um fracasso para os franceses, a luta encarniçada continuou até fevereiro de 1915, quando uma breve pausa foi feita para que os soldados pudessem ser reorganizados. Os franceses conquistaram alguns ganhos territoriais, o 4º Exército francês tinha feito progressos nas colinas de Champagne, mas não passou de três quilômetros. A batalha teve poucos ganhos e a um custo de 90 mil soldados franceses e também 90 mil alemães, a ofensiva terminou no dia 17 de março de 1915, e foi inútil visto que o exército francês perdeu muitos homens a troco de quase nada.

Apesar da derrota, o marechal Jofre estava convencido de que as linhas alemãs eram vulneráveis ao ataque massivo da infantaria, principalmente por que parte do exército alemão estava sendo transferido para lutar contra os russos. Jofre decidiu se reorganizar e retomar a batalha mais tarde.

Houve uma ofensiva em Artois que começou no dia 09 de maio, batizada (Segunda Batalha de Artois). A intenção era capturar a colina de Vimy Ridge, rompendo assim as linhas alemãs avançando para a planície Douai, o sucesso do ataque faria uma grande redução nas linhas ferroviárias alemãs e iria forçá-los a recuar para fora da França. Durante seis dias um grande bombardeio foi feito antes do ataque total. Quando os britânicos avançaram foram repelidos, perderam dez mil homens sem conquistar nada, mas o ataque francês no dia 09 de maio abriu com sucesso, avançando quase três milhas em menos de duas horas, e as divisões marroquinas conseguiram atingir o pico de Vimy Ridge. O general d'Urbal era o responsável por esse ataque em Artois e não esperava um sucesso tão rápido, e suas reservas avançaram atrás da linha de frente, se preparando para subir o pico nos próximos dias. Porém as reservas alemãs estavam muito bem posicionadas e no final do dia, as tropas francesas e alemãs se engalfinharam em uma grande batalha de atrito que se estendeu até o dia 18 de junho. No fim o sucesso marroquino de nada valeu, pois os franceses não conseguiram ultrapassar, os alemães enviaram reforços para o local.

No dia 25 de setembro, Jofre resolveu lançar uma grande ofensiva que ia desde a linha de Nieuport passando por Verdun, por toda Artois e nas regiões de Champagne. Nos primeiros dias a ofensiva foi bem sucedida e os alemães perderam terreno, a artilharia francesa disparou um pesado bombardeio durante três dias e depois começou a avançar conquistando três quilômetros, mas no dia seguinte os alemães receberam reforços e os franceses diminuíram a força do ataque. O ataque francês em Artois (Terceira Batalha de Artois) e inglês em Loos foi um fracasso, a investida inicial francesa

foi bem sucedida, a primeira linha alemã de entrenchamentos foi superada em diversos pontos, mas quando os franceses alcançaram a segunda linha foram barrados, era uma linha muita dura de ser vencida. No final de outubro os alemães lançaram um contra-ataque, recuperando grande parte do território perdido. As batalhas de Champagne e Artois terminaram no dia 06 de novembro de 1915. Os franceses perderam mais de 143 mil homens, os alemães 75 mil, 25 mil prisioneiros e muitas armas. A colina de Vimy Ridge em Artois permaneceu nas mãos dos alemães. O sucesso inicial dos franceses se deve principalmente à frágil defesa alemã estacionada na região de Champagne. No fim a ofensiva se mostrou um desastre para os franceses, visto que os germânicos reconquistaram o terreno perdido e o número de vítimas francesas havia sido bem maior.

### *A BATALHA DE GALÍPOLI*

A estratégia de Galípoli foi ideia do alto comandante da marinha britânica Winston Churchill. Ingleses e franceses estavam desanimados com a estagnação no Front Ocidental. A luta nas trincheiras estendia-se há vários meses sem resultados. Para o comandante britânico, a ideia de abrir uma nova frente de combate tinha tudo para ser um sucesso. A operação se mostrou ainda melhor depois que a Turquia entrou na guerra para ajudar os alemães. Os russos passavam grandes dificuldades no Front Oriental, e o czar Nicolau II pediu auxílio de tropas e munição. Um ataque bem sucedido contra Constantinopla (capital turca) acabaria de vez com os êxitos alemães, representaria uma derrota para a Tríplice-Aliança e abriria um flanco de auxílio aos russos - era a estratégia de guerra perfeita. Entretanto era necessário reunir tropas e navios, o exército inglês dispunha apenas de uma divisão de infantaria - 12 mil homens. A maior parte dos soldados britânicos estava em luta nas trincheiras. Os franceses não podiam oferecer tropas, e a armada de guerra inglesa estava em

luta no Mar do Norte contra os alemães. Colocaram então a disposição os poucos homens que restavam, e os navios já sob más condições e aposentados. O grande golpe seria utilizar a frota naval para bombardear as fortalezas turcas que defendiam o Estreito de Dardanelos com apenas 7 quilômetros de largura. O Estreito ligava o Mar Mediterrâneo ao Mar de Marmara, acesso para Constantinopla e para o Mar Negro, que costeava a Rússia. O terrível bombardeio no Estreito de Dardanelos acabou fracassando devido à falta de bons equipamentos de busca de minas e á eficiente artilharia turca, estacionada em ambos os lados do Estreito, as minas marítimas provocaram grandes estragos nos navios britânicos e franceses. Depois do fracasso por mar, os aliados resolveram desembarcar as tropas por terra na península de Galípoli.

No dia 23 de abril de 1915, debaixo de uma forte chuva na costa oriental do Mar Mediterrâneo, a ordem de ataque era aguardada... O mau tempo estava contra os soldados ingleses instalados em navios mercantes e de guerra, atrapalhando os planos. Outros milhares de homens vindos da França e de suas colônias, além da Austrália e Nova Zelândia, também aguardavam um bom tempo para desembarcar na península de Galípoli, litoral da Turquia.

Perto da lendária cidade de Tróia se deu a investida inicial, dezoito mil franceses principalmente vindos da África Ocidental foram convocados para a operação, os ingleses contavam com 75 mil voluntários de Anzac (sigla para as tropas australianas e neozelandesas, que estavam no Egito a caminho da Europa). O líder da operação era o general inglês Ian Hamilton. No dia 25 de abril, quando o mar se acalmou e as nuvens carregadas se foram, os aliados remaram até a costa, só que sem mapas precisos da região, muitos botes acabaram em praias que não estavam nos planos, e os soldados viraram alvo fácil para a artilharia inimiga, a maior parte dos integrantes de Anzac desembarcou a dois quilômetros do local planejado, os soldados encontraram um terreno bastante difícil de vencer, com muitos barrancos e uma vegetação cortante. Mas mesmo



assim 35 mil homens finalmente desembarcaram no Cabo Helles em Galípoli. Os confrontos foram iniciados com uma carnificina incontrolável, principalmente para os aliados, que tinham que avançar em condições sub-humanas, subir e descer barrancos, cavar trincheiras, carregar armas, os turcos contavam com fortalezas e linhas de abastecimento contínuo. Os aliados também foram abatidos pelo terrível calor, com os insetos atraídos por corpos em decomposição, com condições inadequadas de higiene e de alimentação, além da potente artilharia turca. Ainda no dia 25 de abril, do outro lado da península em Anzac Cove, 17 mil soldados desembarcaram, e o comandante William Birdwood conseguiu avançar no território, mas a invasão acabou sendo barrada pelos turcos, menos de um mês depois. O líder dos turcos no local (Mustafá Kemal) liderou muitos dos ataques e por pouco não foi morto. A difícil geografia de Galípoli foi uma das principais armas à favor dos turcos. No dia 19 de maio as tropas turcas desfecharam um ataque contra os aliados, eram 42 mil turcos contra 17 mil soldados australianos e neozelandeses. Os vigias aliados conseguiram avisar as tropas, e em menos de seis horas, três mil turcos foram mortos. Nos meses seguintes três ofensivas foram lançadas contra a fortaleza turca Krithia. As três tentativas em abril, maio e junho terminaram destroçadas pelo general alemão Otto von Sanders, que reorganizou as defesas otomanas. Após o terceiro ataque, o comandante britânico Aymler Hunter Weston teve uma crise nervosa e foi enviado de volta a Londres. No dia 06 de agosto, às 10 horas da noite, 20 mil homens desembarcaram na Baía de Suvla, quase sem resistência turca. Na manhã seguinte, 07 de agosto, mais de cinco mil soldados britânicos chegaram ao local.

Entre os soldados em terra estavam à cavalaria australiana Light Horse, apesar de ser uma brigada montada, os soldados tiveram que atacar a pé, já que não era possível desembarcar animais e utilizá-los em um terreno tão difícil, tudo foi um desastre, dos 300 cavaleiros, 220 morreram. Com novos reforços, Churchill preparou uma operação

para ligar Suvla a Anzac Cove. Havia dois montes e apenas cinco quilômetros a serem vencidos entre os pontos. Trincheiras foram construídas no acidentado terreno. Novamente os turcos levaram a melhor, 480 mil aliados haviam sido mobilizados desde o início da ofensiva. Foi o ponto final para os aliados decidirem na retirada de Galípoli. Um grande banho de sangue em vão, 65 mil turcos e 43 mil aliados mortos. O número de baixas aliadas e turcas foi de quase meio milhão de homens, entre mortos, feridos e desaparecidos.

Os comandantes turcos, incluindo Mustafá Kemal usaram ataques no estilo onda humana em momentos cruciais e sofreram pesadas baixas, além de utilizar táticas que sacrificavam muitas vidas, o exército otomano era pobre em recursos médicos, muitos feridos morreram por falta de tratamento. Entre os aliados, a situação era pior, boa parte foi vítima de doenças. Expostos aos corpos em decomposição nas trincheiras e sem comida suficiente, os soldados acabaram sendo vítimas das infecções. Em dezembro de 1915 os soldados aliados começaram a ser retirados, e no fim 105 mil homens conseguiram deixar Galípoli.

Galípoli se transformou na mais humilhante derrota aliada. Por causa dos fracassos, o chefe do almirantado britânico Winston Churchill, foi humilhado e demitido do cargo.

## ***A BATALHA DA SÉRVIA***

No dia 22 de março de 1915, a titânica fortaleza austríaca de Prewelsl se rendeu aos russos, sendo capturados dois mil e quinhentos oficiais e 117 mil soldados que foram enviados como prisioneiros. Em março os austríacos já haviam perdido dois milhões de homens entre mortos e feridos, pois combatiam a Sérvia, a Itália e a gigante Rússia, estavam quase no fim de suas forças, precisavam urgentemente que os alemães lhes ajudassem. Os alemães mobilizaram seus soldados para socorrer o aliado austríaco, primeiro

precisavam destruir a Rússia. No dia 04 de agosto, austríacos e alemães atacaram os russos em Varsóvia, e depois de terríveis batalhas conseguiram expulsá-los até a cidade de Lodz. As lutas continuaram e até o dia 04 de setembro, as três grandes fortalezas russas Novogeorgevsk, Grodno e Brest-Litovsk caíram em mãos alemãs. O Czar podia mandar mais tropas, a Rússia era rica em material humano, mas estava fraca em suprimentos bélicos e comida. O gigante do Oriente teve que se entrincheirar dentro de seus próprios limites para que a Alemanha não invadisse seu território. A Alemanha precisa agora liquidar a Sérvia.

Depois da derrota Aliada em Galípoli, a Bulgária decidiu unir-se as Potências Centrais no dia 06 de setembro de 1915, prometendo atacar a Sérvia o mais rápido possível. Desde dezembro de 1914 a Sérvia continha-se na defensiva dentro de seu próprio território. Os alemães, austríacos e búlgaros possuíam uma força enorme perto dos sérvios, e o marechal alemão Von Mackensen era quem iria liderar a campanha definitiva contra os sérvios, eles deveriam ser varridos do mapa, desaparecer como Nação. O marechal Radomir Putnik estava responsável para tentar salvar o país da esmagadora invasão inimiga. A coalizão Áustria-Alemanha-Bulgária atacaram as fronteiras da Sérvia ainda no mês de setembro com mais de 300 mil soldados, com os búlgaros atacando pela retaguarda. Os sérvios encontraram-se numa situação trágica, estavam cercados pelos dois lados, não tinham para onde fugir. O marechal Putnik deu ordens para que a única fábrica de munições do país fosse destruída em Kragujevac, para que não caísse em mãos inimigas. Os civis e o Exército fugiam enquanto Kragujevac explodia como se fosse fogos de artifício. Os inimigos tomaram a cidade no dia 31 de outubro, e o cerco estava se fechando contra o restante do Exército e da população sérvia. O rei Pedro, seu filho Alexandre, o marechal Putnik, o Exército, a população e algumas enfermeiras inglesas conseguiram chegar a Kosovo antes que os alemães e austríacos lhes alcançassem... Kosovo era o último reduto sérvio, não tinham para

onde ir, pois os búlgaros vinham de um lado e os austríacos e alemães de outro, foi quando o marechal Putnik deu ordens para que um Êxodo fosse colocado em prática. Todos deveriam partir de Kosovo e atravessar as intransponíveis montanhas através das fronteiras da Albânia. Era loucura, muitos não iriam sobreviver, mesmo por que o inverno se aproximava, mas não havia alternativa. A caótica e desesperada investida contra as montanhas logo teve início, todos foram divididos em quatro colunas separadas, e que cada uma conseguisse alcançar o objetivo (o Mar Adriático), se conseguissem alcançar o mar poderiam contar com auxílio aliado dos navios e retirá-los para locais seguros. O marechal Putnik estava com a saúde muito debilitada e acabou sendo carregado numa liteira improvisada. No meio do Êxodo havia várias enfermeiras britânicas da Cruz Vermelha. A maior parte da população em fuga era constituída por velhos, crianças e membros do Exército que arrastavam consigo o que podiam; material bélico, cavalos, bois, mulas, alguma comida e alguns cobertores, pois o inverno se aproximava. O tifo que havia sido transmitido pelos austríacos se alastrava pelo meio dos sérvios em fuga. Era uma massa faminta de pessoas maltrapilhas e fracas que teriam que atravessar montanhas íngremes e carregadas de gelo. Os austríacos queriam dizimar todos e provocar a extinção da Sérvia. Foi uma catástrofe, milhares fugiam no meio da chuva, lama, frio e fome numa marcha infernal. O contingente sérvio não teve opção, ou enfrentavam as montanhas de neve ou seriam massacrados pelos inimigos. Muito equipamento teve que ser deixado para trás e muitas pessoas também, muitos estavam morrendo pelo caminho, o frio e a fome abraçaram muitos, uma estrada de mortos foi sendo desenhada. Durante a noite quem não conseguia abrigo em alguma cabana morria congelado. No meio dessa massa miserável, as enfermeiras britânicas também tentavam sobreviver, abraçando animais para se aquecer e derrotar o frio. Nebrascas terríveis cobriam todos, muitos estavam sendo atacados por tribos albanesas. Os alemães pretendiam caçá-los pelas montanhas,

mas desistiram, era muito perigoso e as tropas iriam morrer, preferiram esperar e cercar eles mais tarde.

Depois de muitos dias de marchas pelas montanhas congeladas uma grande parte sucumbiu pela morte. Vários dias haviam se passado e pareciam intermináveis, os primeiros sobreviventes começaram a vencer as montanhas invencíveis no início de 1916, restava agora o que seria mais fácil, a marcha para o Mar Adriático, para que fossem salvos pelos aliados. O rei Pedro estava tão cansado que precisou ser carregado, o marechal Putnik estava inconsciente e o príncipe Alexandre precisou ser operado pelo caminho por que sua úlcera havia se agravado. Depois de tudo que haviam passado, um inimigo tão terrível quanto a neve surgiu para atrapalhar a marcha, a lama. Cento e cinquenta quilômetros de montanhas haviam sido vencidos, 20 mil civis haviam perdido a vida nas montanhas da morte, mas se não bastasse tudo isso, a chuva e a lama começaram a castigar os sobreviventes. O gelo, a fome, o tifo e o ataque das tribos albanesas não tinham sido suficientes para acabar com os sérvios, então veio a lama e a chuva que não parava de desabar, mas nem a tempestade conseguiu impedir a marcha, a vontade de sobreviver era maior... Somente no último dia de marcha a chuva parou, os remanescentes já estavam de frente para o mar. Dezenas de navios aliados, muitos deles italianos jaziam sob a costa, porém não passavam de destroços, pois haviam sido afundados por submarinos alemães. A esperança parecia ter morrido e como se já não bastasse tanta desgraça, aviões austríacos surgiram e começaram a bombardear os sobreviventes que se aproximavam da costa, entretanto um navio italiano conseguiu atravessar os submarinos e ancorar na costa... As enfermeiras britânicas e alguns civis, na maioria velhos e doentes, conseguiram embarcar nesse navio. Logo surgiu outro navio, e mais outro levando a minoria, pois o restante teve que fugir, pois as tropas Autro-alemãs estavam se aproximando para acabar de vez com os sérvios. Aqueles que conseguiram embarcar foram enviados para Brindsi na Grécia e outros para a Itália, esses navios enfrentaram

dificuldades pelo caminho, quase foram afundados pelos inimigos. O restante do contingente sérvio teve que fugir para o porto de Valona na Albânia enquanto eram perseguidos pelos austríacos.

Valona era um porto mais seguro, estava sob comando aliado, pois só dessa maneira poderiam embarcar com segurança. Nos dias seguintes vinte e nove navios italianos e franceses chegaram a Valona para embarcar o que restava dos sérvios. Pelo caminho muitos desses navios quase foram afundados pelos inimigos, mas a maioria chegou às ilhas gregas de Brindisi e Corfu, escoltados pela Marinha Britânica. O rei grego Constantino protestou com a chegada dos navios, pois era casado com a irmã do Kaiser, o monarca não estava satisfeito com o desembarque aliado em suas terras, mas o Primeiro Ministro Venizelos queria dar apoio para os ingleses por que acreditava ser melhor para os gregos. Dos 225 mil soldados sérvios e civis que haviam lutado e fugido apenas 125 mil haviam conseguido alcançar as ilhas gregas, o restante morreu em combates, nas montanhas geladas ou simplesmente haviam se tornado prisioneiros. Dez mil vidas sérvias ainda viriam a morrer nos dias seguintes, em consequências das doenças e marchas forçadas pelas terríveis montanhas da Albânia. Trezentos mil era a soma de soldados sérvios no início da guerra, mas agora não passavam de 80 mil, mais de dois terços do Exército estava fora de combate. O que restou dos homens de Pedro começou a serem treinados pelos franceses, foram reorganizados e equipados com armas e uniformes franceses. No final de 1915 toda a Albânia, Montenegro e Sérvia haviam caído em mãos das Potências Centrais. Em maio de 1916 o Exército sérvio havia subido para 135 mil homens, novos recrutas foram incorporados, muitos faziam parte da população civil. O marechal Putnik havia ficado exausto por causa da fuga, a gripe, bronquite e pneumonia o matavam aos poucos. Mais tarde Putnik foi demitido do cargo por causa das crises na liderança Sérvia, ele ficou amargurado com a demissão e viajou para Nice na França, onde foi recebido pelas autoridades com todas as honras, passou então a morar na França. Os aliados

começaram a colocar em prática uma operação para devolver a Pátria aos sérvios. Muitos navios abarrotados com soldados sérvios passaram a ser enviados de volta para Sérvia na lutar contra os búlgaros, nessa investida os navios tiveram que atravessar o escudo de submarinos alemães, para desembarcar e conquistar a primeira cabeça de ponte na Sérvia. Muitos desses navios quase foram afundados, mas a grande maioria conseguiu atravessar a barragem de submarinos.

O combate entre búlgaros e sérvios teve início com uma carnificina implacável. O inverno impedia que a artilharia fosse bem sucedida, os combates então tiveram que ser travados corpo a corpo. Dois meses depois os sérvios conquistaram sua primeira vitória contra os búlgaros, mas não conseguiram alcançar Prilep para estabelecer um governo sérvio, temiam lançar um ataque geral nessa cidade, visto que os alemães e búlgaros poderiam desfechar um contra-ataque e destroçar os sérvios que precisavam repor suas forças. O Exército sérvio decidiu esperar junto com seus aliados franceses o momento certo para dar um golpe final contra Prilep.

## *A Batalha de Verdun*

### *A Carnificina*

O ataque alemão contra os franceses teria que ser desfechado ao sul da região do rio Somme. Apenas duas áreas atingiriam os franceses (Verdun e Belfort), duas antigas fortalezas do país. As tentativas francesas realizadas nos Vosgues no inverno de 1914-15 mostraram o quanto era difícil atacar em Belfort. Devido aos fracassos do marechal von Moltke, o comando do Exército alemão foi transferido para o general Erich von Falkenhayn, que escolheu Verdun para atacar...

Verdun era o mais poderoso ponto de apoio para uma tentativa de

ataque, para tornar insuperável toda a frente alemã na França e Bélgica. O 5º Exército alemão do Kronprinz (Príncipe Herdeiro) Guilherme, que estava defronte ao setor de Verdun há algum tempo, foi designado para realizar a ofensiva. O Príncipe com seu chefe de Estado-Maior, Von Knobelsdorf, achavam que qualquer operação contra a fortaleza teria que ser em frente ampla e abrangendo as duas margens do rio Mosa. Verdun era a pedra angular da frente ocidental, um ataque de frente ampla poderia vencer os franceses. O Príncipe Herdeiro decidiu-se por um ataque pelo norte e nordeste. Para fazer isso ele tinha 12 divisões estacionadas numa frente de 13 km, com mais três divisões na reserva. Verdun consistia de duas linhas de fortes rodeando-a numa circunferência de 48 quilômetros. Os bombardeios ali efetuados pela artilharia alemã durante 1915 causaram poucos danos. Verdun era considerada uma cidade indestrutível, mas a defesa também tinha seus pontos fracos, consistia de soldados territoriais de segunda linha, os fortes pareciam abandonados. Entre eles e mais além só havia ruínas: trincheiras em grande parte destruídas; alambrados cortados, com seus emaranhados cobrindo os bosques, estradas e trilhas transformadas em atoleiros; equipamento espalhado e muito metal estragando na chuva.

O kaiser Guilherme afirmou confiantemente que a guerra na Frente Ocidental iria terminar em Verdun, tendo os alemães como vitoriosos, ele acreditava no sucesso total da ofensiva, principalmente por que seu filho estava comandando. Os ataques em Verdun haviam sido programados para 11 de fevereiro de 1916, mas o mau tempo obrigara o filho do Kaiser, Príncipe Guilherme a adiar o ataque e somente ao amanhecer de 21 de fevereiro, o bombardeio finalmente começou.

Durante as cinco primeiras horas de fogo, começando pelos desvios ferroviários da própria Verdun até as trincheiras de linha de frente, tudo foi sistematicamente bombardeado. Foi usado enorme quantidade de granadas de gás contra as posições de artilharia francesas, a fim de impedir o contrabombardeio. O bombardeio



então cessou e, quando os franceses se ergueram das ruínas a fim de se prepararem para atacar, os alemães com seu sistema eficaz de observação, que incluía aviões e balões, puderam notar que as posições ainda estavam defendidas. Então, continuaram o bombardeio por mais quatro horas, desta vez usando morteiros contra partes da linha onde foi visto soldados franceses. Quando cessou o bombardeio, às 16 horas, em vez de desfechar um ataque em massa, os alemães sondaram a frente com patrulhas de combate. O bombardeio conseguiu o efeito desejado, a defesa atordoada, sua artilharia estava desorganizada e comunicações com a retaguarda cortadas. Os alemães não teriam dificuldades em penetrar as linhas de defesa e chegar até Verdun.

Admirado com a facilidade com que as sondas haviam penetrado as linhas francesas, o Príncipe Herdeiro ordenou um ataque geral para o dia seguinte, com a cobertura de um bombardeio preparatório. Os franceses fizeram contra-ataques locais num dos quais morreu o Tenente-coronel Driant, que era membro da Câmara em Paris e que havia lutado para que reforços fossem enviados para Verdun. Os alemães continuaram a mover-se com cuidado. Eles empregaram pela primeira vez o lança-chamas, seis companhias haviam sido confiadas ao Príncipe Guilherme, com bons resultados contra pontos-fortes, até que os franceses descobriam como enfrentá-los, atirando contra o volumoso equipamento e incendiando-o.

O dia 25 de fevereiro de 1916 foi o mais terrível para os franceses. Uma pequena patrulha alemã de dez homens do 24º Regimento de Brandenburgo capturou o forte de Douaumont, a pedra angular das defesas francesas. Naquele dia, o general Henri Pétain de 60 anos, e líder do II Exército foi nomeado comandante da defesa de Verdun, e logo pôs ordem a catástrofe. Os fortes foram rearmados; os setores, adequadamente organizados; novas linhas de trincheiras construídas, e o sistema de abastecimento foi reorganizado.

No primeiro dia da batalha, a única ferrovia que chegava a Verdun fora destruída, e os franceses ficaram apenas com uma estrada

estreita para uso de suas comunicações com a retaguarda. Os alemães tinham 14 linhas principais a disposição e um bom sistema rodoviário. O piloto francês Jean Navarre pilotava um Nieuport pintado de vermelho e ficou famoso com a alcunha “A Sentinela de Verdun” ele derrubava qualquer avião alemão que se aventurasse pelo local, os poilus vibravam e eram encorajados toda vez que avistavam o avião vermelho do piloto francês.

A célebre La Voie Sacrée (A Via Sacra), a estrada carroçável que ligava Verdun a Bar-le-Duc, tornou-se a única linha vital dos franceses. A Via Sacra estendia-se pelos 120 km que levava a Verdun os reforços e trazia de volta os soldados cansados e feridos. O homem responsável pela sua administração foi o major Doumec, que deu instruções, de que excluíssem totalmente os comboios a cavalo ou a pé, desviando-os para rotas paralelas, não interrompendo de maneira alguma o tráfego para fazer quaisquer reparos no leito da estrada. Nenhum comboio militar a atravessaria, a menos que tivesse permissão de fazer a volta nela, qualquer veículo encontrado ali sem condições de ser rebocado deveria ser jogado nas margens fora da estrada. Ninguém tinha o direito de parar o carro, a não ser que houvesse enguiço; nenhum caminhão poderia ultrapassar o outro. A partir de 29 de fevereiro, cerca de 3.000 caminhões transportaram 50.000 toneladas de munição e 90.000 homens para frente todas as semanas.

À medida que novas divisões eram lançadas à Verdun a luta crescia de uma maneira nunca vista. Em meados de março Verdun transformou-se no próprio inferno. Não havia campos nem bosques. Apenas uma paisagem lunar. Um lameiro repleto de crateras. Trincheiras desmoronadas, entupidas, refeitas, novamente cavadas e, mais uma vez, entupidas. A neve derreteria; os buracos de granadas estavam cheios de água e, ali, os feridos se afogavam. Os homens não podiam arrastar-se para fora da lama.

O general Erich von Falkenhayn e o príncipe Guilherme começaram a visualizar no que lançaram suas tropas, mas não havia como voltar a trás. A luta prosseguia e, em junho, até mesmo a

calma de Pétain já começava a perder força; então ele sugeriu ao marechal Joffre que os franceses deviam recuar.

Verdun também se transformava em símbolo de resistência para os franceses. Os brados de **“Os alemães não passarão”** representavam agora hinos de sobrevivência não só para os defensores de Verdun, mas também para toda a nação. Os comandantes de Verdun pensaram na retirada, mas por mais aconselhável que parecesse a retirada, não seria possível, mesmo por que a ofensiva britânica do Somme estava prestes a começar...

No dia 11 de julho, por causa da pressão exercida no Somme, o comandante alemão Falkenhayn foi obrigado a reduzir os ataques em Verdun, a estratégia dera certo, Verdun agora não ficara tão pressionada. Pétain procurava apenas recuperar-se, mas isso não acontecia com seus subordinados, os generais Robert Nivelle e Charles Mangin. De outubro em diante, eles realizaram uma série de ataques violentos visando recuperar todo o terreno perdido antes. E, aos poucos, foram conseguindo, mesmo com baixas cada vez maiores para ambos os lados. Doze quilômetros de território fora conquistado. O general Mangin, que acreditava que o ataque resolveria tudo, atacava a primeira linha com os canhões de 75 mm; nada podia atravessar a barragem, depois martelava a trincheira com os canhões 155 mm e os 58 mm (morteiros), quando a trincheira estava bem revirada, partia para atacar seus ocupantes que, em geral, saíam em grupos e rendiam-se, enquanto isso ocorria, suas companhias de reserva eram retidas nos próprios abrigos subterrâneos por uma chuva enorme de granadas pesadas. As cataratas de aço juntavam-se aos poilus a uns 70 ou 80 m atrás. A batalha final ocorreu a 18 de dezembro de 1916, com os franceses tendo recuperado quase todo o terreno anteriormente perdido para os alemães. O Chefe de Estado Maior Erich von Falkenhayn por pouco não esgotara por completo os exércitos franceses, como queria. Mas ele não previra tão elevado número de baixas para seu lado. Verdun foi uma guerra de homens abandonados, uns poucos homens em torno de um chefe, ou

mesmo um simples soldado que era capaz de liderar. Às vezes era um único homem tomando toda a iniciativa. Punhados de homens obrigados a agir, a responsabilizar-se pela defesa - ou pela retirada. Houve aqueles que perderam o controle, em geral ocorria nas unidades maiores que foram atingidas pelo choque inesperado da catástrofe. Atos decisivos e corajosos eram individuais, e por isso permaneciam invisíveis. A luta em Verdun, mais do que qualquer outra da frente ocidental, foi uma batalha de soldados e não de generais. A batalha de Verdun resultou num massacre sem precedentes: 434 mil alemães mortos ou feridos e 550 mil franceses fora de combate.

## **A OFENSIVA DO RIO SOMME**

No dia 16 de dezembro de 1915, o marechal Sir Douglas Haig substituiu o marechal Sir John French no comando geral das forças britânicas. Haig usou de intrigas para tomar o lugar do marechal French, convenceu o Rei George que French era incapaz de continuar no comando (o que não deixava de ser verdade). A Batalha do Somme foi a primeira ofensiva britânica no qual Haig liderou completamente.

O vale do Somme não possuía valor militar, era uma região remota do norte da França, ao seu redor, havia apenas bosques, propriedades rurais e pequenos vilarejos, não havia ferrovias, fábricas, estaleiros ou qualquer outro ponto estratégico militar ou político em um raio de quilômetros. A ofensiva britânica tinha como objetivo desviar a atenção germânica de Verdun. O local estava nas mãos dos alemães desde o início da guerra e foram construídas três linhas de entrenchamentos germânicos, essas linhas eram fortemente defendidas e possuíam várias fortificações de concreto e muitos ninhos de metralhadoras escondidos entre bosques, pequenas vilas e quintas, era uma região bucólica e pacata. Em fevereiro quando a

ofensiva alemã em Verdun teve início intensificou-se no Somme a construção de hospitais, estradas, campos e estações de água, estava nítido que algo iria acontecer na região, essas construções deixavam claro que uma grande operação militar aliada estava sendo colocada em prática. Verdun a pedra angular da França estava prestes a ser derrotada pelos alemães, se isso viesse a acontecer os franceses iriam perder a guerra. A intenção de uma ofensiva no Somme era trazer para si parte do ataque alemão em Verdun.

A força principal de ataque no Somme era formada pelo Quarto Exército britânico constituído pelos “**Batalhões de Amigos**” que possuíam vínculos de amizade, trabalho e residência, na verdade não passavam de civis que não possuíam experiência militar, esses homens eram voluntários da campanha de propaganda militar do ministro de guerra Sir Kirtchener. O ministro conclamou os civis a guerra visto que o alistamento militar não era obrigatório na Inglaterra. O Exército inglês sofria de escassez de material humano, a maior parte estava em luta encarniçada em Flandres, principalmente na cidade belga de Ypres.

Os franceses também lutariam no Somme, mas numa proporção bem menor, pois a maior parte do exército tentava segurar Verdun. A Guarda de Reserva francesa seria então usada para apoiar os britânicos no Somme, eram poucas, mas excelentes unidades que haviam tido poucas baixas desde o início da guerra.

No dia 24 de junho, quatro mil canhões britânicos e franceses, distribuídos numa frente de 40 km dispararam nos campos do Somme uma saraivada de bombas que cobriram o céu de fogo e aço, e atingiram principalmente a Primeira Linha Alemã. Os britânicos acreditavam que nada sobreviveria às cataratas de projéteis que caíram sobre os alemães, entretanto muitos boches estavam bem protegidos nas suas profundas casamatas debaixo da terra. A primeira cobertura de bombas transformou as trincheiras alemãs em pó, mal sabiam os britânicos que os alemães haviam previsto um forte bombardeio na Primeira Linha, e transferiram a maioria dos homens

para a Segunda Linha de trincheiras. Embora a Primeira Linha tenha ficado irreconhecível, poucos alemães morreram, por que na verdade quem foi castigada foi a terra. Após o bombardeio: árvores, abrigos e alguns boches viraram destroços, em seguida os formidáveis aviões **Nieuport 17 e Sopwith Strutter** metralharam e bombardearam o local, essas aeronaves estabeleceram superioridade aérea contra a aviação alemã, até então os alemães não possuíam uma força aérea capaz de superar os Aliados, isso só viria a acontecer alguns meses depois, quando o Barão Vermelho organizou e assumiu as esquadrilhas de caça alemãs.

As bombas lançadas no Somme foram sentidas a 250 km de distância, balançando as janelas de Londres. Nesse primeiro dia começou a chover a noite, e os disparos dos canhões reiniciaram trazendo uma enxurrada de fogo que se misturava a torrencial chuva transformando o Somme num mar de lama. Era uma visão aterradora, pois o céu negro foi surpreendido por milhares de projéteis que pareciam fogos de artifício. No dia 26 de manhã, os britânicos e franceses lançaram obuses carregados com gás venenoso, entretanto os alemães procuraram se defender com máscaras de gás. À tarde os aviões atacaram novamente, dessa vez estavam carregados com torpedos aéreos, que ao serem lançados emitiam um apito aterrorizante e afundavam na lama e depois de alguns segundos explodiam provocando enormes crateras. Os subterrâneos abrigos alemães haviam suportado o poder de fogo dos canhões, embora nada acima deles estivesse vivo ou inteiro, mas esses torpedos aéreos começaram a fazer estragos até nas intocáveis casamatas subterrâneas. Os alemães começaram a ficar apavorados, pois alguns deles estavam sendo atingidos debaixo da terra e sendo lançados aos pedaços pela superfície. O silvar do torpedo matava de pânico mesmo antes de cair, o calafrio e o medo tomava conta de todos. O impacto dos bombardeios estava sendo tão terrível que alguns alemães começaram a desertar. Após o ataque com torpedos, começou a jorrar fumaça e fogo de dentro da terra, era como se o inferno quisesse sair. O poder dos torpedos

foi terrível, em muitos abrigos subterrâneos os alemães acabaram enterrados vivos. No dia 28 de junho, as trincheiras alemãs quase não existiam mais, haviam se transformado em crateras, era uma paisagem lunar aterradora. Um milhão e 500 mil obuses foram lançados contra os alemães durante aqueles primeiros dias da ofensiva, e 30% estavam carregados com gás químico.

Alguns soldados britânicos foram enviados para sondar a situação dos alemães, entretanto acabaram capturados e foram obrigados a dizer onde e quando seria realizado o principal ataque da infantaria. Logo os germânicos possuíam informações, que o ataque principal seria lançado na madrugada de 29 de junho, em ambos os lados dos rios Somme e Ancre. Os alemães então se prepararam para enfrentar os ingleses e franceses, mas o ataque não veio no dia 29 e muito menos no dia 30 de junho.

Uma força de 750 mil homens entre britânicos e franceses estavam reunidos no Somme para conquistar 24 km de trincheiras alemãs, acreditavam os britânicos que seria muito fácil conquistar esse terreno, visto que o Marechal de Campo Sir Douglas Haig, afirmara que o bombardeamento inicial destroçou os alemães completamente. O sistema de trincheiras estava defendido por 35 mil alemães. Na manhã de 31 de junho, aviões ingleses sobrevoaram o Somme lançando dezenas de balões de observação que cobriram o céu, esses globos iriam informar como estavam as defesas alemãs. Pouco tempo depois às 06h30 da manhã, o maior e pior canhoneiro desde o início da batalha foi disparado contra os alemães. Sete dias constantes de bombardeamentos deveriam ser suficientes para paralisar qualquer contra-ataque alemão. Às 07h30 os apitos dos oficiais ingleses podia ser ouvido de longe prenunciando o tão esperado ataque por terra. Sessenta mil britânicos avançaram gritando e cantando para ocupar o espaço dos inimigos, acreditavam que nenhum alemão tivesse sobrevivido, estavam orientados a caminhar como conquistadores vitoriosos, mas de repente os alemães surgiram dos escombros como se fossem mortos vivos e receberam os ingleses à balas, mesmo



assim muitos ingleses conseguiram atravessar a Primeira Linha, entretanto, metralhadoras e espingardas que estavam posicionadas na Segunda Linha destroçaram os britânicos, e alguns lança-chamas queimaram muitos ainda vivos. Os alemães que haviam sido transferidos para a Segunda Linha foram chamados para ajudar no massacre britânico. Logo o Exército inglês se viu cercado por um bolsão, eram alvejados tanto pelos sobreviventes da Primeira Linha quanto pelos intactos da Segunda Linha. Quase toda a força de ataque foi destruída, 57.470 fora de combate, dentre os quais 21 mil mortos instantaneamente. O desastre foi terrível, pois as unidades britânicas eram constituídas por vizinhos e amigos, as cidades inglesas choraram num único dia a morte de seus entes queridos. Foi a maior perda britânica num único dia, um desastre terrível para a Inglaterra. Apenas 4,5 km de trincheiras foram capturadas, o objetivo era conquistar 24 km. Muitos soldados ingleses foram abandonados na Terra de Ninguém, estavam feridos, choravam por socorro e agonizavam, certamente passariam dias de sofrimento até sucumbir à morte, entretanto muitos acabaram salvos à noite pela heroica ação de alguns enfermeiros, que arriscaram a vida para resgatá-los, alguns desses padioleiros acabaram alvejados por snipers (atiradores de elite) alemães. Esses atiradores conseguiam visualizar os inimigos graças aos sinais luminosos que eram lançados pelos alemães, e desciam na cor vermelha alaranjada iluminando a Terra de Ninguém. Enquanto os britânicos tiveram quase 60 mil baixas, os alemães somavam apenas seis mil entre mortos e feridos. A catástrofe havia sido tão grande que o moral dos britânicos foi reduzido a nada, muitos abandonaram suas trincheiras e desertavam para o lado alemão. Os snipers alemães acertavam qualquer um que se aventurasse pela Terra de Ninguém, os soldados britânicos evitavam fumar à noite, pois corriam o risco de serem alvejados pelos atiradores, que tinham como mira a brasa dos cigarros, alguns perderam a vida simplesmente por que decidiram acender um cigarro. Nesse caso, o cigarro literalmente estava matando.



Embora o ataque tenha se transformado em tragédia para os britânicos, os franceses conseguiram ocupar nos dias seguintes a Segunda Linha Alemã. Diante da vitória francesa o comandante Von Falkenhayn foi obrigado a aliviar a pressão em Verdun, e desviar alguns soldados para o Somme antes que caísse em mãos aliadas. O Somme foi um desastre em perdas humanas, mas a intenção de salvar Verdun havia sido alcançada. Nos dias seguintes os aliados continuaram avançando, enquanto os alemães surgiam das crateras provocadas pelas bombas e dizimavam os invasores com suas metralhadoras e espingardas, aumentando as baixas aliadas. A primeira fase da batalha estendeu-se até o dia 17 de julho. Vinte dias de batalha haviam transformado a região do Somme numa massa de lama e carne mal cheirosa.

No dia 18 de julho foi colocada em ação a segunda fase da batalha, e no dia 20 uma nova ofensiva aliada foi realizada, mas obteve pouco êxito contra os alemães que conseguiram barrar a ofensiva no dia 25.

Embora os alemães tenham barrado os britânicos, Falkenhayn desviava mais e mais homens de Verdun para o Somme, isso não era bom para seus planos. Os franceses reiniciaram a ofensiva no mês de agosto, mas as chuvas torrenciais atrapalharam qualquer sucesso. No mês de setembro, os alemães haviam recuado 8 km a um custo de milhares de vidas. Apenas 1/3 do local havia sido alcançado, esse era o terrível sucesso que o marechal Douglas Haig havia prometido às suas tropas. No dia 03 de setembro os aliados novamente lançaram um ataque, que terminou no dia 14 tendo alcançado um pouco mais de terreno. Algo estava para mudar a favor dos aliados, eles tinham uma nova arma (tanques de guerra) que seriam usados pela primeira vez, o carro de aço faria sua estreia no Somme. Infantes canadenses, neozelandeses, australianos e sul-africanos já haviam sido usados para romper as linhas alemãs, mas a um custo enorme de vidas, dessa vez esses homens seriam usados para dar suporte aos tanques. No dia 15, o ataque dos carros de

combate teve início com grande sucesso, as fortes linhas alemãs e os ninhos de metralhadora foram incapazes de conter os carros de combate que destruíram as linhas alemãs. No dia 20 de setembro os alemães contra-atacaram, mas foram repelidos. No dia 26 os ingleses conquistaram Comblès, a principal fortaleza alemã que era muito bem fortificada. Nos túneis subterrâneos de Comblès, os ingleses encontraram mais de dois mil cadáveres alemães, era prova de que os bombardeios haviam tido algum êxito. Depois da queda dessa fortaleza a Terceira e última linha alemã foi alcançada. Entre outubro e novembro os ingleses lançaram uma série de ofensivas atacando e capturando várias vilas que estavam em poder dos alemães, a intenção era expulsar os boches do Somme de uma vez por todas, porém o inverno chegou tornando impossível ofensivas no local. Quatorze quilômetros haviam sido alcançados pelos aliados, porém dez quilômetros ainda permaneceram nas mãos alemãs, que foram mantidas ao custo de milhares de vidas.

A ofensiva no vale do rio Somme terminou no dia 17 de novembro. Cinco meses de lutas encarniçadas deixaram um saldo de 420 mil ingleses, 204 mil franceses e 464 mil baixas alemãs entre mortos e feridos. Os boches aumentaram suas perdas principalmente por causa dos desesperados contra-ataques, pois receberam ordens de não perder um metro sequer de terreno para os aliados. Mais de 1 milhão de baixas por causa de 24 km de terra. Embora a batalha do Somme fosse uma catástrofe em perdas humanas, o objetivo principal fora alcançado: desviar forças alemãs de Verdun.

A batalha de Verdun foi considerada o próprio inferno, o Somme foi ainda pior, uma tragédia humana sem precedentes que iria marcar os homens para sempre. Em poucos meses as batalhas de Verdun e do Somme deixaram mais de dois milhões de vítimas entre mortos e feridos. Foi uma das maiores catástrofes da história da humanidade.

Os fracassos das campanhas de Verdun e do Somme provocaram a queda do general Erich von Falkenhayn, que foi substituído pelo

general Von Hindenburg e por seu assistente, general Ludendorff. Dali em diante esses dois homens iriam liderar o Exército alemão e promover uma ditadura não oficial por toda a Alemanha.

## A OFENSIVA BRUSILOV

Os russos haviam sido expulsos de Varsóvia e vencidos pelos alemães, a maioria dos soldados russos procuravam ficar na defensiva para que seu país não corresse o risco de invasão, mas um general russo de nome Brusilov iria rechaçar essa humilhação. A ofensiva austríaca contra a Itália em 1916 trouxe outro apelo ao czar russo Nicolau. Em resposta, o general Aleksei Brusilov, comandante do Exército do Sudoeste russo atacou numa frente de 480 km no dia 4 de Junho de 1916. Para ganhar surpresa, não houve nenhum agrupamento anterior de tropas ou preparação de artilharia preliminar. Bem planejados, os ataques morderam a linha Austro-alemã em dois lugares. Brusilov, porém, recebeu pouca ou nenhuma ajuda dos dois outros exércitos Russos na frente, e no dia 16 de Junho uma contraofensiva alemã conteve o empurrão Norte dele. Novamente tomando a ofensiva no dia 28 de Julho, Brusilov fez ganhos mais adiante, até que reduziu a velocidade por escassez de munição. Seu terceiro ataque, começado no dia 7 de agosto, o trouxe aos contrafortes dos Carpathos em 20 de setembro. A ofensiva terminou quando reforços alemães, apressados de Verdun, sustentaram os alquebrados austríacos, que corriam o perigo de serem vencidos pelos russos e colocados fora da guerra. A Ofensiva de Brusilov foi a mais competente operação russa da Grande Guerra. Ela debilitou as ofensivas das Potencias Centrais na Itália e em Verdun, contribuindo para a queda do comandante em chefe alemão Erich von Falkenhayn. Os russos, porém, tinham sofrido um milhão de vítimas. As perdas austríacas foram até maiores. O imperador Austro-húngaro Francisco José havia morrido aos 84 anos, e a derrota militar provocada pelos russos foi o elemento mais importante na

desintegração da Áustria.

Depois de negociar por muito tempo com os aliados por uma promessa de ganho territorial, a Romênia estava tão impressionada com o sucesso inicial da Ofensiva de Brusilov, que declarou guerra à Alemanha e à Áustria no dia 27 de Agosto. Os exércitos romenos avançaram na Transilvânia, onde eles foram repelidos por Von Falkenhayn que agora comandava o 9º Exército alemão. O marechal alemão Von Mackensen, comandando o Exército búlgaro do Danúbio, voltou-se ao norte pelo Dobruja e cruzou o Danúbio no dia 23 de novembro, encurralado numa saliência, o general romeno Alexandru Averescu que foi desastrosamente derrotado na Batalha do Rio Arges (14 de Dezembro). Bucareste foi ocupada no dia 6 de dezembro, e pelo fim do ano os remanescentes dos exércitos romenos tinham sido repelidos para a Rússia, retendo uma minúscula posição em seu próprio país com o atrasado apoio russo. A maior parte dos campos de trigo, e dos poços de petróleo romenos caíram em mãos alemãs.

---

Em 1917 na Grécia, os aliados viviam um impasse, pois esse país havia sido usado como base pelos franceses e sérvios contra os alemães e búlgaros. Os gregos viviam uma guerra civil, de um lado a facção do rei Constantino apoiava os alemães e de outro a facção do ministro Venizelos apoiava os aliados. Enquanto isso na Sérvia, batalhas terríveis aconteciam perto de Monastir, cidade ocupada por búlgaros e alemães. A defesa natural do lugar ajudou as Potências Centrais, a região era constituída de vales, penhascos e árvores enormes, sem contar na Nebraska que castigava os aliados. Tanto os franceses quanto os britânicos tentaram ocupar a cidade, mas fracassaram.

O governo de Venizelos ocupava a região Norte da Grécia e sua sede era baseada em Salônica, e o governo do rei Constantino controlava o Sul. A base de Salônica era protegida pelos aliados, mas logo começou a ser atacada por enormes bombardeiros alemães Gotha, que depois de

algum tempo acabaram repelidos por caças franceses e ingleses vindos da França. Com derrotas russas a favor dos alemães, o rei Constantino tornou-se mais alto confiante e desafiava os aliados, entretanto os franceses e ingleses decidiram por um fim nisso e invadiram Tessália, uma importante cidade, perto de onde o rei Constantino estava abrigado. O monarca foi então forçado a abdicar do trono em 11 de junho de 1917. Foi permitido a Constantino fugir para a Alemanha, seu filho Alexandre negociou com os aliados e tomou o trono grego com Venizelos como seu Primeiro Ministro. A Grécia foi reunificada e se juntou aos aliados, com um exército de 100 mil homens para ajudar na conquista da Sérvia, entretanto as crises na Frente Ocidental não permitiram que o ano de 1917 fosse palco de um grande ataque aliado para reconquistar a Sérvia.

## **A BATALHA DE YPRES**

Desde outubro de 1914, os ingleses vinham enfrentando os alemães na região da cidade belga de Ypres.

Em 1915, durante a segunda batalha no local, os alemães utilizaram o gás de cloro pela primeira vez e obtiveram sucesso em forçar o recuo dos britânicos novamente para a cidade de Ypres. Ali, um bolsão, formou-se na sua linha de vanguarda, a qual deixava a cidade exposta, por três lados, a fogo de artilharia. A cidade foi gradualmente destruída. O gás usado neste local era terrível, quando as nuvens coloridas se aproximavam gongos e matracas avisavam os combatentes das ameaças tóxicas e mortais, os alemães foram os criadores da guerra química, embora os franceses tenham usado gás lacrimogêneo antes. A inauguração das investidas com gases venenosos foi em 22 de abril de 1915. Na Segunda Batalha em Ypres, uma névoa de um verde cinzento soprou até as linhas das tropas aliadas. Em pânico milhares de soldados tentaram escapar, deixando armas e mochilas. Outros milhares se arriscaram com máscaras improvisadas. O ataque dos

germânicos mostrou-se um sucesso como guerra psicológica, os inimigos desertaram em massa deixando um grande número de mortos em poucos minutos. Uma brecha de mais de 6 quilômetros de território livre foi deixada para o avanço alemão. Fritz Haber, era o chefe do Serviço de Guerra Química Germânica, dirigiu pessoalmente a investida com o cloro gasoso.

Os aliados em resposta ao ataque alemão investiram em agentes tóxicos, criaram então o fosgênio, não provocava efeitos imediatos, entretanto matava soldados até 48 horas depois da inalação. Ainda em 1915 os franceses criaram granadas de fosgênio, que não dependiam mais de bons ventos para destruir os inimigos.

O exército inglês era responsável pela área de Flandres (fronteira da Bélgica com a França), ao leste de Ypres, tinha uma importância estratégica muito grande, pois era dominada por uma cadeia de montanhas, ocupadas pelos alemães, que se estendia do leste ao sul de Ypres. Esse lugar era a única parte alta de um terreno que se estendia em uma vasta planície e, se os britânicos pudessem romper o bolsão da cidade e tomá-lo poderiam virar-se para o Norte e expulsar os alemães da costa belga, capturando os portos de Ostend e Zeebrugge. A posição alemã na Bélgica estaria então flanqueada e o seu coração industrial, o Rhur, estaria sob ameaça direta dos aliados. Os ingleses decidiram realizar mais um ataque nesse precioso local, mas a chuva era o maior inimigo para os britânicos que acabaram adiando o ataque em Ypres. Mas em julho de 1917 parou de chover, o marechal Sir Douglas Haig preparou então o ataque para o dia 19 de julho.

A Alemanha criara o gás mostarda, o vento amarelo devastava as linhas inimigas, mesmo as tropas que usavam máscaras de proteção em contato com qualquer parte da pele provocava bolhas, atacando olhos e pulmões, os efeitos do bombardeio de alto explosivo e gás mostarda alemães forçaram Haig a atrasar duas vezes a data original da ofensiva, nenhum antídoto havia sido descoberto contra o gás mostarda, depois do seu primeiro uso efetivo, na barragem de 26 de

julho, um sexto dos homens do 5º Exército britânico, que estava concentrando para a ofensiva, foram dados como baixa. Os alemães tinham consciência da importância estratégica de Flandres e por causa disso, esta era uma das partes mais fortemente defendidas de sua linha. Os alemães tinham pleno conhecimento de tudo sobre a batalha que estava por vir...

No dia 27 de julho, os alemães executaram uma retirada tática das suas linhas de frente, em direção à cadeia montanhosa de Passchendaele. Este procedimento abriu uma zona potencial de atoleiros no terreno baixo entre o seu novo front e as linhas de avanço britânicas. A Linha Hindenburg batizada em homenagem ao Chefe Militar Alemão baseava-se em defesa de profundidade com três linhas, sendo a última posicionada além do alcance das armas britânicas. Essas linhas possuíam extensões de arame farpado, bunkers de concreto espaçados e ninhos de metralhadoras. O arame farpado era posicionado de forma a afunilar os atacantes em zonas de tiro, cobertas por metralhadoras e cuidadosamente assinaladas pela artilharia, de forma que os atacantes pudessem ser aniquilados por uma vasta concentração de projéteis. As concentrações de tropas e a artilharia britânica estavam sob visão direta da colina de Vimy Ridge, e o fogo de artilharia alemão era utilizado com grande efeito a fim de interromper os preparos de Haig para a batalha; os alemães haviam desenvolvido uma técnica muito efetiva de contra-ataque caso fossem desalojados de suas posições. Eles mantinham tropas descansadas na reserva, especificamente para os propósitos de contra-ataque, e estas seriam capazes de assaltar seus exaustos inimigos. A artilharia alemã também era superior à britânica, tinha alcance maior e possuía melhores projéteis. Também possuíam uma arma secreta, que consistia na dispersão de gás mostarda através de obuses. Este líquido causava bolhas na pele, caso tocado ou simplesmente se o soldado andasse pela zona de evaporação. O efeito deste gás nos olhos era devastador. Os efeitos da geografia e do clima foram acentuados pela insistência de Haig no bombardeio preliminar

das linhas alemãs. Muitos projéteis não atingiram a distância necessária e transformaram um campo de batalha complicado em um local intransponível, devido à criação de um brejo. Ypres era o inferno na terra, um mar de lama negra misturado com sangue e cadáveres. Este bombardeio preliminar de duas semanas foi tão forte que uma divisão alemã desertou de suas posições, mas o fogo de contra-bateria alemã não foi afetada e a artilharia australiana sofreu, pois estava exposta nas planícies abertas. Os alemães usavam uma variada gama de projéteis; alto explosivo, gás mostarda e gás lacrimogêneo, este último servia para fazer os artilheiros espirrarem e lacrimejarem tanto que não poderiam vestir suas máscaras de gás, sucumbindo então aos efeitos de uma segunda bateria de gás mostarda.

Sob as ordens do marechal Douglas Haig, a Terceira Batalha de Ypres finalmente começou em 31 de julho de 1917, com o ataque nas planícies do norte, mas foi mundialmente conhecida como a Batalha de Passchendaele, pois ela tinha um único objetivo, a tomada da vila de Passchendaele e os terrenos elevados a sua volta. Algumas tropas eram apoiadas por formações maciças de tanques e o ataque mostrou-se, bem sucedido. Quando tudo caminhava para o golpe final contra os alemães, às quatro da tarde a chuva se iniciou, caiu dez vezes mais chuva do que o esperado, infelizmente, as tropas do flanco direito foram bloqueadas e falharam em alcançar seu objetivo: conquistar a ravina Gheluvelt.

O tempo permaneceu chuvoso por dias e as inundações tornaram o terreno impossível à operação de tanques. Embora Haig tenha inicialmente proposto uma batalha curta, a fim de penetrar as linhas alemãs, isso se mostrou impossível, mas ele ainda insistiu em continuar a batalha ao Norte. O general Gough, escolhido por Haig por ser um dos mais intrépidos de seus generais de divisão advertiu Haig que seria mais prudente cessar a batalha, mas a teimosia do Comandante decidiu que ela continuaria por mais três semanas, até 26 de agosto, mesmo com as terríveis baixas. Haig parecia não se preocupar muito com o número elevado de perdas, para ele não



passava de números, seu objetivo era vencer custasse o que custasse. Haig decidiu mudar o eixo da batalha do Norte para o Leste e, quando o tempo bom finalmente chegasse, ordenar o assalto na ravina Gheluvelt. Ele também alterou seu Estado-Maior, e o general Plumer foi designado para a próxima ofensiva. Plumer, um dos mais competentes generais ingleses, usaria avanços em pequena escala, sob proteção de potentes barragens, que impediriam os contra-ataques alemães. Essa estratégia levaria a uma estupenda concentração de força em um front relativamente limitado, o que facilitaria a troca de homens cansados e a distribuição de alimentos e munições. Os homens deveriam avançar atrás do abrigo de projéteis e seriam ocultados ao inimigo pela fumaça e detritos da barragem, entretanto, isto seria impossível se, por acaso, chovesse e o chão se tornasse uma massa de lama.

O tempo estava bom, nem sinal de chuva, a Batalha da Estrada de Menim, em 20 de setembro, foi a primeira vitória utilizando a nova tática de Plumer. Na madrugada daquele dia, depois de um bombardeio de saturação de cinco dias, os Anzacs conseguiram realizar um ataque bem sucedido com duas divisões australianas lado a lado e apoiadas por uma divisão escocesa à sua esquerda. Os australianos alcançaram a parte baixa, a Floresta Poligonal, tal feito custou às tropas cinco mil baixas. O terreno capturado foi consolidado e apoiado por uma linha, e estradas vicinais foram rapidamente abertas, a fim de possibilitar a rápida chegada de suprimentos ao novo front.

Em 26 de setembro o tempo ainda estava bom e o chão havia secado; neste dia a barragem de saturação de Plumer funcionou bem e os Anzacs puderam avançar muito rapidamente. A 4ª Divisão Australiana tomou então o restante da área da Floresta Poligonal. Eles haviam alcançado uma posição que os permitiria golpear o barranco principal da colina de Broodseinde. A Batalha de Broodseinde aconteceu na madrugada de 3 de outubro. As tropas australianas de prontidão foram bombardeadas com morteiros

pesados nas suas trincheiras e, conforme atingiam o topo, foram surpreendidas por tropas alemãs que avançavam sob cobertura do fogo de barragem; por coincidência as tropas inimigas haviam lançado um assalto ao mesmo tempo. Os alemães foram rechaçados pela carga de baioneta calada dos australianos, entretanto as metralhadoras alemãs causavam crescentes baixas e retiveram parte do ataque. Depois da carga australiana, os alemães retiraram-se para suas trincheiras onde, junto às suas reservas foram golpeados pelo forte bombardeio inglês, o que deixou muitas baixas. A barragem de artilharia direcionava-se profundamente nas linhas alemãs, e depois se voltava para a posição australiana, que, sob cobertura, avançou e posteriormente capturou a colina de Broodseinde em 4 de outubro.

Tendo os australianos alcançado o topo da ravina, possibilitou-os ver as linhas de retaguarda germânicas bem defronte, o único obstáculo a sua vitória era a Vila de Passchendaele, que estava em poder dos alemães. Estas três vitórias esmagadoras foram graças ao sucesso da técnica de Plumer, e foram possíveis somente por que o tempo estivera seco o suficiente.

Recomeçou a chover em 5 de outubro. Não chovia forte, uma fina chuva, Haig porém, animado pelas três vitórias, ignorou a chuva e decidiu fazer mais uma tentativa de quebrar as linhas alemãs na cadeia montanhosa de Passchaendale, advertindo a cavalaria para que esta estivesse pronta para seguir a investida e iniciar a perseguição. Ele ordenou aos Anzacs a tomada de Passchendaele em 9 de outubro, mesmo com o aumento da chuva. Haig não conhecia as fraquíssimas condições do terreno, que o arame farpado ainda não havia sido cortado e que os alemães haviam substituído suas tropas por novos homens, descansados, em suas secas casamatas. Suas razões para prosseguir eram permitir às suas tropas passar o inverno em Passchaendale, sem que os alemães os pudessem alvejar e em condições mais secas. Os australianos atacaram e, na Floresta Augusto, próximo a Tyne Cot, o capitão Clarence Jeffreis organizou um grupo e assaltou umas das

casamatas, capturando quatro metralhadoras e fazendo 35 prisioneiros. Ele ainda liderou outra carga, na próxima fortificação, mas foi morto por fogo de metralhadora, todos os oficiais em seu batalhão foram mortos ou feridos naquele dia. Por causa da bravura do capitão Jeffreys, 20 homens alcançaram os destroços que eram parte da igreja de Passchendaele. Infelizmente os britânicos à sua direita não conseguiram apoiá-los e os australianos foram forçados a se retirar, por todo o caminho percorrido, até o lamaçal da sua linha de frente original. Neste momento sua artilharia já estava quase sem munição e seus projéteis, ao serem disparados, se afundavam na lama, causando pouquíssimo impacto ao inimigo. Ainda assim Haig insistiu na batalha, mesmo com a chuva e o frio que chegou em 12 de outubro.

A insanidade de Haig ordenou ainda outro assalto, com os homens esforçando-se por avançar com lama nas alturas de seus quadris e seus rifles emperrados. Este ataque custou às forças aliadas 7.000 baixas, somente a 3ª Divisão Australiana perdeu 3.200 homens nas primeiras 24 horas da ofensiva. Os exaustos australianos finalmente recuaram, mas Haig estava obcecado pela captura da Vila de Passchendaele e ordenou aos canadenses que assumissem a batalha. Entretanto o general Elliot, recusou-se a mover as tropas enquanto o tempo não melhorasse e suprimentos adequados não estivessem à disposição. Tiveram que esperar e somente no dia 12 de novembro, os canadenses conseguiram tomar Passchendaele, ou o que restou da vila. Fotografias aéreas foram tiradas de Passchendaele depois da batalha, estima-se que 500 mil buracos de projéteis podiam ser vistos a cada meia milha quadrada da cidade. Mesmo alcançando o objetivo, ele foi inútil em termos do plano original: o ataque pelo mar a Nieuport foi abandonado e não havia esperanças de avançar contra os portos alemães do Canal da Mancha, que foram posteriormente bloqueados pelo almirantado através do afundamento de navios em Zeebrugge. O marechal Douglas Haig não conseguiu capturar as bases de submarinos alemães na costa belga. Em seus três meses, Passchendaele custou mais de meio milhão de vidas,

aproximadamente 250.000 mil alemães e 300 mil britânicos, dos quais 36.500 eram australianos. Noventa mil corpos ingleses e australianos nunca foram identificados, 42.000 jamais foram recuperados, estes foram explodidos em pedaços ou submersos na lama mortal. Muitos dos afogados eram homens exaustos ou feridos que desmaiavam ou caíam das tábuas (colocadas para a travessia pelos mares de lama) e não conseguiam mais escapar da massa malcheirosa, afundando para a morte enquanto lutavam para sobreviver. Durante os anos de batalhas em Ypres, 41 mil voluntários alemães perderam a vida dos quais 25 mil eram estudantes. Passchendaele resume a extraordinária bravura dos combatentes que tentaram o que era impossível, através de esforços sobre-humanos conseguiram cumprir com seus objetivos. Mesmo que seus esforços possam ser considerados inúteis pelos desmandos do Alto Comando, eles nunca poderão ser minimizados ou esquecidos. Jamais...



# VI

## MEMÓRIAS DO FRONT



*“A GRANDE GUERRA VIVIA UM ENORME IMPASSE... A FRANÇA ESTAVA MERGULHADA EM MOTINS, TUDO PARECIA PERDIDO.*

*A RÚSSIA FOI BATIDA PARA FORA DA GUERRA, O CZARISMO FOI EXTINTO PARA SEMPRE, INAUGURANDO O SOCIALISMO.*

*A ITÁLIA TAMBÉM FOI VENCIDA NA FAMOSA BATALHA DE CAPORETTO. FRANCESES E INGLESES ESTAVAM PERDIDOS NO MEIO DO TURBILHÃO DE DERROTAS, O DESESPERO TOMAVA CONTA DE TODOS... ERA A GRANDE CHANCE DA ALEMANHA VENCER A GUERRA DE UMA VEZ POR TODAS... SIM, OS BOCHES TRIUNFARIAM... OS GERMÂNICOS FINALMENTE VENCERIAM?*

*SÓ UM MILAGRE PODERIA SALVAR O QUE RESTAVA DOS ALIADOS... OS AMERICANOS TALVEZ REPRESENTASSEM ESSE MILAGRE?*

O capitão Gerrard havia passado toda a manhã inquieto com as memórias da guerra, que pareciam perfurar sua mente. Na parte da tarde conseguiu dormir um pouco, mas à noite mal havia se recuperado, o fantasma das memórias voltou a perturbá-lo...

### *1917 - A Batalha do Aisne e os Motins*

A guerra atingira um impasse sem solução na França. Por quase três anos, os inimigos vinham se defrontando na Terra de Ninguém ao norte da França, e a situação se mantinha praticamente intocável (se tornara uma guerra totalmente estúpida). As tropas esgotavam-se numa série de ofensivas custosas e ineficazes: Artois, Champagne, Verdun e o Somme. Nesta prolongada batalha de atrito, a França sofreu mais que qualquer outra nação. A guerra não só estava sendo travada em solo francês, devastação e perda de recursos naturais e industriais, como também suas perdas humanas foram mais pesadas que qualquer outra nação. As baixas totalizavam cerca de 2,25 milhões de homens. Em 1917, sem qualquer perspectiva de uma ação decisiva, o desgaste da nação começava a se fazer sentir. Tanto os soldados quanto os civis estavam desanimados e desiludidos.

O comandante Joseph Joffre, de 64 anos, comandante-chefe do Exército francês e principal defensor da estratégia de atrito adquirira enorme prestígio como o vitorioso do Marne em 1914, tinha supremacia nos assuntos militares aliados, que comandava do seu quartel-general no Castelo de Chantilly. No fim de 1916, ele fora combatido por deputados franceses ressentidos de seus poderes autocráticos. O ataque mencionava ostensivamente a má conduta das recentes campanhas do Somme e de Verdun, então forçaram o primeiro-ministro francês, Aristide Briand, a demiti-lo. Joffre recebeu o título honorífico de Marechal da França e foi colocado no posto de conselheiro militar do governo e substituído pelo

General Nivelle, ativo membro da Artilharia, tinha sessenta anos, alcançara fama como comandante em Verdun, ele acreditava ter a fórmula infalível para a vitória. O espírito agressivo de Nivelle e sua autoconfiança impressionaram de tal modo o ministro Briand, que o promoveu comandante-chefe dos exércitos do norte e nordeste. Nivelle logo provocou tumulto, ao reformar bruscamente os planos para uma ofensiva aliada de 1917. Ele estava convencido de que dispunha da fórmula para o sucesso, só que em escala muito mais ampla. Em vez do plano do marechal Joffre, que previa para fevereiro um ataque combinado de ingleses e franceses sobre uma frente ampla, Nivelle planejou um assalto francês maciço num setor cerca de 50 quilômetros, em Soisson-Reims, flanqueando o rio Aisne. O ataque deveria ser lançado em abril. Seria apoiado por ataques britânicos e franceses, destinados a conter as reservas alemãs. Quase um milhão de homens participaria do principal assalto: uma força comandada pelo general Micheler, constituída de três exércitos - o 5º (general Mazel), o 6º (general Mangin) e o 10º (general Duchêne). Depois de um bombardeio preliminar, o 5º e o 6º exércitos deveriam atacar e romper as linhas alemãs. O 10º Exército avançaria, então, pelo centro para explorar a ruptura. Esta concepção contrariava todo o pensamento militar. Nivelle depositava sua confiança num rápido ataque de surpresa, desferido com força esmagadora e destinado a destruir a principal força inimiga em 48 horas. Considerando-se o formidável poder da defensiva alemã desenvolvido em 1917, o plano era audacioso e à linha Soisson-Reims do inimigo era difícil, compreendendo uma série de planícies e cerros que se elevavam a 6.000 metros acima do rio Aisne. Todo o setor, mantido por dois anos pelos alemães, era coberto de fortificações, com canhões e armas automáticas. Embora a empreitada fosse arriscada, Nivelle conseguiu sua aprovação em Londres e Paris.

Um frio terrível desceu sobre a Frente Ocidental, retardando os preparativos para a ofensiva, intensificando o sofrimento das tropas,

que se amontoavam em suas trincheiras geladas, e deprimindo ainda mais seu moral já baixo. Em seguida, todo o plano de Nivelle foi ameaçado por uma importante retirada alemã. Em fevereiro de 1917, os alemães começaram a se retirar do setor de 144 quilômetros de Arras-Noyons-Soisson (a oeste da linha Soisson-Reims) para a fortemente defendida Linha Hindenburg. Deste modo, eliminavam uma saliência perigosa, diminuía sua frente e cortavam o contato com os franceses numa larga área do campo de operações projetado por Nivelle. Estes movimentos mudaram radicalmente o quadro estratégico, surgiram dúvidas sobre o bom senso do esquema de Nivelle. Em Paris, os membros do novo governo do general Alexandre Ribot receberam o plano com grande apreensão. À medida que prosseguiam os intensos preparativos junto à margem esquerda do rio Aisne, no intenso frio, fora perdido um elemento essencial para o sucesso francês: a surpresa. Era impossível esconder do inimigo os preparativos. As tropas francesas não tinham razão para acreditar que esta nova ofensiva terminaria em sucesso. O desânimo estava no seu ponto mais alto. Foi quando Nivelle conseguiu uma vitória psicológica. Produziu uma espetacular mudança de ânimo no Exército por meio de um esforço concentrado para elevar o moral. A apatia desapareceu e a disciplina e a postura melhoraram bastante. Finalmente, as tropas acreditavam que havia um objetivo pelo qual valia a pena lutar. Quase não existiam medidas de segurança em relação à ofensiva. Era discutida abertamente e com grande otimismo. Esse ânimo não era compartilhado pelo Gabinete de Guerra francês nem pelos oficiais de Nivelle. O general Alexandre Ribot e seus colegas estavam tão temerosos que, no dia 06 de abril de 1917, reuniram um conselho de emergência, em Compiégne, para cujo palácio Nivelle tinha transferido seu quartel-general, para decidir se o ataque deveria ou não ter andamento conforme o planejado. O presidente francês Raymond Poincaré, ministros e chefes do Exército, incluindo Nivelle, se reuniram no trem especial do presidente, na estação de



Compiègne. Na conversa quase todos manifestaram suas dúvidas a respeito da ofensiva. Nivelles defendeu o sucesso da ofensiva: chegou a prometer que se não conseguissem tomar as linhas inimigas em 48 horas, cancelaria o assalto. Percebendo que não conseguira apoio, Nivelles se demitiu. Sem alternativas, o presidente Poincaré apressou-se em reafirmar a Nivelles a confiança do governo, e deu-lhe responsabilidade total para continuar com a ofensiva.

Nivelles alcançara seu objetivo e ordenou um ataque preliminar britânico em Arras e depois de uma semana, na madrugada de 16 de abril, o assalto geral foi lançado. Cinco mil canhões dispararam milhares de projéteis, mesmo assim foi um desastre, 40 mil franceses morreram no primeiro dia, desde as primeiras horas o fracasso ficou evidente: ocorreram cenas catastróficas, quando as tropas francesas tentaram cortar o arame farpado, foram massacradas pelo fogo das posições inimigas não destruídas, e pelo fogo mal orientado dos próprios canhões franceses de 75 milímetros. Medidas de segurança limitadas, preparação ineficaz de artilharia e péssimas condições climáticas tinham se combinado para condenar a operação. Em quinze dias o ataque já tinha acabado, embora operações locais continuassem a ter efeito, contidas na planície de Cranonne, nos declives do Chemin des Dames e nas elevações fortemente defendidas que se estendiam por toda a Frente. Em vez da prometida ruptura das linhas inimigas, as tropas de Nivelles conquistaram uns poucos quilômetros de terreno ao preço de quase 200.000 baixas. A nova euforia entrou em decadência total. A reação foi uma catástrofe, os homens de Nivelles se revoltaram, frustrados e ressentidos com o que consideravam uma traição. Durante seis semanas, a maior parte do Exército francês ficou amotinada. Elementos de 54 divisões se recusavam a obedecer a ordens, realizavam demonstrações, desertavam, clamavam pela paz, brandiam bandeiras vermelhas, ameaçavam ou tentavam marchar contra Paris para derrubar o governo.

O futuro da França parecia estar selado, a Alemanha

provavelmente venceria a guerra em pouco tempo... Os americanos haviam declarado guerra à Alemanha, mas provavelmente não chegariam a tempo de salvar os aliados.

O marechal Joffre ganhou força com a derrota de Nivelles, e foi encarregado de chefiar a Delegação Francesa, que viajou aos Estados Unidos para planejar a salvação da França com o general John Pershing, comandante da Força Expedicionária Americana, que lutaria contra os alemães na Europa.

No momento mais grave, no início de junho, apenas duas divisões francesas de inteira confiança estavam postadas entre Soissons e Paris que ficava 96 quilômetros de distância. Por incrível que pareça, os alemães não souberam das insurreições, eles não aproveitaram da situação para lançar um contra-ataque na frente de Soisson-Reims. Se o Exército alemão tivesse reagido, o curso da guerra teria sido alterado de maneira incalculável. O fator que os impediu foi o silêncio quase total que permitiu ocultar dos inimigos e da frente interna francesa as notícias sobre os motins. Os alemães descartaram as informações que receberam através de agentes secretos ou prisioneiros que escaparam dos franceses. O motim foi tão bem camuflado que nem mesmo os aliados britânicos souberam, a verdade é que desde o início da guerra os franceses e ingleses agiam como se não fossem aliados, eram forças independentes que disputavam entre si a glória de derrotar o Império Alemão. O salvador de Verdun, o general Philippe Pétain, foi chamado para restaurar a ordem nos exércitos desmoralizados. A onda principal de motins durou de 29 de abril até 10 de junho. Alcançaram seu ápice no dia 2 de junho, quando ocorreram dezessete irrupções separadas.

Dos 151 incidentes registrados alguns se desenrolaram depois de 10 de junho, 10 foram classificados como graves. Ao todo, foram afetadas 110 unidades, a maior parte na região dos acampamentos e quartéis da região do Aisne, atrás do setor de Chemin des Dames. Também houve desordens em cerca de cem trens militares em 130 estações de

estradas de ferro. A primeira eclosão teve lugar a leste de Reims, onde, ao ser mandado de volta à linha de frente, depois de apenas cinco dias de descanso, um regimento de infantaria se recusou a partir. No dia 4 de maio, numerosos soldados de infantaria sediados na área de Chemin des Dames desertaram repentinamente e os homens de um regimento colonial circularam panfletos contra a guerra e se recusaram a lutar. A revolta se acelerou cada vez mais. Nos dias 16 e 17 de maio, um batalhão de caçadores e um regimento de infantaria se rebelaram. No dia 19, outra unidade de caçadores fez demonstrações e no dia seguinte dois regimentos completos de infantaria se recusaram a marchar. Entre os dias 22 e 27, perto de Tardenois na região do Aisne, dois alojamentos de oficiais foram assaltados. No dia 28, sete regimentos e um batalhão de caçadores, de cinco divisões diferentes, se amotinaram. A desordem tomava conta das oito divisões que haviam lutado em Chemin des Dames. Um dos motins envolveu um regimento de infantaria de elite, que havia lutado bravamente em Verdun e, desde então, tinha estado constantemente em ação, até fevereiro de 1917. No dia 27 de maio, o regimento se mudou para um quartel perto de Soisson, depois de ter recebido ordens para permanecer na frente de luta. No dia 29, mais de oitocentos homens desfilaram organizados para protestar contra outros ataques inúteis e custosos. Após rejeitar as súplicas e ameaças de seus comandantes de divisões e unidades, recrutaram mais adeptos, com o objetivo de controlar trens e viajar para Paris a fim de apresentar suas exigências frente à Câmara dos Deputados. Os oficiais que de início haviam ficado desamparados, conseguiram controlar a situação. No dia seguinte, os amotinados foram colocados em vagões e mandados, ainda em revolta, para um lugar quieto e, mais tarde, para Verdun. A sequência foi: cortes marciais, nas quais quatro homens foram condenados à morte e a cerimônia na qual foram arrancadas as insígnias do regimento.

O início de junho trouxe motins ainda piores, e em maior quantidade. No dia 1º de junho, um regimento perto de Tardenois

que também tinha boa folha de serviços foi mandado para frente de batalha depois de um breve período de descanso. Cantando a ***Internacional (hino da Revolução Russa)***, os soldados marcharam em direção à Prefeitura local, protestando. O comandante da brigada, que tentou contê-los, foi atacado e teve sua insígnia arrancada. O comandante da divisão interveio, mas foi obrigado a se calar. Então os líderes do motim libertaram os prisioneiros de um acampamento de detenção e as tropas enfurecidas saíram a virar vagões e a quebrar janelas. Na manhã seguinte, duas mil pessoas marchava, acenando bandeiras vermelhas e clamando por paz e revolução. No dia 3, o regimento foi transportado para outro acampamento e a agitação cessou rapidamente. A breve duração foi, muitas vezes, um traço comum desses motins, mesmo os mais violentos. No dia 2 de junho, um batalhão de caçadores provocou distúrbios na mesma área, abrindo fogo sobre o alojamento dos oficiais e queimando as barracas de uma unidade que tentou contê-los. Ao anoitecer, o motim terminou, e não houve reincidência. Nesse meio tempo, os trens que conduziam o pessoal em licença e as estações da estrada de ferro que estava na retaguarda estavam no ponto de estourar em motins. No dia 7 de junho, em Château-Thierry, a polícia entrou em batalha com soldados rebeldes de Paris que estavam de licença. Os amotinados tiveram que ser controlados por tropas do Exército. No dia seguinte, num conflito na estação de Esternay, os soldados se amotinaram e assaltaram os funcionários da estrada de ferro que tentaram recolocá-los nos trens. A desordem atingiu seu ponto mais alto, cessando quase que em seguida. Do dia 10 a 30 de junho, os incidentes ocorreram numa média de um por dia: em setembro cessaram.

O levante era um protesto espontâneo de tropas desesperadas e requisitadas em demasia, e não uma insurreição planejada. Muitos soldados se viam a si mesmos como grevistas, não como amotinados. Algumas unidades amotinadas entre as melhores do exército francês haviam lutado com heroísmo em batalhas anteriores. As

tropas francesas já tinham uma longa lista de queixas, relacionada com as enormes perdas desnecessárias, pagamento irrisório, licenças exíguas, disciplina dura, péssimas condições de bem-estar. No topo disso, o fracasso do Aisne foi a gota d'água que faltava. As tropas de combate não tinham mais forças. Era um Exército sem fé, os motins foram encorajados pela Revolução Russa, que abalou o mundo em março. Na França, ela inspirou um violento espírito revolucionário entre as brigadas russas, esse estado de ânimo contaminou muitos franceses, depois de sofrer enormes perdas na ofensiva do Aisne, fizeram seu próprio motim. A frequente agitação de bandeiras vermelhas, entoações da Internacional e apelos pela revolução por parte dos amotinados franceses testemunharam a influência que os russos tinham sobre eles. Os serviços de segurança militares apresentaram provas convincentes de que uma campanha derrotista estava sendo dirigida às tropas, através de panfletos contra a guerra e artigos em jornais, além de reuniões e discursos inflamados nos locais onde os soldados passavam seus períodos de licença. Se não fosse a elevação do moral conseguida por Nivelle antes da Ofensiva do Aisne, a ameaça derrotista não teria sido contida naquele momento crucial. Mas, quando a desordem varreu os exércitos por causa da derrota no Aisne, a agitação renasceu. Nos terminais parisienses eram distribuídos panfletos contra a guerra para as tropas em trânsito; incitavam-nas a desertar, havia agências de deserção perto das estações, onde os homens podiam obter roupas civis, todos os meios eram empregados para levar os poilus descontentes à revolta. Folhas esquerdistas e extremistas clandestinas eram despachadas para a zona do Exército, desafiando a censura. A campanha contra a guerra também estava sendo dirigida para a frente interna. Jogando com o cansaço dos civis franceses em relação à luta, eles estavam tão desiludidos e sem ânimo quanto os soldados, especialmente depois do fiasco da Ofensiva do Aisne, que despedaçara as esperanças da França. Agitações trabalhistas eram provocadas e infiltrava-se propaganda derrotista nas fábricas de

material de guerra. De maio em diante quando midinettes (trabalhadoras parisienses) militantes marcharam pelas avenidas de Paris, as passeatas e greves tornaram-se frequentes. Até o fim de junho, tinham ocorrido mais de 170 interrupções de trabalho nas fábricas de material de guerra de Paris e das províncias. Tropas simpatizantes se juntaram a algumas das marchas. A violência ocorria incitada por agitadores. O moral nacional nunca estivera tão inquieto nesta época. Durante as semanas de junho, o Gabinete de Guerra de Alexandre Ribot reuniu-se numa atmosfera de constante crise. Em duas sessões da Câmara, membros da esquerda atacaram duramente o governo e o alto-comando, questionando a capacidade da França para continuar a luta e examinando a possibilidade de paz.

O general Pétain ficou responsável por restaurar a paz no Exército. Os contatos pessoais dele com as tropas ajudou muito, foi a principal arma para conter os motins. Durante essas semanas, seu carro com a flâmula branca deixava o Grande Quartel-General, em Copiègne, para uma visita geral às formações do Exército. Em cerca de trinta dias visitou noventa divisões. Ele era um homem alto, com seu grande bigode e olhos azuis, Pétain dirigia-se a oficiais e soldados, exortando, encorajando, explicando seus planos para operações limitadas, planejadas com o objetivo de evitar grandes baixas. Falava individualmente com soldados, ouvindo suas queixas e sugestões. Teve liberdade de disseminar suas ideias. Pétain tinha 61 anos de idade, ficara famoso como o salvador de Verdun, era o homem indicado para substituir Nivelle como Comandante Geral do Exército. Seu método de tratar os motins foi uma mistura de firmeza e humanidade. No início, Pétain tratou de liquidar implacavelmente a desordem e punir os líderes. Fortaleceu a debilitada autoridade de seus oficiais, tomou medidas enérgicas para conter o alcoolismo corrente, um poderoso fator na inflamação das revoltas. Atacou duramente a contaminação da retaguarda. Furioso com o fracasso do governo em reprimir os grupos derrotistas, atacou os ministros com exigências para que agissem, avisando-os de que, se a discussão

continuasse, ele não poderia responder pela recuperação do exército. Organizou toda uma série de reformas visando o bem-estar dos soldados. As visitas de Pétain eram de um valor incrível. Finalmente os homens sentiam que alguém se preocupava com seus interesses, que eram considerados como seres humanos. No fim do verão, o Exército francês começou a ser recomposto. Enquanto muitos dos amotinados condenados receberam penas pesadas, apenas 55 dos 412 condenados à morte, entre maio e outubro, foram executados. Agora era necessário reprimir a frente interna. O velho Georges Clemenceau emergiu do isolamento político para tornar-se o Primeiro-Ministro. Nenhum dos prévios primeiros-ministros do tempo de guerra; René Viviani, Aristide Briand, Alexandre Ribot e Paul Painlevé tinham sido capazes de comandar um esforço de guerra unido e contínuo. Clemenceau era um líder de outro tipo. Um inimigo impiedoso de todos os elementos que considerava antipatrióticos, não temia partido ou facção. Começou a reprimir os grupos que considerava derrotistas.

Os Estados Unidos havia se mantido fora da guerra mesmo com seus navios sendo afundados, o navio *Luzitânia* havia sido torpedeado por um submarino alemão, provocando a morte de muitos americanos, qualquer navio-civil ou militar, que se aproximasse da Inglaterra era destruído pelos alemães com seus submarinos U-Boats, a intenção era matar os britânicos de fome, interceptando o fornecimento de suprimentos. Agentes alemães provocavam sabotagem nos portos americanos, só que um erro político dos germânicos colocou os americanos na guerra. O estopim para os americanos entrarem na guerra foi a decisão alemã de tentar colocar o México contra os Estados Unidos, mas depois o plano mexicano acabou sendo abandonado.

O general americano John Pershing foi designado para comandar os soldados americanos que seriam enviados para a França, para salvar os aliados. Pershing tinha grande experiência em combate,



havia lutado contra as milícias do líder mexicano Pancho Villa, expulsando os revolucionários e ferindo Pancho que foi obrigado a fugir e esconder-se. O general estadunidense solicitou três milhões de homens para colocar um fim na campanha contra os alemães e que deveria ser concluída em dois anos. Quatro milhões de recrutas estavam alistados no Exército Americano e logo muitos começaram a embarcar para a França. Os navios americanos partiam de Nova York e desembarcavam em Liverpool e Glasgow na Inglaterra, e depois atravessavam o Canal da Mancha para aportar em Saint Nazaire e Brest. Três desses navios que levavam americanos foram torpedeados por submarinos alemães provocando a morte de quase 200 vidas. No dia 04 de julho as primeiras tropas americanas desfilaram pela Champys-Elisée comemorando o Dia da Independência Americana. Os soldados americanos se intitularam **“Doughboys”** e passaram a ser chamados assim por toda a França. Os civis franceses estavam desesperados e quando os americanos chegaram foi uma grande festa, a esperança havia sido renovada.

Em setembro de 1917, o general Pershing estabeleceu seu Quartel General em Chaumont na região do Marne. O general americano era conhecido por toda parte como **“Black Jack” (Jaqueta Negra)** há muito tempo recebera essa alcunha, pois havia sido comandante do regimento americano **Búffalo Soldiers**, que era constituído só de negros, daí o motivo do apelido, o único branco entre negros.

Na França Pershing enfrentou muitos obstáculos, os generais americanos estavam descontentes com sua indicação, visto que alguns deles possuíam maior autoridade dentro do Exército, mas o presidente Wilson outorgou a Pershing a salvação da França, por que sabia que ele era o mais indicado para a missão. Por causa da inveja de seus colegas Pershing enfrentou muitos problemas, dentre eles, logística inadequada para desembarcar e treinar seus soldados na França, ele teve que reestruturar todo seu Estado-Maior, apenas pessoas de confiança passaram a trabalhar no seu gabinete. Os



problemas não pararam por aí, os ingleses e franceses não estavam dispostos a receber os americanos como uma força independente, pretendiam usá-los para repor suas unidades nas trincheiras, uma guerra de lama e sangue que já se estendia por três anos. Pershing não suportava o método de guerra das trincheiras, pois acreditava que havia meios para romper com a estagnação. Teve duras discussões com o marechal Douglas Haig, e também com o Primeiro Ministro francês Clemenceau, em contrapartida ganhou admiração de Joffre e de Pétain, sabia que precisa deles para vencer a guerra e deveria ouvir seus conselhos. Os franceses estavam além do limite de suas forças, grande parte do exército havia sido amotinado há pouco tempo e os britânicos estavam cansados de tanta lama e sangue que cobriam suas vidas, principalmente nas batalhas do Somme e Ypres. Se os americanos não entrassem em combate rápido tudo estaria perdido.

## **A FRENTE RUSSA EM 1917**

Antes de a guerra começar, mesmo contra tudo e contra todos, o czar Nicolau II juntou-se com franceses e ingleses na Tríplice-Entente trazendo problemas ainda maiores dos que a Rússia já enfrentava. Nas batalhas de Tannenberg e Gumbinnem, o exército russo perdeu dois regimentos inteiros - 250 mil mortos, mas o Czar não se dava por satisfeito, mandando mais tropas para o front, sem conseguir enxergar a grande fome e o turbilhão de desgraças que o país enfrentava.

O czar Nicolau havia virado fantoche nas mãos de sua esposa, Alexandra Feodorovna (uma princesa de origem alemã) e do mago e hipnotizador Gregory Rasputin, era um de seus conselheiros que havia curado seu filho de uma doença mortal. Alguns diziam que a Czarina e Rasputin eram amantes. O excesso de timidez do Czar era comprovado quando ele obedecia cegamente a vontade da amada

esposa e do mago Rasputin. O poder de Alexandra sobre o marido foi comprovado quando Nicolau deixou a Rússia sob seus desmandos para comandar pessoalmente as tropas russas no front em 1915. A revolta popular atingiu o estopim para uma guerra civil. Ainda em 1916, Nicolau foi alertado por nobres fiéis sobre o que o comunismo poderia fazer, enquanto o Czar perdia uma batalha após a outra, camponeses e operários se organizavam para tomar o poder, mas Nicolau ignorava o povo...

O príncipe russo Felix Yusupov era primo da Czarina e fora humilhado por Rasputin, queria lavar a honra da família, o mago vivia bêbado fazendo orgias e dizendo besteiras. Descontentes com sua forte influência, a nobreza russa passou então a conspirar pela morte do monge louco, ele era acusado de ser um espião à serviço da Alemanha. Escapou de várias tentativas de aniquilamento. O Grão-Duque Dmitri Pavlovich e o príncipe Yusupov levaram Rasputyn até uma adega, onde serviram bolos e vinho tinto misturado com uma enorme quantidade de cianeto, havia veneno suficiente para matar cinco homens, porém sua úlcera crônica fez com que ele expelisse todo o veneno, mas depois foi fuzilado por Yusupov e por Pavlovich, levando vários tiros, tendo ainda sobrevivido; foi castrado e teve sua genitália cortada e enfiada na boca, e finalmente jogado inconsciente no congelado rio Neva é que ele morreu, não pelo veneno, nem pelos tiros ou espancamentos, mas afogado. Três dias depois o corpo de Rasputin foi encontrado e a causa da morte foi afogamento.

Em 1917, Lênin - líder dos bolcheviques, estava fora do país quando a Revolução de Fevereiro explodiu, ele precisava voltar, mas as fronteiras estavam vigiadas pelos Aliados. Os alemães tinham interesse na queda do Czar para colocar a Rússia fora da guerra, por esse motivo ajudaram Lênin e o introduziram via-trem em território russo. Estava então lançada a principal arma do comunismo.

A ofensiva do general Brusilov havia desarticulado os

austriacos, mas os alemães rejeitaram os russos e venceram em Riga. A derrota em Riga foi o ponto final e o Czar acabou atacado pelo seu próprio país, tendo que abdicar do trono e junto com a família exilar-se na Sibéria. A ordem geral número 1, emitida pelo Soviete de Petrogrado deu aos soldados direitos que eles nunca tinham tido e permitiu eleição de comitês de soldados para a proteção desses direitos. Motins e deserções em massa tornaram-se ocorrências diárias, assim como linchamentos de oficiais.

Unidades inteiras deixaram as trincheiras, aqueles que permaneceram normalmente se recusavam a lutar. O general Brusilov teve menos problemas com suas tropas do que a maior parte dos oficiais, e não houve linchamentos em suas unidades durante as primeiras mudanças radicais, principalmente devido a sua popularidade e imediata aceitação da revolução. Ele rapidamente cooperou com os comitês de soldados, e poucos dias depois da abdicação de Nicolau, removeu todos os emblemas czaristas de seu uniforme. Também anunciou uma anistia para os desertores, e mais tarde chegou a prolongá-la por mais um mês. Da mesma forma declarou sua conversão ao republicanismo, pelo que nunca seria perdoado pela comunidade de emigrados russos. Alexander Kerensky, então ministro da justiça no Governo Provisório, visitou a Frente do Sudoeste com Brusilov, tentando restaurar a ordem. Kerensky ficou tão impressionado com Brusilov que substituiu o general Alekseev por ele.

Kerensky e Brusilov acreditavam que havia um novo espírito no exército e com a pressão dos aliados, planejaram uma segunda ofensiva de Brusilov para o verão de 1917. Mas as deserções refletiam a verdadeira disposição do exército.

Entre 1914 e fevereiro de 1917, a taxa média tinha sido de seis mil e oitocentos deserções por mês. Depois da Revolução de Fevereiro, a média era de trinta e quatro mil por mês e cresceu rapidamente a medida que o ano passava. Ainda assim, chamando a operação planejada como uma ofensiva revolucionária, Kerensky

ordenou que cerca de setenta divisões no sul atacassem a Áustria, como tinham feito no ano anterior, com ênfase em um avanço em direção a Lemberg. As preparações para a ofensiva foram as melhores da guerra. Havia material de guerra em abundância e o exército chegava a ter 120 aviões de observação e artilharia, pilotados principalmente por aviadores franceses e ingleses. Duzentos mil soldados foram escolhidos das melhores unidades e organizados em uma força de combate.

Ao contrário do ataque de Brusilov em 1916, não foi feito um esforço para manter o segredo, e os alemães transferiram quatro divisões da Frente Ocidental para o Oriente. A segunda ofensiva de Brusilov começou bem, pois o exército austríaco não estava em melhor situação que o russo, as unidades austríacas, especialmente as eslavas - se rendiam sem lutar, e outras fugiam ao menor sinal de avanço russo, mas a chegada de tropas alemãs deu força aos austríacos. Ao primeiro sinal de fortalecimento das linhas austríacas, o avanço russo parou, e então começou uma retirada que se tornou uma debandada caótica. Os alemães muitas vezes sequer se preocupavam em fazer prisioneiros. No meio das derrotas, Kerensky demitiu Brusilov do comando em chefe do exército em 31 de julho, substituindo-o pelo general Lavr Kornilov.

A maior parte do exército já não acreditava mais na Rússia e desertou em massas incalculáveis, ocupando as propriedades rurais na Rússia, promovendo a reforma agrária. Os alemães começaram a marchar Rússia adentro, e o general Kornilov, contrário ao novo governo, decidiu dar um golpe de Estado, reuniu as tropas do Báltico para destituir o governo provisório. Kornilov quase derrubou o governo, mas o golpe acabou fracassando, não teve apoio necessário.

Em 25 de outubro de 1917 estourou a Guerra Civil Russa, sob a liderança de Lênin, os comunistas tomaram o poder na Revolução de Outubro. Sob ordens do líder comunista, o czar Nicolau acabou sendo fuzilado com a família e os empregados. Por causa dos detalhes

nas roupas das filhas de Nicolau, os projéteis ricochetearam impedindo a morte delas, mas os socialistas terminaram o serviço com baionetas. Para eliminar qualquer prova de execução, todos tiveram seus corpos esquartejados e queimados com ácido, inclusive o filho amado e doente de Nicolau, e o que restou do Czar foi enterrado em uma vala comum na floresta siberiana, era o fim do czarismo russo.

A Alemanha vivia dias de vitórias, a Revolução de Outubro (Revolução Bolchevique), havia inaugurado o socialismo na Rússia. O Front Oriental estava nas mãos dos alemães, e a vitória só parecia ser uma questão de tempo. Em dezembro finalmente a Rússia assinou o armistício com a Alemanha no acordo da cidade de Brest-Litovsk. A Alemanha agora tinha tudo para vencer a guerra. Embora os americanos já estivessem em solo francês, os alemães acreditavam que só faltava vencer o que restava dos franceses e ingleses. O Império Alemão tinha grandes chances de vitória, principalmente por que o general Pershing ainda enfrentava muitos problemas internos para treinar e colocar seus soldados contra os germânicos.

### **A BATALHA DE CAMBRAI**

Em julho de 1915, um veículo dotado de blindagem de aço foi apresentado aos britânicos, o veículo se deslocava sobre esteiras e transportava metralhadoras e canhões. O jovem oficial Winston Churchill ficou apaixonado pela novidade. Em dezembro de 1915, a arma recebeu o nome de Tanque de Guerra, o formato lembrava um tanque de água. Foi a Inglaterra que pela primeira empregou os tanques. A Batalha de Cambrai foi um marco nessa guerra de tanques, a batalha ocorreu entre 20 de Novembro e 03 de Dezembro de 1917. Cambrai ficava atrás das fileiras alemãs que se estendiam ao sul de Ypres. Em 1917 era um ponto chave na Linha Hindenburg. As divisões do 3º exército britânico e do 4º corpo foram escolhidas para conduzir o ataque. O 3º exército atacaria ao

sul entre Crévecœur e Bonvais, com as divisões da cavalaria que esperavam para explorar o sucesso inicial em torno de Marcoing e de Masnières. O 4º corpo atacaria na região de Havrincourt. O corpo de tanques do Real Regiment forneceu a principal força de tanques de combate para o primeiro dia da batalha, cerca de 480 tanques marca IV. Havia 216 tanques para o avanço inicial e cerca de 96 de reserva. Os primeiros avanços dos tanques foram planejados para seguidos por pelotões da infantaria, em duas linhas com oito pelotões cada. No dia 20 de Novembro de 1917 o 3º Exército britânico atacou em direção a Cambrai, ao sul de onde estava o Exército português. Os tanques britânicos foram usados em grupos compactos apoiados por infantaria e esquadrões reais do Corpo de Voo Britânico. A Batalha começou as 06h20 da manhã de 20 novembro com fogo de barragem da artilharia britânica, procedida depois por uma cortina de fumo para cobrir as primeiras vagas de infantaria que avançavam. Apesar dos esforços para manter o ataque em segredo, as forças alemãs tinham recebido relatórios da inteligência sobre o ataque massivo de tanques na região de Havrincourt.

Inicialmente houve um sucesso considerável do ataque britânico na maioria das áreas de ataque. Para o Alto Comando Inglês, parecia que uma grande vitória estaria ao alcance. A Linha Hindenburg tinha sido penetrada com sucesso com avanços de até oito quilômetros. Na direita, a 12ª divisão (oriental) avançou até Lateux antes de parar o avanço e levantar defesas como requisitado; a 20ª divisão forçou até La Vacquerie e avançou então para capturar uma ponte chave através do canal do St. Quentin em Masnières. Para contrariar as intenções dos ingleses, os alemães explodiram a ponte, e pararam de vez o avanço britânico nessa região. No centro os ingleses capturaram Ribécourt e Marcoing, mas também nessa região foram obrigados a parar o avanço devido a grande quantidade de avarias e problemas técnicos que os tanques começaram a revelar no terreno, e devido também ao ataque alemão. Assim que o comando alemão sentiu que

o ataque britânico enfraquecera, começou a considerar um contra-ataque. Vinte divisões foram colocadas na área de Cambrai, os alemães pretendiam retomar Bourslon e atacá-lo também em torno de Havrincourt. Os boches queriam alcançar as posições perdidas na Linha Hindenburg, almejavam realizar um assalto rápido usando táticas de infiltração. Estes assaltos rápidos viriam a revelar-se mais efetivos e com maior taxa de sucesso do que ataques da infantaria. Para o assalto inicial em Bourslon foram disponibilizadas três divisões do Stosstruppen (Tropa Relâmpago) "Gruppe Arras" sob o comando de Otto von Moser.

O ataque alemão começou às 07h de 30 novembro, a velocidade inicial do avanço alemão foi completamente inesperada pelos ingleses. Várias divisões inglesas foram cercadas e capturadas. No sul a propagação do avanço alemão foi de mais de oito milhas até a vila de Metz e da sua ligação a Bourslon. Somente com a chegada de tanques britânicos e a queda da noite permitiram que fosse evitado o colapso total da frente pelos ingleses. De 3 a 7 de dezembro os alemães estabilizam a frente. Todos os ganhos dos ingleses durante o início da Batalha de Cambrai foram abandonados à exceção de uma parcela da Linha Hindenburg em torno de Havrincourt, de Ribécourt e de Flesquières. O número total de baixas foi de 45.000 mortos para ambos os lados, 11.000 prisioneiros alemães e 9.000 prisioneiros britânicos. Os Ingleses perderam 100 tanques durante a batalha. Em termos de território os alemães recuperaram o que tinham perdido, exceto uma pequena parcela. Apesar do resultado, a Batalha de Cambrai foi um marco decisivo na história militar, porque evidenciou de forma clara que mesmo as defesas mais fortes de trincheiras poderiam ser superadas. Os Ingleses aprenderam a ver as vantagens dos tanques como arma ofensiva, enquanto o Comando Alemão viu o potencial de táticas novas de infantaria através do Stosstruppen.

## **A Batalha de Caporetto**

O Exército italiano havia obtido uma série de vitórias em torno do Isonzo, zona norte da Itália. Entretanto nenhuma destas vitórias foram decisivas. Os principais adversários na área Isonzo tinham sido forças austro-húngaras e após a 11ª Batalha do Isonzo, houve uma preocupação geral entre a Alemanha e os aliados. O comandante das forças austro-húngaras no Isonzo, era o general Arz von Straussenberg. A Itália mantinha-se na ofensiva, então Straussenberg pediu a Alemanha para obter mais ajuda e os comandantes alemães viram que era necessário ajudar seu aliado. Observações aéreas mostravam que o Exército italiano sabia que o Exército alemão poderia atacar em conjunto com o Exército Austro-húngaro, embora o general italiano Cadorna (chefe dos exércitos italianos) não sabia o que realmente iria enfrentar. Os alemães tinham decidido sobre uma massa em um ataque frontal perto de Caporetto. Era o local mais fraco na linha do front italiano. Os italianos tiveram uma vantagem numérica durante o atacante alemão (dispunham de 41 divisões contra 35), mas em Caporetto, os italianos estavam em um terreno difícil. O ataque começou no dia 24 de outubro de 1917, auxiliados pela névoa, os alemães surpreenderam completamente os italianos que eram comandados no local pelo comandante Capello. Apesar da sua anterior posição agressiva, o general Capello deu ordens aos soldados italianos que se retrassem. Mas essa ordem não foi permitida pelo Comandante-chefe Cadorna que esperava que o Exército italiano fosse capaz de se agrupar e defender-se. Até o dia 30 de outubro, o Exército italiano tinha sido empurrado de volta para o rio Tagliamento. Demorou quatro dias para que todo exército pudesse atravessar o rio e fugir dos alemães. Mas por incrível que pareça, foi no rio Tagliamento que os alemães e austro-húngaros tornaram-se vítimas do seu próprio êxito. Seu avanço havia sido tão grande que suas linhas tinham se esticado demais. O comandante alemão, Otto von Bulow, foi surpreendido com o sucesso de seus primeiros



ataques. Cadorna ordenou então ao comandante Capello que construísse uma linha defensiva em Caporetto, mas Capello decidiu o contrário optando por um ataque agressivo contra o inimigo. Até ao final do dia, os alemães que lutavam perto de Caporetto tinham avançado 25 quilômetros. Outros assaltos alemães no centro de Caporetto foram menos bem sucedidas e um ataque austro-húngaro foi feito com vigor porém pouco impacto teve sobre o flanco sul do ataque. No entanto, o sucesso do eixo central pelos alemães haviam atirado o Exército italiano em desordem, isso forçou os italianos a retirar os homens de setores que estavam tendo razoáveis vitórias contra outros ataques alemães e austro-húngaros, dessa forma o Exército italiano entregou a vantagem para o inimigo e puderam iniciar novos avanços alemães em outros setores expulsando os italianos, que conseguiram retirar-se para o rio Piave pouco menos de 20 milhas ao norte de Veneza. Apesar da heroica retirada italiana, esta fuga teve um grande impacto sobre o Exército italiano, quase todas as armas e a artilharia tinham sido perdidas. No meio de civis, o Exército fugiu deixando para trás milhares de cadáveres entre o exército e a população civil. Os soldados italianos foram feitos prisioneiros, no total 275 mil homens, mas apenas 10 mil foram mortos. A rendição era melhor do que enfrentar a morte. O general Cadorna acusou de covardia o que restava do seu exército e usou todos os meios para puni-lo. Muitos soldados foram executados sob acusação de traição e deserção, motivos banais eram suficientes para que fossem imediatamente fuzilados. Cadorna queria jogar a carga da derrota sobre os pobres soldados. Muitos deles conseguiram fugir mas outros acabaram assassinados pelas ordens de Cadorna. Em Caporetto os italianos perderam uma grande oportunidade de vitória, os fracassos se deveram em parte por que Cadorna e Capello não agiram em sintonia, preferindo realizar as ordens por contra própria. O Primeiro Ministro Orlando destituiu Cadorna do comando do Exército e o substituiu pelo general Armando Dias. Era tão terrível o estado do Exército italiano após Caporetto que os

Aliados enviaram à região onze divisões - seis francesas e cinco britânicas. Ambas as forças foram auxiliadas pelo poder aéreo. Entretanto o patriotismo e a mobilização do povo italiano antes da guerra tornaram-se sentimentos esquecidos.

## 1918

Após ter vencido a Rússia, os alemães concentraram 50 divisões a mais e reuniram tudo o que tinham para dar um golpe final contra os aliados na França. Muitos soldados americanos já marchavam em solo francês, porém suas tropas ainda estavam sendo treinadas para entrar em combate. Os alemães compreenderam que esse ataque total precisava ser realizado o mais rápido possível, antes que os Estados Unidos despejassem todo o material humano e bélico que possuíam.

A Ofensiva foi marcada para a primavera e batizada **Batalha do Kaiser**, mas ficou mais conhecida como a **Ofensiva Ludendorff**. Embora o general Hindenburg representasse o poder bélico alemão, era o general Erich Ludendorff quem realmente liderava as tropas. A ofensiva teve início na madrugada de 21 de março de 1918, com um grande bombardeio de artilharia contra o 5º e o 3º Exércitos britânicos, que estavam posicionados na áreas dos portos franceses, que eram essenciais para o abastecimento britânico. O bombardeio caiu numa área de 150 quilômetros quadrados, foi a maior barragem de toda a guerra. Em cinco horas foram disparados mais de um milhão e cem mil projéteis pelos enormes canhões alemães. Em seguida os tanques alemães A7V foram enviados ao campo de guerra. O 17º Exército liderado pelo general Otto von Below, o 2º Exército liderado pelo general Georg Von Marwitz também foram enviados a refrega. Esses dois exércitos tinham como ponta de lança

as **Stosstruppen (Tropas Relâmpago)** do comandante Oskar von Hutier, era uma unidade especial de combate treinada para se infiltrar e atacar as unidades inimigas e ocupar território rapidamente.

Esses soldados especiais eram os melhores do Exército alemão, estavam equipados com muitas granadas, máscara de gás, metralhadoras portáteis e lança-chamas. Este processo deu ao exército alemão uma vantagem inicial no ataque. Embora os britânicos houvessem sabido o tempo aproximado e localização da ofensiva, o peso do ataque e do bombardeio preliminar foi uma surpresa desagradável. Os alemães também tiveram a sorte de que na manhã do ataque era nebuloso, permitindo que os Stosstruppen que lideravam o assalto conseguissem penetrar profundamente as posições britânicas.

A Força Aérea alemã também foi usada com grande força, bombardeiros arrasaram as Linhas Aliadas. Manfred von Richthofen (Barão Vermelho) liderou uma massiva formação de caças para destruir os balões de observação ingleses, suas tropas e caças. Vários caças ingleses e franceses; incluindo o Esquadrão Cegonha, ao qual o capitão Gerrard de Burdêau fazia parte foi enviado para interceptar os caças do Barão Vermelho, transformando o céu em chamas, numa das mais épicas batalhas aéreas de todos os tempos. Dezenas de balões e aeronaves caíram em chamas transformando o céu num inferno.

O ataque destruiu as comunicações dos ingleses, destroçou sua artilharia e por último conseguiu romper as defesas na frente aliada. Até o final desse dia terrível, 20.000 britânicos foram mortos e 35.000 feridos, e os alemães haviam rompido em vários pontos na frente do 5º Exército britânico. Depois de dois dias o 5º Exército estava em plena retirada. Na retirada britânica, o território foi dominado pela infantaria alemã. O 3º Exército inglês também recuou para não ser destruído pelos boches. Embora essa empreitada inicial tenha obtido sucesso, Ludendorff não conseguiu acompanhar

as táticas Stosstruppen corretamente. Sua falta de estratégia coerente para acompanhar as novas táticas Stosstruppen foi observada por um de seus comandantes (Rodolfo) príncipe herdeiro da Baviera, ele declarou que grande parte do avanço alemão foi atingido onde não era estrategicamente importante. Ludendorff continuou a esgotar suas forças, atacando fortemente as entrincheiradas unidades britânicas. Em Arras no dia 28 de março, Ludendorff lançou um ataque preparado às pressas (**Operação Marte**) contra a ala esquerda do 3º Exército britânico, para tentar ampliar a brecha nas linhas aliadas, entretanto foi duramente repellido. O avanço alemão havia ocorrido apenas ao norte da fronteira entre os exércitos francês e britânico.

O comandante geral francês era o general Pétain, enviou reforços muito devagar para o setor onde os alemães atacaram. Essa primeira fase da Batalha do Kaiser foi batizada **Operação Michael**. Depois de alguns dias, o avanço alemão começou a diminuir, a infantaria havia se esgotado e tornou-se cada vez mais difícil mover artilharia e suprimentos. Forças britânicas e australianas foram transferidas para Amiens e a defesa contra os boches começou a endurecer. Após tentativas infrutíferas para capturar Amiens, Ludendorff decidiu por fim na Operação Michael no dia 05 de Abril. Houve um avanço substancial dos alemães, entretanto de pouco valor, as baixas sofridas pelas tropas de choque foram grandes demais, pois as posições vitais de Arras e Amiens permaneceram nas mãos dos aliados. O território conquistado foi difícil de atravessar. Os aliados perderam quase 255.000 homens, eles também perderam 1.300 peças de artilharia e 200 tanques, porém tudo poderia ser substituído pelas fábricas britânicas e pelos soldados americanos que não paravam de chegar à França. As perdas das tropas alemãs foram de 239.000 homens, muitos Stosstruppen foram mortos, essa perda era insubstituível. O júbilo inicial alemão na abertura do sucesso da ofensiva logo se transformou em decepção quando se tornou claro que o ataque não tinha conseguido resultados decisivos. As forças britânicas que

foram enviadas para defender Amiens na Operação Michael deixaram a via ferroviária de Hazebrouck e os portos do canal de Calais, Boulogne e Dunkerque vulneráveis.

No dia 09 de abril, Ludendorff deu continuidade a Batalha do Kaiser e investiu numa nova empreitada que foi batizada **Operação Georgete**. O sucesso alemão aqui poderia bloquear os britânicos nos canais e derrotá-los... O Exército Expedicionário português foi enviado ao setor para ajudar os ingleses, entretanto foram repelidos pelos boches naquela que ficou conhecida **A Batalha de Lys**. No dia seguinte, os alemães aumentaram seus ataques ao norte, forçando os defensores da Armentieres a retirar-se antes de serem cercados. Até o final do dia, algumas divisões britânicas da reserva foram duramente pressionadas para manter uma linha ao longo do rio Lys. Sem o reforço francês, temia-se que os alemães podiam avançar os 24 km restantes para as portas dos Canais dentro de uma semana. O Marechal de Campo Sir Douglas Haig, emitiu uma **“Ordem do Dia”** em 11 de Abril afirmando que *“Com as costas para a parede e acreditando na justiça da nossa causa, cada um de nós deve lutar até o fim”*. Instigando que todos deveriam entregar até a última gota de sangue antes que os alemães alcançassem a vitória. Milagrosamente a ofensiva alemã havia parado por causa de problemas logísticos e flancos expostos. Então contra-ataques britânicos, franceses e Anzacs foram enviados ao setor para impedir os alemães de chegar aos portos dos canais. O avanço alemão desacelerou e parou. Pela segunda vez Ludendorff acabou derrotado e a Operação Georgete chegou ao fim no dia 29 de abril. As perdas alemãs chegavam a 110.000 homens feridos ou mortos, e os aliados haviam perdido a mesma quantidade. Novamente, os resultados foram decepcionantes para os alemães. Hazebrouck permaneceu nas mãos dos aliados e os flancos alemães tornaram-se cada vez mais vulneráveis. Os alemães empregaram uma política de “Terra Arrasada” toda vez que eram obrigados a recuar ou deixar uma cidade, destruíam tudo primeiro, e as vilas francesas foram ficando em ruínas, muitos monumentos

históricos foram destruídos.

Para piorar ainda mais a situação da Alemanha, o seu grande herói (Manfred von Richthofen), aquele que era venerado por todos os soldados e civis, havia morrido em combate nos campos do Somme. Isso caiu como uma bomba na moral alemã, era a gota d'água, os alemães começaram a enxergar que não havia mais motivos para lutar...

Em maio de 1918, à frente de um esquadrão formado por quatro esquadrilhas que incluía 50 bombardeiros, o general inglês Hugh Trenchard estabeleceu um novo tipo de missão aérea, em vez de jogar bombas ao acaso sobre grandes cidades, ele criou as ofensivas contra os centros industriais da Alemanha, dando início ao bombardeio aéreo estratégico.

No final de maio Ludendorff realizou um novo ataque batizado **Operação Blucher-Yorck**. O ataque alemão teve lugar no dia 27 de Maio, entre Soissons e Rheims. O setor era guardado por seis divisões britânicas. Neste setor, as defesas não tinham sido desenvolvidas em profundidade. Como resultado, a luta foi eficiente para os alemães. Essa investida daria início a Segunda Batalha do Marne quando o capitão Gerrard de Burdêau encontrou uma criança alemã numa trincheira, ao qual deu o nome de Richard Wagner de Burdêau.

Depois de quase um ano em treinamento na França, os americanos finalmente fizeram sua estreia na **Batalha de Cantigny**, em 28 de maio, comandados pelo general americano John Pershing, quatro mil americanos destroçaram os alemães e tomaram o vilarejo francês. Essa primeira investida americana com vitória levantou muito a moral das tropas francesas. Um feito ainda maior estava para ser realizado pelos americanos, algo que custaria milhares de vidas e sacrifícios extremos. A 3ª Divisão Americana continha a Brigada de Fuzileiros Navais Americanos, no dia 04 de junho na Floresta de Belleau em Rheims, esses Fuzileiros tornaram-se heróis lendários. O Exército francês recuava e fugia pelas estradas de Rheims e

aconselharam os Fuzileiros Americanos a fazer o mesmo, entretanto o capitão americano Lloyd Williams recusou o conselho afirmando *“Que os americanos haviam acabado de chegar e não iriam recuar em hipótese alguma”* os Fuzileiros então realizaram uma corajosa resistência contra os alemães barrando eles nas estradas de Rheims. Os Fuzileiros Americanos receberam dos alemães o nome de **Devil Dogs (Cães do Inferno)** pois esses fuzileiros avançavam mesmo sob ataque de gás, espumando pela boca, depois ainda eram golpeados com poderosa artilharia, granadas, metralhadoras e mesmo assim insistiam no avanço. Desde então os alemães passaram a respeitá-los e temê-los.

O general Pétain foi substituído pelo comandante Ferdinand Foch, que foi promovido a Marechal recebendo ainda o comando de todas as forças aliadas, que finalmente agiam como uma única força. No dia 09 de junho o general Ludendorff atacou no rio Metz, porém foi repellido por franceses e americanos.

No verão de 1918 a superioridade aliada contra os alemães era enorme, havia cinco aviões contra um alemão, e também cinco soldados contra um soldado alemão morto de fome, os aliados na maioria constituíam americanos e ingleses. A má alimentação era constante no Exército germânico, o que provocava muita disenteria deixando as latrinas abarrotadas de soldados com as calças arriadas, muitos defecavam sangue. Quando os aliados alcançaram as trincheiras alemãs puderam constatar o horror que os boches estavam passando, os soldados não imaginavam que a desgraça do Exército alemão fosse tão grande. De cada seis soldados mortos que estavam mergulhados na lama, cinco eram alemães, na verdade poderiam ser chamados “Homens-Lama” pareciam esculturas cadavéricas feitas de barro, quando o sol secava ficava ainda pior, os corpos ficavam duros como pedra. Os alemães estavam vivendo um surto de peste, uma espécie de gripe originária da África do Sul e que matava milhares na Espanha. Em junho essa gripe deixou mais de 500 mil soldados alemães doentes, pois as defesas

biológicas alemãs estavam fracas devido a precária alimentação do Exército alemão. As forças alemãs acabaram debilitadas pela doença atrapalhando os ataques de Ludendorff. Com suas forças abatidas Ludendorff teria que se recuperar para realizar um último ataque, mas teria que decidir se atacaria os britânicos de uma vez em Flandres ou investiria contra franceses e americanos para conquistar Paris. Para colocar um fim na guerra Ludendorff precisava vencer em Flandres e Paris, mas não tinha como movimentar dois grandes exércitos ao mesmo tempo, então ordenou uma última operação para atacar primeiro os franceses, batizada **Gneisenau ou Segunda Batalha do Marne** e lançou tudo o que tinha (52 divisões) contra os exércitos franco-americanos no dia 15 de julho. O Exército francês tinha sido avisado do ataque por informações de prisioneiros alemães, e recuaram bastante a defesa para reduzir o impacto do bombardeio de artilharia alemão, com isso os franceses não foram atingidos e ficaram a espreita para atacar, porém não esperavam que os boches fossem penetrar tão longe, atravessando o rio Marne para chegar a Paris. O Exército americano teve que utilizar metralhadoras e atiradores senegaleses interrompendo o avanço alemão em Château-Thierry. A Batalha do Kaiser ou Ofensiva Ludendorff se transformou numa série de batalhas que rendeu grandes ganhos territoriais para os alemães. No entanto, o objetivo estratégico de uma vitória rápida não foi alcançada, e os exércitos alemães foram dizimados, exaustos e ficaram em posições expostas. Os ganhos territoriais foram sob a forma de saliências que aumentou consideravelmente o comprimento da linha que teria de ser defendida. Em seis meses, a força do exército alemão tinha caído de 5,1 milhões de homens lutando para 4,2 milhões. Ainda pior, eles perderam a maioria de seus melhores homens treinados como “Stosstruppen”. Os aliados tinham sido gravemente feridos mas não vencidos. As tropas americanas tinham provado sua presença, contrabalançando a escassez de mão de obra séria que a Inglaterra e a França estavam enfrentando após quatro anos de guerra.



Ludendorff não tinha mais como ganhar a guerra, seus soldados não podiam ser substituídos, e quatro milhões de americanos estavam dispostos para o combate conforme se fizesse necessário. Agora cabia ao Exército alemão defender o território alcançado ou recuar antes que os aliados lhes empurrassem Alemanha adentro.

A Família Real Brasileira vinha morando na França desde o exílio. A princesa Isabel, filha do Imperador do Brasil morava no Castelo de D`eu na Normandia, que pertencia ao seu marido francês, o Conde D`eu. Durante aqueles últimos 4 anos de guerra a Princesa gerenciou cozinhas comunitárias em favor dos feridos de guerra, o seu marido representava a Cruz Vermelha na região. O Conde também era responsável pela segurança da vila em volta do castelo que morava, empunhava sua baioneta sempre que necessário. A Família Real Brasileira havia perdido o trono em favor da Proclamação da República Brasileira, em 15 de novembro de 1889. O Imperador Dom Pedro II havia morrido em 1891, de pneumonia e fadiga física e mental.

**As últimas lembranças do capitão Gerrard foram as ofensivas na Segunda Batalha do Marne, onde encontrara Richard em uma trincheira alemã.**

# VII

## O JULGAMENTO



*“ NO MEIO DO INFERNO, UMA CRIANÇA ALEMÃ É RESGATADA, A ÚNICA SOBREVIVENTE DE UM MASSACRE, UMA CARNIFICINA, QUE FORA FRUTO GERADO PELO ÓDIO E RIVALIDADE ENTRE FRANCESES E ALEMÃES. ATÉ QUANDO OS HOMENS VÃO SE ODIAR? A GANÂNCIA, O ORGULHO E O PRECONCEITO ESTÃO SOLTOS, SERVINDO DE ALIMENTO NO CORAÇÃO DOS HOMENS. ENTRETANTO NADA PODE VENCER O AMOR, SENTIMENTO QUE NÃO CONHECE PÁTRIA OU REVANCHISMOS, ALGO QUE VAI ALÉM DO ENTENDIMENTO HUMANO. SÓ O AMOR PODERÁ VENCER QUALQUER COISA E UNIR QUALQUER NAÇÃO... O AMOR PATERNAL ENTRE UM GUERREIRO FRANCÊS E UM BEBÊ ALEMÃO SERÁ JULGADO E DISPUTADO. É A LUTA DO ÓDIO CONTRA O AMOR, QUE VENÇA O AMOR...”*

Gerrard recebera a notícia, a Batalha do Marne ao qual escapara da morte havia chegado ao fim, com os aliados vitoriosos, entretanto o saldo de mortos era enorme; 95 mil franceses, 13 mil ingleses e 12 mil americanos, o custo alemão foi ainda maior (168 mil mortos). No dia 08 de agosto os marechais Ferdinand Foch e Sir Douglas Haig concentraram uma força de 600 tanques blindados em frente a cidade de Amiens para recuperar a região do rio Somme, com soldados canadenses e australianos auxiliando o assalto dos tanques. O general Ludendorff qualificou o dia 08 como **“O Dia Negro do Exército Alemão”**. Em quatro dias quase todo o Somme havia sido tomado pelos aliados, a vitória se deu graças ao poder dos tanques. O Exército alemão foi empurrado até as linhas onde haviam iniciado a Ofensiva da Primavera.

No final de agosto o pequeno Richard estava quase curado. Naquele dia Gerrard e Razan seriam liberados do hospital para que recebessem homenagens. Seria uma grande comemoração.

Os jornais estavam espalhados por toda a cidade. Gerrard, ao ler as notícias, orgulhava-se, e ao mesmo tempo entristecia-se. Existia um vazio dentro dele, algo freneticamente inexplicável, talvez fosse a perda de Jacques e Elisabeth. Ao entardecer, podia-se ver na avenida *Champs-Élysée* (*Campos Elíseos*) a banda passando. Tudo na maior euforia. Enquanto isso, Roxanne auxiliava Gerrard a vestir o uniforme azul de gala para comemorações. Ele teve que ir ao *Arco do Triunfo* auxiliado por muletas. Razan também se preparava, mas teria que ir numa cadeira de rodas, pois ainda não havia se recuperado totalmente. Richard também foi levado à solenidade, afinal de contas, também participara da guerra. No local havia uma multidão rumorosa cingida de bandeirinhas francesas. Os pilotos Charles Nungesser e Jean Navarre também estavam presentes para prestigiar o amigo Gerrard. Vários embaixadores da guerra estavam ali e também muitos oficiais que nem sabiam o que significava pátria, nunca haviam sequer se deparado com um combate e

ficavam lá, cheios de si, mas na verdade não eram nada. As comemorações se iniciavam e o comandante Félix Brocard, do esquadrão aéreo Les Cigognes (Cegonhas), o melhor esquadrão francês, dizia em discurso:

– Eu sei que muitos dos nossos morreram, mas boa parte ainda está viva, porque numa guerra se perde e também se ganha. Mas dessa vez, venceremos a guerra, em breve o **Kaiser** será obrigado a assinar o **Armistício**, eles não podem com nossos aliados americanos. Eu sei que tivemos muitas baixas, mas agora é tempo de euforia, época de despertar, olhar para frente, levantarmos a cabeça porque nós temos um futuro pela frente. Esse país poderá se tornar uma potência, e a nossa vitória é o primeiro passo para a evolução. Nós fizemos algumas comemorações, homenageamos algumas pessoas, entretanto os oficiais que melhor nos mostraram o futuro foram os que participaram da tragédia com o capitão Gerrard, um grupo de apenas cinquenta homens que conseguiram destruir mais de duzentos alemães, uma façanha impossível para nós, porém esses homens conseguiram realizá-la. Um piloto do Esquadrão Stork como o capitão Gerrard, com experiência na cavalaria, mostrou-nos que tudo é possível. Todo o grupo foi destruído, restaram apenas três sobreviventes: o tenente Razan Stocker, o capitão Gerrard de Burdêau e uma criança que não se sabe de onde veio, mas é protegida do capitão. Agora, sem mais demora, passo a palavra ao tenente Razan.

Ao término do discurso do comandante Brocard as vozes cessaram e podia-se ouvir o bulhar das palmas daquelas centenas de pessoas. Em seguida, vestido de arrogância, Razan tomou a palavra:

– Eu já vivenciei várias batalhas aéreas e de cavalaria, mas nunca fui submetido à tragédia que vivi nos últimos dias. Eu vi a morte passar por mim e, no entanto estou vivo. Se Deus quiser, e eu sei que ele quer, em breve eu vou me recompor e voltar para a guerra, estarei pronto de novo. No entanto, o nosso mundo é repleto de traidores e foi por causa de um Judas que eu estou ferido. Foi por

causa de um maldito traidor, um homem do nosso próprio grupo de combate que provocou a morte de muitos. O homem que fez tudo isso era a última pessoa de quem suspeitaríamos, um piloto sério, um homem ilustre, um aristocrata. Foi o tenente Jacques de Burdêau! Membro de uma das mais tradicionais famílias francesas, irmão do capitão Gerrard. O capitão é um homem que eu respeito e admiro, mas continua persistindo em proteger o irmão insidioso. Em certa parte, eu até entendo, afinal de contas eles eram irmãos. Porém Jacques logrou a todos e traiu Gerrard, mas Jacques não existe mais, eu o mandei para o inferno, onde é o seu lugar. Mutilo-o; esfaquei-o. Não sou como ele; um desertor! Eu amo a minha nação! Viva a França!

E surgiram palmas de todos os lados. Algumas pessoas tolas sorriam radiantes e achavam que Razan era um herói, pensavam que a guerra era um mar de rosas, que era fácil acabar com os alemães e que tudo era só alegria.

Em seguida, o comandante Brocard prestigiou Razan dizendo:

– Foi um lindo discurso, isso sim é um exemplo de amor ao país.

E Gerrard dizia em voz baixa: – Isso sim é uma vergonha nacional.

O comandante Brocard pegou a medalha de *Cruz de Guerra Francesa* e colocou no peito de Razan em homenagem à sua bravura.

Gerrard subiu no palanque com mademoiselle Roxanne, que segurava Richard no colo. Pôde-se ouvir então um bulhar de aplausos, e o capitão disse:

– Não existe prova sequer de que o tenente Jacques de Burdêau tenha nos traído, ele não tinha motivos para isso, não precisava de dinheiro, tinha de sobra, ele era um herói, um grande piloto. Eu não vim ao *Arco do Triunfo* à toa, para dizer palavras fúteis. Muito menos para achincalhar meus semelhantes, nem para dizer mentiras, nem para falar de mim, ou que nós somos os maiores, que vencemos a guerra e todas as batalhas. Também não vou ficar passando uma

ideia bonita da guerra nem vou ficar iludindo centenas de jovens para que participem dela. Há quatro anos, quando eu ainda era tenente de um *Regimento de Cavalaria*, fui enganado desse jeito, pensava que a guerra era uma maravilha, que eu poderia sair por aí matando todos com minha espada, muitas vezes esquecendo-me que também poderia ser morto. Isso porque, até cairmos no Marne, eu era um aristocrata que só conhecia códigos de cavalheirismo e de boa conduta. Só agora, depois de participar das trincheiras, eu percebi como a guerra é dissaborida, ela é feita de lama e sangue. Vim aqui para falar da verdadeira face da guerra; as batalhas são tristes, as armas evoluíram; granadas, gás mostarda, lança-chamas, tanques e metralhadoras, não é divertido ver seus amigos morrerem em seus braços sem poder fazer nada, mais de quatro milhões de soldados morreram e tiveram seus corpos devorados por ratos. A guerra aérea para mim sempre foi uma aventura, mas as trincheiras são terríveis. Os culpados disso tudo são os Reis e Chefes de Estado, os Generais encastelados em seus aposentos luxuosos que nos induzem a matar uns aos outros enquanto ficam por trás de uma mesa vendo e controlando tudo, rindo e enriquecendo. A custa de que? De vidas, sangue em troca de territórios! Os necessitados é que lutam pelo País e pagam um preço muito alto pela guerra, quase sempre com a própria vida. Eu e muitos outros pilotos fomos usados como armas de propaganda. Não devemos culpar os boches, porque na verdade eles agem como nós, essa rivalidade entre boches e franceses tem que acabar! Se boches e franceses não mudarem essa mentalidade outra guerra ainda maior surgirá, e também não haverá vencedores, por que na verdade nunca há. Será que apenas eles estão errados? Será que nós não somos transgressores também? Não devemos ficar julgando uns aos outros porque todos são mínguas, todos são monstros que se matam sem refletir que estão destruindo seres humanos. Nós não estamos matando animais, estamos assassinando pessoas! Essa criança que está aqui e cujo nome é Richard, é um boche legítimo!

Naquele momento, um grande clamor estrugiu daquele povo, todos ficaram espantados com a revelação e Gerrard continuava a dizer:

– *Oui*, ele é um boche que sobreviveu à guerra por um milagre divino. Nós também, franceses, não somos tão bons, existem muitos dos nossos *poilus* que matam por prazer. Quando eu encontrei Richard, todas as pessoas do acampamento onde ele se encontrava estavam mortas, massacradas. Eram apenas, jovens e mulheres, haviam poucos soldados para proteger o local. A sua mãe estava morta e pálida, assassinada por soldados franceses. Portanto nós não somos apenas heróis, somos pusilânimes também; nossos *poilus* não atacaram combatentes, mas sim pessoas indefesas. Sei que não fomos apenas nós que erramos, os boches também fizeram atrocidades bárbaras, mas não estou aqui para julgar ninguém, porque todos são iguais, animais racionais, apesar de muitas vezes agirmos como irracionais ou pior, pois os irracionais não massacram, não destroem como destruímos. Eu queria que todos nos juntássemos em oração e fôssemos felizes, que um ajudasse o outro, que fossemos solidários; que quando um sentisse frio, o outro lhe desse um cobertor. Nós somos todos irmãos por parte de Deus, temos que nos unir. Sei que muitos dos seus filhos morreram na guerra e vocês não tiveram a chance de protestar ou dizer algo, então, digam agora, é a chance de vocês!

Naquele momento, mulheres desesperadas se ergueram e começaram a relatar as histórias de seus maridos e filhos que morreram na guerra, muitas delas subiram ao palanque e outras batiam palmas incansavelmente e choravam. Outros protestavam dizendo que Gerrard seria levado ao tribunal para que fosse decidido se Richard ficaria com ele ou se seria deportado para a Alemanha.

Os comentários não paravam, uma solenidade que era para ser uma propaganda de guerra se transformou em discursos antipatrióticos, mas Gerrard não dava ouvidos às calúnias que, entre outras coisas, diziam que ele não amava seu país, que gostava dos

arianos, que iria abandonar a guerra, que talvez fosse levado a Corte Marcial. As pessoas o apedrejavam com palavras horrendas, principalmente os oficiais militares; até o seu comandante, Félix Brocard, ficou meio apático em relação a ele. Mas a maioria do povo estava do lado do capitão por que verdadeiramente foram eles quem mais perderam com aquela guerra, e ele falava a verdade, e a verdade incomodava os poderosos. Gerrard continuou falando para a população em polvorosa:

– Calma, meus camaradas! Eu quero vos dizer algo.

Todos cessaram as vozes para ouvi-lo:

– Eu gostaria agora de homenagear um homem que foi um herói, o nome dele é Claudin Leprec, um jovem de apenas dezoito anos que perdeu a família há algum tempo. Queria provar para si mesmo que não tinha medo dos boches.

Naquele momento, Gerrard levantou Richard no alto de sua cabeça e disse:

– Claudin salvou a vida dessa criança, deu sua vida para salvar a do bebê. Se o garoto Claudin não tivesse se aventurado Richard podia estar morto. Pena que a sua família não esteja aqui para falar dele, de como era, mas ele tem um grande admirador, que sou eu. Posso lhes assegurar que o maior herói dessa batalha foi ele. Ao morrer, fez um último pedido, gostaria de ser sepultado ao lado da família, e o seu desejo foi cumprido.

Gerrard explodiu em prantos quando desceram o caixão que representava Jacques de Burdêau, seu irmão amado que nem podia estar ali para ser sepultado. O comandante Brocard, então, ordenou que alguns soldados preparassem suas armas e atirassem ao alto em homenagem aos poilus mortos naquela batalha. Vários tiros retumbaram para o céu. Em seguida, Gerrard, com o rosto ainda molhado de lágrimas, disse:

– Eu sei que muitos tentarão evitar que eu fique com essa criança, mas terão que passar por cima do meu cadáver primeiro, porque ninguém me impedirá. Se for preciso eu usarei todas as leis para



ficar com ele. Que venham contra mim!

A enfermeira-chefe Roxanne completou, dizendo:

– E eu estou ao lado do capitão. Qualquer um que tentar tirar o garoto de nós não conhecerá só a fúria de Gerrard, mas a minha também. Nesse momento eu me coloco como mãe de Richard – Gerrard ainda acrescentou:

– E eu como o pai dele. E digo que essa criança se chamará Richard Wagner de Burdêau, carregará consigo o meu nome e será meu filho. Quem estiver de acordo tudo bem, quem não estiver que tente passar pelo meu caminho e será atropelado. Eu mostrarei a fúria dos Burdêau!

E o povo gritava;

– Viva Richard! Bem vindo, Richard!

Razan estava repudiando tudo aquilo. O comandant Brocard, mesmo indignado, porque não concordava com o procedimento de Gerrard, deu-lhe a medalha de *Cruz de Guerra Francesa*, mas o advertiu:

– *Monsieur* é uma vergonha para seu país.

– Comandant, não sabe o que está dizendo, a única coisa que sabe fazer é usar essa insígnia sem saber por que está usando, eu vou pedir minha dispensa da Força Aérea.

– Se você fizer isso será visto como deserção será preso, você é um piloto muito valioso, a França precisa de você mais do que nunca. Se Georges Guynemer ainda estivesse vivo, sentiria vergonha do seu pupilo. O que fizeram com *monsieur* Gerrard?

– A guerra me fez assim, comandant! A guerra...

As comemorações daquele dia haviam cessado e Gerrard voltou para o hospital para repousar, fazer alguns curativos e cuidar do pequeno Richard. Roxanne e Gerrard pretendiam registrá-lo como seu filho, mas isso só seria possível se conseguissem dobrar o tribunal.

No dia seguinte se lia pelas ruas de Paris:

– Extra! Extra! Herói de guerra irá à justiça para brigar pela guarda de uma criança alemã!

– Extra! O capitão Gerrard comove o povo francês num discurso!

Gerrard, ao ler as notícias pela manhã ficou sublevado e disse a Roxanne:

– Eles acham que podem tirar Richard de mim.

– O que *monsieur* mais precisa agora é de um ótimo advogado por que senão eles vão lhe tomar Richard.

– Não diga besteiras, Roxanne, ainda está para nascer o homem que vai tirar esse bebê de mim.

Em tom de brincadeira, Roxanne disse:

– *Monsieur* disse homem, não é? Então quer dizer que uma mulher está livre disso? Quer dizer que posso ficar com Richard só para mim?

– Pode até ser, *mademoiselle*.

– Então, vamos fazer uma aposta, se eu conseguir a posse de Richard no tribunal, vou querer um presente em troca.

Apertaram as mãos e selaram a aposta: quem conseguisse a guarda de Richard ganharia um presente. Roxanne conhecia um ótimo advogado que nunca havia perdido uma causa. O nome desse homem era *Jean Van*, um comunista francês que morou no **Brasil**, ele tinha um filho brasileiro de seis anos e sua esposa brasileira tinha falecido durante o parto, esse fora o principal motivo de sua volta para a França. No momento usava seus talentos para advogar causas de camaradas comunistas em Paris.

Mas nessa nova investida com o caso Richard, teria um grande trabalho, porque nunca havia se comprometido com um caso desse tipo, além do que, lutaria contra a opinião pública e teria pela frente um júri hostil.

O capitão Gerrard faria de tudo para ter Richard ao seu lado, ele não havia passado por todos aqueles apuros com o garoto em vão e

não permitiria que aqueles cretinos arrancassem o menino de seus braços.

No hospital Gerrard e Roxanne esclareceram tudo ao advogado. A enfermeira confiava muito nele. Na verdade, Jean assumira essa causa porque era apaixonado por Roxanne desde que voltara do Brasil. Mas ela o tinha como amigo, não seriam felizes, pois ela não o amava.

Jean amava muito Roxanne, faria qualquer coisa por aquela princesa de cabelos da cor da luz, com os olhos tão azuis que se confundiam com o céu. Qualquer favor que ela pedisse, ele não recusava, porque se derretia com o seu charme. Ela era demasiadamente linda para alguém lhe negar algo.

Em Paris, Gerrard, Roxanne e Jean cuidavam minuciosamente do caso Richard. O advogado explicava: – Se o júri não se convencer com nossa defesa teremos que apelar para uma cartada final.

– Qual? – perguntou Gerrard.

– Alegaremos que *Monsieur* e Roxanne lavrarão uma certidão de nascimento, no qual Richard é reconhecido como filho legítimo do casal, e que nunca foi encontrado em uma trincheira alemã, e sua nacionalidade será negada para sempre, será apresentado pela sociedade francesa sendo filho legítimo.

– Se for necessário que seja feito.

– Isso vai custar a integridade de Roxanne – advertiu Jean.

– Não me importo – acrescentou a enfermeira.

No início de setembro de 1918 foi a audiência com o juiz. O meritíssimo François, homem de uma forte austeridade, devia ter uns cinquenta anos, usava um cavanhaque branco, era um serumano escravo da Lei. Gerrard parecia ter a sorte ao seu lado com excelentes chances de ganhar a causa. No dia do julgamento todos estavam presentes. Richard, levado por Gerrard, estava todo prazenteiro com uma roupinha preta e branca e um chapeuzinho combinando, presentes de Roxanne. Ao abrir a sessão, o juiz disse:

– Solicitei a presença nesse tribunal de todas as pessoas envolvidas com a criança, as que a protegeram e as que protestaram contra sua vinda para a França.

Razan Stocker foi o primeiro a ser interrogado pelo promotor Martin:

– Tenente Razan, eu sei que *monsieur* ficou muito conhecido como herói de guerra e trouxe muito orgulho para a nossa pátria querida, todos nós sabemos que os alemães são nossos inimigos mortais e que ainda estamos em guerra. Agora eu lhe pergunto: *Monsieur* acha justo que um alemão, nosso inimigo, seja criado entre nós? Seja sincero, não se deixe induzir por seu amigo Gerrard, somente a verdade Razan Stocker, você está sob juramento.

– Protesto meritíssimo, o promotor não pode induzir a testemunha – Esbraveja Jean.

– Aceito – concluiu o juiz.

– Desculpe-me excelência, vou retificar a pergunta – acrescentou o promotor.

– Tenente Razan, você acredita que o que aconteceu no Marne entre o capitão Gerrard e a criança seja o bastante para reconhecê-lo como filho?

Na verdade Razan queria acabar com aquele alemãozinho, porém ele temia que, dizendo qualquer coisa que prejudicasse Richard, perderia a chance de reconquistar a confiança de Gerrard, que ele poderia acabar descobrindo a verdade da guerra, o que acontecera com Jacques de Burdêau. Ele desejava caluniar a criança, entretanto Gerrard o fitou reprimindo-o e as únicas palavras que ele pronunciou foram:

– Eu sei que ele é um boche, mas não temos o direito de condenar uma criança e devolvê-la ao seu país de origem, estaríamos nos rebaixando ao nível dos inimigos, pra que criar mais um inimigo? Temos que conquistar mais um soldado, ele é apenas uma criança e se ficar sabendo que é alemão será tarde demais, então estará do nosso lado. Será uma vergonha para os boches quando

descobrirem que existe um alemão ao lado dos franceses, irão se sentir degradados e desonrados.

Nesse momento a voz de Razan foi calada pelo promotor Martin:

– Não tenho mais perguntas.

O juiz convocou a próxima testemunha, a enfermeira americana Roxanne Mondevoir Saron, que roubou os olhares de todos, estava belíssima usando saia e blusa azul marinho, com uma linda boina vermelha enfeitando seus belos cabelos dourados. Sentou-se na cadeira para ser interrogada por Martin:

– *Mademoiselle* Roxanne, você foi a primeira a cuidar dos feridos do bombardeiro inglês, ao qual estava a criança sob os cuidados do capitão Gerrard?

– *Yes*, o capitão me disse que se tratava de um bebê alemão que precisava de cuidados.

– Ao ouvir essas palavras, o que *mademoiselle* sentiu? Vergonha?

– Isso é uma afronta, eu sinto uma enorme vergonha é de ouvir tais palavras. Eu jamais pensaria assim, pois ele é somente uma criança que desconhece o que seja pátria.

– Queira ser mais objetivo promotor Martin, evitando insinuações – interrompe com severidade o juiz.

Naquele momento o ódio já havia sido despertado no coração de Gerrard. Quem dera pudesse fazer desaparecer Martin, figura preconceituosa e cínica que tentava com abuso de poder induzir a opinião de todos os presentes. Martin representava o Estado francês e os franceses não queriam Richard no país.

O tribunal se colocou em alvoroço e muitas conversas paralelas tumultuavam o interrogatório, quando o juiz começou a bater o martelo, ordenando:

– Ordem! Ordem neste tribunal! Ordem!

O Promotor Martin chamou a próxima testemunha, o comandante Félix Brocard:

– *Comendant* Brocard, queira explicar a todos a impossibilidade

da criança permanecer no país.

– Eu sou totalmente contra a presença de um alemão na França, principalmente em época de guerra. Em outros tempos estaria bem, muitos alemães emigraram para cá como uma epidemia depois da Guerra Franco-Prussiana, mas nesta crise sou obrigado a ficar contra o garoto, deve ser deportado para um orfanato alemão, pois quero a segurança deste País. Não quero que a criança fique aqui, mas também não quero maltratá-la, o certo seria mandá-la para a Alemanha. Além disso, para que o capitão Gerrard venha a ficar com a criança seria necessário a presença de uma mulher assumindo o papel de mãe, Gerrard seria o pai. Que eu saiba o capitão Gerrard não é casado.

– Sem mais perguntas, meritíssimo.

Em seguida o advogado Jean chamou a depor novamente a enfermeira americana Roxanne.

– Qual sua relação com o capitão Gerrard? – Perguntou Jean.

– Somos amantes, eu disse que se a criança sobrevivesse eu cuidaria dela como se fosse sua mãe, se for preciso vou lutar pela posse de Richard até o fim, eu o assumo como filho.

Houve uma grande expressão de surpresa quando Roxanne disse que era amante de Gerrard, embora isso não fosse verdade era a única maneira de convencer o júri a deixar a criança do sobre seus cuidados. Jean se dirigiu ao juiz:

– O manifesto de *madeimoselle* Roxanne deve responder as perguntas do promotor Martin.

O julgamento prosseguia e os ânimos ficavam cada vez mais acirrados visto que o promotor Martin apelava em todas as oportunidades para o sentimento pátrio de todos os presentes, fazendo muitas vezes reavivar dores do passado e sentimentos de ódio determinados pela guerra tão viva ainda no coração de todos. Gerrard sentia-se acuado, impotente diante daquela situação. Seus pensamentos estavam confusos, temia uma decisão contrária. No íntimo de seu coração só restava uma certeza: jamais se separaria de

seu filho. Ainda envolto nesses pensamentos, com Richard nos braços é chamado a depor:

– Não me importo com lei alguma, o que eu sei é que este menino viveu um inferno na guerra comigo, passou fome e tudo que possam imaginar. A única coisa que eu podia fazer quando não havia o que comer era umedecer meus dedos com água para que Richard sugasse; quando ele começava a chorar eu ficava desesperado até que descobri que dessa forma ele se acalmava. Nós dois temos um vínculo muito forte, ninguém tem o direito de separar-nos, por isso tirem suas conclusões sobre o que ouviram e votem com justiça.

Lágrimas escorriam pela face de Gerrard semelhantes a alvas flores da primavera. O capitão ficou taciturno em meio àquelas pessoas que o fitavam penalizados. Ficava cada vez mais ansioso com a demora do veredicto, seu coração suplicava pelo fim daquele suplício, sentia-se mal e se indignava contra os que pretendiam banir Richard.

Iniciaram-se então as últimas alegações da defesa e da promotoria. Martin, colérico, com veemência, proferia:

– Estamos diante de uma fácil decisão: a guerra ainda não terminou... Quem criaria um monstro em seu próprio lar? Qual de nós em sã consciência admitiria alimentar e fazer crescer um inimigo dentro de sua própria casa? Creio que já pagamos alto preço para os alemães. Quanto mais ainda teremos que nos humilhar? Aceitar essa criança significa dar mais uma vez nossa cara a bater. Algum dos jurados está disposto a fazê-lo? Estou certo que não.

Pensativo, a passos lentos, dirigiu-se Jean ao júri: – Senhores jurados, a guerra nos trouxe uma grande lição. Todos nós somos testemunhas do grande número de inocentes arrancados de seus lares nessa batalha sangrenta. Conhecemos o princípio universal do Direito que se constitui no direito à vida, e mais: o direito que todo ser humano, direito que cada um de nós tem de amar ao próximo segundo a lei de Deus. Como poderemos nos considerar capazes de

julgar quem deve amar e a quem deve amar? Estamos diante de um caso de amor verdadeiro que desconhece fronteiras ou nacionalidades. Por que tolher esse direito? Como subestimar a lei divina? Conhecerá essa criança ódios e revanchismos? É claro que não. Os homens são falhos e até a justiça pode falhar, mas nada se sobrepõe à lei de Deus que determina “Amará ao seu próximo como a si mesmo.” Lembremos que em I Coríntios, o apóstolo Paulo coloca a toda a humanidade: **“O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece.**’ Há algum dentre vós que se julga capaz de ceifar essa relação pura e tão sofrida que acabamos de acompanhar?

O júri deixou a sala. Foram longos os momentos de espera...

Finalmente o júri chegou a um veredicto, fora feito um acordo com o advogado Jean, que foi entregue ao juiz que o proferiu:

– O júri chegou a um veredicto. Espero que tenha sido feita justiça, decidiram que...

Um silêncio enorme pairava na sala quando a sentença foi pronunciada suavemente pelo juiz:

– A criança fique no país.

De repente estrugiu aquele grito:

– Eeeeeeeeeeeee!

Podia-se ouvir a euforia de Gerrard de qualquer lugar:

– Viva! Viva! Viva!

O juiz acrescentou: – Foi feito um acordo, a criança ficará sob a guarda da enfermeira-chefe Roxanne Mondevoir Saron, reconhecendo-o como filho do capitão Gerrard de Burdêau, a nacionalidade alemã da criança será negada para sempre.

Gerrard disse:

– O que importa é que a criança vai ficar com a gente.

Gerrard levantou Roxanne no alto junto com Richard, em seguida saíram onde havia algumas pessoas que gritavam:

– *Viva Richard! Viva Richard! Viva a liberdade! Viva a vitória!*

Gerrard precisava voltar ao hospital para fazer os últimos curativos.



Enquanto isso, na saída Jean chamou Roxanne num local reservado e fez o convite:

– *Mademoiselle* quer sair para jantar comigo essa noite?

– Desculpe-me, Jean, mas creio que essa noite não será possível. Eu preciso fazer os derradeiros curativos no capitão Gerrard.

– Então, amanhã?

– É difícil prever algo... *Monsieur* sabe que agora tenho que cuidar também de Richard...

– Entendo... Bem, então eu vou indo.

– Espere, eu queria lhe agradecer por tudo o que você fez por mim, Gerrard e Richard. Nós devemos muito você, é uma pessoa compreensível e maravilhosa. Eu gosto muito de você.

Em seguida Roxanne beijou-lhe a face e Jean se alegrou, afinal de contas, ele a amava.

Mais tarde, no hospital, Gerrard sentiu a falta de Razan e perguntou à enfermeira:

– Onde está Razan? Você o viu, Roxanne?

– Eu não o vi mais após o seu depoimento no tribunal.

– Apesar de nossas desavenças, eu queria ter agradecido a ele por ter me apoiado durante o julgamento. Pensei que ele estaria lá fora para me parabenizar.

Enquanto isso o advogado Jean entrava em seu carro e se dirigia para casa...

Havia um grupo chamado “*Boinas Negras*”, intitulado por esse nome em virtude da boina preta que usavam sobre a cabeça. Trajavam-se com uniforme militar francês tingido de preto, tendo seus rostos ocultados por uma máscara cor de prata e um lenço vermelho envolto no pescoço. Esse grupo tivera início com poucos membros, mas agora seu número se estendia; grupo de rebeldes e saqueadores desejavam construir um grande reinado de assaltos. Principalmente soldados desertores, juntavam-se a eles no intuito de fazer justiça pelas próprias mãos. Esse grupo promovera seu primeiro ataque em 1917, após as ordens de fuzilamento por

deserção do governo francês. A polícia estava empenhada em localizar o líder dessa organização na tentativa de extinguir o grupo, mas essa tarefa se apresentava difícil dada a inteligência e astúcia de sua liderança.

No caminho de casa, na estrada, o advogado Jean é interceptado repentinamente por um *Boina Negra*, que num golpe de machadinha acertou o seu Renault preto, fazendo com que ele freasse bruscamente atingindo seu agressor. O vidro do veículo estilhaçou-se e, em fração de segundos surgiram aproximadamente nove Boinas, saltando como macacos, fincando suas machadinhas no carro. Jean tentou acelerar o veículo para fugir, porém um Boina estranho trajando um sobre tudo preto desferiu-lhe forte golpe no braço. Em seguida picotaram o carro e arrancaram Jean com muita violência, projetando-o na pista. O advogado, novamente agredido por um dos integrantes do grupo, reagiu com um golpe de luta oriental, e conseguiu jogar o agressor por cima do carro e, numa fúria insana revidava com êxito os golpes que os demais desferiam contra ele quando, de repente, o mesmo Boina estranho que o agrediu no início retirou uma pistola da cintura e disse:

– Parem todos! O show acabou! Ei, seu advogadinho idiota, pensa que é um samurai? Vejamos, então, se suporta uma bala queimando o seu couro.

– Seu desgraçado! Eu não sei quem é você, mas será guilhotinado!

– *Monsieur* não viverá para fazer isso!

Friamente o Boina engatilhou a pistola e pôde se ouvir aquele estrondo... Ele acertou um tiro no ombro de Jean, fazendo-o cambalear. Imediatamente os demais homens aproveitaram para ferir ainda mais o advogado com suas machadinhas. Nisso surgiu um jovem Boina de grandes proporções que gritava estranhamente:

– Ele é bom, é bom!

Aquele garoto, na verdade um mongoloide corcunda, abraçava-se a Jean. O grandalhão agia como uma criança. Seu apelido era

Corcundo, dada a sua semelhança com a personagem “*O Corcunda de Notre Dame*”, do escritor *Victor Hugo*. Corcundo tivera sua mãe assassinada por alemães, ocasião em que foi acolhido pelos Boinas, obedecendo-lhes cegamente.

Vendo aquilo, o Boina de sobre tudo ironizou:

– Ele matou mamãe, matou mamãe!

– Mamãe Nãoooo!

Corcundo, enraivecido, levantou Jean, batendo a cabeça do advogado contra a sua própria cabeça, ferindo o advogado gravemente. Jean gemia através do fio de vida que lhe restava.

Os Boinas, então, apreciando todo o sofrimento do advogado começaram a brincar com o seu corpo bastante mutilado. O Boina de sobre tudo tentou fincar uma machadinha na cabeça de Jean que, num esforço supremo, abaixou-se e puxou a máscara que encobria o rosto de seu agressor. Quando o advogado olhou para o rosto daquele homem teve a brutal surpresa de reconhecer o tenente Razan Stocker. Fitando fixamente aquela face, falou:

– *Monsieur* é Razan Stocker! Por que se uniu aos *Desertores*?

– Vingança, poder, fama! Apenas isso Dr. Jean.

– Por favor, não me mate.

– *Monsieur* já está morrendo! Acredita ainda que pode sobreviver? No entanto, implore que eu prometo não acabar de matá-lo.

Razan Stocker tripudiou até não poder mais e finalmente jogou gasolina no corpo de Jean.

– Seu maldito, *Monsieur* vai me matar, não vai? Não vai?

– *Monsieur* nos traiu, defendeu um boche no tribunal. Já se esqueceu do que os boches fizeram conosco? Não permitimos traidores, e todos aqueles que ousarem proteger um boche vai morrer junto com você.

– Seu porco imundo!

– Calma, é brincadeirinha... *Monsieur* acha mesmo que eu o mataria só porque protegeu alemães? Nada disso... Eu gosto de

alemães... Eles pagam bem... *Monsieur* vai morrer por ter flertado com minha garota, Roxanne.

Jean, numa atitude débil, tentou reagir, mas foi apunhalado no ombro. Razan brincava com um isqueiro aceso e, em seguida jogou sobre o advogado, que sentiu seu corpo a incendiar-se debruçado no chão de tanta dor. Os Boinas fincaram suas machadinhas em Jean finalizando o massacre. Razan o pegou pelas costas e o jogou em um lago abaixo da estrada. Em seguida os assassinos incendiaram o carro e o projetaram para o lago, depois desapareceram.

Por incrível que pareça, Razan fazia parte dos *Boinas Negras*, aliás, era um dos líderes. O chefe absoluto era Léon, ex-tenente do exército, que se revoltou contra as autoridades sob o pretexto de que o governo francês estava executando soldados franceses por deserção, ele era um dos oficiais que se safou das execuções de 1917. O tenente Léon Mariot pretendia eliminar os fidalgos construindo uma França livre onde os plebeus não eram oprimidos, ele instigava uma nova revolução, não obedeceriam mais ordens de um governo que os renegara, Razan, no entanto não pensava assim, não se importava com o povo, apesar de ser um plebeu, ele eliminaria qualquer um que se opusesse aos seus interesses de construir fortuna e poder, queria ser o que os Boinas mais odiavam (**um fidalgo**) pretendia se vingar daquela sociedade que achava egoísta e hipócrita e jurou acabar com todos os que o desprezaram.

\*\*\*

O capitão Gerrard provinha de uma família de fidalgos, era herdeiro de um império de vinho. Há várias gerações sua família produzia o tradicional vinho branco "**Chatéau Burdêau**". O Chatéau era um enorme e suntuoso castelo renascentista às margens do **rio Loire**, perto de **Orléans**. A vinha era uma imensidão, um mar verde de videiras que se estendiam até as florestas e charnecas de **Sologne**, limites da propriedade. O Chatéau Burdêau estava aos cuidados de uma

administradora e exportadora de vinho que enviava os lucros para aos herdeiros; Jacques e Gerrard de Burdêau, que estavam mais preocupados com duelos românticos no céu.

Os irmãos Burdêau nunca quiseram tomar parte nos negócios do pai **“Barão Renné de Burdêau”**, preferiram viver na simplicidade das terras da mãe, uma humilde fazenda nas montanhas dos Vosges - região alsaciana na fronteira franco-alemã perto do rio Reno. Pelo menos não viveram na solidão e tristeza daquele castelo vazio onde o Barão deixava sua mãe **Rosemarie** para acompanhar o **Exército**. Após a morte solitária do pai nas batalhas, e tranquila da mãe nas montanhas, em 1901 os jovens irmãos Burdêau decidiram voltar à Paris, para morar na **Mansão dos Burdêau**, em frente à **Torre Eiffel**, e ingressar na **Escola Militar**. Mais tarde Gerrard (o primogênito) foi convidado a ocupar o lugar do pai para tornar-se Barão, entretanto negou-se ao título, não queria repetir os erros do pai, formou-se em História Militar e depois se tornou um simples sargento de cavalaria. Depois de quase morrer ceifado por metralhadoras alemãs na Alsácia, Gerrard e o irmão interessaram-se pela aviação e ingressou na **Força Aérea**, uma arte de lutar dos aristocratas, que trocavam nos românticos duelos, códigos de ética e cavalheirismo. Ficaram famosos nas batalhas, recebendo dos ingleses o título **“Brothers Stork” (Irmãos Cegonha)**.

\*\*\*

Gerrard começou a procurar uma casa no campo para comprar, e lá criar Richard ao lado de Roxanne que flertava com ele, estavam apaixonados embora ainda não tivessem declarado. Não pretendia fixar morada no *Chatêau Burdêau*, por lhe trazer péssimas lembranças, e nem na *Mansão Burdêau*, por preferir a tranquilidade do campo. Ele queria uma casa onde o garoto pudesse ser criado mais harmoniosamente, livre para correr e brincar. Estava muito difícil encontrar uma propriedade do modo que o capitão queria, depois de muita insistência encontrou uma linda estância afastada da cidade, às margens do *Rio Sena*, que ninguém queria comprar por temerem que ela fosse mal assombrada. Uma antiga lenda dizia que existiu uma linda moça, filha de importantes

fidalgos, dançarina, cujos pés eram mais leves que a pena e a brisa, ela era como uma ave que podia voar e pairar no ar como os beija-flores, havia também um plebeu (um poeta) cujas palavras encantavam até o mais rude dos corações. A lenda dizia que ele se apaixonara pela suavidade do corpo da moça e ela pela beleza de suas palavras; eles se amavam desesperadamente. Quando os pais da moça descobriram o romance, o plebeu foi condenado á morte na fogueira, acusado de bruxaria sob a ordem de um conde. A moça, ao saber da sorte do seu amado, indignada, atirou fogo no próprio corpo, amaldiçoando todos aqueles que impedissem um grande amor. Abalado pela morte da moça, o pai enterrou o casal na mesma cova. Os corpos dos amantes repousam em um túmulo na Estância, onde foi gravada uma poesia que fora declamada pelo poeta enquanto queimava na fogueira...

### *A Princesa e o Plebeu*

*“Como na plenitude de um pássaro, minha amada pairava como num toque de nortada.*

*Com o encanto de minhas palavras e do meu flertar, ela passou a me amar.*

*O horizonte ás vezes se esconde, é como um menino sem destino.*

*As chamas da maldade e da fogueira não serão suficientes para trazer sofrimento a esse plebeu, somente o fogo que arde em meu coração, somente o poder da inveja, que impediu de amar a minha princesa.”*

A maioria das pessoas dizia que os amantes voltaram como fantasmas, tudo não passava de vãs superstições. A propriedade era, por esse motivo, chamada como a ***Estância Da Princesa e Do Plebeu***, afastada da capital francesa. Era um lugar maravilhoso, tinha uma abadia abandonada, lindas espécies de flores; girassóis, lírios, alfazemas que flutuavam ao pôr do sol, espécies variadas, de

frutas, pássaros e outros animais. Havia um apogeu onde ventava muito e era seguido por uma aleia de flores que dava às margens do *rio Sena*. O casarão era uma bela obra renascentista feita de pedra e madeira, a estância era propriedade do governo francês por pertencer à época da Monarquia, estava abandonada por que ninguém se interessava em comprá-la por causa das lendas. Como Gerrard e Roxanne não se preocupavam com essas crendices nem queriam saber se os espectros existiam, nem se importavam com todos esses comentários, compraram a estância por alguns mil francos. Para eles aquele lugar era um paraíso, o lugar dos sonhos, afastado de tudo e de todos. Fecharam o negócio e registraram a escritura.

No início de setembro o general John Pershing que até então só havia enviado seus homens em apoio ao exército francês, conseguiu autorização para formar o 1º Exército Americano totalmente independente. Os americanos foram enviados para o sul de Verdun, perto da saliência em Saint Mihiel que pertencia aos alemães desde o início da guerra.

# VIII

## DOGFIGHT



*“EU VI TANTA DOR, TANTA MORTE, TANTAS LÁGRIMAS... ENFIM, VOLTEI PARA CASA PARA FICAR LONGE DAS BATALHAS. PORÉM A GUERRA NÃO QUERIA ME DEIXAR EM PAZ, ENTÃO EU PRECISEI REGRESSAR PARA OS DUELOS AÉREOS...”*

*MEU PÁSSARO SUPORTAVA O GOLPE SEM FRAQUEJAR, ME LIVROU TANTAS VEZES DA MORTE CERTA. EU NÃO QUERIA CONTINUAR DUELANDO COM OS MEUS INIMIGOS, ENTRETANTO EU PRECISAVA, MINHA PÁTRIA ME OBRIGAVA. A DOR ENTÃO CONTINUOU, A MORTE PERSISTIU, AS LÁGRIMAS NEM CONTO MAIS...*

*EU SEI QUE É LOUCURA, MAS SE ALGUM DIA RECEBER ORDENS PARA RETORNAR PARA O LAR É MELHOR QUE EU NÃO VÁ, POIS EU PREFIRO MORRER NAS BATALHAS E QUEM SABE ALCANÇAR A PAZ, DO QUE IR PARA CASA SABENDO QUE UM DIA TEREI QUE VOLTAR PARA A GUERRA DE NOVO “*



Naquela semana Gerrard regressou a Força Aérea, embora Roxanne tivesse implorado várias vezes para que ele encontrasse uma forma de ajudar administrativamente, sem precisar ir para os duelos aéreos, entretanto isso não foi possível, ele estava sob ameaça de ser preso por deserção, a Guerra precisava de Gerrard mais do que nunca...

O comandante Félix Brocard, líder do Esquadrão Stork, designou uma missão para o capitão Gerrard, ele fora escolhido para formar e liderar uma nova esquadrilha deveria recrutar dez pilotos valorosos e Razan seria seu adjutant. O capitão Gerrard aceitou sua nova missão, mas com uma ressalva, não queria Razan na esquadrilha, porém Brocard o advertiu de que deveria resolver seus problemas pessoais com Razan. O capitão Gerrard acabou cedendo a pressão, porém deixou bem claro que Razan deveria acatar todas suas ordens, e qualquer insubordinação o colocaria fora da esquadrilha.

Durante toda a primeira semana de setembro Gerrard e Razan embora apáticos um ao outro, passaram escolhendo e ajustando os novos pilotos. Gerrard e seus pupilos seriam enviados para o setor de *Saint Mihiel*, onde uma ofensiva americana seria realizada com o apoio de ingleses e franceses.

Um baile foi oferecido a famosos pilotos aliados, seria realizado em um castelo nos arredores de Paris. Após o baile, os pilotos de licença em Paris deveriam partir para St. Mihiel. A maior ofensiva aérea de toda a guerra estava sendo preparada, mil e quinhentos aviões aliados deveriam se reunir no setor.

No baile, a nova esquadrilha liderada por Gerrard foi apresentada aos fotógrafos. Pilotos americanos, britânicos e franceses reuniam-se no castelo, onde eram ovacionados e reconhecidos. Razan logo marcou presença nas festividades. Gerrard deixou Richard aos cuidados de Natalie (Nána) uma negra americana que ajudara na educação de Roxanne quando perdeu a mãe. O capitão estava apreensivo porque Roxane demorava muito para chegar.

Jean Navarre surgiu conduzindo Charles Nungesser numa cadeira de rodas, Gerrard os avistou e foi falar com eles. Em seguida reuniram-se no bar do castelo para fumar e degustar uma bebida.

– Soube que voltou a voar Nungesser? – perguntou Gerrard.

– *Oui*, voltei e estou muito animado para derrubar mais alguns boches.

– Você está se arriscando muito meu amigo, já fez tudo que podia fazer pela Nação, pare de se arriscar dessa maneira, vai acabar morrendo.

– Para morrer basta estar vivo.

– É deprimente o modo como tiram Nungesser da cadeira de rodas e o colocam no avião – acrescentou Navarre.

– Vamos parar com isso! E você Gerrard está ansioso para voltar ao front? – perguntou Nungesser.

– Nenhum pouco. Se já não bastasse ter que formar uma nova esquadrilha, me deram a missão de perseguir sem tréguas a **Jasta 15 do Grupo 2**.

– Está correndo por aí o comentário de um aviador alemão da Jasta 15, de nome **Georg von Hantelmann**, que tem uma caveira pintada em seu avião, eu não me importo, eu também tenho a minha insígnia de caveira. Se permitissem, eu mesmo acabaria com esse Hantelmann – Esbravejou Nungesser.

– Não delire Nungesser, não era nem para você vir ao baile, deveria estar em repouso – acrescentou Navarre.

De repente entrou uma dama que vestia da cabeça aos pés um garboso vestido de seda branca e estava com o cabelo preso, era uma mulher linda e todos a admiravam muito. Os homens ficaram boquiabertos com a presença dela e desejavam que ela fosse sua mulher ou pelo menos que fosse sua companhia naquela noite. Muitos pilotos separaram-se das damas que os acompanhavam e iam à direção daquele vestido branco, transparente e decotado; eles convidavam-na a acompanhá-los, porém ela fingia não ouvir e continuou caminhando na direção de Gerrard. Quando ela já estava

próxima ao capitão, Nungesser brincou:

– Olha só, capitão, aquela linda *mademoiselle* vem vindo na minha direção, olha lá Gerrard!

O capitão olhou e quase se engasgou com o conhaque que estava bebendo. A moça ficou diante dele e disse:

– E aí, *chéri*, não vai me convidar para dançar?

Nungesser ironizou:

– Você vive dizendo que a sua enfermeira americana é linda, entretanto omitiu que ela é uma assassina de corações – Gerrard e Roxanne enrubesceram.

– Ah *mademoiselle*, se eu pudesse sair dessa cadeira de rodas, eu mesmo a levaria para dançar – risos.

– *Monsieur* Nungesser é muito galanteador – elogiou Roxanne.

Nungesser tomava conhaque quando foi censurado por Jean Navarre: – Você sabe que não pode beber, vai prejudicar sua recuperação.

– Acha que eu vou deixar aquele maldito René Fonck me ultrapassar no ranking de abates! Nunca! Eu sei que pareço um retalho humano, um monstro costurado, mas não vou deixar que me vençam!

– Você está bêbado – alertou Navarre.

– Eu não sei o que deu em Navarre, tornou-se paranoico e depressivo, quer cuidar de mim como se fosse minha mãe, ele não é minha mãe! Não é a madame Nungesser! Eu não vou morrer como o irmão de Navarre!

– Melhor levá-lo para casa, ele não está bem – aconselhou Gerrard.

Em seguida, o comandante Félix Brocard anunciou a apresentação da nova esquadrilha. Gerrard dirigiu-se a frente e convidou Razan e os seus dez pupilos escolhidos para serem apresentados a imprensa e tirar mais fotos. Todos estavam em volta dos pilotos e faziam perguntas paralelas, a maior parte delas girava em torno das futuras ofensivas aéreas. Gerrard respondera que a

nova esquadrilha daria sua participação e não decepcionariam. Com muita dificuldade conseguiu livrar-se de todos e foi encontrar-se com Roxanne.

Gerrard estava muito garboso, usava um smoking com medalhas espalhadas pelo peito e uma echarpe branca em volta do pescoço. Muita música embalava os namorados. Há mais de um mês Gerrard e Roxanne flertavam, mas a timidez os impedia de se declarar. O casal começou a dançar; sorriram, comeram, beberam além da conta e então Roxanne disse:

– Lembra-se da nossa aposta? Richard está sob minha guarda... Eu ganhei esse jogo e quero o meu prêmio.

– E qual é esse prêmio *mademoiselle*?

– É preciso dizer? Será que você ainda não percebeu?

Gerrard tocou-lhe os cabelos dourados e eles mergulharam num caloroso e profundo beijo de amor. Ainda atordoada por aquela sensação, Roxanne tomou fôlego e indagou: – Só por curiosidade, tivesse sido você o ganhador, o seu pedido teria sido o mesmo?

– Não, Roxanne. Eu teria sido ainda mais ousado, iria mais longe e quebraria barreiras.

– Você está me deixando curiosa... O que você pediria?

Um minuto de silêncio se deu no meio daquele salão e, como se não existisse ninguém além deles ali, pararam sem que se ouvisse um rumor e Gerrard respondeu à pergunta dela:

– Você quer se casar comigo?

Roxanne mal podia se conter de tanta felicidade era uma loucura, tudo tão rápido, mas ela respondeu:

– Claro... Que sim! O que eu mais quero na vida. Oh, você é um amor!

Em seguida ela deu um pulo abraçando Gerrard fortemente. Ele tirou um anel de diamantes e o colocou no dedo da moça que quase desmaiou de tanto deslumbramento, estava consumado o noivado. Em seguida Roxanne beijou Gerrard, selando aquele amor para sempre. Assim que a música cessou e as luzes se apagaram, eles

aproveitaram e saíram discretamente, adentrando um Renault preto rumo à estância da Princesa e do Plebeu. Seguindo o curso do rio Sena, atravessaram aquela delgada orla de florestas que se confundia com a revoada das pombas embaladas de sonolência, trazendo encantamento como que avisando que o grande momento de amor de Gerrard e Roxanne havia se pronunciado. O casal escolheu o mais belo recanto da estância e ali se instalaram; com simples toques de amor e sinceras carícias, Gerrard foi percorrendo todo o corpo de sua amada que soltou os seus longos cabelos sedosos. Os olhos da moça, de um azul arrebatador hipnotizavam Gerrard, e já nus tocavam-se mutuamente quando ela disse ao capitão:

– Eu só ameí a um homem em toda a minha vida: esse homem é você Gerrard. Amo-o e o amarei por todo o sempre... Eu prometi a mim mesma que só me entregaria ao homem que eu amasse de verdade, eu somente me entregarei para o homem que eu amo verdadeiramente: só para você Gerrard. Eu quero que você seja o primeiro e único. *Chéri* faça-me mulher e me ame.

– Eu a amo Roxanne. No meio daquela relva espessa, debruçados sobre um lençol de cetim escarlate, concretizou-se um lindo e inesquecível amor. Seus corpos brancos como porcelana se entrelaçavam, confundindo-se com as cores que os rodeavam numa completa sintonia. Daquele momento em diante, Gerrard passou a chamar Roxanne carinhosamente de *Roxy*. Gerrard e sua amada conversavam descontraidamente quando ele lhe perguntou:

– Por que seus pais escolheram seu nome?

– Meu pai era médico em Nova Orleães, quando saiu de férias resolveu visitar a França, conheceu minha mãe, uma talentosa violoncelista francesa e apaixonada pela Literatura de Edmond de Rostand. Logo se casaram na França e depois foram morar na América.

– Agora compreendo, seu nome foi escolhido para homenagear a musa inspiradora do espadachim e poeta Cyrano de Bergerac.

– Sim, eu sou Roxanne e você é meu Cyrano.

– Eu manejo bem a espada, porém sou péssimo poeta, e além do mais eu não tenho o charmoso narigão de Bergerac.

O casal caiu na gargalhada e horas se passaram sem que Gerrard se lembrasse da guerra, pois tudo parecia perfeito ao lado de Roxanne. Aquelas horas e momentos que viveram juntos se tornaram inesquecíveis. Gerrard precisava levar para Saint Mihiel boas lembranças, pois o pior estava por vir...

No dia 08 de setembro um carro militar chegou a Estância para levar Gerrard ao aeródromo, partiria com seus pilotos para St. Mihiel.

No aeródromo perto de Paris, havia 12 aeronaves Spad, pintadas de verde oliva com uma cegonha branca na fuselagem. Gerrard não permitiu que Razan pintasse seu avião de preto (sua cor tradicional) por que poderia ser confundido nos duelos, todos deveriam ter suas aeronaves na cor verde, entretanto Razan conservou sua insígnia, Belphégor - a potestade da França, criador da guerra na Europa e inventor das armas de destruição. No caça de Gerrard havia a inscrição "**Roxy**" em vermelho, para homenagear seu grande amor Roxanne Mondevoir Saron.

Enquanto os aviões se preparavam para decolar, Roxanne abraçava o corpo de Gerrard enquanto dizia:

– Não vá Gerrard! Fique comigo e com Richard. Se você for poderá morrer e nós não queremos perdê-lo.

– É impossível ficar Roxy. Você sabe muito bem disso. É o meu dever: não posso abandonar nosso país.

Já prestes a decolar, Gerrard abraça seu amor fortemente enquanto ela lhe diz: – Não diga adeus Gerrard, pois eu tenho certeza de que você vai voltar.

– Eu amo Roxy... *Au revoir mon amour*.

A ventania produzida pelas hélices das aeronaves levantavam os cabelos do casal, enquanto se abraçavam e mergulhavam num profundo beijo de amor...

A esquadrilha logo alçou voo enquanto deixavam uma listra de fumaça para trás. Entraram em formação e voaram em direção de Verdun.

O objetivo da ofensiva de Saint Mihiel era capturar a cidade de Metz. A região era o inferno na terra - chovia muito, a água torrencial transformava o lugar num mar de lama, depois da lama havia as impenetráveis trincheiras alemãs, com ninhos poderosos de metralhadoras, e todas as armas de destruição alemãs, era esse inferno que os americanos tinham que transpor. Quinhentas aeronaves alemãs foram enviadas para o setor para combater um número muito maior de aviões aliados, era a maior concentração de aviões de toda a guerra. **O Grupo 2** de combate de caça alemão era a ponta de lança da aviação alemã, o grupo fazia parte do **Circo Voador (esquadrão aéreo criado pelo Barão Vermelho e formado por 4 grupos)**. O Segundo Grupo contava com 50 aeronaves de caça de elite, eram comandados pelo ás **Oscar von Boenik**, que havia substituído **Rudolph Berthold**, eles eram a esperança alemã.

O general americano ***John Pershing (O Jaqueta Negra)***, comandante das forças americanas na França, conseguira permissão do marechal Ferdinand Foch, para concentrar um ataque audacioso e mortal contra os alemães com o apoio de ingleses e franceses. A chuva e a lama estavam mostrando que esse ataque poderia falhar, entretanto Pershing estava convencido de que a vitória final estava próxima. As trincheiras alemãs estavam estendidas desde a área fortificada de Verdun passando ao Sul de Saint Mihiel até o Leste de Pont-Au-Mousson. Os tanques e a infantaria teriam muitas dificuldades para atravessar a lama, por isso a aviação era tão importante para a vitória aliada, sem ela não seria possível vencer a batalha. O general Pershing confiou o sucesso da operação por terra ao intrépido coronel americano **George Patton**, a audácia e intrepidez de seus soldados seriam vitais para o sucesso.

O coronel americano da força aérea **William Mitchell (Billy**

**Mitchell**) teve um papel fundamental na organização dos aeródromos e dos grupos de caça que atacariam. O major francês **Paul Armengaud**, era o chefe de toda Força Aérea Francesa que operava em St. Mihiel. Armengaud colaborou de todas as formas com os americanos para que atacassem em conjunto com seus aviões, os aviadores britânicos também participariam dos ataques aéreos, mas individualmente.

Naquela manhã de setembro de 1918, a esquadrilha do capitão Gerrard de Burdêau pousara no aeródromo francês em St. Mihiel, debaixo de uma torrencial chuva. Após acomodarem-se em seus alojamentos, os pilotos reuniram-se para ouvir o capitão Gerrard e seu amigo **Maurice Boyay**, um grande ás francês com 35 vitórias. Gerrard e Maurice Boyau contavam sobre seus grandes feitos enquanto todos observavam admirados.

No dia 12 de setembro, uma enorme leva de soldados aliados avançou a lama, as trincheiras e os ninhos de metralhadoras alemãs, enquanto os aviões aliados metralhavam e bombardeavam os alemães. A chuva havia dado uma trégua, mas muitas nuvens cinzentas obscureciam o céu, ainda assim a ofensiva prosseguiu...

Os aviões franceses e americanos partiam para o combate em números incontáveis. Gerrard e sua esquadrilha voavam por uma concentrada fileira de balões de observação que cobriam o céu, logo as **Archie (baterias antiaéreas alemãs)** tentavam atingir os aviões inutilmente. As aeronaves alemãs do Grupo 2 atiravam-se como vespas em cima dos americanos e franceses. Nesse dia o Segundo Grupo aéreo alemão obteve 9 vitórias, duas delas creditadas ao terrível Georg von Hantelmann da Jasta 15, que pilotava um Fokker azul com uma caveira, ele abateu um bombardeiro americano de manhã e ao fim da tarde derrubou um Spad americano. O piloto desse Spad era nada mais nada menos que o melhor ás americano nessa altura, o tenente **David Putnam**, de 13 vitórias, que morreu nesse combate, foi a 10ª vitória de von Hantelmann, esse acontecimento caiu como uma bomba entre os



aviadores americanos.

A ofensiva continuava e no dia seguinte Gerrard voava a baixa altitude dando suporte aos tanques, a visibilidade era péssima por causa da névoa, de repente o capitão foi atingido pela macabra visão de um cavalo, que galopava com um oficial alemão sem cabeça. Em poucos segundos as metralhadoras e os tanques aliados destroçaram o cavalo e o que restava do oficial alemão. Nesse mesmo dia o Segundo Grupo de Caça Alemão enfrentou novamente os aviadores americanos obtendo 15 vitórias. Mais uma vez Georg von Hantelmann abateu dois caças americanos.

Os pilotos americanos e franceses uniram-se para derrubar Hantelmann, era uma questão de honra derrubá-lo. Ainda no dia 13, depois de um voo, Hantelmann dirigia-se á cidade de Messe de carro com mais três aviadores alemães, quando um Spad americano sobrevoou a base alemã e atacou o carro. Desesperadamente tentaram despistar o caça americano, mas algumas balas atingiram o carro ferindo gravemente um dos pilotos alemães, o tenente Kurt Hetze da Jasta 13. No dia seguinte, 14 de setembro, a luta desesperada continuou, dezenove aviões aliados caíram sob as armas do Segundo Grupo, e desta vez Hantelmann abateu três no mesmo dia aumentando o seu score para 15 inimigos derrubados.

No dia quinze, Hantelmann abateu dois bombardeiros ingleses, mas foi abatido, ficando ligeiramente ferido. No entanto continuou a voar e logo no dia 16, último dia da ofensiva em Saint Mihiel, liderou um grupo da Jasta 15, a interceptar caças franceses que atacavam balões alemães, entre esses caças estavam Gerrard de Burdêau, Razan Stocker, Maurice Boyay e outros caças franceses. Três caças franceses foram abatidos, tendo Hantelmann abatido o seu líder, um caça com um dragão desenhado na fuselagem, era a insígnia do ás francês Maurice Boyau, o grande aviador de 35 vitórias não resistiu aos ferimentos. Era o segundo ás inimigo na conta de Hantelmann, a morte de Boyay foi um choque para os

pilotos franceses, principalmente para Gerrard de Burdêau que jurou vingar a morte de seu amigo.

No fim do dia 16, depois de quatro dias de combates, a ofensiva terminou em sucesso para os americanos, que capturaram 15 mil soldados alemães e 257 mil armas. O coronel George Patton fora o responsável pela vitória, graças a audácia e intrepidez de seus infantess que avançaram sobre os alemães entrincheirados. No total 62 aviões alemães foram destruídos contra 63 aliados, 30 balões de observação alemães foram destruídos contra apenas três balões aliados. A esquadrilha de Gerrard havia abatido oito aeronaves inimigas, das quais três caíram sobre a mira de Gerrard de Burdêau, duas nas mãos de Razan Stocker e outros três sobre o fogo dos outros pilotos. Ainda assim no dia 17 de setembro, Gerrard de Burdêau e seus aviadores sobrevoaram o local para encontrar a Jasta 15. Porém a famosa esquadrilha alemã acabou interceptando dois Spads americanos. Um deles conseguiu escapar mas o outro foi apanhado num fogo cruzado e finalmente derrubado por von Hantelmann, o piloto americano foi capturado. No dia 18 de setembro, dois Spads americanos, conduzidos pelo grande destruidor de balões **Frank Luke** e por seu amigo **Josef Wehrer**, atacaram balões alemães e destruíram dois deles. Georg von Hantelmann partiu com mais cinco pilotos para interceptá-los. O piloto Joseph Wehrer atacou os alemães enquanto Frank Luke destruiu mais um balão. Os seis alemães duelaram com Wehrer até que von Hantelmann conseguiu atingi-lo, seu avião despenhou-se provocando sua morte. O tenente Frank Luke conseguiu escapar, tendo destruído três balões e dois caças alemães que o tinham atacado. Luke ficou consternado quando informaram que Wehrer fora abatido por caças alemães pouco antes. Frank Luke queria vingança á todo custo, precisava matar o maldito que ceifou a vida de seu amigo, entretanto o comandante de Luke mandou-o uma semana para Paris em descanso, o jovem piloto só pensava em vingar a morte do seu amigo. No dia 23 de Setembro, Georg von

Hantelmann celebrou a sua 20ª vitória, apesar da ofensiva americana forçar os alemães a recuar.

No dia 29 de setembro de 1918 Frank Luke (*chamado pela imprensa, O Destruidor de balões do Arizona*) estava de regresso, o seu comandante proibiu-o de voar nesse dia por achar que ele estava muito afetado pela morte de Wehrer. Luke ignorou a ordem e após levantar voo lançou um bilhete no seu aeródromo onde informava que iria atacar três balões alemães. Na base, os pilotos americanos observaram o avião de Luke dirigir-se na direção dos balões. Mais uma vez Luke lançou-se por entre uma terrível barragem de fogo antiaéreo e destruiu os três balões alemães um após o outro. Entretanto a Jasta 15 com oito caças alemães esperavam o caçador de balões americano. Após um curto, mas terrível combate, o caça Spad de Luke foi atingido, sua aeronave começou a cair, ainda assim Luke mirou sua metralhadora contra os alemães que estavam no solo matando quantos pudesse até gastar toda sua munição, seu avião acabou caindo nas linhas alemãs com Luke vivo, mas em território inimigo soldados alemães surgiam de todos os lados para capturá-lo. O orgulho falou mais alto e decidiu não se entregar, Luke então puxou do seu revólver e disparou contra os alemães enquanto tentava fugir. Os boches revidaram e Luke foi atingido mortalmente, nessa altura ele era o piloto da força aérea americana com mais vitórias (18). O capitão Gerrard o havia conhecido pessoalmente e admirava sua coragem, quando soube de sua morte ficou muito arrasado.

A esquadrilha do capitão Gerrard foi enviada de volta a Paris para desfrutar alguns dias de licença. Eles foram recebidos como heróis, porém Gerrard não se sentia como tal, mas sim um fracassado que permitira que um aviador alemão matasse seu amigo Maurice Boyay. O capitão voltou para os braços de sua amada Roxanne e de seu filho Richard, para tentar recuperar-se das tragédias pelas quais passou.

No dia 26 de setembro os exércitos reunidos (Americano, Britânico, Francês e Belga) levaram a cabo a grande ofensiva final contra os alemães. No dia 28 de setembro o general Ludendorff havia perdido totalmente o controle, e aconselhou o general Hindenburg a negociar um armistício com os americanos. No dia 29 de setembro o kaiser Wilhelm, o chanceler von Hertling e o secretário de relações exteriores von Hintze decidiram procurar os aliados para negociar o armistício, baseado nos 14 pontos propostos pelo presidente americano George Wilson, no qual uma paz honrosa poderia ser oferecida a todos os combatentes.

Os búlgaros estavam desgastados com a guerra e descontentes com os alemães. Uma ofensiva aliada contra a Macedônia destruiu as forças búlgaras e logo a Bulgária se viu invadida. Soldados e camponeses aproveitaram a catástrofe e se uniram numa insurreição e marcharam para a capital (Sofia) para instaurar uma República. No dia 30 de setembro tropas alemãs e cadetes búlgaros conteram a insurreição. No mesmo dia a Bulgária foi obrigada a assinar um armistício com os aliados. O czar búlgaro Ferdinando teve que abdicar do trono e fugir para a Alemanha, os aliados permitiram que seu filho Boris tomasse o trono em seu lugar como Czar Boris III. A República não foi permitida a população búlgara que continuou sobre os poderes da Monarquia permitida sobre os olhares dos Aliados.

Depois da Batalha de Caporetto os soldados italianos se viram livres da terrível ditadura do general Cadorna, e passaram sob o comando do Primeiro Ministro Orlando. A Itália conseguiu se reorganizar graças as tropas britânicas e francesas que foram enviadas para o local, e logo rechaçaram os austríacos na Batalha de Vittorio Veneto. Depois da derrota, o barão Conrad von Hötzendorff foi obrigado a deixar o comando das tropas austríacas. Diante da terrível situação, o rei Carlos buscou meios para manter seu Império e procurou o Presidente Wilson para tratarem de um

armistício, entretanto os sérvios, croatas e eslovenos haviam declarado Independência formando um governo provisório (Iugoslávia). A onda começou a se alastrar...

No final de setembro o 1º Exército americano, formado graças aos apelos do general Pershing atacou na linha Mosa-Argonne, estavam apoiados pelo 4º Exército francês. Os americanos deviam passar pelo rio Mosa e varrer os alemães da Floresta de Argonne, uma região repleta de grandes árvores e terríveis desfiladeiros. O local era fortemente defendido pelos alemães com metralhadoras colocadas em pontos estratégicos, havia muito arame farpado e tropas equipadas com lança-chamas.

Para romper a linha alemã em Saint Quentin os americanos perderam 5.400 homens e os australianos 2.400. O 5º Exército britânico então atacou com 141 tanques com o apoio de mil metralhadoras. Essa ofensiva provocou a queda da Linha Hindenburg no dia 02 de outubro, mais de cinco mil alemães foram feitos prisioneiros.

Ainda no dia 02 de outubro após alguns avanços, o general de Divisão Americana Robert Alexander, deu ordens para capturar uma estrada em Charlevaux perto da Floresta de Argonne. Depois de um bombardeio preliminar seus homens avançaram com duas brigadas, uma delas a 153ª foi parada pelos alemães, entretanto a 154ª continuou avançando. O 1º Batalhão do Regimento 308º era quem liderava a Brigada 154ª e o seu comandante era o major Charles Whittlesey, um advogado de Wall Street. O major Whittlesey foi auxiliado pelo capitão Macmurtry, que comandava uma outra leva de americanos e avançaram contra os alemães sofrendo 90 baixas, porém renderam 30 alemães e capturaram três metralhadoras. Estavam num terreno difícil com um profundo desfiladeiro com vários precipícios escondidos por arbustos. O major Whittlesey e o capitão Macmurtry somavam 550 soldados americanos, pensavam eles que outras unidades americanas estavam logo atrás e que os batalhões franceses também haviam

obtido sucesso e aproximavam-se para dar apoio. Entretanto somente o major e o capitão com seus homens haviam conseguido passar pelos alemães, logo descobriram que estavam sozinhos e totalmente cercados pelo exército alemão. A comida havia acabado depois de dois dias e a munição estava quase no fim, mesmo diante de uma situação tão difícil o major deu ordens para os soldados manterem a posição custasse o que for preciso. Alguns pombos foram soltos com mensagens de socorro ao general Alexander, precisavam urgentemente de provisões para conseguir manter a posição. Dois pombos obtiveram êxito e a mensagem chegou ao general americano. Logo os homens do major começaram a serem destruídos pelos alemães, ataques com metralhadoras, morteiros e artilharia dizimavam os americanos, porém com incrível intrepidez conseguiram barrar os alemães e manter a posição. Duzentos americanos já haviam sido mortos ou estavam gravemente feridos. Diante do desespero o major lançou um outro pombo pedindo que o suprimento fosse lançado por aviões, ele percebeu que a ajuda não podia vir por terra. A notícia do cerco em Argonne espalhou-se pela Frente Ocidental, os rumores eram de que; um batalhão americano estava perdido e cercado por alemães na Floresta de Argonne. Os jornais americanos começaram a explorar a bravura de seus compatriotas. Diante da popularidade do Batalhão Perdido, o general Pershing foi compelido a ordenar que o general Alexander fizesse de tudo para que os homens de Whittlesey segurassem sua Linha não importando o que acontecesse.

No dia 03 de outubro o kaiser alemão Wilhelm nomeou o príncipe Max von Baden a Chanceler, ele conduziria as negociações de paz para o armistício, entretanto Ludendorff superou suas crises nervosas e desafiou o Chanceler sob o pretexto de que o Exército alemão ainda não estava vencido e que os Aliados jamais iriam conseguir penetrar em solo alemão. Ludendorff justificava suas derrotas diante da peste espanhola que arrasava suas unidades. Von Ludendorff era orgulhoso e arrogante demais para admitir uma

derrota. Toda essa arrogância o levava ao delírio visto que a Linha Hindenburg havia caído e milhares de americanos se preparavam para atravessar a Floresta de Argonne.

No dia 04 de outubro metade dos soldados americanos presos na Floresta de Argonne já estavam mortos ou feridos (275 homens). O major Whittlesey não se deu por vencido e continuou a soltar pombos para que o batalhão fosse salvo, senão todos correriam o risco de serem dizimados. O general Alexander tentava a todo custo atravessar o cerco alemão para encontrar o Batalhão Perdido, mas não conseguia. A própria artilharia francesa começou a disparar para destruir os alemães, mas em vez de acertar o inimigo acabou atingindo e matando os próprios americanos. Restava apenas um pombo de nome **Cher Ami** e o major mandou soltá-lo na esperança de que seu batalhão fosse poupado da artilharia aliada, a ave acabou presa numa árvore, mas os americanos conseguiram ajudar o pombo que logo alçou voo para o regimento aliado. Atiradores alemães dispararam contra o animal destruindo-lhe uma perna, furando seu tórax e cegando-lhe um olho, ele quase caiu, mas num esforço extremo conseguiu alcançar seu objetivo, e a mensagem foi recebida nos tendões expostos da ave. Mais de 80 americanos haviam sido mortos ou feridos pela artilharia francesa, se o pombo Cher Ami não tivesse chegado para informar e interromper a artilharia, provavelmente o Batalhão Perdido teria sido inteiramente dizimado. No dia 05 de outubro os pilotos aliados tentaram lançar suprimentos pelo ar, porém a neblina, a fumaça e as árvores tornaram impossível, visto que os pilotos jamais identificariam o local do Batalhão Perdido para lançar as provisões, mesmo assim um piloto americano tentou o impraticável, mas a aeronave foi atingida pelos alemães e as provisões caíram fora do alcance do Batalhão Perdido. Os alemães então realizaram contra-ataques terríveis com granadas pela Stosstruppen, ainda assim os americanos resistiam. Alguns soldados começaram a ser derrotados pela fome e então passaram a comer folhas e cascas de árvores, e

para piorar não havia mais água. O major então enviou dois soldados corredores para alcançar o Regimento de Alexander e passar informações de onde o Batalhão se encontrava, esses homens quase foram mortos pelos alemães, entretanto conseguiram alcançar o Regimento do general Alexander com informações precisas sobre a posição do inimigo que deveria ser imediatamente rechaçado pela artilharia.

Alguns homens estavam desesperados de fome e sede e tentavam achar os suprimentos lançados pelo avião, mas alguns acabaram mortos e outros capturados pelos alemães. Um oficial alemão que falava inglês pediu a um dos prisioneiros americanos que escrevesse um recado ao major Whittlesey no qual deveria se render visto que era desnecessário o enorme sofrimento de seus homens. Ao receber o recado o major não respondeu ao apelo, estava decidido a não se render. No dia 07 de outubro diante da negativa de ultimato, os alemães lançaram um forte ataque com um batalhão de lança-chamas, muitos americanos fugiram apavorados, mas o Major os impeliu a resistir. Duas das três metralhadoras americanas foram colocadas fora de combate, porém somente uma conseguiu barrar o ataque das chamas, dizimando os homens que operavam os lança-chamas. Um dos oficiais americanos que estava muito ferido armou-se com um Colt 45 e atirava nos alemães auxiliando o atirador da metralhadora, depois de matar cinco alemães acabou sendo morto, depois disso os alemães começaram a recuar, pois o general Alexander havia finalmente alcançado os inimigos que começaram a fugir. Em pouco tempo um regimento americano chegou para socorrer os esfomeados e feridos sobreviventes do major Charles Whittlesey. No final, 194 homens ainda estavam de pé, 107 mortos e 190 gravemente feridos. Sessenta e três homens nunca foram encontrados, foram despedaçados ou feitos prisioneiros que nunca se obteve notícias. No fim a heroica resistência se espalhou pelas colunas britânicas trazendo uma força e ânimo nunca visto.



No dia 08 de outubro ainda na Floresta de Argonne, uma outra ação heroica ficou muito conhecida. O sargento York iria marcar o Exército americano para sempre... Durante a manhã os alemães mandaram um ataque com granadas de gás, os americanos colocaram as máscaras de gás e continuaram em frente, através das granadas chegaram ao topo de um morro, os alemães dispuseram suas metralhadoras para atacar os americanos e mataram quase todos, era horrível, as perdas foram muito pesadas, o avanço americano foi obrigado a parar e cavar para entrincheirar-se. Nenhuma barragem de artilharia americana podia ajudá-los e as metralhadoras e granadas alemãs estavam dizimando os soldados americanos. O soldado York juntamente com mais alguns americanos decidiram pegar as metralhadoras de surpresa atacando pela retaguarda, havia mais de 30 delas e estavam escondidas entre os morros ao redor, então dezessete americanos foram por trás do flanco esquerdo para colocar as metralhadoras fora de combate, porém a maioria acabou morrendo, somente o cabo York que foi obrigado a ficar no comando e mais alguns homens conseguiram chegar num quartel general alemão, onde um major comandava. O major alemão e mais alguns soldados foram rendidos pelo cabo York, entretanto outros alemães apareceram e uma luta encarniçada começou. O major alemão garantiu que se o cabo York poupasse sua vida ele daria ordens aos atiradores para parar, e foi o que aconteceu, muitos foram se rendendo graças às ordens do major alemão. Antes da rendição o cabo York já havia matado mais de vinte alemães. Vários boches foram jogando suas armas e cinturões no chão, quase cem soldados alemães haviam de rendido, entretanto um deles investiu uma granada contra o cabo York, ele conseguiu matá-lo com um tiro. O cabo York decidiu então levar todos aqueles homens como prisioneiros, os alemães foram colocados em fila dupla e foram obrigados a marchar direto para as outras metralhadoras que também se renderam. O cabo York ainda deu ordens para que os soldados alemães carregassem os feridos americanos que estavam

pelo caminho, de repente mais metralhadoras alemãs começaram a disparar, mas o major alemão assoprou um apito transmitindo ordens de rendição, nem todos se renderam e o cabo York foi obrigado a matar mais um alemão. Havia bem mais de cem prisioneiros, era um problema levar eles com segurança de volta para as linhas americanas. Tinham tantos deles que havia o risco da artilharia americana pensar que fosse um contra-ataque alemão e abrir fogo em cima do cabo York e dos seus homens, porém felizmente encontraram-se com mais americanos pelo caminho, e todos caminharam para o posto de comando americano com 132 prisioneiros alemães que foram todos entregues pra polícia do exército americano. Depois disso o cabo York foi enviado com seus homens para capturar o objetivo principal, a ferrovia Decauville. O cabo York tinha plena consciência de que fora Deus quem entregara em suas mãos os prisioneiros alemães. Antes da guerra York havia sido devotado a Deus e trabalhado numa igreja por algum tempo antes de ir pro exército. A ação que culminou na rendição dos alemães foi realmente um milagre divino, pois todos os arbustos em volta do cabo York haviam sido destruídos, mas ele ficou intacto. O cabo York confiava plenamente em Deus.

No dia 09 de outubro o cabo York foi mandado de volta para a Floresta com alguns maqueiros, pra ver se havia mais algum americano vivo, todos estavam mortos. E havia vinte e oito alemães mortos, justamente o número de tiros que o cabo York havia disparado, havia ainda trinta e cinco metralhadoras alemãs e um montão de equipamentos e armas portáteis. O sucesso deste assalto teve grandes efeitos em aliviar a pressão inimiga contra as forças americanas no coração da Floresta de Argonne. Logo o cabo York foi promovido a sargento. A heroica história do sargento York se espalhou por toda parte, ele ficou famoso como o maior herói do Exército americano.

O capitão Gerrard viveu dias felizes em sua estância, porém tudo passara tão depressa que Gerrard não sabia se fora um sonho. Sua

esquadrilha foi enviada de volta ao front, nas proximidades de Verdun para continuar combatendo o Grupo 2 de Caça Alemão. Gerrard conhecia muito bem o horror das trincheiras, 99% dos pilotos não sabiam realmente o que os pobres soldados passavam. Gerrard sobrevoava as linhas de combate em Verdun onde soldados franceses operavam, e olhando para baixo dizia a si mesmo:

– Pobres coitados, eu durmo bem, como bem, livro meus pensamentos maus com cigarro, café, bebidas e muita música, mas esses pobres poilus chegam a passar fome lutando para abrir uma lata de carne em conserva.

O capitão Gerrard e seus pupilos viviam como uma família de oficiais, não eram esquecidos nas profundezas das lamacentas trincheiras. Gerrard sentiu pena daqueles pobres coitados. Vista do alto a região de Verdun parecia uma enorme mancha escura de lama, misturada com sangue e cadáveres. As esquadrilhas estavam dando suporte ao Exército francês e americano que combatiam os alemães na Floresta de Argonne. Durante o mês de outubro, os combates contra os alemães continuaram...

O mês de Outubro foi muito trágico para a Força Aérea Francesa. **Roland Garros**, um pioneiro da aviação e importante figura militar havia ficado três anos de cativo na Alemanha, entretanto acabou conseguindo escapar e foi incorporado na esquadrilha *Stork 26*, pilotando o caça Spad, porém o combate aéreo havia mudado muito nos últimos três anos. Roland Garros tentou derrubar inimigos, mas não conseguia, e por isso arriscava-se cada vez mais. Por fim, no dia 15 de Outubro de 1918, acabou por ser abatido e morto por um piloto alemão.

O ás Georg von Hantelmann da Jasta 15, continuou adquirindo vitórias sem que Gerrard conseguisse abatê-lo. A guerra estava praticamente acabada para os alemães e a esquadrilha do capitão Gerrard foi transferida para um local mais calmo, um aeródromo perto de Paris.

Na madrugada do dia 23 de outubro de 1918, tudo parecia calmo

no aeródromo onde a esquadrilha de Gerrard estava estacionada, os pilotos dormiam tranquilamente... As 04hs horas da manhã, Gerrard foi acordado em seus aposentos recebendo ordens terríveis... Todos os pilotos de sua esquadrilha reuniram-se em poucos minutos, e aguardavam as ordens em frente suas aeronaves. Com passos firmes Gerrard anunciou;

– Observadores nos informaram que uma grande formação de bombardeiros e dirigíveis Zepelins estão se aproximando. Há tempos não ouço falar de dirigíveis alemães, esse fato nos leva a crer que a Alemanha no desespero, está lançando tudo que têm contra nós, acredita-se que essa formação pretenda atingir Paris, já que a Alemanha não pode mais ganhar a guerra. Os alemães querem atingir o coração da França para amenizar a lembrança da derrota, nós não vamos permitir. Nossa esquadrilha foi escolhida para interceptar os dirigíveis e os bombardeiros, nós seremos apoiados por outras duas esquadrilhas francesas e três americanas. Esses bombardeiros, com certeza serão protegidos por caças do **JG2 e JG3 (Grupos 2 e 3 alemães)** - quem lidera esses grupos são pilotos experientes (**Oskar von Boenigk** - um ás com 26 vitórias e **Bruno Loerzer** com 44 vitórias) juntos formam mais de cem aviões de caça. O JG2 nós já conhecemos, aquele maldito piloto da Jasta 15, von Hantelmann tem se tornado uma pedra em meu sapato. O JG3 ou **Circo Loerzer**, como é mais conhecido também pode vir a ser um grande problema para nós, já que não os conhecemos. Quinze esquadrilhas inglesas e canadenses (180 aviões) serão enviados para interceptar os caças alemães. Nós devemos partir agora para derrubar os bombardeiros e dirigíveis, procurem evitar duelos com os caças alemães. Nossos alvos são os bombardeiros. O Alto Comando Aéreo desconfia que o JG2 e JG3 irão atacar em conjunto, se isso acontecer iremos encontrar com nossos irmãos ingleses.

A esquadrilha de Gerrard estava equipada com foguetes incendiários para derrubar os dirigíveis Zepelins. A frase de

Roxanne antes de se despedir não saía de sua cabeça (**Não vá Gerrard! Estou com um mau pressentimento!**). **Gerrard** não podia mais voltar atrás...

O capitão pegou sua jaqueta, os óculos de aviador, seu capacete de couro, e aproximou-se de seu avião verde oliva com a inscrição "**Roxy**". O capitão entrou na carlinga de onde pôde avistar Razan no seu avião com a insígnia do demônio Belphégor (o deus da guerra na França). Logo decolaram e entraram em formação, começaram então a sobrevoar a capital francesa. **Gerrard** vislumbrou a Torre Eiffel abaixo de si, estava tão perto que quase a tocou. Paris ficou para trás...

No horizonte, à sua esquerda, **Gerrard** avistou as outras duas esquadrilhas francesas se aproximando. Em poucos segundos todos passaram a voar juntos. Logo surgiram os Spads americanos com cores garridas que lembravam sua bandeira americana. Uma massiva formação de caças franceses e americanos desbravava as nuvens para interceptar os inimigos. Poucos minutos depois, uma enorme nuvem de aviões foi avistada, era tão grande que cobria o céu... Eram caças **Camel** e **Snipes**, as esquadrilhas inglesas e canadenses tomaram a frente de combate, sua missão era proteger os caças americanos e franceses dos caças alemães...

Em pouco tempo mais de 250 aeronaves aliadas sobrevoavam as trincheiras em grande formação, essa visão magnífica era indescritível para **Gerrard**, ele não sabia o que realmente ia enfrentar, tinha a sensação de que fora enviado para o inferno. Aquela com certeza seria a maior missão aérea de sua vida e talvez a última. Em Saint Mihiel havia muito mais aviões, mas não tantos num único voo como dessa vez.

Vários **Bombardeiros Gotha** e dois enormes **Bombardeiros Staaken** foram avistados, o dirigível Zepelim estava acima deles. As presas alemãs pareciam fáceis e logo os Spads americanos e franceses se lançaram contra eles. Os caças franceses concentraram sua força contra os quatro enormes dirigíveis, enquanto os

americanos atacavam os bombardeiros... De repente uma enorme nuvem negra surgiu como se tivesse saído do sol, eram as oito esquadrilhas de caça do JG2 e JG3, que surpreenderam os aviões aliados escondendo-se sob o sol. Cem aviões de cores garridas apareceram como se fosse do nada, atirando como loucos nos aliados, logo os caças ingleses começaram a repelir o ataque alemão, as primeiras vítimas do combate começaram a cair. Foi a pior visão da vida de Gerrard, ele via fogo no céu e nuvens de bala por toda parte. Aviões despedaçavam-se uns contra os outros, hélices, asas e pilotos eram arremessados por toda parte. Gerrard viu alguns bombardeiros caírem em chamas, ele disparava sem parar quando percebeu que os quatro dirigíveis estavam conseguindo atravessar a barreira, sobrevoavam intactos a grande altitude. Gerrard conseguiu arremessar sua aeronave o máximo que pôde e disparou foguetes incendiários contra um Zepelim que logo explodiu em chamas. Os aviões azuis da Jasta 15 de Georg von Hantelmann lançaram-se contra Gerrard, entretanto Razan e os outros pilotos franceses brigavam com a esquadrilha alemã. Cinco aeronaves Fokker DVII da Jasta 15 mergulharam contra quatro Spads franceses. Georg von Hantelmann estava entre os cinco, parecia que iam chocar-se de frente com os franceses, mas todos acabaram desviando, as rajadas de metralhadora não desviaram. As balas rasgaram os aviões. Gerrard olhou de soslaio e vira fogo em duas aeronaves; fumaça e pedaços de asas por toda parte, ele conseguira atravessar o escudo aéreo inimigo, mas cinco aeronaves caíram, dois Fokkers e três Spads. Gerrard arriscou olhar novamente e avistou o demônio Belphégor no avião de Razan, então ambos passaram a voar juntos e começaram a ser atacados pelo fogo da metralhadora de um dirigível, porém com um foguete Razan conseguiu atingir o enorme balão que cobriu o céu de chamas. Gerrard e Razan fizeram a volta para destruir os outros dois dirigíveis, perceberam então que quase todos os bombardeiros haviam sido destruídos, e que caças britânicos e americanos

estavam dispersando e perseguindo os caças alemães, notaram também que o resto de sua esquadrilha entrava em duelos individuais contra experientes pilotos da JG2 e JG3 - aviões de cores berrantes (azul, vermelho, amarelo) davam aos duelos algo muito pitoresco. Gerrard e Razan não poderiam deixar seus camaradas de refrega sozinhos, então deixaram os dirigíveis e lançaram-se também nos duelos. Depois de alguns minutos de terríveis dogfights, todos os membros da esquadrilha de Gerrard foram abatidos. Os dois dirigíveis Zepelins acabaram derrubados por caças americanos.

Gerrard e Razan avistaram um titânico bombardeiro Staaken que tentava escapar. As cruzes negras e sua coloração azul e verde pintadas como um tabuleiro de xadrez provocava uma forte impressão. Os dois franceses então voaram sobre ele disparando rajadas de metralhadora. A aeronave era tão poderosa que continuava voando incólume, os pilotos e atiradores alemães estavam protegidos pela cabine fechada do bombardeiro, dificilmente seriam atingidos. O bombardeiro Staaken era construído pela Zeppelin, tinha mais de 42 metros de envergadura, carregava duas toneladas de bombas, era considerado indestrutível, os alemães o chamavam **“Riesenflugzeug” (aeronave gigante)**.

Razan e Gerrard se viram em apuros, pois os atiradores alemães do bombardeiro haviam crivado suas aeronaves de balas. Gerrard então começou a fazer sinal para Razan, que entendeu a estratégia do capitão. Passaram então a voar quase colados um no outro e dirigiram o fogo de suas metralhadoras contra a asa esquerda do poderoso bombardeiro, nada parecia surtir efeito, Gerrard não se deu por vencido e continuou atirando até gastar toda a sua munição, de repente a asa do poderoso Zepelim Staaken começou a se partir. Em poucos segundos o invencível avião começou a mergulhar em chamas, sumindo na imensidão das nuvens. Entretanto, no auge de sua vitória, Gerrard não percebeu que um Fokker azul com uma caveira desenhada na fuselagem colocou-se atrás de seu Spad. O

avião azul mergulhou sobre Gerrard disparando vários tiros, crivando seu Spad de balas. O capitão não conseguia se defender, pois estava sem munição, o Fokker continuou atirando até que Gerrard acabou levando um tiro de raspão na cabeça. Era Georg von Hantelmann quem o atingira, ele engatilhou sua metralhadora Spandau e enquadrou o Spad verde em sua mira novamente, era o fim de Gerrard de Burdêau... Milagrosamente surge Razan Stocker na traseira de Hantelmann e dispara contra ele, danificando seu Fokker seriamente que logo abandona a refrega. Razan percebeu que Gerrard enfrentava sérios problemas, tentou escoltá-lo para as Linhas de Segurança, mas o perdeu entre as nuvens...

Gerrard estava ferido na cabeça, e perdeu os sentidos ficando debruçado de lado. De repente abriu os olhos e avistou abaixo de si uma paisagem lunar, trincheiras sem fim cobertas de lama e sangue, uma visão terrível do inferno. O capitão começou a gritar e chorar desesperadamente enquanto as lágrimas cobriam-lhe o rosto. Naquele momento odiou os próprios olhos, e para fugir daquela imagem infernal acabou por virar-se para frente e começou a admirar seu belo Spad pintado de um verde tão brilhante que lhe ofuscava as vistas. Gerrard repudiava a guerra, mas amava aquele avião; era como se fosse uma extensão do seu corpo. A grande paixão do capitão era voar, e que grande honra era morrer ao lado do seu pássaro de guerra, companheiro das horas mais difíceis. Gerrard olhou para cima e vislumbrou uma imensidão azul com nuvens esparsas, as lágrimas então cessaram e o capitão começou a sorrir, pois seus olhos estavam diante dos céus. Lá em baixo os homens pintavam a terra de sangue, mas ali em cima Deus se superava como pintor. O sangue que escorria do ferimento de Gerrard cobriu os seus cabelos e foi tirando suas forças enquanto ele ainda sorria. O avião deixou de planar e começou a mergulhar enquanto rasgava as nuvens, era a melhor morte que Gerrard de Burdêau poderia ter desejado; morrer enquanto voava e admirava a obra de Deus. O belo Spad verde desapareceu no meio das nuvens



sobre os céus de Verdun. Razan não pôde procurá-lo por muito tempo, pois seu avião estava seriamente danificado, então retornou para as Linhas Aliadas...

O dia passou sem que tivessem notícias de Gerrard. Embora o Comando Aéreo não quisesse admitir, todos sabiam que o grande ás francês Gerrard de Burdêau estava morto...

Razan foi enviado de licença no mesmo dia, as notícias caíram como uma dinamite sobre a cabeça de Roxanne. Num ataque de histeria ela exigiu que Razan sobrevoasse o front para encontrar Gerrard de qualquer jeito, enfatizando que faria qualquer coisa para tê-lo de volta. Razan nutria uma louca paixão por Roxanne, então lhe propôs um acordo; se ele encontrasse Gerrard ela deveria abandoná-lo para ficar com Razan. Ela não aceitou a proposta, entretanto o tenente não se deu por vencido... Movida pelo desespero, Roxanne acabou aceitando uma outra oferta; ser amante de Razan enquanto ela vivesse com Gerrard. Diante da aceitação, Razan voou para Verdun contrariando ordens, e numa busca dissimulada procurou Gerrard por toda parte. Depois de muito tempo, Razan avistou um avião aterrado na lama, quase que imperceptível, o local estava coberto por buracos de bombas. O tenente sobrevoou o lugar por alguns segundos até avistar um corpo estirado no barro. Razan voltou para a base mais próxima e informou o Exército onde o corpo estava. Alguns americanos resgataram o moribundo e o levaram para as Linhas de Segurança. Foi constatado que era um piloto francês que estava com um grave ferimento na cabeça. Roxanne partiu com um carro militar e conseguiu chegar ao local para reconhecer o ferido.

Com o coração palpitante Roxanne verificou o corpo, e explodiu em lágrimas ao constatar que o moribundo era seu grande amor: Gerrard de Burdêau. Ela passou a cuidar pessoalmente dos ferimentos do capitão. Milagrosamente o avião o protegeu da morte certa.

A batalha aérea que durara quase vinte minutos impediu que

o ataque alemão atingisse Paris, embora muitas vítimas caíssem sob o poder de fogo dos experientes ases alemães. A batalha ficou conhecida como “*O Dia Do Outubro Negro*”. Fora um dia terrível para ambos os lados, dez pilotos franceses, onze americanos e oito britânicos morreram na incursão, enquanto que os alemães perderam vinte aviadores. Nenhum piloto famoso morreu no embate, os que tombaram eram pilotos ainda inexperientes. A esquadrilha de Gerrard fora responsável por derrubar dois dirigíveis Zepelins, cinco caças e três bombardeiros.

O JG2 e JG3 foram colocados em fuga com boa parte de suas aeronaves danificada. A superioridade numérica Aliada derrotou os grandes ases alemães, isso provava que a grande máquina de guerra funcionava, se aplicada em contingentes muito maiores do que a do inimigo. Muito pouco se comentou sobre aquele dia, era como se nunca tivesse existido. Os Aliados e a Alemanha preferiram chorar a morte de seus heróis. A imprensa ficou sabendo pouco, parecia haver um interesse mútuo de não divulgar a refrega. “O Dia do Outubro Negro” ficou proibido de ser falado em todos os aeródromos. A Alemanha não queria comentar o fato, o fracasso da operação foi total, pois vários bombardeiros e os dirigíveis foram derrubados, inclusive alguns caças.

Numa comemoração secreta, alguns pilotos Aliados receberam medalhas pelas suas façanhas daquele dia fatídico de 23 de Outubro. Gerrard estava convalescendo no hospital, o ferimento na cabeça havia provocado uma espécie de amnésia no capitão, sofria de fortes dores de cabeça, tremia, chorava, enfim... A guerra havia acabado para ele. Passou a sofrer de “**Choque de Bomba**” espécie de estresse de combate, era tratado como sintoma de covardia, muitos nunca voltavam às batalhas, o capitão Gerrard de Burdêau foi um deles.

No dia 24 de outubro o general Ludendorff havia desacatado o chanceler von Baden, e escreveu ao Exército alemão para que continuasse firme e que não deveriam aceitar a humilhante proposta de paz.

O grande ás francês tenente **Michel Coiffard**, com 24 balões destruídos de um total de 34 vitórias, estava no auge de sua fama quando foi abatido e morto no dia 29 de Outubro de 1918, mesmo que aquela guerra fosse vencida pelos Aliados, as perdas jamais teriam valido a pena. Os combates aéreos não deram tréguas, entretanto somente o dia 30 de outubro pôde ser considerado compatível ao dia 23 de outubro. O JG3 - Circo Loerzer operava na região francesa do Somme, onde combatia ferozmente a Royal Air Force e protegia a retirada final das tropas alemãs. No entanto a superioridade aérea aliada era tal que a única maneira das formações alemãs entrarem em combate com algum sucesso era em grande número. O “*Circo Loerzer*” tinha no total cerca de 50 pilotos, e nesses dias as suas operações consistiam em patrulhar o seu setor numa grande formação para dissuadir os pilotos aliados de se intrometer no espaço aéreo alemão. Os pilotos aliados evitavam esta formação em massa de pilotos veteranos. No entanto algumas vezes os confrontos acabavam acontecendo, e tornavam-se combates épicos e desesperados para os seus intervenientes. O dia 30 de Outubro de 1918 foi o dia mais intenso de combates aéreos de toda a guerra. Pelas oito horas da manhã a JG3 levantou voo com mais de 50 caças Fokker. Nessa manhã interceptaram uma patrulha de doze **Bristols** da RAF que apesar da disparidade numérica aceitaram o combate. Os Bristols eram caças bombardeiros de dois lugares que eram temidos e respeitados pelos pilotos alemães, e os ingleses conseguiram uma formação defensiva eficaz, mantendo os caças alemães á distância, e pondo fora de combate cerca de doze Fokkers enquanto tentavam chegar ás suas linhas. Mas um dos Bristols foi isolado do restante e furiosamente atacado por seis Fokkers. Este Bristol foi gravemente danificado e os dois tripulantes seriamente feridos. No entanto o Bristol conseguiu aterrar nas Linhas Aliadas, e um dos integrantes sobreviveu sendo transportado para o hospital.

A JG3 realizou uma segunda patrulha nesse dia. A massiva

formação encontrou uma esquadrilha de bombardeiros ingleses escoltados por seis caças **Dolphin** da RAF, liderados pelo Capitão James Hardman, de apenas 19 anos de idade. O capitão Hardman avistou os 50 caças alemães e de imediato se colocou entre eles e os bombardeiros. No breve e violento combate que se seguiu, Hardman conseguiu por fora de ação dois Fokkers, porém todos os seus cinco pilotos foram abatidos e capturados pelos alemães. Apenas Hardman regressou á base com o seu Dolphin muito danificado, entretanto conseguiu proteger os bombardeiros do ataque. A JG3 teve ainda nova patrulha nesse dia durante a tarde. Pelas 17hs interceptaram nova formação de bombardeiros escoltada por caças **SE5a** da RAF. Desta vez o combate correu á vontade pelos ases alemães, três caças **SE5a** da escolta foram abatidos, matando os seus pilotos. Da formação de bombardeiros foram abatidos quatro aeronaves. Das tripulações de bombardeiros abatidas; quatro homens morreram, um foi capturado, um ferido, e dois escaparam sem ferimentos. No total desse dia a JG3 abatera 13 aviões inimigos sem perder qualquer piloto.

No dia 4 de novembro, o espetacular e temido ás Georg von Hantelmann da Jasta 15 pertencente a JG2, chegou a marca de 25 vitórias e foi indicado para receber a mais alta condecoração alemã - o Máximo Azul - Blue Max (Pour Lê Mérite).

Os poloneses declararam Independência do Império Austríaco e uma República Tcheco-eslovaca foi proclamada em Praga. Era tarde demais para que o rei Carlos tentasse manter seu Império, pois suas terras Austro-húngaras haviam se dissolvido. Durante a guerra Viena foi uma das cidades mais arrasadas, mulheres e crianças morreram de fome.

A carta de Ludendorff que conclamava o Exército alemão a resistir não chegou às unidades, por que um importante oficial fiel ao príncipe von Baden conseguiu interceptar a proclamação antes que o exército tomasse conhecimento, ainda assim uma carta acabou chegando ao quartel general do Leste. O general

Ludendorff não estava mesmo com sorte, pois até essa carta foi recolhida por um simpatizante de von Baden que recebia as informações do Exército do Leste. Esse homem avisou o Chanceler da insubordinação de Ludendorff. O Príncipe se viu obrigado a exigir que o Kaiser escolhesse entre ele e Ludendorff. Imediatamente o Kaiser obrigou Ludendorff a renunciar ao cargo de comandante do Exército alemão, e que não deveria conclamar em hipótese alguma o Exército a continuar a luta, pois traria sérias consequências para a Alemanha.

O Kaiser não queria ver batalhas em solo alemão, entretanto as batalhas dentro da Alemanha já haviam começado, não contra os Aliados, mas sim contra os próprios alemães. Greves e insurreições pipocavam por toda a Alemanha, a população estava descontente com os quatro anos de massacres nas trincheiras e a fome que assolava a Nação, todos exigiam que o Kaiser renunciasse para que uma República fosse instaurada. O Kaiser acreditava que podia contar com a fidelidade do Exército para conter os milhares de revolucionários alemães pelas ruas, porém não foi o que aconteceu, a maioria dos soldados só queria voltar para casa. O voto que cada soldado alemão havia feito ***“Obedecer ao Kaiser até a morte”*** não valia mais nada para o Exército alemão.

Ludendorff se sentiu humilhado pelo Kaiser e foi obrigado a renunciar ao cargo de Comandante da Alemanha. Hindenburg e Ludendorff trocaram breves palavras e depois Ludendorff deixou o local em silêncio. Hindenburg também ofereceu sua renúncia, mas foi recusada pelo Kaiser que lhe permitiu a liderança do que restava do Exército. Diante da aceitação das humilhantes propostas de paz; Ludendorff anunciou uma frase profética ***“No fim disso tudo, não haverá Império e muito menos Imperador”*** E foi realmente o que aconteceu, sem apoio do Exército e pressionado pelos revolucionários nas ruas, só restava ao Kaiser caminhar até as trincheiras e morrer como homem honrado.

*Todos os franceses aguardavam ansiosamente o fim daquela guerra maldita, que já durava quatro anos. O armistício implorava para ser assinado.*

# IX

## O CABO HITLER



*“INFÂNCIA DIFÍCIL, PAI AUSTERO, MÃE SUPER PROTETORA. ELE QUERIA SER ARTISTA, UM PINTOR, MAS O PAI PROIBIU.*

*PERDEU A MÃE NAS MÃOS DE UM MÉDICO JUDEU. COMEÇOU A ODIAR O COMUNISMO, ENTROU PARA A GUERRA E CUMPRIU SEU PAPEL SEM FRAQUEJAR. CERCADO PELOS INIMIGOS FOI FERIDO NOS OLHOS POR GÁS MOSTARDA, TERMINOU OS ÚLTIMOS DIAS DA GUERRA EM UM HOSPITAL. ACUSOU O KAISER WILHELM DE TRAIÇÃO, CULPOU OS JUDEUS E OS COMUNISTAS PELA DERROTA ALEMÃ. ENFIM, DESSE MOMENTO EM DIANTE ELE SERIA O PRÓPRIO NACIONAL-SOCIALISMO”*

**D**esesperado, um velho sacerdote invadiu o hospital militar de Paselwak, esbravejando:

– A guerra acabou! A guerra acabou!

O cabo Adolf Hitler que estava deitado em uma das camas levantou-se atordoado:

– **O que!**

– Isso mesmo, o Imperador Wilhelm renunciou ao Império Alemão, fugiu para o exílio na Holanda e o armistício será assinado. A República será instaurada!

– **Nãoo! Traidor como todos os outros, como os judeus, como os comunistas, o Kaiser é um traidor!**

Hitler estava muito agitado, foi possuído por ataques de histeria, tentava á todo custo arrancar as faixas nos olhos, entretanto era advertido pelo médico que os curativos deveriam permanecer, senão ficaria cego para sempre, porém ele insistia em dizer que Deus havia arrancado as escamas dos seus olhos e que agora enxergava a verdade para limpar a sujeira que contaminava a Alemanha. Após os apelos do médico, acabou por acalmar-se, mas suas lembranças da guerra não se acalmaram. O grande ódio pelos judeus trouxe Hitler de volta a realidade, seu nariz sangrava manchando as faixas que lhe cobriam o rosto, culminado de ódio, refletia sobre aquela situação e recordava o dia em que havia se alistado; ferido nos olhos por gás mostarda teria muito tempo para rememorar aquela guerra maldita que havia acabado com sonhos de nações inteiras, Adolf precisava voltar somente ao passado, para tomar uma importantíssima decisão...

*Em 1914 os ânimos estavam tão acirrados que o menor incidente lançaria (Alemanha, Áustria e Turquia) contra (Inglaterra, Rússia, França e Sérvia). O assassinato do **arquiduque Francisco Ferdinando** foi a causa principal do início da guerra. O arquiduque foi morto na cidade de Sarajevo, capital da Bósnia, durante sua visita, a cujo império a Bósnia estava anexada há quatro anos.*



*Fora obra de estudantes nacionalistas bósnios, porém havia sido preparada em Belgrado, capital da Sérvia, com a colaboração de oficiais sérvios. Hitler ficou desconcertado quando tomou conhecimento dessa notícia: as balas não foram disparadas das pistolas dos estudantes alemães, que indignados com o trabalho de eslavização a que se dedicava o herdeiro do trono, queriam libertar o povo alemão desse inimigo. O assassinato do arquiduque assumiu proporções mundiais, pois as principais nações europeias estavam ligadas por tratados que estendiam seus domínios por todos os continentes através de colônias. A Áustria mantinha um império multicultural, abrigando germânicos e eslavos, mandando à Sérvia um ultimato bastante agressivo, cujas condições pareciam inaceitáveis para um Estado independente.*

*Às 11 horas da noite de 04 de agosto a Inglaterra havia se aliado a França declarando guerra à Alemanha, aquela era a mais importante época para os alemães...*

*Adolf Hitler alistou-se aos 25 anos na Bavária. Escolheu o XVI Regimento de Infantaria da Reserva, chamado **Regimento List**, em homenagem ao seu primeiro comandante. No dia 16 de Agosto foi incorporado à Primeira Companhia, depois de ter recebido em Munique as instruções de base. Liège caiu no dia 16 de agosto, no dia 20 os alemães entraram em Bruxelas. O alto comando germânico estava muito confiante: parte das tropas do Ocidente foi transportada para a Frente Oriental, onde a Rússia estava se impondo. Ingleses e franceses pressionaram os germânicos de volta ao Aisne, onde entrincheirados, não podiam ser retirados. O centro das operações ficou sendo uma linha de trincheiras cavadas desde a Suíça até o mar do Norte, defendidas por metralhadoras. Só depois de uma grande “limpeza” da artilharia, os fuzis, baionetas e granadas da infantaria podiam avançar contra as posições defendidas pelas metralhadoras.*

*E os que ficaram nas cidades trabalhavam para que não faltasse nada na Frente: comida, roupas, armas. Novos contingentes partiam constantemente para substituir mortos e feridos.*

*Hitler e os novos recrutas passaram várias semanas em treinamento em Lechfeld; prestaram juramento ao rei da Baviera no dia 8 de Outubro e no dia 21 embarcaram para o Front. O XVI Regimento foi enviado imediatamente para Flandres (fronteira franco-belga) onde Hitler recebeu o batismo de fogo num combate dos mais violentos, devastadores e indecisos da guerra, onde os alemães tentaram cortar as ligações da França com a Inglaterra, apoderando-se do litoral. Foram, entretanto, derrotados pelos ingleses na Primeira Batalha de Ypres. O Regimento de Hitler foi dizimado, ele suportou o choque sem fraquejar.*

*Adolf Hitler serviu na França e Bélgica como mensageiro que envolvia exposição ao fogo inimigo, em vez da proteção proporcionada por uma trincheira. A folha de serviço de Adolf foi exemplar. Os combatentes estavam convencidos de que a guerra seria violenta, mas curta. Pensavam que o encontro das tropas alemãs e francesas seria decisivo, pois numericamente as forças se equivaliam, e a França ainda podia contar com os contingentes britânicos e belgas. Entretanto o Exército alemão assegurou momentaneamente uma vantagem engajando na luta a totalidade de suas forças, inclusive as da reserva, surpreendendo assim o **Estado-Maior francês**. Quanto aos armamentos, os alemães dispunham duma enorme superioridade em artilharia pesada, enquanto os franceses possuíam um excelente canhão ligeiro, o **célebre “75”**. O plano alemão consistiu em colocar a França fora de combate rapidamente, lançando contra ela a maior parte de suas tropas, para depois atacar a Rússia.*

*A batalha naval que se travou em seguida não teve resultados mais definidos. Finalmente estabilizadas as posições, passou-se a guerra nas trincheiras, que se estenderam por 780 quilômetros, milhões de homens morreram no meio dessa guerra de desgaste.*

*No dia 2 de dezembro, Hitler recebeu a Cruz de Ferro de 2ª Classe, distinção que não era distribuída sem bons motivos e serviços efetivamente cumpridos. Os soldados estavam praticamente abandonados nas trincheiras, enterrados em profundas escavações, entretanto protegidos por sacos de terra e cercas de arame farpado, reabastecidos com dificuldade, os combatentes suportaram os rigores do inverno, os ratos e vermes. Pior do que tudo eram os bombardeios dos primeiros aviões alemães, que puseram abaixo as fortificações improvisadas, causando pânico. O armamento modificou-se, o capacete de aço substituiu o quepe; a granada e os obuses se tornaram mais úteis, no combate de trincheiras. Avançar era quase impossível, pois a artilharia era impotente para resguardar os combatentes dos obuses e das metralhadoras inimigas. E para fornecer armas e munições suficientes os beligerantes engajaram todos os recursos mobilizando assim o dinheiro das nações para o esforço de guerra.*

*O petróleo passou a ser prioridade para os britânicos. Bagdá tornou-se o alvo principal da ambição inglesa. O petróleo era crucial para manter a grande marinha britânica, mas para conquistar o petróleo seria necessário vencer os turcos que dominavam o lugar há mais de 500 anos. Uma frota com cinco mil soldados zarpou na Índia em direção ao Golfo. Um mês depois quando os otomanos declararam guerra aos ingleses, a cidade de Basra já estava ocupada, e para justificar a investida, o governo britânico usou a desculpa de que haviam vindo como libertadores, não como conquistadores. Com a vitória inglesa em Basra, os ingleses voltaram-se para Bagdá, politicamente valiosa. Em menos de um ano, Qurna, Shaiba, Amara, Nassiriah e Kut caíram em mãos britânicas.*

*Nuvens coloridas passaram a se aproximar dos cenários das batalhas, uma nova arma passava a ser usada...*

Gongos e matracas avisavam os combatentes da ameaça de morte trazida pelo vento (os gases tóxicos), respirando lentamente, os soldados revezavam os equipamentos de proteção. O manto dos agentes venenosos passou a cobrir as trincheiras.

*Lawrence da Arábia* foi um importante elo entre os britânicos e os árabes na luta contra os turcos. O jovem de turbante e adaga virou herói de guerra que ajudou os árabes contra os turcos. Lawrence era espião do governo inglês.

A Inglaterra começou a usar seus primeiros heróis como propaganda, a mais célebre foi a enfermeira inglesa **Edith Cavell**. Foi uma mulher muito humanitária, ajudava todos aqueles que dela necessitassem, tanto soldados alemães quanto aliados. Ficou conhecida por sua afirmação de que **“O patriotismo não era suficiente.”** Ela é celebrada por ajudar cerca de 200 soldados aliados a escapar da Bélgica ocupada pelos alemães. Por esse feito ela foi capturada pelos alemães em 3 de agosto de 1915, depois fuzilada em Bruxelas em 12 de outubro do mesmo ano. Ela foi citada pela imprensa pela frase **“Eu não posso parar enquanto há vida para ser salva”**. Esses feitos levaram a imprensa mundial a ser simpática com ela. O território alemão na Prússia foi invadido, então a Alemanha iniciou, em 1915, a **“Guerra do Pão”**, combatendo países que produziam o trigo, entre eles a Polônia.

O navio **Luzitânia** com passageiros norte-americanos a bordo, foi atacado por um submarino alemão em 1915, muitos civis americanos morreram, os Estados Unidos entendeu o ato como provocação, mas não revidou. A Bulgária aderiu á guerra em 12 de outubro de 1915, atacando pela retaguarda a Sérvia, que se achava enfrentando as tropas germânicas no Danúbio. O exército sérvio partiu em retirada através das montanhas da Albânia.

Sérvia e Montenegro caíram nas mãos austríacas no final de 1915. Os alemães atacaram em Ypres, no norte com 168 toneladas de gás de cloro, 59 mil britânicos e 10 mil franceses morreram, contra 35 mil germânicos.

*Os aliados responderam com investidas em Artois, onde perderam 300 mil homens. Os franceses tentaram quebrar a linha em Champagne, a um custo de 250 mil vidas.*

*Em 1916 na batalha do rio Somme, usada para aliviar a pressão em Verdun, começou com uma semana de fogo de barragem, onde 1 milhão e meio de projéteis de artilharia foram investidos contra os alemães, os ingleses esperavam ter reduzido os germânicos a pó, os alemães quase enlouqueceram, escondidos em abrigos subterrâneos. Terminado o bombardeio, veio o ataque. Os ingleses saíram de suas trincheiras, e soldado após soldado, ao longo de 20 quilômetros avançaram pela terra de ninguém. O implacável confronto deu-se com os alemães saídos dos esconderijos onde haviam permanecido durante uma semana sob ininterrupto bombardeio. Os alemães surgiram dos buracos e receberam os ingleses a balas, os britânicos foram massacrados pelas metralhadoras alemãs, milhares foram mortos á queima roupa.*

*No primeiro dia 60 mil ingleses tomaram na batalha, em diversas unidades, todos os soldados foram mortos, e o pior foi que a maioria dessas unidades eram formadas por pessoas vindas de uma mesma cidade ou de um bairro, eram os **batalhões de amigos**, grupos que se alistavam juntos para servir na mesma unidade. Cidades inteiras choraram a morte, num único dia, de todos os seus jovens. O que havia começado como uma guerra de movimento tornou-se uma luta estática, todos ficaram desorientados. Depois de um ano de combates, nenhum dos lados havia avançado dez quilômetros. O Front Ocidental tornou-se uma zona de massacres incontrolláveis. Milhões de homens ficavam uns diante dos outros nos parapeitos das trincheiras sob as piores condições que se possa imaginar. Em poucos dias de guerra os soldados pareciam ter envelhecido anos.*

*Em dois anos de batalha, Hitler jamais pedira para sair do front, e nas horas de calmaria pegava seu material de pintura para retratar os campos de guerra; não se juntava aos colegas para falar de mulheres ou da comida ruim; preferia, sim, falar de Arte e História. Entre soldados, isso certamente o colocava um tanto à margem. Era alguém estranho e peculiar, seu bigode tipo espanador ajudava a aumentar sua fisionomia rude e amarga. Hitler era um soldado sem senso de humor, não tinha paciência e era solitário, não recebia e nem enviava cartas, ele almejava apenas cumprir seu dever o melhor que pudesse, como mensageiro de guerra esperava colaborar para a Grande Vitória Alemã. Naquele ano de 1916 as bombas lançadas tornaram-se mais potentes e evoluiu o processo de conhecimento por meio de fotos aéreas. Nesse ano, os aliados introduziram seus canhões antiaéreos. No dia 07 de outubro de 1916, o soldado Hitler foi ferido na coxa por um estilhaço na região do Somme, o estilhaço foi retirado e no dia 9 de outubro Hitler entrou no hospital Beletz, em Brandenburgo. Era a primeira vez, depois de dois anos, que voltava a Alemanha. Ali permaneceu por algum tempo, e depois de uma licença em Berlim, Hitler percebeu que o apoio necessário á campanha de guerra não estava presente, pelo contrário, viu judeus enriquecendo e se aproveitando da guerra e, por toda parte, a atuação de inimigos invisíveis do povo alemão (comunistas), o que estava levando o país á derrota. Testemunhou a imprensa abafar os festejos do povo a cada vitória anunciada das forças alemãs, dessa forma o ânimo dos soldados e dos líderes nacionais estava sendo destruídos, entretanto Hitler não se daria por vencido, precisava continuar acreditando na vitória. Desde 1915 a Alemanha vinha sobrevoando a Inglaterra e a França com dirigíveis Zepelim e aeroplanos. Os novos aparelhos indicavam o caminho a seguir pelas tropas em terra e bombardeavam depósitos, fábricas de munições e pontes estratégicas. Carregavam 7 toneladas de bombas. Era difícil ser derrubado por caças inimigos, a não ser que fosse atacado por foguetes ou bombas incendiárias.*

Esses balões gigantes tinham 158 metros de comprimento e quase quinze metros de diâmetro, chegavam a 84 km por hora e tinham alcance de 5 mil quilômetros, foram equipados com metralhadoras e transportavam bombas. Os alemães entraram na guerra com uma frota de 30 Zepelins, usados para bombardear cidades com o objetivo de abalar o moral das populações. Londres foi a cidade mais atacada pelos aeroplanos, na maioria das vezes os ataques eram realizados à noite. Mais de 520 britânicos morreram sob os ataques dos enormes globos flutuantes, que atingiam até 6.500 metros de altitude, eram praticamente invulneráveis aos caças aliados, mesmo usando um gás altamente inflamável (hidrogênio). Entretanto o aperfeiçoamento da defesa antiaérea e os problemas operacionais, incluindo a lentidão foram colocando os dirigíveis fora de operação.

Em dezembro de 1916, os Impérios Centrais tentaram um armistício. Julgando enfraquecido o adversário, os Aliados recusaram. E de nada adiantaram os esforços de estabelecimento da paz sem vitória do **Presidente Wilson**, dos EUA, nem os apelos do **Papa Bento XV**. A situação interna da Rússia, no entanto era desesperadora: perdas espantosas, carestia, exaustão popular.

Em 1917, após uma série de desastres, os dirigíveis Zepelins foram retirados das operações alemãs. Os pesados bombardeios sobre Londres e Paris passaram a ser feitos por grandes bombardeiros; **Gotha e Staaken**. Os aviões, equipados com metralhadoras e poderosas bombas, transformavam em pesadelo as noites londrinas e parisienses, principalmente em época de lua cheia. Centenas de ingleses e franceses foram mortos ou feridos pelas incursões dos poderosos bombardeiros.

Separatistas irlandeses tentaram tomar Dublin e declarar independência da Inglaterra, mas acabaram sendo duramente reprimidos e seus líderes executados, a Revolta Irlandesa acabou falhando.



*Como punição por apoio aos russos, os otomanos deportaram 2 milhões de armênios para Síria. Foi uma punição cometida contra cristãos que viviam na Armênia. Setecentos mil homens, mulheres e crianças morreram na marcha forçada pelo deserto, a maioria morreu de fome e sede. Os turcos eram muçulmanos e odiavam os armênios cristãos. Essa facção armênia havia sido instigada pelos russos a combater os turcos. Em dois anos de marchas poucos chegaram ao destino, quase a metade morreu ou perdeu-se para sempre, foi um genocídio em massa de proporções inaceitáveis.*

*Todos os dias saíam das frentes francesas cinco milhões de cartas e cartões-postais. Enquanto a propaganda oficial e as notícias publicadas nos jornais mostravam a ideia de uma guerra travada por homens de grandes ideais, os combatentes gritavam por socorro, jovens desesperados, repudiavam a carnificina em sua volta. Coragem, heroísmo, isso não existia mais, nas batalhas não havia nada nos rostos dos soldados a não ser fome, doenças, medo, preocupação e desespero, os soldados despejavam o rancor pelo conflito, e as saudades de casa. Nas trincheiras não tinham muita ocupação, a não ser escrever e conversar com os colegas. Os soldados jogavam nas cartas todas suas amarguras, a censura os esmagava, eles eram proibidos de revelar onde estavam ou de escrever sobre sentimentos antipatrióticos, os soldados alemães podiam ser julgados e presos por um ano se tratassem dos assuntos da guerra nas cartas, tinham que suportar calados as piores condições de vida, mais de 28 bilhões de cartas alemãs foram enviadas das trincheiras para a Alemanha, eles não queriam ganhar a guerra, queriam sobreviver, a maior parte dessas cartas eram destinadas as esposas ou namoradas, o grande tema era o amor. Eram muitas cartas para que a censura do Exército alemão pudesse lê-las, então algumas acabavam chegando ao seu destino revelando o que realmente acontecia naquela guerra.*



*As trincheiras eram fétidas, lamacentas e infestadas de ratos que devoravam os cadáveres por toda parte, as doenças causadas pelas péssimas condições sanitárias eram devastadoras, faltava comida e medicamento, e o frio acaba com o resto.*

*Os soldados não tomavam banho por mais de seis semanas, a pouca água que recebiam no cantil devia ser guardada para matar a sede, a maioria dos soldados não tinham experiência militar, eram apenas pessoas comuns que sofriam de saudades e nem sabiam pelo que estavam lutando, a metade do exército francês e 1 terço dos alemães foram formados por camponeses, a guerra não era feita por homens, mas por garotos entre 17 e 23 anos.*

*As trincheiras tinham três linhas muito bem definidas (**Frente, Apoio e Reserva**). A **Linha de Frente** - a mais mortal de todas, ficava de frente para o inimigo, era uma espécie de corredor, construído em zigue-zague para evitar que uma rajada de metralhadora no sentido horizontal, disparada na lateral dizimasse uma tropa inteira. Nessa linha de frente havia metros de arame farpado, fincados numa profundidade de 3 metros, havia também milhares de sacos de areia para proteger os soldados que dormiam e comiam nesses corredores. A segunda linha chamada **Apoio** - bem atrás da linha de frente, ficavam os soldados aguardando no caso da batalha aumentar, abrigos de concreto equipados com metralhadoras, localizados nas trincheiras de apoio, permitiam que eles ajudassem os camaradas. Os corredores que ligavam as trincheiras eram usados para a movimentação dos soldados e o transporte de comida. A terceira e última linha, a da **Reserva**, era o local onde os soldados renovavam a força para lutar novamente, quando o batalhão perdia muitos homens, os soldados da **Reserva** eram chamados para lutar, os alemães construíram buracos embaixo dessas trincheiras para se proteger de bombardeios pesados. Havia também **As Latrinas** - eram buracos cavados em cada uma das três linhas da trincheira, onde eram jogados todo tipo de excrementos e alguns soldados eram destacados para limpá-las.*

*Os aviões bombardeavam as trincheiras constantemente e faziam estragos terríveis nas linhas de frente, acabando com um batalhão de uma única vez. Havia também a **Terra de Ninguém**, era o terreno que separava as tropas inimigas, depois dos combates, ficava cheio de corpos e buracos feitos pelas bombas e granadas, nesse lugar eram jogados todos os corpos e dejetos das trincheiras, os ratos enpanturravam-se de comer, o cheiro era insuportável.*

*No dia 31 de maio de 1916, as esquadras comandadas pelos almirantes Franz von Hipper e David Beatty se encontraram na Batalha de Jutlândia no Mar do Norte, e a batalha foi terrível... O almirante Reinhardt von Scheer, comandante da frota de alto-mar germânica resolveu provocar os britânicos enviando uma frota de 40 navios para a Dinamarca, comandada pelo almirante Von Hipper. A Inglaterra enviou na perseguição o almirante Beatty, e às 15h45, eles abriram fogo. Beatty tinha mais navios, mas acabou levando a pior, a posição do sol favoreceu a artilharia alemã. Três navios ingleses foram destruídos pela explosão de sua própria munição, incendiada pelos disparos alemães. O restante da frota germânica, comandada por Scheer, juntou-se a Hipper, complicando ainda mais a posição dos ingleses, que tiveram que receber reforços. Com a artilharia britânica calibrada, os alemães fugiram para o norte. O almirante John Jellicoe, comandante britânico, achou melhor não persegui-los. Imaginou erradamente que os alemães planejavam uma emboscada com submarinos e foi na direção contrária para bloquear o caminho de volta para a Alemanha.*

*As duas frotas acabaram se encontrando novamente, e os alemães fugiram. Às 20h10 aconteceu o último encontro na grande batalha, com a frota de Hipper protegendo a fuga do restante dos alemães. No final, os ingleses perderam 14 navios contra 11 dos alemães. Suas baixas também foram maiores 6.550 britânicos contra 2.550 alemães. Os britânicos comemoraram a fuga alemã, e os alemães o grande estrago na frota britânica.*

*A batalha de Jutlândia foi o último grande combate naval da Grande Guerra, os altos custos em vidas e material fizeram os inimigos desistirem da batalha nos oceanos.*

*Na Rússia, a miséria e a desgraça manifestavam de forma devastadora e dolorosa. Os soldados russos partiam para o combate com pouca comunicação e quase nenhuma retaguarda. O povo russo não desejava continuar na guerra. Os alemães atacavam Riga por terra e por mar. Dessa vez os russos não foram estimulados a combater ao lado dos britânicos: a frota inglesa temia ser solicitada pela Rússia para ajudá-la no Báltico onde os russos haviam contado com o apoio de seus aliados. O exército russo finalmente amotinou-se, principalmente na fronteira norte.*

*Desde o inverno de 1916/1917, a maior parte de tudo o que a Alemanha produzia, bem como seu controle financeiro encontrava-se nas mãos dos judeus. Hitler percebeu o quanto os judeus aproveitavam-se da Alemanha. No intuito de se juntar ao batalhão de reserva de seu Regimento, Hitler voltou para a frente de batalha em março de 1917, já com a patente de cabo. A potência norte-americana, que já vinha dando cobertura as tropas aliadas com dinheiro e mantimentos, declarou guerra ao governo alemão no dia 06 de abril de 1917. Foi a resposta americana aos seguidos ataques marítimos da Alemanha, cujos submarinos começaram a ser derrotados por navios britânicos equipados com novos e poderosos instrumentos defensivos.*

*No mês de março de 1918, os alemães reforçaram as tropas que a derrocada da linha russa permitia retirar da frente oriental, os alemães tentaram assentar golpes decisivos na França antes que as forças estadunidenses fizessem pender definitivamente a balança para o lado das potências aliadas.*

No primeiro ataque, iniciado em 21 de março, o Exército britânico entre Arras e o rio Oise foi repellido, com pesadas perdas, os britânicos foram atacados no Somme e rechaçados no **“Desastre de Gough”** onde perderam mil canhões e milhares de soldados ingleses foram capturados. Em abril nas proximidades de Amiens (**2ª Batalha do Somme**). As potências ocidentais tomaram uma resolução que se fazia necessária havia muito tempo: a de colocar as operações sob um comando único, que foi confiado ao general francês Ferdinand Foch.

Os alemães atacaram em 9 de Abril a região de Armentières, desbaratando as forças inglesas e portuguesas, e avançaram alguns quilômetros (batalha de Lys ou 3ª batalha do Flandres). Nesta batalha, que marcou a participação de Portugal na Grande Guerra, os exércitos alemães destruíram as tropas portuguesas, constituindo numa das maiores catástrofes militares de Portugal. A frente de combate distribuía-se numa extensa linha de 55 quilômetros, entre as localidades de Gravelle e de Armentières, guarnecida pelo 11º Corpo britânico, com cerca de 84.000 homens, entre os quais se compreendia a 2ª divisão do Corpo Expedicionário Português, constituída por cerca de vinte mil homens, dos quais somente pouco mais de 15.000 estavam nas primeiras linhas, comandados pelo **general Gomes da Costa**. Esta linha viu-se fraca para sustentar o embate de oito divisões do 6º Exército alemão, com cerca de 55.000 homens comandados pelo general Ferdinand von Quast.

As tropas portuguesas, em apenas quatro horas de batalha, perderam cerca de 7.500 homens entre mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros, foi perdido mais de um terço dos efetivos, entre os quais 327 oficiais. No meio da catástrofe portuguesa, distinguiram-se vários homens, mas um nome ficou conhecido (**soldado Milhões**). Seu verdadeiro nome era Aníbal Milhais, natural de Valongo, em Murça.

Quando os alemães atacaram, acabaram por destruir sua tropa e muitos fugiram, Aníbal viu-se sozinho na sua trincheira, apenas munido de uma metralhadora Lewis, conhecida entre os lusos como a Luísa. Com força enfrentou sozinho as colunas alemãs que atravessaram seu caminho, e permitiu a retirada de vários soldados portugueses e britânicos para as posições defensivas da retaguarda. O soldado Aníbal passou a andar perdido pela terra de ninguém e algumas vezes pelas trincheiras alemãs, o soldado Milhões continuou a disparar quando tinha oportunidade, para o qual se valeu de cartuchos de balas que foi encontrando pelo caminho. Quatro dias depois do desastre português, encontrou um médico escocês, que o salvou de morrer afogado num pântano. Foi este médico que contou ao exército aliado os feitos intrépidos do soldado Aníbal. Quando regressou a um acampamento português, um comandante saudou-o dizendo o que ficaria para a História de Portugal, **“Tu és Milhais, mas vales Milhões!”**. Foi o único soldado raso português da Guerra a ser condecorado com o Colar da Ordem da Torre e Espada, a mais alta condecoração existente no país.

Os alemães deram a sua cartada final, em 27 de maio, iniciaram a **Terceira Batalha do Aisne**, com um fogo de artilharia de 4 mil canhões, os germânicos haviam evoluído no uso da artilharia e de infantaria, em um único dia os alemães conquistaram 15 quilômetros de território, algo jamais conseguido durante toda a guerra, e no dia 30 de maio mais de 50 mil soldados aliados foram feitos prisioneiros.

No dia 03 de junho, as forças alemãs chegaram a 90 quilômetros de Paris. Em maio de 1918, Adolf Hitler havia feito de seu corpo escudo para seu coronel e foi citado na ordem do dia por bravura excepcional. Em julho foi enviado para prosseguir seus cursos de aperfeiçoamento.

*De volta às batalhas, Hitler capturou um grupo de franceses encolhido em um buraco, e por esse feito recebeu no dia 04 de agosto a **Cruz de Ferro de Primeira Classe**, era uma distinção bastante rara para um homem de seu posto, a condecoração fora assinada no dia 31 de julho de 1918, pelo comandante do regime Barão von Godin. O marechal Ferdinand Foch havia conseguido resistir às novas investidas de Ludendorff na Flandres, em Abril, desde o Chemin des Dames até ao Marne, em Maio, no Metz, em Junho, e finalmente em Champagne, a 15 de Julho. Os alemães perderam a situação ofensiva e, desta vez, a sorte havia mudado de lado. O recém chegado Exército americano havia demonstrado seu poderio bélico no dia 18 de julho, ao esmagar os alemães na **Batalha de Château-Thierry**. Os alemães tiveram que recuar. Os avanços alemães levaram seu exército cada vez mais para dentro de território inimigo, sacrificando as últimas reservas de soldados sem alcançar nenhum objetivo importante. Com a unificação do comando aliado nas mãos do marechal Ferdinand Foch, a superioridade numérica era patente (211 divisões aliadas contra 181 alemãs). Em julho estava reconquistado todo o norte da França e o Exército alemão havia começado a perder...*

*Em agosto seguiu-se uma série de ofensivas aliadas locais bem sucedidas, iniciada pelos ingleses no Somme (8 agosto) e, em princípio de setembro, o Exército alemão retornava às fortificações da Linha Hindenburg. Durante toda a guerra a arma considerada mais fraca foi o sistema de comunicações. Sem informações precisas ocorreu um desastre atrás do outro.*

*No dia 28 de setembro, Hitler teve um encontro com a morte, numa batalha feroz acabou ferido pelos ingleses, e quando tentava voltar para suas linhas, um oficial inglês de nome **Henry Tandey** conseguiu mirar seu rifle contra Hitler para acabar com ele de uma vez por todas...*

*Inexplicavelmente não teve coragem de atirar, em vez de puxar o gatilho o inglês preferiu deixá-lo ir num gesto de compaixão, o soldado não conseguia atirar num alemão ferido. O jovem Hitler acenou com a cabeça em agradecimento e os dois tomaram caminhos diferentes. Hitler nunca se esqueceu de Tandey, pois sabia que algo milagroso havia acontecido. A Alemanha e seus aliados já não estavam mais tendo como fazer frente às tropas americanas, que aumentavam mais de 250 mil homens por mês. Dois milhões de soldados americanos estavam em solo francês sendo comandados pelo general americano John Pershing, prontos para o combate assim que se fizesse necessário.*

*Os ingleses levantaram contra os turcos os árabes que, sob o comando de **Lawrence da Arábia**, apoderaram-se de Bagdá e Jerusalém. Perdida a causa dos Impérios Centrais, a Turquia entregou-se em Valenciennes. Poloneses, iugoslavos e tchecos proclamaram sua independência no início de outubro. No dia 06 de outubro o presidente Wilson, recebeu uma nota alemã, solicitando o armistício e aceitando as bases americanas para a paz, que incluíam entre outras, o direito dos povos disporem de si próprios e a criação da Liga das Nações.*

*Na noite do dia 13 para 14 de outubro, o barulho dos obuses á gás dos ingleses caiu ao sul de Ypres, gás de cor amarelada, do qual Adolf Hitler não conhecia os efeitos, visíveis no próprio corpo. Sobre uma colina ao sul de Wernick, Hitler e os demais soldados que estavam ao seu redor foram atacados e, por volta da meia noite, parte de sua tropa foi evacuada, tendo ali a maioria desaparecido para sempre. O gás clorídrico cegou Adolf Hitler e, ferido dessa maneira, foi hospitalizado no hospital de Pasewalk...*

*Em 30 de outubro o Exército austríaco, dividido em dois, batia em retirada, que logo se converteu em debandada.*

*Em 4 de Novembro, entrava em vigor o armistício concedido à Áustria. Somente no dia primeiro de novembro os aliados romperam as últimas linhas defensivas alemãs, ocupando Buzancy (02 novembro) e atingindo Sedan. No dia 4 de Novembro, o comandante Hindenburg, que desfez a aliança com o general Ludendorff, viu-se constrangido a ordenar a retirada geral para o Reno, por causa disso o Exército alemão não se sentiu vencido...*

\*\*\*

Enfurecido... Adolf Hitler tentava arrancar as faixas que lhe cobriam os olhos, alegando que um milagre havia acontecido, e que estava totalmente curado, pronto para lutar novamente pela Alemanha. Em suas concepções, Deus havia descortinado de vez sua mente e os seus olhos, havia lhe dado uma missão, salvar a **Grande Alemanha**. Ele acreditava que havia nascido para algo especial, enquanto todos os soldados em sua volta morriam ele permanecia vivo, ele se apoderou desse pensamento místico, não conseguia explicar o fato de ainda estar vivo, atribuiu tudo a uma grande missão que somente ele poderia realizar. Enquanto esteve naquela cama de hospital, na escuridão de suas reflexões amargando os acontecimentos da **Grande Guerra**, percebeu que não pudera fazer muita coisa pelo seu país lutando como soldado de trincheira. Entretanto, poderia salvar a Alemanha do caos que estava sendo submetida pelos judeus e pelos comunistas, de outra forma; e a única saída era a **política**.

Talvez a política fosse a redenção para Adolf Hitler, naquele hospital militar de Pasewalk, na região da Pomerânia, ao norte de Berlim.



# X VITÓRIA

## O Armistício



*“Embora dividido, o mundo queria se impor, como se cada Nação fosse dona de tudo. O orgulho e a ganância levaram os homens a guerra. A disputa de territórios começou... Disseram que seria uma guerra rápida, cada Nação mostrava o seu poder de destruição. Os homens; na maioria camponeses, sangravam por nada... A guerra já não valia mais a pena, todos queriam o seu fim. Impérios desapareceram e Nações sumiram do mapa, outras porém surgiram... Monarquias foram substituídas por Repúblicas e revoluções. A perda humana foi inaceitável, transformando tudo numa guerra inútil mas que finalmente chegou ao fim, o armistício foi assinado. Vitória! Embora inútil, vitória!”*

No dia 06 de novembro, o capitão Gerrard de Burdêau havia recebido alta do hospital. Não conseguia se lembrar de muita coisa parecia que toda a sua vida não passara de uma falseta. Ele esboçava sorrisos fatigados. Gerrard não dissera uma só palavra desde o momento em que deixara o hospital. Roxanne não compreendia o que havia acontecido. O capitão olhava para Richard com insatisfação, como se tivesse medo dele.

Dois dias depois, durante a entrega de medalha da ***D' Honneur de Legion*** (medalha de Honra da Legião) a Gerrard, que era homenageado, não disse uma palavra sequer, nem se importou com a festividade, o que era de se estranhar visto que ele gostava sobremaneira de fazer discursos. O evento foi comemorado em secreto no aeródromo em Paris, quase ninguém, incluindo os jornais, não souberam do ataque aéreo de 23 de Outubro. A *Força Aérea Francesa* omitiu tudo para evitar pânico nos franceses. Nesse tempo Gerrard estava deprimido, não dava importância a Richard e muito menos a Roxanne; somente visitava o monumento levantado aos mortos da *Grande Guerra*, onde estavam enterrados debaixo de belas lápides, os caixões de; Jacques (seu irmão), Claudin (soldado de trincheira) e seus amigos e ases mortos em combate; *Maurice Boyau, Michel Coiffard e Georges Guynemer* (famoso com a alcunha “**O Velho**” foi o melhor amigo de Gerrard até 1917, data da sua morte). O jovem Guynemer abateu 54 aviões inimigos, quatro em um único dia, e sobreviveu a sete acidentes em que seu avião foi derrubado. Ele era adorado por todos, o maior herói da França, Gerrard era seu pupilo e chorou muito sua morte, Guynemer morreu aos 23 anos.

No dia 09 de novembro Roxanne levou o capitão até o Dr. Carré, no intuito de verificar o que acontecia com Gerrard. Após alguns testes, o doutor diagnosticou que o capitão estava com distúrbios emocionais, mal que assolava veteranos de guerra, mas que essa situação se resolveria, devendo mesmo ter sido causada pela queda de seu avião.

Manchetes sobre o assassinato do advogado Jean espalhavam-se nos jornais da cidade, finalmente haviam encontrado seu corpo que estava desaparecido. A população estava revoltada, pois havia perdido um ilustre advogado assassinado pelos *Boinas Negras*. Alguns amigos e parentes compareceram ao enterro de Jean. Roxanne estava inconformada, Gerrard a observava com indiferença; não se importava com os ataques histéricos dela. Roxanne chorou muito no enterro de Jean, afinal eles eram amigos, ela sentia um carinho muito especial por ele.

Na estância, Roxanne olhava com consternação para Gerrard, que parecia um débil sentado no chão, falando sozinho.

No dia 11 de novembro, Roxanne trouxe um jornal com as notícias para Gerrard o mais rápido que pôde, as matérias confirmavam a vitória Aliada. Roxanne tomou Gerrard pelas mãos e correu para as ruas com os franceses para comemorar a vitória no *Arco do Triunfo*.

A Alemanha havia decretado um cessar fogo para que os soldados voltassem para casa. A rendição foi concluída, o kaiser Wilhelm Hohenzolern havia abdicado e fugido para a Holanda. Fora proclamada a República em Berlim. A guerra estava terminada, a casa de *Hohenzolern* caída e a Alemanha havia assinado o **armistício**. Os inimigos invisíveis do povo alemão haviam vencido (comunistas), as greves e os motins internos na Alemanha pressionavam...

O armistício foi assinado no dia 11 de manhã, num vagão de trem, em *Compiégne*, na França. Todos os grandes generais que lutaram na guerra estavam reunidos, para testemunhar um dos momentos mais importantes da História.

A guerra estava perdida e a Alemanha se achava à mercê dos aliados vitoriosos; tinha sido inútil a morte de dois milhões de alemães. O curioso quanto ao armistício foi que a Alemanha não foi obrigada a admitir a derrota em campo de batalha; para muitos, isto, por si só, já era uma brecha deixada aberta a problemas futuros.

A Alemanha humilhada não tardaria a levantar-se novamente...

No saldo final da Grande Guerra, a Alemanha perdeu entre mortos e feridos quase 2 milhões de homens, a França 1 milhão e 300 mil soldados, a Inglaterra 950 mil homens, e os Estados Unidos em poucos meses de batalhas 116 mil homens.

No fim de tudo, nove milhões de soldados entre Infantaria, Marinha e Força-Aérea haviam perdido a vida e cinco milhões de civis haviam sido mortos de várias maneiras; fome, doenças, fuzilamentos e bombardeamentos. A fome e a privação arrasaram vários países, o bloqueio naval aliado matou 750 mil alemães de fome e outras privações, que levaram a Nação a se rebelar com greves e guerras civis que culminaram na abdicação do Kaiser. O comandante Ferdinand Foch célebre por ser conhecedor de ciências militares, venceu no Marne quando os alemães atacaram acirradamente a França. A batalha no Marne em colaboração com os americanos foi a grande responsável pela vitória aliada, visto que a Alemanha tinha chances para vencer, pois havia colocado a Rússia e a Itália fora da guerra. Se os americanos não tivessem entrado na refrega, a França não teria vencido no Marne e a Alemanha sairia vitoriosa da Grande Guerra.

Uma grande multidão pulava e agitava no Arco do Triunfo, a avenida *Champys Élyssé* estava abarrotada, milhares de bandeirinhas francesas e americanas estavam espalhadas pelas ruas. A felicidade do povo era muito grande, choravam e riam, desfiles eram iniciados por toda parte; milhares de soldados americanos, ingleses, belgas, canadenses, franceses, australianos e italianos explodiam de contentamento. Cada soldado estava cercado por várias garotas francesas, algumas chorando, outras rindo; cada menina tinha de beijar cada soldado antes que ele passasse. As ruas estavam lotadas de carros e pessoas. As crianças, os velhos e os jovens choravam de alegria, uma massa sólida de bandeirinhas de todas as nações aliadas espalhava-se por Paris. A cidade que fora escuridão por tanto tempo, agora estava toda iluminada.

Na terra de ninguém, as trincheiras entraram na maior alegria, sinalizadores eram disparados por toda parte como se fossem fogos de artifício. Homens com uniformes marrons saltaram das trincheiras americanas, uniformes cinza-esverdeados saíam das alemãs, atiravam seus capacetes para o ar, abandonavam suas armas e acenavam para os inimigos. De um lado a outro do front, os dois grupos de homens começavam a avançar na terra de ninguém; alemães, americanos e franceses. Momentos antes, eles estavam dispostos a atirar um nos outros; agora eles se aproximavam, meio receosos, mas depois com mais coragem, uniformes cinzas se misturavam aos marrons, se abraçando uns aos outros, dançando e pulando. Americanos distribuíam cigarros e chocolate. Depois de quatro anos de carnificina e ódio, eles estavam não apenas se abraçando, mas também se beijando no rosto. Bombas, foguetes e sinalizadores continuaram subindo aos céus.

Enquanto a noite tomava conta de Paris, Gerrard afastou-se sem que Roxanne notasse, ele saiu para dar uma volta e já estava escurecendo quando ela, desesperada deu por sua falta.

O capitão caminhava pela *Champys Élysée* quando, cruzando um beco obscuro, surgiram cinco *Boinas* armados de correntes e machadinhas, e um deles dirigiu-lhe a palavra:

– Passe o dinheiro, imbecil, hoje nós faremos um churrasco do seu couro.

Os *Boinas* começaram a cercá-lo e o capitão girava ao redor deles. Preparava seu sobre tudo para se proteger de um possível ataque, quando o primeiro *Boina* o agrediu. Gerrard cobriu-o com seu sobre tudo e desferiu-lhe uma joelhada que provocou a queda do inimigo. Outro *Boina* atingiu em seguida o braço de Gerrard com uma facada. Numa fração de segundos mais um deles tentou atacá-lo, e o capitão desferiu um golpe certo, de baixo para cima, quebrando-lhe o braço.

Um outro *Boina* veio com uma foice no intuito de enterrá-la em

Gerrard, que num movimento esperto virou-se e deu um tranco no pescoço do bandido, enforcando-o com sua própria arma, causando um sangramento no pescoço do inimigo e Gerrard gritava:

– Eu esmago o próximo que se aproximar e arranco o pescoço desse animal.

Surgiu então, abruptamente, por trás de Gerrard um *Boina* que lhe acertou uma paulada na sua cabeça, fazendo-o cair ao chão, e quando o inimigo estava prestes a cravar uma faca no capitão, surgiu um vulto que, trajando um enorme sobretudo negro, retirou uma pistola da cintura e nisso, pôde-se escutar um disparo: aquele vulto descarregou um tiro na cabeça do *Boina*. No momento em que os bandidos se deram conta de quem se tratava, fugiram em disparada. Em seguida a polícia apareceu acompanhada de Roxanne. Pegaram Gerrard com carinho e o colocaram no carro. Dali Roxanne o levou para a estância, tratando de cuidar de seus ferimentos. Mais tarde, já recuperado, Gerrard perguntou:

– Roxanne, quem me salvou?

– Foi Razan. Ele estava me ajudando a procurá-lo e salvou sua vida. Se não tivesse chegado a tempo e exterminado aquele *Boina*, você é quem poderia estar morto.

Testemunhar a favor de Richard no tribunal, e salvar por diversas vezes Gerrard nos combates aéreos, ainda não tinham sido suficientes para o capitão reatar a amizade com Razan, porém essa última foi mais do que suficiente. Razan havia novamente salvo a vida de Gerrard. O capitão então se viu obrigado a esquecer do que o tenente havia feito com Jacques e reatar de uma vez aquela amizade.

Ao alvorecer Gerrard acordou com uma enorme dor de cabeça. Havia despertado com os gritos de Richard que chorava e, atordoado, o capitão chamou: – Roxanne!

Ouvindo a voz de seu amado veio correndo e disse:

– O que foi *mon amour*?

– O que realmente aconteceu?

– Não se lembra *cheri*? Você estava doente e ontem à noite foi hostilizado pelos *Boinas*.

– Onde está Richard? Onde está meu anjinho?

Roxanne estava eufórica por Gerrard se lembrar de Richard, ela ficou super contente com a repentina recuperação dele.

A primeira coisa que Gerrard fez foi pegar seu anjinho e dar uma volta nos jardins de Paris.

Ao entardecer Roxanne levou Gerrard até o apogeu da estância onde estava a aleia de flores, e disse que o amava muito, que ele era a coisa mais importante de sua vida. Depois perguntou o que ele achava da ideia de preparar um almoço para comemorar a sua recuperação. Obviamente ele concordou e ainda comentou que podiam aproveitar e anunciar o casamento para não ficarem mais ocultando aquele romance. Gerrard ainda acrescentou:

– Não precisamos mais fingir que somos apenas bons amigos querendo cuidar de uma criança.

– Mas algo me assusta.

– O que é Roxy?

– Eu temo por causa de Razan, ele insiste em flertar comigo desde que nos conhecemos, quando foram resgatados. Razan é um psicopata; ele vive me atormentando, dizendo que se eu não me casar com ele, ele acabará com minha vida, me culpa por ter escolhido você e não ele.

– Razan é inofensivo para os amigos. Nós somos bons companheiros e ele seria incapaz de me prejudicar. Já provou ser um ótimo amigo.

– Não quando se trata de um louco, e depois ele vive dizendo que tudo que era dele você tomou, não aceita o fato de ser plebeu e você um fidalgo, ele o inveja, tem uma espécie de obsessão por você e pelas coisas que são suas.

– Deixe de ser infantil, por que você insiste em dizer que ele é uma má pessoa? Ele é uma boa pessoa, tem apenas um aspecto severo.

– Você diz isso porque não conhece Razan Stocker como eu conheço; não sabe das coisas que ele me disse.

– Como ele poderia lhe fazer algum mal se você mesma disse que ele estava apaixonado, e além do mais Roxanne todos os homens se apaixonam por você, isso já não me incomoda mais, eu sei que você é minha e ponto final.

– Não adianta nós discutirmos, vamos esquecer esse assunto. Ah, e outra coisa, em breve você irá ao consultório do Dr. Carré comigo para verificar se não ficou com sequelas.

– Ah, de novo não, você sabe muito bem que eu tenho repugnância a hospitais.

– Você vai sim.

Já era quase noite e eles estavam na beira do lago. Roxanne começou a jogar água no capitão e, água vai água vem, começaram a rolar no barranco e trocar juras e carícias de amor. Logo estavam nus e começaram a fazer amor dentro da água. A mão de Gerrard deslizava por todo o corpo de Roxanne, que parecia de porcelana; era um corpo de princesa. Ele a tocava no rosto, nos cabelos. Gerrard a amava muito; pareciam dois colegas sedentos de desejo e de descobertas. Na manhã seguinte acordaram cedo e foram à clínica do Dr. Carré. O médico examinou Gerrard, viu que não havia nenhuma sequela e disse:

– Apesar de ser um homem forte ele se encontrava em estado crítico... Eu disse que com o tempo ele se recuperaria, mas nunca pensei que seria tão rápido.

No dia 20 de novembro, durante uma solenidade militar, Gerrard foi promovido a major, e Razan a capitão. Gerrard assumiria o comando de um aeródromo para dar instruções de voo e Razan seria seu secretário.



Gerrard revoltava-se ao saber da notícia do abafamento do ataque aéreo alemão em outubro, apenas o Governo Francês e Alemão sabiam do acontecido.

Roxanne havia convidado para o almoço umas vinte pessoas, mas apareceram apenas cinco devido ao medo que tinham daquele local. Quem surgiu para o almoço foi: Razan, Charles Nungesser, Jean Navarre, o Dr. Carré e a cozinheira Naná (a mulher negra que ajudou a cuidar de Roxanne quando a mãe morreu). Agora Nána tinha uma nova tarefa: auxiliar na educação de Richard.

Enquanto desejavam *Bon Appetit* uns aos outros, enfatizavam como estava delicioso o peixe do *rio Loire* feito por dona Naná, que era uma cozinheira de mão cheia e que cozinava melhor do que os grandes *chefs* de Paris, entretanto quem realmente roubou a cena, foi o tradicional e maravilhoso vinho branco do *Loire (o Chatéau Burdêau- da safra de 1899)*, que foi degustado regado de elogios por todos. No meio do almoço Roxanne levantou-se da cadeira para dizer algumas palavras:

– Esse almoço foi em homenagem à recuperação repentina de Gerrard, e também ao doutor Carré que tanto cuidou do nosso Major, sem esquecer, é claro, de todos que estão aqui presentes.

Todos aplaudiram as belas e hospitaleiras palavras de Roxanne. Em seguida, o major Gerrard de Burdêau ergueu-se e disse:

– Eu tenho algo muito mais importante a comunicar aos convidados: neste momento eu e Roxanne gostaríamos de anunciar que vamos nos casar em breve...

Naquele momento Razan estava se deliciando com um chá e se engasgou, deixando também cair alguns talheres no chão. Todos o fitaram com desconfiança, pois ele estava deixando muito a desejar, suscitando algumas suspeitas e, para se recompor, acabou dizendo: – Desculpem-me, deve ter sido a emoção...

E dando continuidade Gerrard disse: – Logo Roxanne será a *Madame de Burdêau*, já marquei a data do casamento: será no dia 20 de Dezembro, antes do Natal, passaremos a Lua de Mel nos *Alpes Suíços*.

Roxanne ficou surpresa porque não sabia que o Major já fizera todos os preparativos para o enlace. Ela abraçou seu amado e o beijou euforicamente. Gerrard correspondeu àquela atitude carinhosa:

– Eu quero me casar com você porque a amo verdadeiramente. Vivemos em paz na estância.

– O que é isso Major, *monsieur* é um fidalgo, membro de uma das mais tradicionais famílias gaulesas, não vai querer perder tempo como um camponês nessa propriedade – disse Nungesser.

– Títulos aristocratas para mim não tem valor, prefiro viver como camponês.

Após o almoço arriscaram um passeio, era deslumbrante a riqueza de pássaros que revoavam pelo mosteiro. Os visitantes passaram próximo à tumba do lendário casal (a Princesa e o Plebeu) e notaram que datava do ano de 1618. Trezentos anos já haviam se passado da tragédia daqueles amantes. Fumando seu charuto e atento a tudo, Razan de quando em quando fitava Roxanne com muito ódio, queria vingança, pois se encontrava cada vez mais furioso e atento, Roxanne não cumprira o acordo de tornar-se sua amante. Ao despedir-se Razan fitou Roxanne estranhamente, como se ela fosse a maior traidora do mundo... Razan deixaria passar em branco a traição de Roxanne?

Na manhã seguinte a cozinheira Nána aproximou-se do major Gerrard:

– Com licença *monsieur* Gerrard.

– Pois não Nána.

– Tem um soldado australiano, que lutou na guerra querendo falar-lhe.

- Ele disse o que deseja?
- Não, falou que é particular.
- Peça para ele entrar que vou atendê-lo.

O soldado aguardava na sala quando Gerrard surgiu: – *Bon Jour* soldado.

- *Bon Jour monsieur*.
- Vamos para o meu gabinete.

Já dentro da saleta o soldado se adiantou: – *Monsieur* é mesmo o major Gerrard de Burdêau.

- É claro, sente-se rapaz, aceita um cigarro ou um brandy?
- Os dois.
- Além da bebida e do fumo no que mais posso lhe ser útil?

O soldado estava muito nervoso e tremia quando pronunciou: – Eu me chamo Círyl Crenweld. Durante a guerra lutei na artilharia australiana.

- Vá direto ao assunto – interrompeu Gerrard.
- *Monsieur* conheceu o Barão Vermelho antes da guerra?
- Estupefato Gerrard pergunta: – Manfred von Richthofen?

– Sim Major. Vocês eram amigos antes da guerra, cavalgavam juntos nas propriedades da família Richthofen.

Gerrard acendeu um charuto para fumar e perguntou:

– Como você sabe de tudo isso? Poucos sabiam do meu relacionamento com Manfred.

O jovem soldado retirou do bolso um envelope amassado e entregou nas mãos do Major. Dentro havia uma carta do qual Gerrard reconheceu a caligrafia, que se lia assim...

## Cappy - 21 de Abril de 1918

*Caro amigo Gerrard, não nos falamos desde o início da guerra. Já se passaram quatro anos desde que a guerra decidiu que seríamos inimigos. Venho através de essa carta pedir-lhe desculpas, não sei como, onde e nem quando poderá um dia me perdoar. Nessa manhã de primavera, tive certeza que não sairei vivo dessa guerra e por isso essa carta é a minha última esperança de pedir perdão. Tenho saudades da época em que cavalgávamos juntos nas terras da minha família. Conheci alguém especial, ela tem cuidado de mim desde que fui ferido na cabeça, acho que pela primeira vez estou apaixonado. O excesso de disciplina e competitividade havia me cegado, porém as escamas dos meus olhos caíram. O Kaiser está me usando como arma de propaganda para ganhar a guerra, meu lugar é no front, eu sou mais útil nas batalhas do que viajando pela Alemanha para difundir uma mentira. Se descobrirem o conteúdo dessa carta eu poderei ser condenado à morte, entretanto eu não me importo mais.*

*O Kaiser é o maior responsável pelos alemães estarem perdendo a guerra, ele está escondendo da população o que realmente acontece no front, se o povo não souber, a Alemanha vai cair num buraco sem fundo. Os comandantes Hindenburg e Ludendorff têm vivido uma mentira e não sei até quando essa mentira vai durar. Perdoe-me por ter atirado em seu irmão Jacques, durante aquele fatídico combate aéreo, eu não tive intenção de matá-lo, mas precisava afastá-lo de meu irmão Lothar, também sei que você não atirou em mim para matar, mas para salvar a vida de seu irmão. Não vou sustentar a ilusão de nos encontrarmos após a guerra, sei que não sobreviverei a ela, por isso me despeço por aqui, adeus meu bom camarada, monsieur Gerrard de Burdêau.*

Capitão Manfred Von Richthofen

As lágrimas desciam pelo rosto do Major...

– Ele era como um irmão, eu vivi a infância numa propriedade rural perto do rio Reno, minha mãe sempre me levava para a Alemanha, foi onde por acaso conheci a família Richthofen. Soldado Crenweld como conseguiu essa carta?

– Era manhã de primavera, 21 de abril de 1918, eu e mais alguns atiradores australianos estávamos posicionados perto do rio Somme caso fosse necessário entrar em conflito com os boches. Eu me afastei do grupo para fumar no meio de alguns arbustos, então ouvi o ronco de uma aeronave que se aproximava, peguei minha arma e corri para ver se era um avião inimigo. De longe avistei um Camel que era perseguido por um Triplano vermelho, todos os atiradores australianos tentaram derrubar o Triplano, pois sabiam de quem se tratava, todos o conheciam muito bem. Logo outro Camel posicionou-se atrás do Triplano disparando rajadas contra ele. De repente o avião começou a mergulhar e caiu a poucos metros de mim, eu fui o primeiro a chegar à aeronave. Quando comecei a revistar o piloto ainda estava vivo, num dos bolsos encontrei um envelope, vários soldados se aproximavam, um sargento australiano ouviu a última palavra do aviador: Kapput! (quebrado) o Barão Vermelho sabia que estava acabado para sempre. Não sei o por que acabei escondendo o envelope na minha blusa. Pouco tempo depois, muitos australianos e ingleses tomaram conta do lugar, a euforia era grande, afinal de contas, o maior herói alemão havia sido morto. Começaram a desmontar partes do avião e levaram como se fossem relíquias. Mais tarde soube que o piloto canadense Roy Brown havia sido creditado por derrubar o Barão Vermelho, entretanto acredito que ele foi alvejado por um dos

atiradores do meu grupo. Eu tive vontade de entregar à carta as autoridades, porém fiquei com medo, como eu ia explicar que havia escondido um documento tão importante? Eu poderia ser condenado à morte. Pensei em vender a carta para ser usada como arma de propaganda para abreviar a guerra, não tive coragem. Por fim, eu desconfiei que não sobrevivesse à guerra, decidi destruir a carta antes que alguém encontrasse o meu corpo e a carta caísse em mãos erradas. Entretanto recebi a notícia do armistício, eu voltaria para casa, eu precisava então fazer o que era certo, entregar a carta ao seu destinatário.

– *Mon Dieu!* Que história – Exclamou Gerrard.

– Eu fiz o que tinha que fazer Major, agora preciso ir embora, meu navio parte amanhã, finalmente voltarei para casa.

– Há alguma coisa que eu possa fazer por você rapaz?

– Não Major, agora está tudo bem, eu só quero voltar pra casa. Adeus.

– Adeus e obrigado.

Despediram-se com um aperto de mão. Gerrard não disse nada a ninguém sobre aquele encontro e encerrou a carta no seu cofre...

Nos dias seguintes uma nuvem de sofrimento e morte esmagou a Europa, uma enorme mancha de sangue e lágrimas tomou conta de Paris, milhares morriam e abarrotavam os hospitais, soldados e civis vomitavam sangue, eram massacrados, a peste matava mais do que a guerra matou em quatro anos...

\*\*\*

Enquanto o vigia do Museu do Louvre apagava as luzes, a escritora Marianne de Burdêau retornava das memórias do passado... Na saída do Museu, ela foi abordada por um jornalista que alemão que lhe perguntou:

– Baronesa! A carta que Von Richthofen escreveu para o seu avô é verdadeira?

Mariannne nada respondeu, continuou caminhando até adentrar num táxi que lhe aguardava. Dentro do veículo ela disse ao motorista:

– Leve-me para o orfanato Chatêau Burdêau.



"EU CREIO QUE NÃO SAIREI VIVO DESTA GUERRA..."

**BARÃO MANFRED VON RICHTHOFEN**

A MAIOR LENDA AÉREA DE TODOS OS TEMPOS...





**SOLDADO AUSTRALIANO**



**SOLDADO AMERICANO**



**STOSSTRUPPEN ALEMÃO**



**BRITÂNICO COM MÁSCARA DE GÁS**



**BOMBARDEIRO ZEPELIM STAAKEN**



**CAÇA CAMEL**



**CAÇA FOKKER DVII**



**BOMBARDEIRO HANDLEY PAGE**



**DIRIGÍVEL ZEPELIM**



**BALÃO DE OBSERVAÇÃO EM CHAMAS**



**TANQUE DE GUERRA**



**CAÇA SPAD**

A saga épica, *A Última Poesia* continua no volume II - *O Silêncio Das Armas*, que será publicado em breve. A França está mergulhada em terror e destruição por causa da Gripe Espanhola, uma enorme mancha de sangue que se espalha como sugadora incontrolável de vidas, uma praga no qual os homens atraíram para si por causa dos quatro anos de guerra. Os soldados que haviam sobrevivido às trincheiras estavam morrendo por causa dessa terrível doença. A enfermeira Roxanne está afundada nos hospitais tentando salvar o maior número de vidas possível. O major Gerrard de Burdêau tenta impedir sua noiva de envolver-se com os doentes, pois ele teme pela sua vida.

Uma enorme tragédia se abate sobre a vida de Gerrard. Para esquecer o passado, ele volta para as belas terras da sua mãe, na Alsácia. A dor ao qual Gerrard estava mergulhado desde o início da guerra traz de volta a Guerra das Trincheiras, as lembranças não querem deixá-lo em paz, é como se sua cabeça continuasse sendo atingida por marteladas constantes. O foco agora é voltado para a Guerra Aérea. Gerrard traz de volta os maiores pilotos que lutaram nos céus da França; alemães, franceses, ingleses, americanos, canadenses e muitos outros. Logo Gerrard recebe uma maravilhosa notícia, recomeça sua vida, finalmente goza de tempos de paz e alegria.

O humilhante Tratado de Versalhes é imposto à Alemanha. Berlim mergulha numa guerra civil entre comunistas e conservadores. Hitler torna-se fiscal do derrotado Exército alemão, para investigar supostos traidores, conhece o Partido dos Trabalhadores Alemães, torna-se um dos membros mais ativos e um apaixonado orador.

O capitão Razan Stocker, transforma-se cada vez mais num monstro demoníaco, mergulhado em ganância, inveja, vingança, orgulho e ódio.

Nasce Priscilla Madeleine de Burdêau, a filha de Gerrard, que cresce ao lado de seu irmão Richard, mal sabem eles o que o futuro lhes reserva...

# A ÚLTIMA POESIA

---

## SÉRIE ÉPICA DA PRIMEIRA E DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

---

### PRIMEIRA PARTE - A 1ª GRANDE GUERRA

---

1 - *Do Orgulho Nasce a Guerra*

2 - *O Silêncio das Armas*

3 - *Ascensão Nazista*

### SEGUNDA PARTE - A 2ª GRANDE GUERRA

---

4 - *O Poeta e a Bailarina*

5 - *A Guerra Relâmpago*

6 - *Os Anjos de Aço*

7 - *A Resistência Francesa*

### TERCEIRA PARTE - O FIM DAS GRANDES GUERRAS

---

8 - *Holocausto*

9 - *Vencer ou Morrer*

10 - *O Julgamento Final*



Este livro foi distribuído cortesia de:



Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:

<http://portugues.Free-eBooks.net>

*Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente,  
selecionando uma das opções abaixo:*



Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter  
experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas,  
nós apreciáramos se você

["postar um comentário para este livro aqui"](#) .



### **Informações sobre direitos autorais**

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimentos de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

<http://portugues.free-ebooks.net/tos.html>